

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Patrícia Graciela da Rocha

**O SISTEMA DE TRATAMENTO DO PORTUGUÊS DE  
FLORIANÓPOLIS: UM ESTUDO SINCRÔNICO**

Florianópolis  
2012



Patrícia Graciela da Rocha

**O SISTEMA DE TRATAMENTO DO PORTUGUÊS DE  
FLORIANÓPOLIS: UM ESTUDO SINCRÔNICO**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em  
Linguística da Universidade Federal de Santa  
Catarina como requisito parcial à obtenção do  
título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Izete Lehmkhul Coelho

Florianópolis  
2012

Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da  
Universidade Federal de Santa Catarina

ROCHA, Patrícia Graciela da

O sistema de tratamento do português de Florianópolis  
[tese] : um estudo sincrônico / Patrícia Graciela da Rocha  
; orientadora, Izete Lehmkhul Coelho - Florianópolis, SC,  
2012.

336 p. ; 21cm

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-  
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Variação. 3. Tu. 4. Você. 5. O senhor.  
I. , Izete Lehmkhul Coelho. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística.  
III. Título.



Patrícia Graciela da Rocha

**O SISTEMA DE TRATAMENTO DO PORTUGUÊS DE  
FLORIANÓPOLIS: UM ESTUDO SINCRÔNICO**

Esta tese foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de “Doutora em Linguística” pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura  
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Linguística/UFSC

---

Profa. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho  
Presidente e Orientadora – UFSC

**Banca examinadora:**

---

Profa. Dra. Loremi Loregian Penkal  
Membro externo - UNICENTRO

---

Profa. Dra. Sueli Costa  
Membro externo - IFSC

---

Prof. Dr. Paulino Vandresen  
Membro externo - UFSC/UCPel

---

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti  
Membro interno - UFSC

---

Profa. Dra. Edair Maria Görski  
Membro interno - UFSC



## AGRADECIMENTOS

Agradeço, principalmente, à Izete, pela orientação dedicada nesses quatro anos e meio de estudo, pela paciência, pela atenção, pelas leituras cuidadosas, pelas palavras de incentivo, e principalmente pelo carinho de sempre.

Agradeço a todos os professores que tive no programa de pós-graduação em Linguística da UFSC pelos ensinamentos e pelos exemplos a serem seguidos na vida profissional.

Agradeço aos colegas de mestrado e de doutorado que viraram meus melhores amigos para todas as horas e que nunca me abandonaram nessa árdua jornada de estudos e pesquisa: Ani, Salete, Rodrigo e Letícia. Nossa amizade iniciou na fila de seleção do mestrado e se fortaleceu nos momentos mais difíceis da caminhada. Certamente é o que fica de mais importante de tudo isso! *“Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.* (Manoel de Barros)

Agradeço também à minha grande amiga Andrea que embora não sendo linguista sempre me ouviu, me apoiou, me buscou e me levou, incansavelmente, no aeroporto e sempre esteve presente em todos os momentos dessa caminhada.

Agradeço aos demais amigos de doutorado que sempre foram tão solícitos, companheiros, gentis e sinceros nas opiniões: Isabel, Cláudia, Ana Paula, Ana Kelly, Guilherme, Tatiana, Diana, Kadu, Leandra e Sueli. Agradeço também a todos os amigos do Varsul, essa grande família que sempre se renova, mas nunca perde a sua essência!

Agradeço à Cláudia Rost por ter me “mandado” pra Campo Grande e, em Campo Grande, por toda a nova vida que surgiu, pelos novos desafios, pelas novas responsabilidades, pelas novas expectativas, pelas novas oportunidades e pelos novos amigos. Tudo isso me tirou muito do tempo e da energia necessária para escrever a tese, mas com certeza me fez sentir mais útil.

Agradeço aos amigos que fiz na UFMS, às curucas que dividem a sala de trabalho comigo – Miroca, Dani, Elaine e Angela – sempre disponíveis para cobrir meus compromissos quando eu tinha que viajar por conta do doutorado, sempre prontas para dar opinião diante das decisões, para dar um ombro amigo, para viajar, para escrever, para pesquisar, para rir e para chorar... Realmente, tem gente boa em todo o lugar!!!!

Agradeço à família Manfroi que nos acolheu como filhos e nos deu uma irmã de coração e uma madrinha querida: Miraíra. Obrigada pelo apoio, pelos slides da apresentação da tese, pelas risadas, pela companhia na viagem mais tensa da minha vida e pela parceria. Acredito que esta tese, de alguma forma, também mexeu com a tua vida e espero que pra melhor!

Agradeço à minha psicóloga, Ester, por me colocar novamente no prumo e não me deixar enlouquecer diante de tanta pressão.

Agradeço ao meu namorado Douglas que sempre teve paciência, que sempre me apoiou e me deu o espaço necessário pra estudar, pra escrever, pra viajar, pra seguir na caminhada... ter um amor é ter um cúmplice!!! Agradeço também à minha cachorrinha Pipoca, esse serzinho tão especial que me alegra e que ficava nos meus pés, fazendo companhia, enquanto eu escrevia.

Por fim, agradeço à minha família por ter sido a base e a origem de tudo. À minha mãe, por me apoiar sempre mesmo sem ter a menor ideia do que seja um doutorado e por me dizer algumas vezes: *“como tu pode ser uma professora de português se os teus pais falam tudo errado? Desse jeito eu nunca vou poder te ajudar”* mal sabia ela que assim é que estava me ajudando. Ao meu pai que, mesmo sem ter planejado esse futuro pra mim, nunca tentou me impedir de seguir o meu caminho. À minha nona que nunca entendeu o porquê que eu nunca me formava e dizia: *“minha filha, quando é que tu vai parar de estudar?”*. A essa família sem nenhum estudo mas com muito amor, eu devo a minha vida.

*“Quem anda no trilho é trem de ferro, sou água que corre entre pedras:  
liberdade caça jeito”. (Manoel de Barros)*

*“Nós somos diferença... nossas identidades são as diferenças das  
máscaras”. (Foucault, 1972, p. 131)*

...

*“Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas  
leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.  
Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.  
Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.*

*- Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse.  
Ele fez um limpamento em meus receios.*

*O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença,  
pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por  
nadas...*

*E se riu.*

*Você não é de bugre? – ele continuou.*

*Que sim, eu respondi.*

*Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas  
Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns  
maduros.*

*Há que apenas saber errar bem o seu idioma.  
Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de  
gramática”.*

*(Manoel de Barros – O Livro das Ignorâncias)*

...

*“Acredito que errado é aquele que fala correto e não vive o que diz”.*

*(O Teatro Mágico – Zaluzejo)*



## RESUMO

Esta tese objetiva investigar e mapear o fenômeno da variação pronominal de segunda pessoa do singular, *tu/você/o senhor*, na função de sujeito e sua correlação com as formas pronominais que aparecem na função de complementos verbais e de adjuntos (oblíquos e possessivos) a partir de dados sincrônicos do português de Florianópolis (SC), a fim de compreender a natureza e a extensão do encaixamento desses pronomes no sistema linguístico dessa comunidade. Nosso aparato teórico baseia-se nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e da Dialektologia Pluridimensional. Analisamos o condicionamento do fenômeno em questão correlacionando-o a grupos de fatores linguísticos, sociodiscursivos, sociais e geográficos. O corpus é composto uma amostra constituída de 28 entrevistas e outra de 40 testes de percepção e produção realizados com informantes florianopolitanos. Os resultados gerais mostram que os ilhéus preferem, de uma forma geral, o uso de *tu* para o tratamento com o seu interlocutor. A análise estatística evidencia que os grupos de fatores mais relevantes no condicionamento da variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do discurso em Florianópolis são, para as duas amostras utilizadas: a) *sexo*; b) *faixa etária*; c) *tipo de relação entre os interlocutores*; d) *paralelismo sujeito e clítico* e e) *paralelismo sujeito e possessivo*; para a amostra de entrevistas, a) *diazonalidade* e b) *escolaridade* também se mostraram relevantes. Os resultados mostram que, em Florianópolis, as mulheres usam mais *tu* que os homens e os mais jovens usam mais a forma *tu* do que os mais velhos. Para dirigir-se ao inferior, a forma mais utilizada pelo superior é *tu*, enquanto na relação entre iguais, a forma mais utilizada é *tu* e, no caso de inferiores se dirigindo aos superiores, a forma preferida é *o senhor*, seguida de *você*. Os florianopolitanos usam mais o paralelismo entre as formas pronominais, independentemente do pronome usado. Os mais escolarizados usam mais a forma *tu* do que os menos escolarizados. Os indivíduos das zonas menos urbanas usam mais a forma *tu* do que os das zonas mais urbanas. Praticamente todos os resultados dos testes de percepção e produção corroboram com os resultados da amostra de entrevistas, exceto quando tratamos da *faixa etária*. A maioria dos ilhéus avalia positivamente a forma *você* e a considera “boa” ou “mais bonita” que as demais formas de segunda pessoa (*tu* e *o senhor*) e, por outro lado, não consideram “feia” ou “ruim” nenhuma dessas formas, embora uma boa parte deles considere o *tu* “feio” ou “ruim”.

**Palavras-chave:** Variação; Tu; Você; O senhor; Florianópolis.





## ABSTRACT

This research aims to investigate and map the singular second person pronoun variation, *tu/você/o senhor*, in the subject function and its relation to the pronoun forms that appear in the function of verb complement and adjunction (oblique and possessive) based on synchronic data from Florianópolis (SC) Portuguese in order to comprehend the nature and the extension of these pronouns in the linguistic system of this community. Our theoretical path is based on the Theory of Linguistic Variation and Change and Pluridimensional Dialectology. We analyzed this phenomenon relating it to the groups of linguistic, discursive, social and geographical factors. The sample is constituted by 28 interviews and 40 tests of perception and production realized with informants from Florianópolis. The general results show that the island locals prefer the use of *tu* to the interlocutor treatment. The statistic analysis demonstrates that the most relevant factor groups in the variation occurrence in terms of using the second person pronoun in Florianópolis are a) sex; b) age; c) type of interlocutor relationship; d) parallelism of subject and clitic and e) parallelism of subject and possessive. In relation to the interview samples, the most relevant groups are: a) zone and b) education. The results show that in Florianópolis women use more *tu* than men, and the youngest people use more the linguistic form *tu* than the oldest people do. To direct to inferior people, the most used form by the superior is *tu* while in equal relationships the most used one is *tu*. In terms of inferior directing to the superior people, the most used form is *o senhor* followed by *você*. Florianópolis people use more the parallelism among the pronoun forms, independently the used pronoun. The most educated people use more the form *tu* than the least ones. The people from less urban zones use more the form *tu* than the people from urban ones. The test results of perception and production contribute to the results from the samples and the interviews, except when we treat the factor of *age*. Most of the locals evaluate positively the form *você* and consider it *good* or *more beautiful* than the other forms of second person pronoun (*tu/ senhor*), and, in the other hand, these people do not consider *bad* or *ugly* any of these forms, although part of them consider *tu* a *bad* or *ugly* form.

**Keywords:** Variation; Tu; Você; O senhor; Florianópolis.



## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	33
<b>1</b>	<b>O FENÔMENO EM ESTUDO</b> .....	37
1.1	DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	37
<b>1.1.1</b>	<b>Os estudos geolinguísticos</b> .....	40
<b>1.1.2</b>	<b>Os estudos sociolinguísticos: amostras de língua falada</b> .....	67
1.1.2.1	Pesquisas realizadas no Sul do País.....	69
1.1.2.2	Pesquisas realizadas no Centro Oeste do País .....	82
1.1.2.3	Pesquisas realizadas no Sudeste do País.....	90
1.1.2.4	Pesquisas realizadas no nordeste do País .....	97
1.1.2.5	Pesquisas realizadas no norte do País.....	99
<b>1.1.3</b>	<b>Os estudos sociolinguísticos: amostras de língua escrita</b> .....	101
1.1.3.1	Pesquisas realizadas no Sul do País.....	103
1.1.3.2	Pesquisas realizadas no sudeste do País .....	115
1.1.3.3	Pesquisas realizadas no nordeste do País .....	122
1.1.3.4	Pesquisas realizadas no norte do País.....	125
1.2	OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES .....	127
<b>1.2.1</b>	<b>Objetivos Gerais</b> .....	127
1.2.1.1	Objetivos Específicos .....	127
<b>1.2.2</b>	<b>Perguntas e Hipóteses de Pesquisa</b> .....	128
	<b>CAPÍTULO II</b> .....	133
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO</b> ..	133
2.1	TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA.....	133
<b>2.1.1</b>	<b>O problema da restrição</b> .....	138
<b>2.1.2</b>	<b>O problema do encaixamento</b> .....	139
<b>2.1.3</b>	<b>O problema da avaliação</b> .....	139
<b>2.1.4</b>	<b>O problema da transição</b> .....	142
2.2	DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL .....	143
<b>2.2.1</b>	<b>Um diálogo possível</b> .....	147
2.3	SOBRE OS PRONOMES <i>TU</i> , <i>VOCÊ</i> E <i>SENHOR</i> .....	147
2.4	O SUPORTE METODOLÓGICO .....	154
<b>2.4.1</b>	<b>A amostra utilizada e a análise quantitativa</b> .....	156
<b>2.4.2</b>	<b>A variável dependente e as variáveis independentes</b> ...	159
2.4.2.1	Os grupos de fatores linguísticos.....	160
2.4.2.1.1	<i>Preenchimento do sujeito</i> .....	160
2.4.2.1.2	<i>Concordância do verbo</i> .....	162

2.4.2.1.3	<i>Paralelismo de formas pronominais</i> .....	165
2.4.2.2	Os grupos de fatores sociodiscursivos .....	167
2.4.2.2.1	<i>Tipo de interlocução</i> .....	167
2.4.2.2.2	<i>Tipo de relação entre os interlocutores</i> .....	169
2.4.2.3	Os grupos de fatores sociais .....	170
2.4.2.3.1	<i>Sexo</i> .....	170
2.4.2.3.2	<i>Escolaridade</i> .....	174
2.4.2.3.3	<i>Faixa etária</i> .....	177
2.4.2.3.4	<i>Indivíduo</i> .....	182
2.4.2.4	Os grupos de fatores geográficos .....	182
2.4.2.4.1	<i>Diatopia</i> .....	182
2.4.2.4.1.1	<i>Perfil sócio-histórico de Florianópolis</i> .....	184
2.4.2.4.1.2	<i>Centro</i> .....	200
2.4.2.4.1.3	<i>Costa da Lagoa</i> .....	203
2.4.2.4.1.4	<i>Ribeirão da Ilha</i> .....	204
2.4.2.4.1.5	<i>Ingleses</i> .....	205
2.4.2.4.1.6	<i>Ratones</i> .....	207
2.4.2.4.1.7	<i>Santo Antônio de Lisboa</i> .....	207
2.4.2.4.2	<i>Diazonalidade</i> .....	208
<b>2.4.3</b>	<b>Os testes</b> .....	209
2.4.3.1	Os nossos testes.....	214
2.4.3.1.1	<i>Procedimentos de análise dos testes</i> .....	216
2.4.3.1.2	<i>Variáveis controladas</i> .....	216
	<b>CAPÍTULO III</b> .....	219
<b>3</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	219
3.1	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS EMPÍRICOS: AS ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS .....	219
<b>3.1.1</b>	<b>Grupos de fatores selecionados</b> .....	225
3.1.1.1	Variáveis linguísticas .....	225
3.1.1.1.1	<i>Paralelismo sujeito e clítico</i> .....	226
3.1.1.1.2	<i>Paralelismo sujeito e possessivo</i> .....	230
3.1.1.2	Variáveis sociais.....	232
3.1.1.2.1	<i>Sexo do informante</i> .....	233
3.1.1.2.2	<i>Faixa etária</i> .....	240
3.1.1.2.3	<i>Escolaridade</i> .....	246
3.1.1.3	Variáveis sociodiscursivas .....	248
3.1.1.3.1	<i>Tipo de relação entre os interlocutores</i> .....	249
3.1.1.4	Variáveis geográficas.....	252

3.1.1.4.1	<i>Diazonalidade</i> .....	252
<b>3.1.2</b>	<b>Varição no indivíduo</b> .....	256
<b>3.1.3</b>	<b>Variáveis não selecionadas</b> .....	256
3.2	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS TESTES PERCEPÇÃO E PRODUÇÃO.....	
<b>3.2.1</b>	<b>Os testes de percepção – resultados gerais</b> .....	263
<b>3.2.2</b>	<b>Os testes de produção – resultados gerais</b> .....	283
3.2.2.1	Os testes de produção – rodadas estatísticas .....	285
3.2.2.1.1	<i>Variáveis linguísticas</i> .....	287
3.2.2.1.1.1	<i>Paralelismo sujeito e clítico</i> .....	287
3.2.2.1.1.2	<i>Paralelismo sujeito e possessivo</i> .....	292
3.2.2.1.2	<i>Variáveis sociais</i> .....	294
3.2.2.1.2.1	<i>Sexo</i> .....	295
3.2.2.1.2.2	<i>Faixa etária</i> .....	296
3.2.2.1.3	<i>Variáveis sociodiscursivas</i> .....	299
3.2.2.1.3.1	<i>Tipo de Relação entre os Interlocutores</i> .....	299
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	303
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	307
	<b>ANEXOS</b> .....	319



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição das ocorrências das formas de tratamento em situações informais, considerando-se a variável <i>posição geográfica</i> (LEÃO, 2003, p.4).....	56
Tabela 2: Distribuição das ocorrências das formas de tratamento em situações informais, conforme a variável <i>bilinguismo do informante</i> (LEÃO, 2003, p.5 – com adaptações).....	56
Tabela 3: Distribuição das ocorrências das formas de tratamento em situações informais, conforme a variável <i>bilinguismo do informante</i> (LEÃO, 2003, p.6).....	58
Tabela 4: Alternância <i>tu/você</i> por localidade (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.133 – com adaptações).....	70
Tabela 5: Usos dos pronomes <i>tu/você</i> : distribuição pelos informantes das localidades comportadas na amostra (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.127 – com adaptações).....	72
Tabela 6: Frequência de uso do possessivo <i>teu/tua</i> de acordo com a variável <i>localidade</i> (ARDUIN, 2005, p. 113 – com adaptações).....	73
Tabela 7: Frequência de uso do possessivo <i>teu</i> de acordo com a variável <i>paralelismo formal</i> em toda a amostra (ARDUIN, 2005, p. 91).....	74
Tabela 8: Frequência e probabilidade de uso do possessivo <i>teu</i> de acordo com a variável <i>relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores</i> (ARDUIN, 2005, p. 95).....	75
Tabela 9: Resultados referentes às formas de tratamento, encontradas na fala de informantes de Florianópolis (RAMOS, 1989, p. 49 – com adaptações).....	81
Tabela 10: Totais de referências à segunda pessoa (DIAS, 2007, p. 71).....	88
Tabela 11: Quantificação geral dos pronomes de tratamento no universo vocabular do <i>corpus</i> em análise (MODESTO, 2006, p. 92).....	94
Tabela 12: Diferenças semântico-pragmáticas entre <i>você</i> e <i>tu</i> (MODESTO, 2004 apud MODESTO, 2006, p. 115).....	95

Tabela 13: Panorama geral do uso de <i>você</i> e <i>tu</i> na amostra de gravações no centro do RJ (LOPES et al, 2009, p.19 – com adaptações).....	96
Tabela 14: Efeito do pronome sobre a concordância verbal (MENON, 2000, p. 153) .....	103
Tabela 15: Percentual de uso das formas de tratamento <i>tu</i> e <i>você</i> em peças de teatro de autores catarinenses (COELHO e GÖRSKI, 2011) .....	106
Tabela 16: Frequência de uso das formas de tratamento, segundo a variável <i>século</i> (COELHO e GÖRSKI, 2011) .....	107
Tabela 17: Frequência de uso dos clíticos e possessivos de segunda pessoa com o sujeito <i>tu</i> e <i>você</i> (COELHO e GÖRSKI, 2011) .....	108
Tabela 18: Cruzamento entre as variáveis <i>relações entre os interlocutores</i> e <i>século</i> (COELHO e GÖRSKI, 2011) .....	109
Tabela 19: Percentual de pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> segundo a variável <i>preenchimento do sujeito</i> (COELHO e GÖRSKI, 2011) .	110
Tabela 20: Percentual de pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> , segundo o cruzamento entre as variáveis <i>preenchimento do sujeito</i> e <i>século</i> (COELHO e GÖRSKI, 2011) .....	110
Tabela 21: Redução no paradigma das formas de tratamento no português de Florianópolis no decorrer dos séculos XIX e XX (NUNES de SOUZA, 2011, p.118 – com adaptações).....	113
Tabela 22: Formas nominais e pronominais utilizadas nos séculos XVIII e XIX: todos os dados (SILVA e BARCIA, 2002, p.2) .....	121
Tabela 23: Número e percentual do pronome <i>você</i> em relação a <i>tu</i> (TEIXEIRA, 2008, p.168).....	123
Tabela 24: Distribuição das formas nominais e pronominais de acordo com a escolaridade (ALMEIDA e DEUS, 2011, p. 7-8).....	124
Tabela 25: Frequência de uso das formas <i>tu</i> e <i>Vmce/você</i> (preenchidas e nulas) (LIRA, SOUZA e MELO, 2010, p.113) .....	126
Tabela 26: Explicitação do pronome em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 150 – com adaptações).....	161
Tabela 27: Concordância com <i>tu</i> por localidade (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.167 – com adaptações) .....	163



Tabela 28: Resultados gerais quanto ao <i>sexo</i> do informante (LUCCA, 2005, p.83 – com adaptações).....	171
Tabela 29: Resultados do fator <i>sexo</i> em função da região administrativa (LUCCA, 2005, p.100 – com adaptações).....	171
Tabela 30: Resultados gerais em função do fator <i>sexo</i> (DIAS, 2007, p.75 – com adaptações) .....	171
Tabela 31: Resultados em função do fator <i>sexo</i> somente da faixa etária de 13 a 19 anos (DIAS, 2007, p.76 – com adaptações).....	171
Tabela 32: Efeito do fator <i>sexo</i> em percentuais e pesos (dados da Vila Planalto) (ANDRADE, 2010).....	172
Tabela 33: Frequência de uso de <i>tu</i> por gênero do falante em Tefé (MARTINS, 2010, p. 71 – com adaptações).....	172
Tabela 34: Uso de <i>tu/você/senhor</i> por gênero do falante (MARTINS, 2010, p.73 – com adaptações) .....	173
Tabela 35: Uso do <i>tu</i> por localidade da amostra e <i>sexo</i> do informante (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.135).....	174
Tabela 36: Uso de <i>tu</i> por <i>localidade</i> e <i>escolaridade</i> (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 142 – com adaptações).....	175
Tabela 37: Cruzamento entre <i>escolaridade</i> e <i>localidade</i> quanto ao uso do <i>tu</i> (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.143 – com adaptações).....	176
Tabela 38: Frequência de uso do <i>tu</i> conforme a faixa etária do falante (MARTINS, 2010, p. 60 – com adaptações) .....	178
Tabela 39: Uso dos pronomes <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>senhor</i> por faixa etária (MARTINS, 2010, p. 61 – com adaptações).....	178
Tabela 40: Uso do <i>tu</i> por localidade e faixa etária (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.140).....	180
Tabela 41: Cruzamento entre <i>faixa etária</i> e <i>localidade</i> quanto ao uso de <i>tu</i> (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 141 – com adaptações).....	181
Tabela 42: Alternância <i>tu/você</i> por localidade quanto ao uso do <i>tu</i> (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.133 – com adaptações).....	183
Tabela 43: Número e Porcentagem de Domicílios e Moradores dos Distritos do Município de Florianópolis (Plano Municipal de Habitação de Interesse Social, 2009 – com adaptações) .....	192
Tabela 44: Uso de <i>tu</i> em relação ao paralelismo sujeito e clítico.....	226
Tabela 45: Distribuição dos clíticos nas formas <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>o senhor</i> ..	227

Tabela 46: Uso de tu em relação ao paralelismo sujeito e possessivo.....	231
Tabela 47: Distribuição das formas tu, você, senhor/a em relação ao paralelismo sujeito e possessivo.....	231
Tabela 48: Uso de tu em relação ao sexo do informante.....	233
Tabela 49: Cruzamento das variáveis sexo e diatopia.....	234
Tabela 50: Uso de tu em relação à faixa etária do informante.....	240
Tabela 51: Cruzamento das variáveis faixa etária do informante e diatopia.....	241
Tabela 52: Uso de tu em relação à escolaridade do informante.....	247
Tabela 53: Cruzamento das variáveis escolaridade do informante e diatopia.....	248
Tabela 54: Uso de tu em relação ao tipo de relação entre os interlocutores.....	250
Tabela 55: Uso de tu em relação à diazonalidade.....	255
Tabela 56: Frequência dos pronomes de 2ª pessoa do singular segundo a variável diatopia.....	256
Tabela 57: Usos de tu, você por indivíduo.....	257
Tabela 58: Distribuição dos informantes, segundo utilizem um ou dois pronomes de segunda pessoa – em número de falantes (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p128 – com adaptações).....	258
Tabela 59: Usos de tu e você por indivíduo da nossa amostra e de Loregian-Penkhal (2004).....	258
Tabela 60: Distribuição das formas tu, você e o senhor por indivíduo.....	259
Tabela 61: Frequência do tu segundo a variável preenchimento do sujeito.....	261
Tabela 62: Frequência do tu segundo a variável concordância do verbo.....	262
Tabela 63: Uso de tu em relação ao paralelismo sujeito e clítico.....	288
Tabela 64: Distribuição dos clíticos nas formas tu, você e o senhor..	288
Tabela 65: Uso de tu em relação ao paralelismo sujeito e possessivo.....	292
Tabela 66: Distribuição dos possessivos nas formas tu, você e o senhor.....	293
Tabela 67: Uso de tu em relação ao sexo do informante.....	295
Tabela 68: Uso de tu, você e o senhor em relação ao sexo do informante.....	295
Tabela 69: Uso de tu em relação à faixa etária do informante.....	296

Tabela 70: Uso de <i>tu</i> , <i>ocê</i> e <i>o senhor</i> em relação à faixa etária do informante .....	298
Tabela 71: Uso de <i>tu</i> em relação ao tipo de relação entre os interlocutores .....	300
Tabela 72: Uso de <i>tu</i> , <i>ocê</i> e <i>o senhor</i> em relação ao tipo de relação entre os interlocutores .....	301



## LISTA DE MAPAS

Mapa 1:	Áreas linguísticas da Região Sul através dos dados do ALERS (ALTENHOFEN, 2002, p.145 – com adaptações).....	43
Mapa 2:	Área linguística de transição – leque catarinense, postulado por Koch (2000, apud ALTENHOFEN, 2002, p.145 – com adaptações) .....	44
Mapa 3:	Limites norte e sul do uso de <i>tu</i> e <i>você</i> no tratamento de “irmão com irmão” (ALTENHOFEN, 2002, p.145) .....	46
Mapa 4:	Formas de tratamento do informante com seu irmão / vizinho (ALERS, 2002 – com adaptações).....	53
Mapa 5:	Formas de tratamento em situação informal (ALERS apud LEÃO, 2003, p.6) .....	59
Mapa 6:	Distribuição diatópica do <i>tu</i> e <i>você</i> nas capitais do país (CARDOSO, 2010) .....	62
Mapa 7:	Distribuição diatópica do <i>tu</i> nas capitais do país (CARDOSO, 2010) .....	64
Mapa 8:	Usos dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no PB (SCHERRE et al, 2009 apud MARTINS, 2010) .....	66
Mapa 9:	Distribuição dos estudos sobre pronomes de segunda pessoa baseados em <i>corpora</i> orais .....	68
Mapa 10:	Distribuição dos estudos sobre pronomes de segunda pessoa baseados em <i>corpora</i> escritos .....	102
Mapa 11:	Localidades que compõem a amostra desta pesquisa.....	157
Mapa 12:	Localização do município de Florianópolis (Plano Municipal de Habitação de Interesse Social, 2009, p. 20).....	186
Mapa 13:	Localização Regiões das áreas de interesse social (Plano Municipal de Habitação de Interesse Social, 2009, p.33).....	193
Mapa 14:	Demografia de Florianópolis (Plano Municipal de Habitação de Interesse Social, 2009, p.40).....	195
Mapa 15:	Fluxos migratórios da região metropolitana de Florianópolis (Plano Municipal de Habitação de Interesse Social, 2009, p.47).....	199

Mapa 16:	Divisão dos distritos de Florianópolis (Plano Municipal de Habitação de Interesse Social, 2009, p.12).....	201
Mapa 17:	Bairros do distrito sede/centro de Florianópolis (Plano Municipal de Habitação de Interesse Social, 2009, p. 13) .....	202
Mapa 18:	Uso da forma <i>tu</i> nos bairros de Florianópolis .....	222
Mapa 19:	Uso da forma <i>tu</i> nas <i>regiões mais urbanas e menos urbanas</i> de Florianópolis.....	253
Mapa 20:	Uso da formas <i>tu</i> em Florianópolis a partir dos testes de produção linguística .....	283

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Formas de pronomes pessoais (CUNHA e CINTRA, 1985, p.270).....	148
Quadro 2: Quadro de pronomes pessoais no PB (CASTILHO, 2010, p.477).....	151
Quadro 3: Estratificação dos informantes segundo a localidade, idade e escolaridade.....	158
Quadro 4: Estratificação dos informantes dos testes por idade, sexo e escolaridade.....	215
Quadro 5: Pronomes pessoais: retos e oblíquos [As formas entre parênteses são de uso restrito, só sendo correntes em parte do território brasileiro] (PERINI, 2010, p. 116).....	228
Quadro 6: Pronomes pessoais: retos e oblíquos (PERINI, 2010, p. 116 – com adaptações) .....	290





## LISTA FIGURAS

Figura 1:	Hipótese 1 – Leque Catarinense (ALTENHOFEN, 2002, p.123).....	44
Figura 2:	Hipótese 2 – Corredor Central de projeção paranaense (ALTENHOFEN, 2002, p.125).....	47
Figura 3:	Hipótese 3 – Corredor oeste de projeção rio-grandense (ALTENHOFEN, 2002, p.125).....	48
Figura 4:	Hipótese 4 – Corredor leste de projeção rio-grandense (ALTENHOFEN, 2002, p.127).....	49
Figura 5:	Hipótese 5 – Zona lateral açoriana-catarinense (ALTENHOFEN, 2002, p.127).....	49
Figura 6:	Hipótese 6 – Feixe secundário paranaense (ALTENHOFEN, 2002, p.128).....	50
Figura 7:	Hipótese 7 – Fronteira sul do Rio Grande do Sul (ALTENHOFEN, 2002, p.128).....	50
Figura 8:	Hipótese 8 – Área de contato paulista-gaúcho (ALTENHOFEN, 2002, p.128).....	51
Figura 9:	Hipótese 9 – Presença de imigrantes estrangeiros (ALTENHOFEN, 2002, p.130).....	51
Figura 10:	Esquema comparativo dos estudos dialetológicos, sociolinguísticos e da dialetologia pluridimensional e relacional .....	146



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Formas de tratamento em situações informais conforme a variável <i>bilinguismo do informante</i> (LEÃO, 2003, p.5).....	57
Gráfico 2:	Formas de tratamento <i>tu</i> e <i>você</i> em peças de teatro de autores catarinenses (COELHO e GÖRSKI, 2011).....	107
Gráfico 3:	Porcentagem de uso das formas de tratamento em períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX (NUNES de SOUZA, 2011, p. 117).....	112
Gráfico 4:	Percentual de uso das formas de tratamento <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>o senhor</i> ao longo dos 4 períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX (NUNES de SOUZA, 2011, p.172).....	114
Gráfico 5:	Ocorrências de <i>tu</i> com concordância e sem concordância (ROCHA, 2010, p.73).....	164
Gráfico 6:	Distribuição geral dos dados em Florianópolis.....	220
Gráfico 7:	Distribuição geral dos dados de <i>tu</i> e <i>você</i> em Florianópolis.....	221
Gráfico 8:	Distribuição de <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>o senhor</i> nos bairros de Florianópolis.....	224
Gráfico 9:	Distribuição das formas <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>o senhor</i> nas <i>regiões</i> de Florianópolis.....	254
Gráfico 10:	Usos de <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>o senhor</i> na amostra.....	257
Gráfico 11:	Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um amigo segundo origem do informante.....	264
Gráfico 12:	Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um amigo em Florianópolis e em alguns estados brasileiros.....	265
Gráfico 13:	Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um amigo em Florianópolis e nos estados da Região Sul.....	266
Gráfico 14:	Distribuição das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um <i>a um amigo</i> , considerando a <i>idade do informante</i> .....	267

Gráfico 15:	Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir ao pai ou à mãe.....	268
Gráfico 16:	Distribuição das respostas dos testes de Florianópolis referente à forma utilizada para se dirigir a um <i>ao pai ou à mãe</i> , considerando a <i>idade do informante</i> .....	270
Gráfico 17:	Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a alguém superior.....	273
Gráfico 18:	Distribuição das respostas dos testes de Florianópolis referente à forma utilizada para se dirigir a <i>alguém superior</i> , considerando a <i>idade do informante</i> .....	274
Gráfico 19:	Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma considerada boa ou mais bonita.....	276
Gráfico 20:	Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma considerada feia ou ruim.....	279
Gráfico 21:	Distribuição das respostas dos testes de Florianópolis referente à forma considerada <i>feia</i> ou <i>ruim</i> conforme a escolaridade do informante .....	281
Gráfico 22:	Distribuição geral das formas <i>tu, você e o senhor</i> em Florianópolis a partir dos testes de produção linguística .....	284
Gráfico 23:	Distribuição geral das formas <i>tu, você e o senhor</i> nos testes de produção .....	285
Gráfico 24:	Distribuição da correlação entre as formas <i>tu, você e o senhor</i> e os clíticos <i>te e lhe</i> .....	291
Gráfico 25:	Distribuição da correlação entre as formas <i>tu, você e o senhor</i> e os possessivos <i>teu/tualseu/sua</i> .....	294
Gráfico 26:	Distribuição das respostas dos testes de Florianópolis referente à forma avaliada como feia ou ruim, considerando a idade do informante.....	297
Gráfico 27:	Distribuição das respostas dos testes de Florianópolis referente à forma avaliada como boa ou mais bonita, considerando a idade do informante .....	298

## INTRODUÇÃO

As formas de tratamento em uma comunidade costumam refletir valores e atender a interesses de seus indivíduos, pois elas são instrumentos importantes para a diferenciação dos relacionamentos e dos contextos sociais em que esses relacionamentos acontecem. “A escolha entre as formas disponíveis para se dirigir à segunda pessoa é condicionada por fatores sociais e ideológicos e a conformidade do indivíduo em relação às normas de uso reflete sua atitude quanto aos valores sociais do grupo em que está inserido” (DIAS, 2007, p.1). Ademais, fatores psicológicos também parecem condicionar a escolha da forma de tratamento, expressando sentimentos como amor, ódio, raiva, desprezo, desejo de expressar ironia, irritação, distância, afeição, hostilidade, admiração, adulação, educação etc. Diante disso, é evidente a importância da escolha da forma de tratamento e os conflitos que uma seleção inadequada pode gerar.

Sob a visão da Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), temos visto várias pesquisas, por todo o Brasil, que vêm apresentando resultados esclarecedores sobre os usos dos pronomes de segunda pessoa do discurso. Nesse sentido, a Região Sul é privilegiada por ter sido contemplada com muitos trabalhos sobre esse objeto que nos trazem uma boa descrição do fenômeno (RAMOS, 1989; SOARES; 1999; MENON 2000; LEÃO, 2003; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ARDUIN, 2005; COELHO e GÖRSKI 2011; NUNES de SOUZA, 2011, dentre outros).

Percebendo, nas pesquisas diacrônicas, que as formas *tu/você/o(a) senhor(a)*<sup>1</sup> estão concorrendo, no final do século XX, em Florianópolis, em algumas esferas sociais (NUNES de SOUZA, 2011), nosso trabalho vem contribuir com a investigação, na sincronia, sobre o que motiva a alternância das formas de interlocução de segunda pessoa *tu/você/o senhor*, em dados de fala e em testes de percepção e produção realizados em Florianópolis. Além disso, a partir dos resultados de Arduin (2005), constatou-se que os pronomes possessivos *teu/seu* têm usos estilísticos diferenciados e se relacionam variavelmente com os pronomes *tu* e *você*. Sendo assim, nosso trabalho vem contribuir com a

---

<sup>1</sup> Para facilitar a fluência da leitura, utilizaremos neste trabalho apenas a forma *o senhor* para nos referirmos tanto à forma masculina quanto à forma feminina *a senhora*.

investigação da relação entre os pronomes *tu*, *ocê* e *o senhor* na função de sujeito com as formas de complemento verbal e de adjuntos (oblíquos e possessivos).

O objetivo geral desta pesquisa é, portanto, investigar e mapear o fenômeno da variação pronominal de segunda pessoa do singular, *tu/você/o senhor*, na função de sujeito e sua correlação com as formas pronominais que aparecem na função de complementos verbais e de adjuntos (oblíquos e possessivos). Tal investigação ocorrerá a partir de dados sincrônicos do português brasileiro, doravante PB, especialmente<sup>2</sup> da variedade usada na cidade de Florianópolis – Santa Catarina, a fim de compreender a natureza e a extensão do encaixamento desses pronomes no sistema linguístico dessa comunidade.

Nosso aparato teórico baseia-se nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994) e da Dialetoлогия Pluridimensional (RADTKE E THUN, 1996; THUN, 1998; BELLMANN, 1999).

A amostra utilizada nesta pesquisa compreende três *corpora*: i) *Varsul (Florianópolis)*; ii) *Monguilhot (2006, Florianópolis)*; iii) *Floripa (2009)* e, também, uma amostra de testes de percepção e produção aplicados na cidade de Florianópolis.

Para dar conta das nossas indagações sobre a questão dos pronomes de segunda pessoa do discurso, organizamos este texto da seguinte forma:

No Capítulo I definimos o problema de pesquisa a partir de estudos sociolinguísticos e geolinguísticos já realizados por outros pesquisadores, além de tratarmos do percurso diacrônico das variantes. Apresentamos, ainda, os nossos objetivos gerais, os objetivos específicos, as perguntas e as hipóteses de pesquisa.

No Capítulo II trazemos a nossa fundamentação teórica e metodológica a partir dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança e tratamos brevemente do problema do encaixamento linguístico, do problema da avaliação linguística, do problema da transição e do problema da restrição. Além disso, tratamos dos pressupostos da Dialetoлогия Pluridimensional dialogando com a Sociolinguística Laboviana e descrevemos a amostra utilizada nesta pesquisa, bem como os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos controlados.

---

<sup>2</sup> Dizemos “especialmente” porque na amostra de testes de percepção e produção temos informantes nascidos em outros estados brasileiros.

No Capítulo III são apresentados e analisados os resultados encontrados neste estudo partindo dos dados empíricos e, posteriormente, tratamos dos dados obtidos a partir dos testes de produção e percepção comparando os resultados de ambas as amostras.





## CAPÍTULO I

---

### 1 O FENÔMENO EM ESTUDO

Neste capítulo, delimitamos o fenômeno em estudo, baseando-nos em trabalhos realizados sobre a alternância pronominal de segunda pessoa do singular no Português Brasileiro. Apontamos, ainda, o objetivo geral e os objetivos específicos da nossa pesquisa, bem como delineamos as questões e hipóteses gerais a serem testadas em nosso trabalho.

#### 1.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Neste trabalho, analisamos a alternância dos pronomes de tratamento: *tu/você/ o senhor*, na função de sujeito e a correlação dessas variantes de segunda pessoa com as formas de complemento verbal e de adjuntos (oblíquos e possessivos)<sup>3</sup> a partir de testes e de dados sincrônicos do português do Sul do Brasil, mais especificamente da variedade usada na capital de Santa Catarina. Para tal intento, investigamos a fala dos informantes de três amostras distintas: *i) Varsul<sup>4</sup> (Florianópolis); ii)*

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, nos referimos aos complementos verbais chamados de pronomes pessoais oblíquos pela gramática tradicional (te, ti, contigo, se, si, consigo, o, a, lhe) e aos pronomes possessivos (teu, tua, teus, tuas, seu, sua, seus, suas).

<sup>4</sup> O projeto VARSUL tem por objetivo geral a descrição do português falado (e escrito) de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil. Conta com a parceria de quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná. O projeto constitui-se de: Banco de Dados VARSUL, Amostra Digital VARSUL e Banco de Dados Diacrônico. Nós utilizaremos parte desse Banco de Dados (VARSUL) que é formado por 288 entrevistas de zonas urbanas e está distribuído igualmente entre quatro cidades de cada um dos três estados da região Sul do Brasil: Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja), Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó) e Paraná (Curitiba, Pato

Monguilhot<sup>5</sup> (2006, Florianópolis) e iii) Floripa<sup>6</sup> (2009) com a finalidade de compreender a natureza e a extensão do encaixamento desses pronomes no sistema linguístico comunidade de Florianópolis.

Estudos mostram que o fenômeno linguístico que analisamos se manifesta nas interações pessoais e revela relações de *poder* e *solidariedade*, nos termos de Brown e Gilman (1960), características que, quando não são bem definidas entre os interlocutores, podem causar dúvidas quanto à forma mais adequada a ser utilizada em determinadas situações.

Essas três formas pronominais estão presentes na linguagem falada em diferentes localidades brasileiras como, por exemplo, em Florianópolis, em Porto Alegre (LOREGIAN-PENKAL, 2004), em Belém (SOARES e LEAL, 1993) em Tefé (MARTINS, 2010), entre outras. Muitas vezes, essas formas aparecem em variação na fala de um mesmo indivíduo. Estudos mostram que, em Florianópolis, a forma *tu* é a mais utilizada para o tratamento de segunda pessoa do singular. A seguir, vemos exemplos retirados da fala de alguns informantes desta pesquisa.

- (1) “Quando é que tu vem me visitar em Ratonos? [...]Entrando em Ratonos tu anda 5 km pra chegá na bifurcação... (M3AT)<sup>7</sup>”

---

Branco, Londrina e Irati). Trata-se de um banco de dados linguísticos e socioculturais para estudos de fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e discurso. Fonte: <http://www.varsul.org.br/> Acessado em 08/06/2011. Desse banco de dados, utilizamos apenas 4 entrevistas de Florianópolis que se encaixam na estratificação proposta por Monguilhot (2006) e que é utilizada nesta pesquisa.

<sup>5</sup> A amostra Monguilhot é composta por 16 entrevistas sociolinguísticas realizadas em Florianópolis nos bairros do Ribeirão da Ilha, Ingleses, Costa da Lagoa e Centro e por 16 entrevistas realizadas em Portugal nas localidades de Sintra, Belém, Cascais e Centro de Lisboa. Entretanto, para nossa pesquisa, utilizaremos apenas a primeira parte da amostra.

<sup>6</sup> A amostra Floripa (2009) é composta por entrevistas sociolinguísticas realizadas por alunos do curso de Pós-Graduação em Linguística da UFSC (em 2009) nos bairros de Santo Antônio de Lisboa, Ratonos e Costa da Lagoa dentre os quais utilizaremos apenas as entrevistas dos dois primeiros bairros.

<sup>7</sup> Esses códigos representam o perfil do informante: M = masculino, 3 = mais escolarizado, A = mais velho, T = localidade (Ratonos).

- (2) “*Tem coisas assim que tu vai ficando mais velho assim, tu vê que não é nada daquilo né que contam... E tu vê muita coisa assim errada. Eu vo lhe mostrá aqui oh!*”  
(F1AT)<sup>8</sup>

As outras formas *você* e *o senhor* também foram encontradas. Na fala do informante M3AT, observa-se, inclusive, variação no indivíduo (exemplos (1) e (3)).

- (3) *Porque quando você vai juntando dados assim, aleatoriamente e não organiza, vira uma bagunça...*  
(M3AT)<sup>9</sup>
- (4) *A senhora conheceu lá na Assembléia? Então a senhora vai me desculpar...*(M1AR)<sup>10</sup>

Sendo assim, procuramos identificar os grupos de fatores (ou variáveis independentes) que contribuem para a opção por uma das variantes da variável analisada, sejam eles internos ou externos ao sistema linguístico, para que possamos compreender melhor o fenômeno investigado.

Iniciamos a nossa revisão bibliográfica pela descrição detalhada de alguns estudos sincrônicos sobre o sistema pronominal de segunda pessoa do PB, realizados a partir dos pressupostos da geolinguística e, em seguida, da sociolinguística laboviana. Tratamos, nessa última abordagem, de pesquisas sincrônicas feitas em diferentes regiões do país (partindo do sul para o norte) e, por fim, trazemos resultados de alguns estudos diacrônicos sobre o fenômeno em estudo.

---

<sup>8</sup> F = feminino, 1 = menos escolarizado, A = mais velho, T = localidade (Ratones).

<sup>9</sup> M = masculino, 3 = mais escolarizado, A = mais velho, T = localidade (Ratones).

<sup>10</sup> M = masculino, 1 = menos escolarizado, A = mais velho, R = localidade (Ribeirão da Ilha).

### 1.1.1 Os estudos geolinguísticos

O *Grupo Interdepartamental para o Estudo da Variação Linguística do Rio Grande do Sul*, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), deu início ao projeto ALERS<sup>11</sup> que teve sua origem em 1980. Esse grupo pretendia retomar as pesquisas dialetológicas de Bunse, que anos antes já havia iniciado levantamentos preliminares para a elaboração de um atlas linguístico do Rio Grande do Sul<sup>12</sup>. Em 1987 se formou uma equipe de natureza interinstitucional, constituída de três grupos estaduais, sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob a coordenação geral de Walter Koch (UFRGS), que iniciou a execução do projeto.

O ALERS é resultado de um trabalho de Geolinguística, ou Geografia Linguística, que procura ampliar o conhecimento da língua portuguesa do Brasil e levantar dados para uma teoria da variação linguística no espaço, na forma da coleta, ordenação e tratamento cartográfico de variantes usadas na Região Sul.

Este estudo deriva do interesse básico pelo português em sua historicidade, orientando a pesquisa para uma etnografia da variação espacial. Levantamentos dessa natureza privilegiam o léxico – confluência de língua e cultura –, coletado mediante a aplicação sistemática de um questionário, através do qual se assegura uma base de comparação entre os dados recolhidos nos diversos pontos de inquérito. São inquiridos informantes que tenham experiência da economia rural, razão pela qual se prioriza a escolha de informantes adultos, do sexo masculino. E para que se possa estabelecer áreas linguísticas, é necessário alcançar certa densidade espacial, vale dizer, o número de pontos de inquérito deve ser representativo em relação ao território sob estudo. Constata-se, assim, nesse gênero de levantamento,

---

<sup>11</sup> Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil.

<sup>12</sup> Fonte: [http://www.alers.ufsc.br/projeto\\_alers.htm](http://www.alers.ufsc.br/projeto_alers.htm). Acessado em 13 de junho de 2012.

uma opção clara pelo léxico e pela horizontalidade.

[http://www.alers.ufsc.br/projeto\\_alers.htm](http://www.alers.ufsc.br/projeto_alers.htm)

Dentre os estudos geolinguísticos realizados na Região Sul do Brasil descreveremos, a seguir, a pesquisa de Koch (2000), de Altenhofen (2002) e de Leão (2003) além do estudo de Cardoso (2010) que é realizado nas capitais brasileiras a partir de dados do Alib<sup>13</sup>.

Inicialmente, podemos destacar o estudo de Koch (2000) que enumera quatro fatores externos como determinantes de alguns fenômenos linguísticos do português falado nessa Região e, dentre eles, da variação pronominal de segunda pessoa:

- 1) A presença de açorianos no leste de Santa Catarina;
- 2) A existência de fronteiras políticas com países de fala hispânica no extremo sul e o contato português-espanhol derivado dessa situação;
- 3) O contato entre paulistas e gaúchos em dois fluxos migratórios opostos e o papel das rotas dos tropeiros paulistas no comércio do gado; e
- 4) A existência de áreas bilíngues expressivas, originadas da instalação, nas (antigas) zonas de floresta, de imigrantes europeus não lusos a partir do século XX (KOCH, 2000, p.59).

Além disso, acrescenta-se a ocupação da área norte do Paraná por paulistas e a relevância das migrações internas no processo recente de ocupação da região.

Altenhofen (2002) levanta algumas hipóteses evidenciadas pelas fotografias geolinguísticas do ALERS e delimita oito áreas linguísticas principais na configuração diatópica do português falado na Região Sul. Nessa delimitação, o autor distingue, além de áreas bilíngues e de transição, três “corredores de projeção de traços” e três “zonas laterais”:

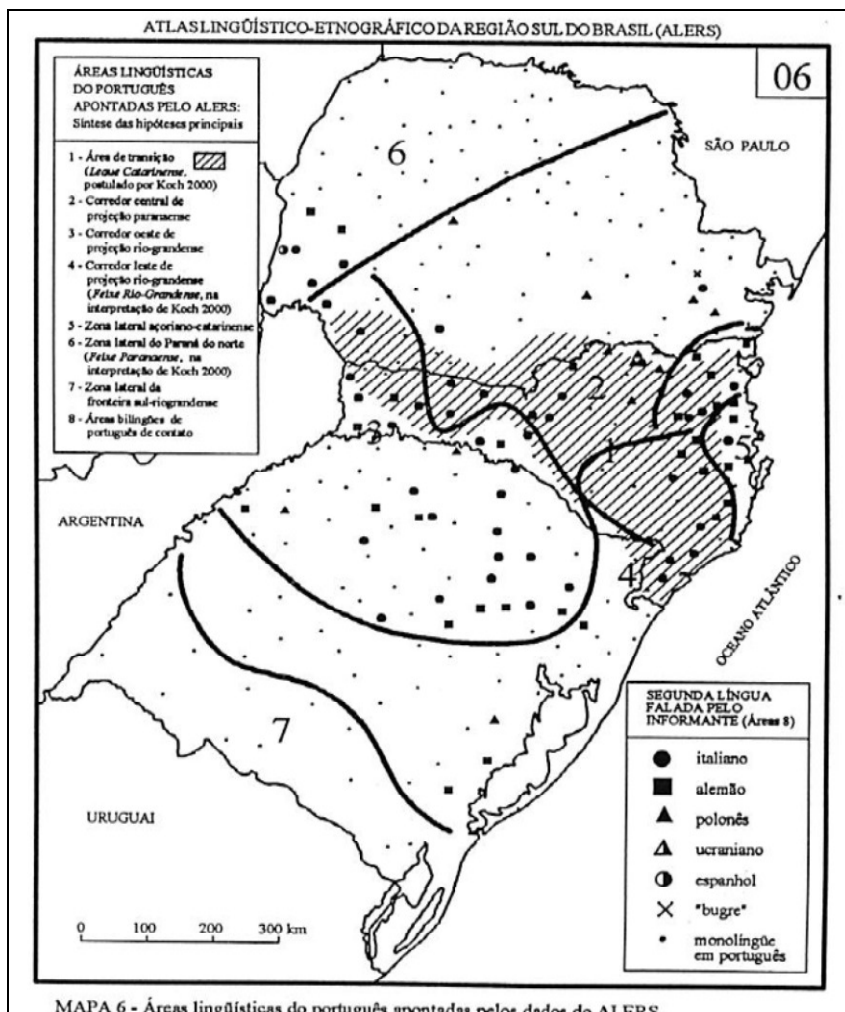
- 1) Área de transição (*Leque Catarinense*, postulado por KOCH, 2000);
- 2) Corredor central de projeção paranaense;
- 3) Corredor oeste de projeção riograndense;
- 4) Corredor leste de projeção riograndense (*feixe riograndense*, na interpretação de KOCH, 2000);

---

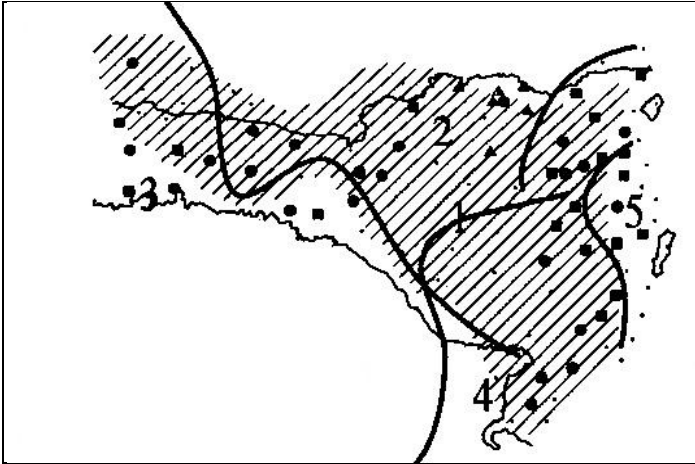
<sup>13</sup> Atlas Linguístico do Brasil.

- 5) Zona lateral açoriano-catarinense;
- 6) Zona lateral do Paraná do norte (*feixe paranaense*, na interpretação de KOCH, 2000);
- 7) Zona lateral da fronteira sul-rio-grandense; e
- 8) Áreas bilíngues de português de contato. (ALTENHOFEN, 2002, p. 133).

No mapa 1, a seguir, podemos visualizar essas áreas linguísticas propostas por Altenhofen (a partir do mapeamento do ALERS) e no mapa 2 podemos focar as áreas linguísticas que fazem parte do território de Santa Catarina:



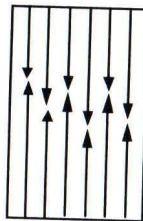
**Mapa 1:** Áreas linguísticas da Região Sul através dos dados do ALERS  
**Fonte:** Altenhofen (2002, p.145 – com adaptações)



**Mapa 2:** Área linguística de transição – leque catarinense

**Fonte:** Koch (2000, apud ALTENHOFEN, 2002, p.145 – com adaptações)

Para o autor, uma das hipóteses de Koch (2000) mais significativas é a que divide a Região Sul em duas grandes áreas linguísticas, a paranaense e a rio-grandense. Nessa divisão, o estado de Santa Catarina é considerado uma área de transição entre uma área linguística e outra. Essa hipótese é representada na figura a seguir.



**Figura 1:** Hipótese 1 – Leque Catarinense

**Fonte:** Altenhofen (2002, p.123)

O autor supõe que essa divisão seja reflexo de dois momentos de colonização em sentidos opostos, um em direção sudoeste, partindo do que ele chama de Paraná antigo e no sentido sul passando por Lages e Curitiba, com traços paulista-paranaense, e outro em direção oeste como extensão do processo de colonização da região noroeste do Rio Grande do Sul (Missões) onde está grande parte da colonização de

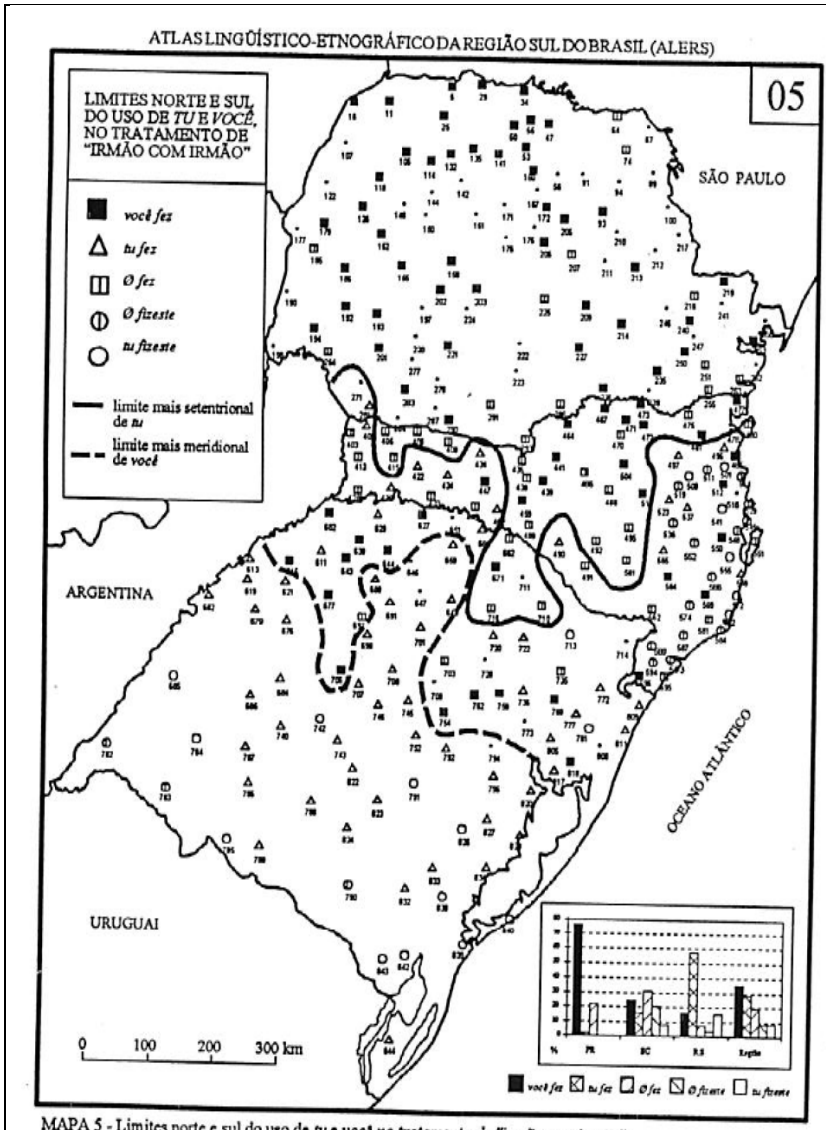


descendentes dos imigrantes alemães, italianos e poloneses que estão fora das chamadas Colônias velhas.

Koch (2000, apud ALTENHOFEN, 2002) aponta algumas linhas isofônicas<sup>14</sup> que separam o norte e o sul dessa região e menciona que a cartografia dos fenômenos morfossintáticos revela alguns comportamentos linguísticos como exemplos da situação intermediária de Santa Catarina, como área de transição de fato, dentre eles citamos aqui o que é mais pertinente ao nosso objeto de estudo: “É a área com maior índice de ocorrências de sujeito oculto, que aparece provavelmente como uma solução intermediária, mais neutra do que as formas socialmente mais marcadas *tu* e *você*” (ALTENHOFEN, 2002, p124). Podemos visualizar melhor a arealização desse fenômeno no mapa a seguir.

---

<sup>14</sup> Segundo o autor, a natureza dos fatos linguísticos analisados ou por analisar sugere o tipo de isoglossa a ser estabelecida, assim sendo, foram traçadas isoléxica, isofônicas, isomorfas ou isoglossa sintática, de acordo com centro de interesse, seja ele, respectivamente, lexical, fonético, morfológico ou sintático. Um exemplo de isofônica é a pronúncia, no Paraná, de “leite quente” em uma área que delimita a isofonia de determinadas produções que contemplam a produção do /e/ final átono.



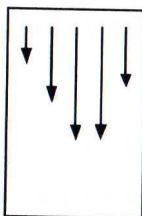
**Mapa 3:** Limites norte e sul do uso de *tu* e *você* no tratamento de "irmão com irmão"

Fonte: Altenhofen (2002, p.145)

Como podemos visualizar no mapa anterior, o uso preferido, em Florianópolis, para o trato entre irmãos é *ø fizeste*, ou seja, o verbo flexionado na segunda pessoa (*tu*) com o sujeito apagado.

A segunda hipótese de Altenhofen (2002) é chamada por ele de *Leque Catarinense*, que transforma Santa Catarina em zona de transição entre duas grandes áreas linguísticas, a paranaense e a rio-grandense, ou seja, o primeiro deles é representado por um grupo de isoglossas<sup>15</sup> que avançam, em forma de cunha, na direção sul, seguindo o Corredor de Lages, por onde passavam as antigas rotas migratórias dos paulistas, no comércio de gado com o gaúcho rio-grandense. Para o autor, em alguns casos, essas isoglossas parecem seguir um caminho secundário, por Nonoai (RS), Chapecó (SC) e Palmas (PR), onde parecem assumir o formato de uma cunha menor, porém com um traçado bastante variável entre norte e sul.

Um dos fenômenos linguísticos que segue esse traçado cuneiforme pelo Corredor central, de acordo com o autor, é o predomínio de *você* que se projeta por esse corredor em direção sul, tendendo para sujeito nulo na área de transição, Santa Catarina, conforme representa a figura a seguir.



**Figura 2:** Hipótese 2 – Corredor Central de projeção paranaense

**Fonte:** Altenhofen (2002, p.125)

O autor ressalta, ainda, que é evidente uma influência paulista nesse movimento, iniciado a partir das antigas rotas de tropeiros nos séculos XVII e XVIII. Para ele, a orla nordeste do Paraná configura-se como núcleo dos avanços de traços dessa variedade na direção sul.

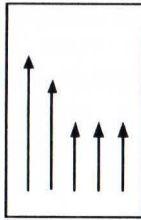
A hipótese três de Altenhofen (2002) é chamada por ele de área rio-grandense ou subárea bilíngue sob influência de línguas de imigrantes europeus, por ser um corredor lateral, através do oeste de Santa Catarina até o sudoeste do Paraná, onde, devido ao povoamento

<sup>15</sup> Por isoglossas entende-se uma linha virtual que demarca o limite (também virtual) de formas e expressões linguísticas.

recente se encontram, nas gerações mais velhas, falantes nascidos no Rio Grande do Sul.

Dessa forma, o autor menciona que o sudoeste do Paraná se distingue como área específica e pode ser vista como um prolongamento do avanço rio-grandense que também atinge o oeste de Santa Catarina. Porém, como bem lembra o autor, não se pode reduzir o falar dessa região à simples continuação ou reprodução de variantes presentes no Rio Grande do Sul, mas à representação do resultado de um contato com novos elementos contrastantes.

A partir disso, a ocorrência de *você* no sudoeste do Paraná pode indicar, de acordo com o autor, a continuidade ou a mudança de comportamento linguístico, conforme os falantes procedam de uma área com uso de *você* ou de *tu*. Essa hipótese está representada pela figura a seguir.



**Figura 3:** Hipótese 3 – Corredor oeste de projeção rio-grandense

**Fonte:** Altenhofen (2002, p.125)

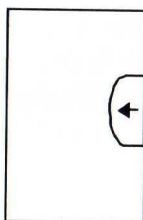
Na hipótese quatro de Altenhofen (2002), chamada por Koch (2000) de Feixe Secundário Rio-Grandense porque está paralelo ao corredor de projeção rio-grandense, é possível encontrar isoglossas que transpõem o Rio Grande do Sul até a orla leste de Santa Catarina.

De acordo com o autor, há, no leste catarinense, muitas vezes, mais que avanços provenientes do sul, apenas coincidências de traços que se desenvolveram independentemente, como é de se supor, por exemplo, a ocorrência de *tu* + verbo em segunda pessoa do singular. Porém, como bem lembra o autor, não podemos deixar de considerar, para tanto, a origem comum açoriana e a unidade geofísica dos Campos de Cima da Serra e de Lages, assim como a presença de populações bilíngues nesse espaço. A hipótese quatro é representada pela figura a seguir.



**Figura 4:** Hipótese 4 – Corredor leste de projeção rio-grandense  
**Fonte:** Altenhofen (2002, p.127)

A hipótese cinco de Altenhofen (2002), chamada por Furlan (1986) de falar açoriano catarinense devido à forte influência açoriana que caracteriza essa região, é destacada por Altenhofen (2002) por ter a preservação da marca de segunda pessoa na conjugação dos verbos, por exemplo, *(tu) fizeste*, além da ausência de palatalização de */t/*, por exemplo, em *mentira* e *tio* e a palatalização de */s/* final, por ex. *em paz, cruz, dois, três, seis e dez*. Essas são, para o autor, as marcas mais características desse falar. A hipótese cinco está representada pela figura a seguir.

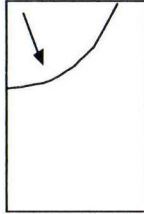


**Figura 5:** Hipótese 5 – Zona lateral açoriano-catarinense  
**Fonte:** Altenhofen (2002, p.127)

Esta hipótese é muito relevante para este trabalho, já que a cidade de Florianópolis, onde estão localizadas as amostras empíricas controladas em nossa pesquisa, está situada na *zona lateral açoriano-catarinense*. Sendo assim, os resultados encontrados poderão atestar essa hipótese de Altenhofen (2002).

A hipótese seis de Altenhofen (2002) é chamada de feixe secundário paranaense que está associada à forma de colonização recente do estado. O autor cita algumas variáveis que denunciam uma forte propensão a fenômenos inovadores, dentre elas está a concordância entre *você* e o possessivo *seu/sua*.

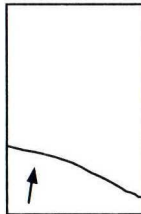
A hipótese seis está representada na figura a seguir.



**Figura 6:** Hipótese 6 – Feixe secundário paranaense  
**Fonte:** Altenhofen (2002, p.128)

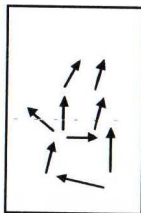
A hipótese sete de Altenhofen (2002) é chamada de fronteira sul do Rio Grande do Sul com o Uruguai que guardaria traços de momentos históricos diversos de ocupação da área e oscilações das fronteiras históricas com o espanhol. De acordo com o autor e conforme pesquisas realizadas por Koch (1995), Bunse e Klassmann (1969), Rodrigues (1998) e Rocha (2008), esses traços são observados mais nitidamente no léxico do falar dessa Região.

A hipótese sete é representada na figura a seguir.



**Figura 7:** Hipótese 7 – Fronteira sul do Rio Grande do Sul  
**Fonte:** Altenhofen (2002, p.128)

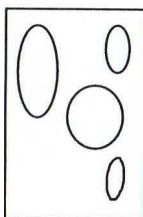
A hipótese oito de Altenhofen (2002) é chamada de contato paulista-gaúcho devido ao contato que seu deu entre populações desses estados antes da chegada dos primeiros imigrantes alemães (1824) e italianos (1875) no século XIX que desencadeou uma série de migrações internas no Rio Grande do Sul e originou rotas comerciais bastante regulares. Para o autor, esse tipo de arealidade aplica-se essencialmente ao léxico, uma vez que envolve, principalmente, mudanças socioculturais ao longo do tempo. A hipótese oito está representada na figura a seguir.



**Figura 8:** Hipótese 8 – Área de contato paulista-gaúcho  
**Fonte:** Altenhofen (2002, p.128)

A hipótese nove de Altenhofen (2002) é chamada de presença de imigrantes estrangeiros que se instalam nas áreas de floresta, até então despovoadas, portanto sem a presença de falantes de português. Sendo assim, esses imigrantes vão lentamente se apoderar da língua do novo meio que apresenta uma variedade distinta de português, devido justamente às especificidades linguísticas de seus falantes e às condições de aprendizagem da língua oficial do Brasil. O autor frisa que a própria forma de colonização, feita através de assentamentos homogêneos em atalhos abertos no meio do mato e o isolamento advindo dessa situação desfavoreceram muito tal processo de aprendizagem, embora os membros das comunidades bilíngues soubessem da importância que o português assumia na integração ao novo lugar.

A hipótese nove está representada na figura a seguir.



**Figura 9:** Hipótese 9 – Presença de imigrantes estrangeiros  
**Fonte:** Altenhofen (2002, p.130)

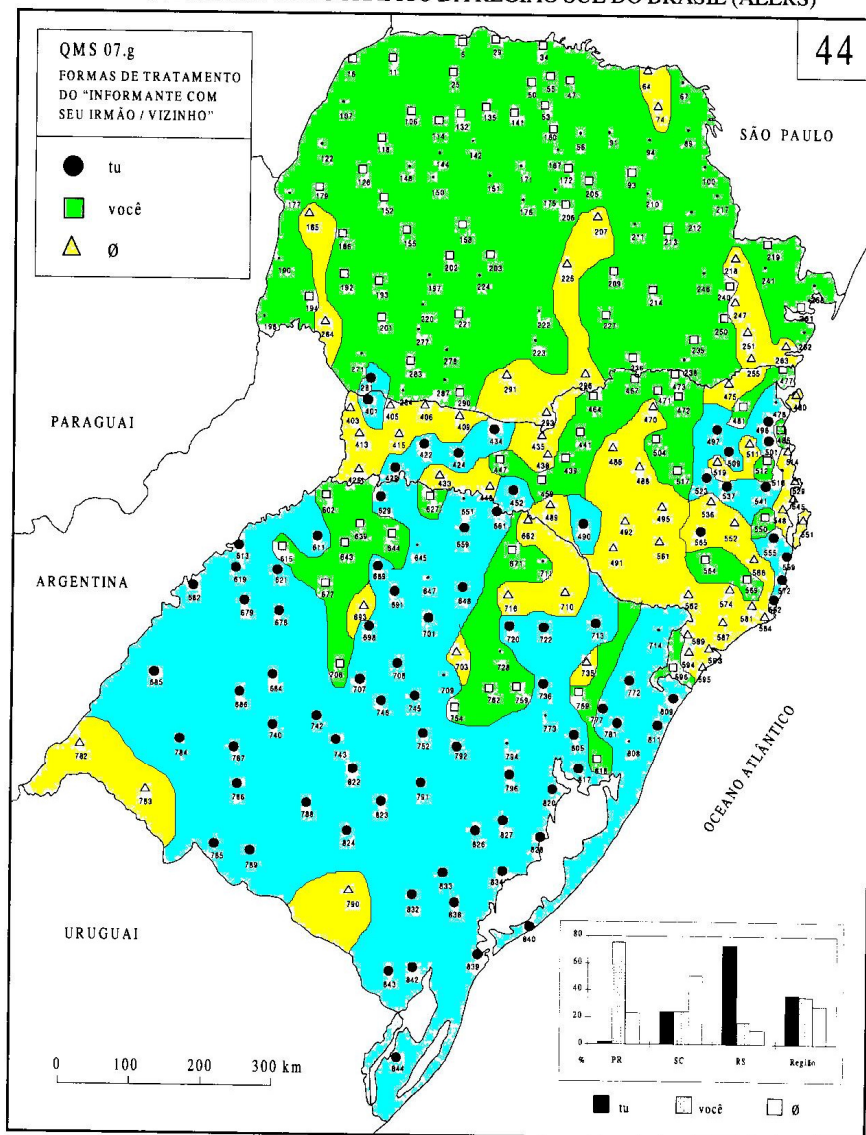
O autor ressalta, ainda, que “o bilinguismo constitui uma das características mais marcantes, senão a mais significativa, da paisagem linguística do sul do Brasil” (ALTENHOFEN, 2002, p.131) e que na Região Sul circunscrevem-se diferentes situações e graus de bilinguismo criando, no mínimo, três possibilidades de variedade do português: (1) o português de falantes bilíngues que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngue; (2) o português de falantes

monolíngues que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngue e (3) o português de falantes monolíngues sem contato com uma comunidade bilíngue.

O autor constata, a partir dos mapas do ALERS, uma tendência maior “dos pontos bilíngues para a adoção de traços [+ padrão], como no caso de formas verbais e da pluralização dos substantivos e determinantes” (ALTENHOFEN, 2002, p.132). Essa tendência se explicaria pela forma de aprendizagem do português que por muito tempo ficou limitada à escola e por consequência à língua escrita. Isso explicaria a ocorrência, em áreas bilíngues de alemão, no Rio Grande do Sul, de índices mais elevados de uso do pronome *você* em lugar de *tu* que é predominante em quase todo o Estado, como pode ser visualizado no mapa, a seguir.



## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



**Mapa 4:** Formas de tratamento do informante com seu irmão/vizinho

**Fonte:** ALERS (2002 – com adaptações)

As áreas em verde com pontos quadrados delimitam o espaço em que os falantes da área rural, entrevistados pelo ALERS, usaram o pronome *você* para se dirigir ao irmão ou a um vizinho, ou seja, em uma relação simétrica. Podemos perceber que esse uso é predominante no estado do Paraná e aparece em algumas pequenas regiões de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Nesses dois estados, o aparecimento do *você* coincide com áreas bilíngues de colonização alemã e italiana e, em Santa Catarina, com o caminho dos tropeiros na região do Planalto de Canoinhas<sup>16</sup> e com os Campos de Curitiba. Ao visualizar o mapa, temos a impressão de que o *você* vem descendo do norte em direção ao sul e se impregnando em algumas áreas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul que, de acordo com Altenhofen (2002), são áreas de imigração europeia. Dessa forma, poderíamos afirmar que os imigrantes estariam mais suscetíveis à implementação no novo pronome porque o aprendem na escola, ou seja, ele não é adquirido, mas sim aprendido.

As áreas em azul com bolinhas pretas delimitam o espaço em que os falantes da área rural usaram o pronome *tu* para se dirigir ao irmão ou a um vizinho. Podemos verificar que esse uso é predominante no estado do Rio Grande do Sul e aparece também em algumas regiões de Santa Catarina e em apenas um ponto no sudoeste do Paraná, região conhecidamente colonizada por gaúchos. Em Santa Catarina o *tu* aparece na região do Litoral de Laguna, na Região Colonial Serrana Catarinense, na Região Colonial do Alto Itajaí e de Itajaí do Norte, na Região Colonial de Joinville e Blumenau e também na Região Colonial do Oeste Catarinense. Ao visualizar o mapa, temos a impressão de que o *tu* sobe do Sul em direção ao norte e se “choca” com o *você*, definitivamente, em Santa Catarina. Dessa forma, podemos visualizar a hipótese de Koch (2000) de que este estado forma uma zona de transição entre duas grandes áreas linguísticas, a paranaense e a rio-grandense. Sendo assim, é possível sugerir que Santa Catarina está em uma zona de transição entre um sistema de *tu* e um sistema de *você*.

Já as áreas em amarelo com símbolos triangulares delimitam o espaço em que os falantes usaram o pronome nulo, porém, o objetivo desse mapeamento era o de verificar qual pronome seria usado pelo falante, *tu* ou *você*, ou seja, não se buscou identificar e diferenciar que o tipo de pronome nulo estava sendo apresentado, se um nulo de *tu* com marca no verbo como em “*Ø sabes que horas são?*” ou se um nulo sem

---

<sup>16</sup> Essa denominação de regiões é estabelecida pelo ALERS como microrregiões homogêneas da Região Sul. (KOCH, KLASSMANN e ALTENHOFEN, 2002, p.25)

marca no verbo, como em “*Ø sabe que horas são?*”. Essa diferenciação entre os nulos nos esclareceria algumas questões e confirmaria algumas hipóteses, como, por exemplo, a de que no litoral de Santa Catarina esse nulo é seguido de marca verbal de segunda pessoa.

Em suma, podemos dizer que Altenhofen (2002), com suas nove hipóteses, trouxe valiosas contribuições para os estudos linguísticos sobre vários fenômenos em variação na Região Sul. No que se refere ao nosso objeto de estudo, vamos tentar atestar uma das suas hipóteses (hipótese cinco) já que nossos dados não cobrem toda a área contemplada pelo autor.

Acreditamos que as análises e as reflexões desses trabalhos de natureza geolinguística permitem grandes discussões com os trabalhos de natureza sociolinguística, possibilitando a associação entre as visões macro e micro dos fenômenos linguísticos. Portanto, nosso estudo pretende integrar discussões geolinguísticas e sociolinguísticas na análise dos resultados estatísticos. Antes disso, observemos mais alguns resultados de trabalhos que investigaram o fenômeno em foco.

Leão (2003) fez uma análise da variação do português falado no sul do Brasil centrando-se na questão dos pronomes *tu* e *você* e sua correlação com a variável “bilinguismo” com o objetivo de verificar, com base nos dados do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), como se distribuem as variantes *tu/você* entre os diversos grupos de fala (bilíngues e monolíngues, gaúchos, catarinenses e paranaenses) e em que medida esses usos refletem marcas distintivas da fala desses diferentes grupos.

A autora partiu da *análise geolinguística* das cartas 38 a 58 do volume 2 do ALERS, em diferentes níveis de formalidade e, posteriormente, passou a fazer a *análise quantitativa* das variantes, correlacionando-as com sua ocorrência entre os grupos considerados mais significativos.

Ela constatou, através de dados sobre o português rural da classe menos escolarizada na Região Sul (ALERS), que há um predomínio da ocorrência de *você* no Paraná, mais próximo do centro do País, e uma ocorrência maior de *tu*, no Rio Grande do Sul. Entretanto, a autora chama a atenção para dois pontos importantes: (i) a frequência de pontos com presença de *você*, no Rio Grande do Sul, somando 23 ocorrências, o que levaria a crer que existem áreas de “*você* emergente”, que conduzem à pergunta “qual variável estaria atuando neste caso”, se esse resultado seria um reflexo da atuação da variável “bilinguismo” e (ii) constata-se, em Santa Catarina, um alto índice de sujeito nulo. Para a autora, a não-marcação de sujeito aparece como uma espécie de

"solução intermediária" entre duas variantes (*tu* e *você*) em confronto, a primeira estigmatizada<sup>17</sup> identificada com a fala regional gaúcha, e a segunda mais inovadora (e provavelmente mais prestigiada), proveniente do Paraná. Assim, ao invés da opção por *tu fez* ou *tu fizeste* (com sujeito expresso de 2ª pessoa do singular), o falante usa *fez*, neutralizando a marcação social que a escolha por *tu* ou *você* representaria naquele contexto. Vejamos a tabela trazida pela autora.

	<b>Paraná</b>	<b>Santa Catarina</b>	<b>Rio Grande do Sul</b>
Você	50	18	23
∅	01	42	09
Tu	14	18	59

**Tabela 1:** Distribuição das ocorrências das formas de tratamento em situações informais, considerando-se a variável *posição geográfica*

**Fonte:** Leão (2003, p.4)

Na análise por grupo bilíngue, Leão constatou um (quase) empate técnico entre algumas das variantes: *você* e *sujeito nulo* entre os falantes bilíngues e *você* e *tu* entre monolíngues em áreas bilíngues como podemos verificar na tabela e no gráfico a seguir.

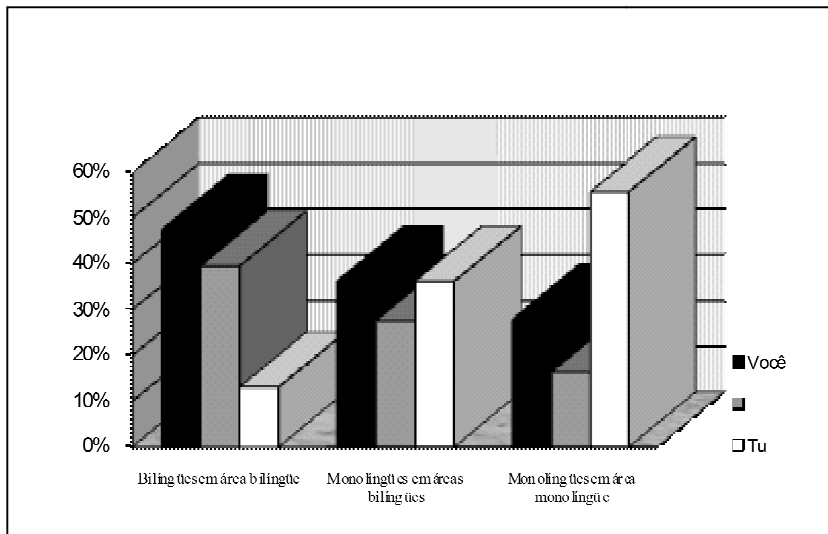
#### **Formas de tratamento em situações informais – Região Sul**

Informantes	Você	∅	Tu
Bilíngues em área bilíngue	<b>36/76 = 47%</b>	30/76 = 39%	10/76 = 13%
Monolíngues em área bilíngue	<b>34/94 = 36%</b>	26/94 = 28%	<b>34/94 = 36%</b>
Monolíngues em área monolíngue	17/61 = 28%	10/61 = 16%	<b>34/61 = 56%</b>
Total de ocorrências	87	66	78

**Tabela 2:** Distribuição das ocorrências das formas de tratamento em situações informais, conforme a variável *bilinguismo do informante*

**Fonte:** Leão (2003, p.5 – com adaptações)

<sup>17</sup> A autora usa esta palavra em seu trabalho com um ponto de interrogação ao lado, o que pode demonstrar uma certa dúvida quanto ao estigma ou não da forma *tu*.



**Gráfico 1:** Formas de tratamento em situações informais conforme a variável *bilinguismo do informante*

**Fonte:** Leão (2003, p.5)

A partir desses resultados, a autora fez um entrecruzamento de variáveis, que resultou em uma tabela que engloba tanto a distribuição por estado quanto a distribuição por bilinguismo ou não do informante. Essa estratégia possibilitou uma maior clareza dos resultados, pois pode-se verificar que, em Santa Catarina, o uso do *sujeito nulo* se dá, em sua maioria, nas áreas bilíngues e, no Rio Grande do Sul, a forma *você* ocorre, prioritariamente, entre falantes bilíngues, conforme ilustra a tabela 3.

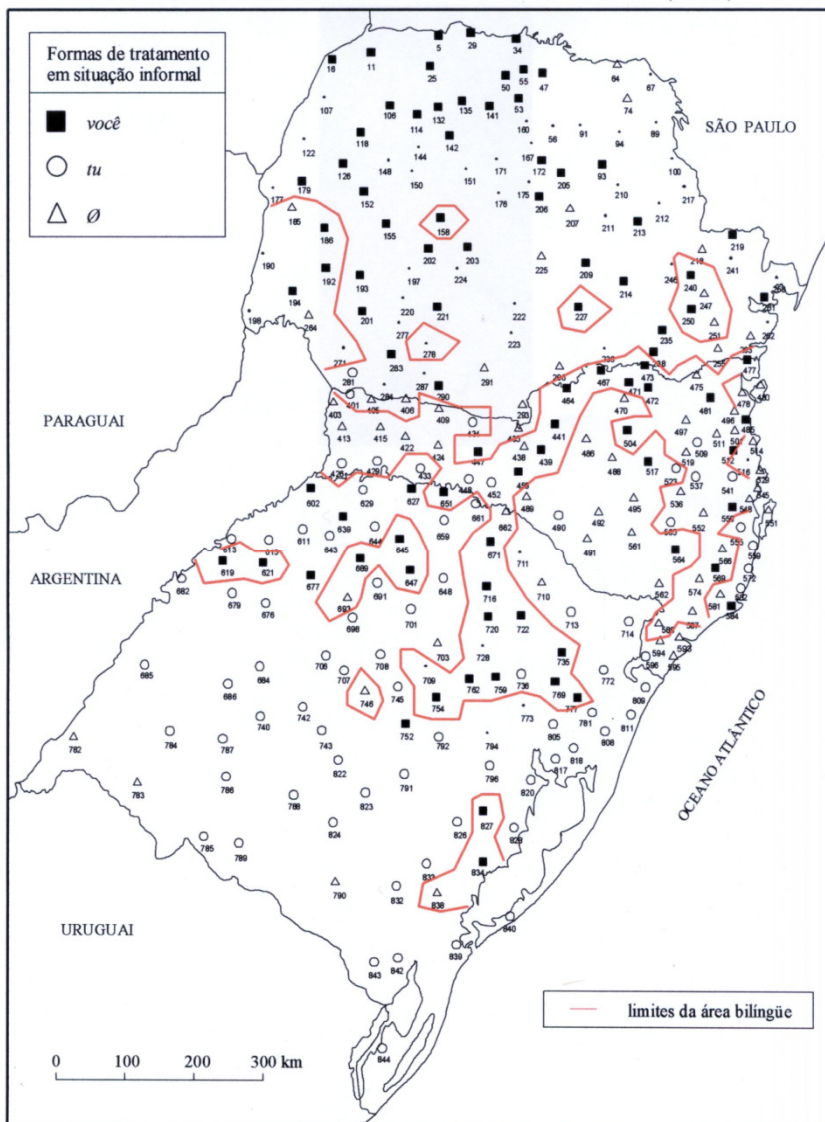
Informante	PR			SC			RS		
	Você	$\phi$	Tu	Você	$\phi$	Tu	Você	$\phi$	Tu
Bilíngues em área bilíngue	<b>06</b>	00	04	12	<b>22</b>	09	<b>18</b>	04	01
Monolíngues em área bilíngue	<b>26</b>	01	09	03	<b>15</b>	05	05	02	28
Monolíngues em área monolíngue	<b>14</b>	00	01	03	06	04	00	03	30

**Tabela 3:** Distribuição das ocorrências das formas de tratamento em situações informais, conforme a variável *bilinguismo do informante*

**Fonte:** Leão (2003, p.6)

Quanto aos resultados da análise geolinguística, Leão apresenta uma visualização areal, no mapa da Região Sul, de todos os aspectos já levantados em sua análise quantitativa. Vejamos o mapa apresentado pela autora.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



**Mapa 5:** Formas de tratamento em situação informal

**Fonte:** ALERS (apud LEÃO, 2003, p.6)

Trata-se de um mapa sintético que engloba todos os resultados dos mapas do ALERS relativos às formas de tratamento em situação de interação informal.

Leão esclarece que o mapa é composto de símbolos e de números (localizados abaixo dos símbolos). Os números são os códigos de identificação de cada uma das 275 localidades em que se realizaram os inquéritos. Os símbolos, conforme se pode ver na legenda, indicam qual é a forma de tratamento predominante em cada ponto de inquérito: o quadrado hachurado mostra o predomínio da ocorrência de *você*; a bolinha branca, da ocorrência de *tu* e o triângulo, da ocorrência do *sujeito nulo*. As linhas traçadas dentro do mapa (exceto os limites dos estados), que cercam alguns pontos, servem para delimitar as áreas bilíngues.

De acordo com a autora, é visível, no mapa 5, a predominância do *você* no Paraná, enquanto em Santa Catarina há maior concentração de triângulos, que representam o *sujeito nulo*. Já no Rio Grande do Sul, pode-se perceber a existência de duas áreas linguísticas distintas: a área bilíngue, no interior das linhas demarcadoras, caracterizada pelo predomínio do uso do *você*, e a área monolíngue lusa, marcada pelo predomínio do *tu*.

Os resultados apresentados por Leão revelam a inexistência de uma homogeneidade no uso da forma de tratamento em situações informais na Região Sul do Brasil. Além disso, a autora afirma que, embora o pronome *você* predomine em grande parte do país, é fundamental que se ressalte a variação linguística, ilustrada em seu estudo, pelo uso do *sujeito nulo* por grande parte de Santa Catarina e pelo uso do *você* pela maioria dos falantes bilíngues do Rio Grande do Sul.

Como possíveis explicações para essa variação a autora sugere que, como fez Altenhofen (2002), no caso do uso do *você* pelos bilíngues no Rio Grande do Sul, existe uma relação com a *forma de aprendizagem* do português nas áreas bilíngues, pois durante muitos anos, nessas áreas, a primeira língua aprendida pelos habitantes foi a dos imigrantes (como as línguas *polonesa, italiana e alemã*, entre outras), sendo assim, o português era aprendido, como segunda língua, *essencialmente via escola*. “Portanto, a variedade aprendida era a padrão. E, pelo padrão, a forma de tratamento nas situações informais era o *você*, e não o *tu*” (LEÃO, 2003, p.7).

Essa hipótese nos parece um pouco perigosa, pois embora o pronome *você* seja tratado nos livros didáticos para falantes do português como primeira língua e nas gramáticas escolares como um



pronome de tratamento, originário da forma *Vossa Mercê*, ele não é considerado, nesses mesmos manuais, como pronome pessoal, o que enfraqueceria essa suposição. Entretanto, todo o restante do material escrito usado na escola (romances, contos, livros infantis, livros didáticos, etc. exceto a literatura regionalista), e fora dela, parecem usar, majoritariamente, o pronome *você* como padrão. Além disso, todos os meios de comunicação, exceto as rádios locais, também parecem fazer uso desse pronome. Todavia, não podemos fazer afirmações mais contundentes acerca dessa discussão porque não disponibilizamos de dados empíricos que poderiam atestar (ou não) essa hipótese.

Quanto ao caso do sujeito nulo em Santa Catarina, Leão menciona a hipótese de Koch (2000) que trata o estado como uma área de transição, visto que se situa entre duas áreas linguísticas marcadamente distintas: o Paraná e o Rio Grande do Sul. Assim, o uso do *sujeito nulo* pode ser uma marca de indecisão sobre qual variante vai ser usada, ou ainda uma forma de manter um nível de neutralidade<sup>18</sup>.

Entretanto, como já mencionamos anteriormente, os dados do ALERS não permitem afirmar se esse *sujeito nulo* é do tipo *\_fizeste alguma coisa ontem?*, ou seja, com marca de segunda pessoa no verbo, ou do tipo *\_fez alguma coisa ontem?*, sem marca no verbo.

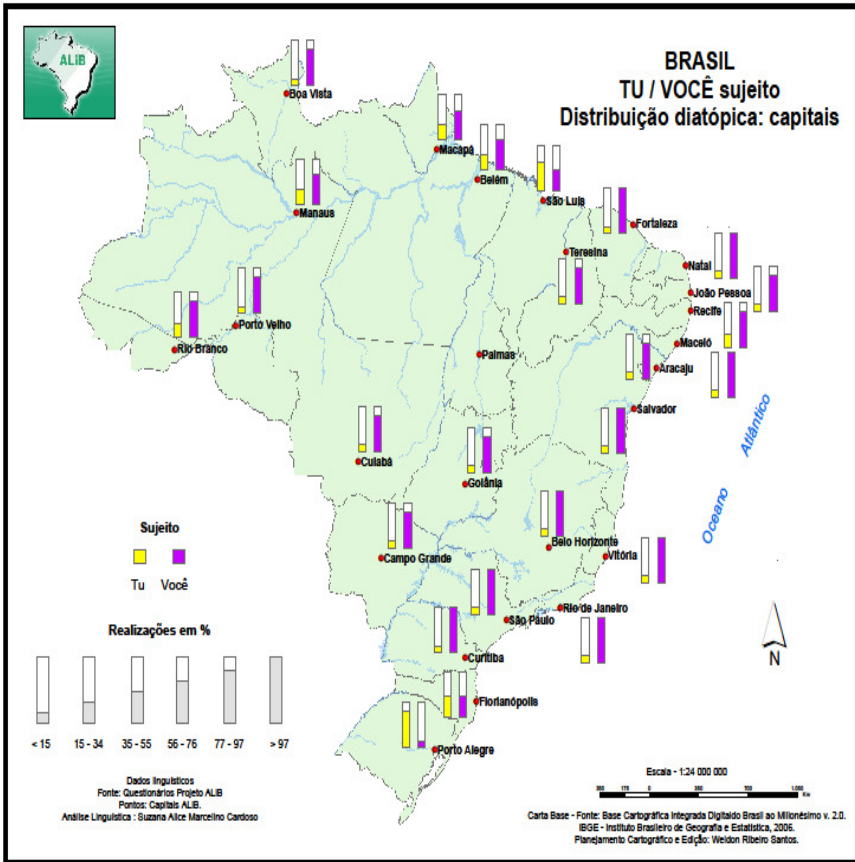
Como vimos, é indiscutível que a Região Sul do Brasil apresente uma pluralidade social, cultural e geofísica rara, o que permite o levantamento de várias hipóteses para explicar a sua heterogeneidade linguística.

Atualmente, com a disponibilização dos resultados do Alib<sup>19</sup> – fundamentado nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social – podemos ter uma macrovisão da situação do nosso fenômeno em estudo em todo o país como podemos verificar nos mapas a seguir.

---

<sup>18</sup> A classificação do *sujeito nulo* como uma forma de neutralidade é discutida também em Abreu (1987), Ramos (1989), Nunes de Souza (2011) dentre outros.

<sup>19</sup> Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) tem por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à língua portuguesa. O projeto envolve hoje doze Universidades. Ver: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibHistorico>



**Mapa 6:** Distribuição diatópica do tu e você nas capitais do país

**Fonte:** Cardoso (2010)<sup>20</sup>

Como vemos no mapa, a partir das entrevistas<sup>21</sup> do Alib verificou-se que o pronome *você* é predominante na fala dos

<sup>20</sup> Questionário projeto Alib – Análise Linguística: Suzana Alice Marcelino Cardoso. Apresentação em comunicação oral.

<sup>21</sup> O Alib possui uma rede de pontos com 250 localidades, distribuídas por todo o território nacional. Para a definição dessa rede, foram consideradas a extensão de cada região, os aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento da área. Estão incluídas cidades de

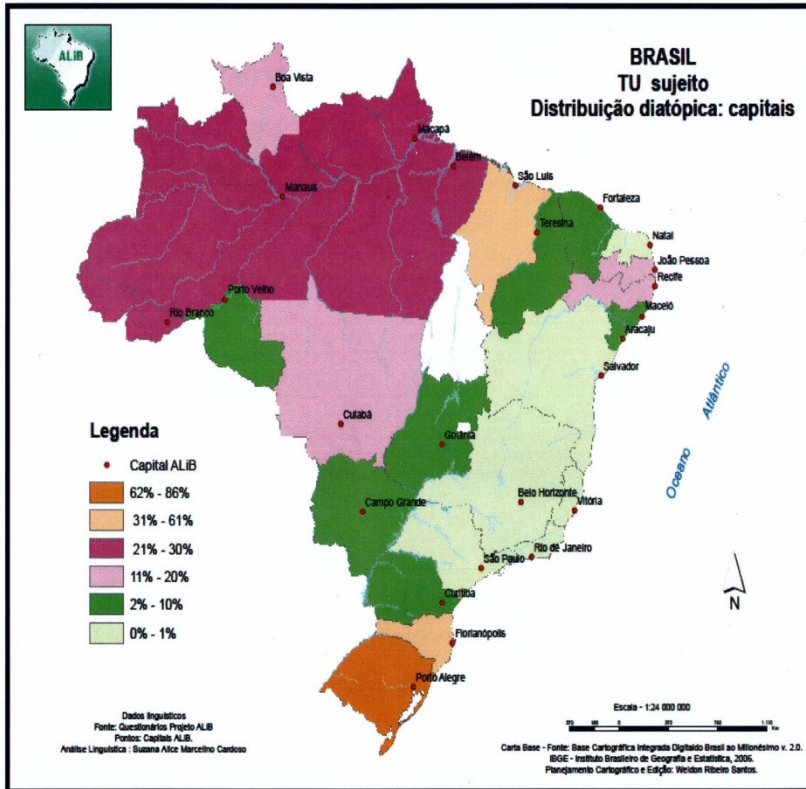
informantes de quase todas as capitais brasileiras, exceto em Porto Alegre, onde a frequência de *tu* é maior (entre 77 e 97%), em Florianópolis, onde a frequência de *tu* e de *você* aparecem equilibradas (entre 35 e 55%) e em São Luiz, onde o *tu* tem frequência de 56 a 76%.

No mapa a seguir, Cardoso (2010) mostra uma distribuição diatópica do *tu* nas capitais do país.

---

grande e médio porte e, inclusive, todas as capitais, à exceção apenas de Brasília (Distrito Federal) e Palmas (Tocantins). O perfil dos informantes procura atender a questões espaciais, por isso são filhos da localidade pesquisada e de pais também da área, mas também inclui o controle de variáveis sociais tais como idade, sexo e escolaridade. O número total atinge a casa dos 1100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias - 18 a 30 anos e 50 a 65 anos - e contemplando os dois sexos. Nas capitais de Estado são acrescentados mais quatro informantes de nível universitário, observadas as mesmas correlações de sexo e faixa etária. Quanto à escolaridade, devem ser alfabetizados, tendo cursado, no máximo, até a quarta série do ensino fundamental e possuidores de uma profissão definida, que não requiera grande mobilidade e que se encontre inserida no contexto social local.

<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/MetodologiaGeral>

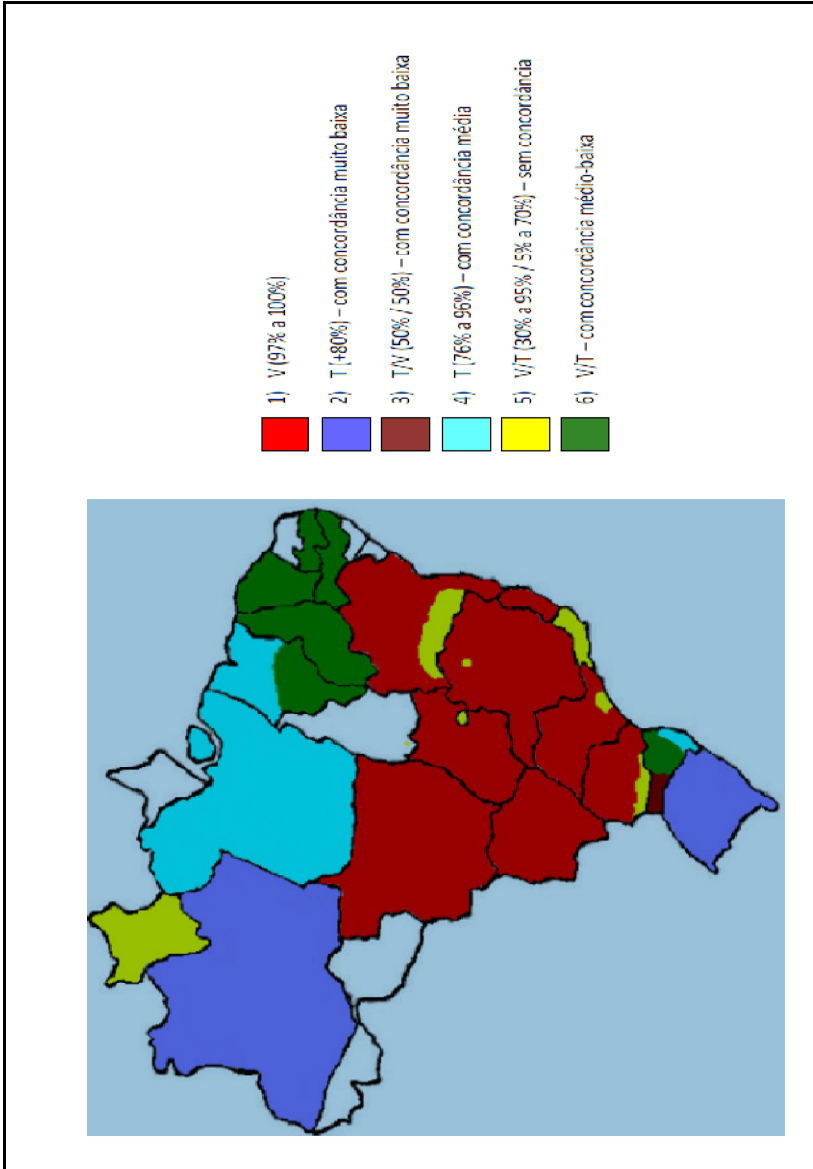


**Mapa 7:** Distribuição diatópica do *tu* nas capitais do país  
**Fonte:** Cardoso (2010)

Como podemos visualizar no mapa, a autora mapeia a distribuição diatópica somente do *tu* identificando a área em laranja (Porto Alegre) como sendo a de maior frequência desse pronome (62 a 86%). Em seguida, aparecem as áreas em laranja claro (Florianópolis e São Luiz) com 31 a 61% de frequência de *tu*. As áreas em rosa escuro (Rio Branco, Manaus, Macapá e Belém) apresentam 21 a 30% de *tu*. As áreas em rosa claro (Cuiabá, Boa Vista, Recife e João Pessoa) apresentam 11 a 20% de *tu*. As áreas em verde escuro (Curitiba, Campo Grande, Goiânia, Porto Velho, Teresina, Maceió e Aracaju) apresentam 2 a 10% de *tu* e as áreas em verde claro (São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória, Belo Horizonte, Salvador e Natal) apresentam índices insignificantes de *tu* (0 a 1%).

A seguir, podemos verificar o mapeamento das formas *tu e você* produzido por Scherre (2009).

É importante explicitar que esse mapeamento feito é baseado nos resultados de pesquisas acerca da alternância *tu, você (ocê, cê), o senhor* realizadas em todo o país, algumas delas sob orientação da própria autora.



**Mapa 8:** Usos dos pronomes *tu* e *você* no PB

**Fonte:** Scherre et al (2009 apud MARTINS, 2010)

No mapa acima, a autora contempla também o percentual de concordância canônica de segunda pessoa nas regiões brasileiras. Em vermelho estão representadas as áreas consideradas de uso predominante do *você* (97 a 100%). Nas áreas em azul escuro estão os estados com uso predominante de *tu* (mais de 80%) com baixa concordância verbal. A pequena área em marrom, no oeste de Santa Catarina, caracteriza-se pelo uso alternado entre *tu e você* (50%) com concordância muito baixa. A área em azul claro, que abrange do Pará, a região norte do Maranhão e o leste de Santa Catarina, é caracterizada pelo alto índice de *tu* (76 a 96%) com concordância média. A área em amarelo, que abrange o Amapá, o sul da Bahia, o Rio de Janeiro, uma parte do litoral de São Paulo, Brasília e o sul do Paraná, é caracterizada pelo uso alternado de *tu e você* (30 a 95%/5 a 70%) sem concordância. A área em verde, que abrange a região central/norte de Santa Catarina e o norte da Região Nordeste do país, caracteriza-se pelo uso alternado de *tu e você* com concordância médio-baixa.

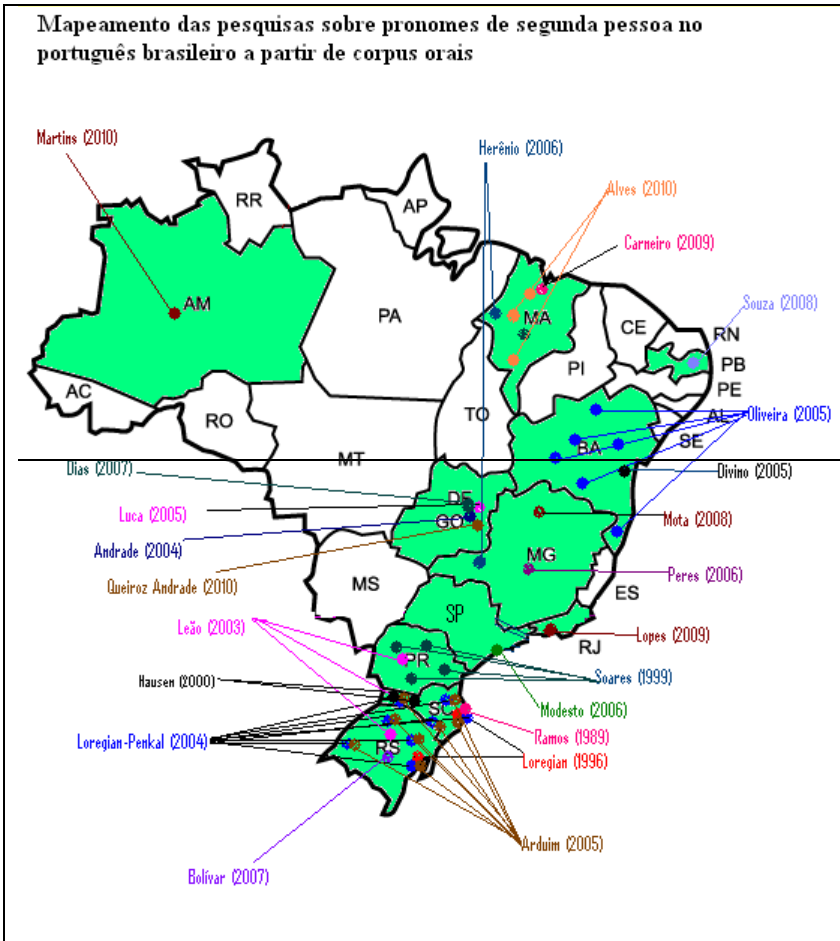
Comparando os três últimos mapas representados anteriormente, podemos verificar que alguns percentuais são bastante semelhantes como, por exemplo, aqueles referentes a Porto Alegre e Curitiba, pois para a capital gaúcha, Scherre (2009) atribui mais de 80% de uso de *tu* e Cardoso (2010) atribui 77 a 97% no primeiro mapa e 62 a 86% no segundo mapa. Para Curitiba, Scherre (2009) atribui 3% de *tu* e Cardoso (2010) apresenta, no primeiro mapa, menos de 15% de *tu* e, no segundo mapa, 2 a 10%. Entretanto, quando observamos os resultados dos percentuais de *tu* referentes a Florianópolis, vemos uma pequena discrepância entre as duas autoras, pois Scherre (2009) estabelece percentuais entre 76 a 96% enquanto Cardoso (2010) apresenta, no primeiro mapa, 35 a 55% de frequência de *tu* e, no segundo mapa, 31 a 61%.

Mostraremos, a seguir, resultados de pesquisas sociolinguísticas, algumas das quais referidas por Scherre et al. (2009) no mapa 8.

### **1.1.2 Os estudos sociolinguísticos: amostras de língua falada**

Para definirmos o problema a ser investigado vamos apresentar, nesta seção, resultados de trabalhos sincrônicos que revelam variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular, encontrados em diferentes Regiões do Brasil.

Podemos visualizar, inicialmente, no mapa a seguir a localização das pesquisas realizadas<sup>22</sup> a partir de *corpora* orais em todo o País.



**Mapa 9:** Distribuição dos estudos sobre pronomes de segunda pessoa baseados em *corpora* orais

As áreas coloridas de verde indicam os estados onde encontramos algum tipo de pesquisa referente aos pronomes de segunda pessoa a

<sup>22</sup> Alertamos que as pesquisas descritas aqui são aquelas encontradas por nós via internet ou via bibliotecas, o que não exclui a possibilidade de existirem outras pesquisas, acerca do mesmo tema, que não encontramos.



partir de *corpora* orais, os pontos coloridos indicam as comunidades que foram alvo desses estudos, as linhas retas indicam os nomes dos autores e ano em que a pesquisa (tese, dissertação ou artigo) foi defendida ou publicada.

Realizaremos essa descrição obedecendo a uma ordem areal dos estudos, partindo do Sul para o Norte para que possamos ter uma visão mais ampla dos resultados alcançados sobre o assunto até o momento. Descreveremos primeiramente os estudos feitos a partir de *corpora* orais e posteriormente trataremos de alguns estudos baseados em de *corpora* escritos.

### 1.1.2.1 Pesquisas realizadas no Sul do País

A partir da constituição do banco de dados VARSUL, na década de noventa, surgiram muitas pesquisas, de inspiração laboviana, com o objetivo de descrever o português falado em áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil. Naturalmente, os primeiros pesquisadores surgiram da equipe de professores e bolsistas de iniciação científica desse projeto, cujos pesquisadores dirigentes sempre tiveram como política estimular a pesquisa entre seus membros.

A seguir, descreveremos algumas pesquisas sobre pronomes de segunda pessoa que partiram da amostra do Varsul.

Loregian-Penkal (2004) investigou duas regras variáveis: (1) a forma como se dá a alternância pronominal *tu/você* na fala dos informantes do *corpus* VARSUL dos três estados da região Sul do Brasil, além do *corpus* BRESCANCINI que contém entrevistas do Ribeirão da Ilha (bairro interiorano de Florianópolis) e (2) a concordância verbal com o pronome *tu* nas quatro cidades do Rio Grande do Sul e nas quatro cidades de Santa Catarina (contempladas pelo banco de dados VARSUL) além da localidade do Ribeirão da Ilha (SC). O objetivo do estudo da primeira variável investigada pela autora era o de verificar se o *tu* estava sendo substituído pelo *você* no Sul do Brasil e o objetivo do estudo da segunda variável era verificar como se dá a concordância verbal de 2ª pessoa do discurso nas demais cidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Seus resultados são muito esclarecedores sobre o comportamento do *tu/você* e da concordância de segunda pessoa nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e serão constantemente mencionados nesta pesquisa. Entretanto, como se trata de um grande volume de

resultados, nos deteremos a descrever aqueles referentes à primeira variável e, dentre esses, aqueles referentes a Florianópolis e Ribeirão da Ilha.

Em função do grande número de células e por exigências do programa Varbrul, a autora não pôde realizar rodadas gerais incluindo todas as localidades da sua amostra. Sendo assim, ela agrupou as localidades de 3 em 3: (a) Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha; (b) Chapecó, Blumenau e Lages e (c) Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Diante desses agrupamentos, os grupos de fatores selecionados, com informantes de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha, foram: (1) sexo, (2) localidade, (3) explicitação do pronomes, (4) escolaridade, (5) gênero do discurso, (6) determinação do discurso e (7) faixa etária. Com informantes de Chapecó, Blumenau e Lages, os grupos de fatores selecionados foram: (1) localidade, (2) gênero do discurso, (3) faixa etária, (4) sexo e (5) escolaridade. Com informantes de Flores da Cunha, Panambi e São Borja, os grupos de fatores selecionados foram: (1) sexo, (2) escolaridade, (3) alternância de pronomes, (4) localidade, (5) gênero do discurso, (6) faixa etária e (7) determinação do discurso.

Na tabela a seguir podemos visualizar a distribuição geral dos resultados de *tu x você*, em Loregian-Penkal (2004), considerando a localidade do informante.

Fatores	Apl./Total	%	PR
Rodada geral com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha			
Florianópolis	585/767	76%	0,32
Porto Alegre	764/819	93%	0,61
Ribeirão da Ilha	445/462	96%	0,78
TOTAL	1794/2048	87%	
Rodada geral com Flores da Cunha, Panambi e São Borja			
Panambi	395/467	84%	0,30
Flores da Cunha	654/784	83%	0,37
São Borja	663/701	94%	0,76
TOTAL	1712/1952	89%	
Rodada geral com Chapecó, Blumenau e Lages			
Lages	189/1225	15%	0,30
Blumenau	134/490	27%	0,61
Chapecó	261/519	51%	0,82
TOTAL	584/2234	26%	

**Tabela 4:** Alternância *tu/você* por localidade

**Fonte:** Loregian-Penkal (2004, p.133 – com adaptações)

Observando as localidades foco da nossa pesquisa, vemos que, nas rodadas de Loregian-Penkall com as capitais e o Ribeirão da Ilha, são as localidades de Porto Alegre e do Ribeirão que favorecem o aparecimento do *tu* com pesos relativos de 0,61 e 0,78, respectivamente, enquanto Florianópolis aparece desfavorecendo o aparecimento do *tu* com peso relativo de 0,32.

Considerando somente essas três localidades, vemos que a variável *sexo* foi a mais relevante, ou seja, as mulheres de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha favorecem o aparecimento do *tu* (0,74 de peso relativo) e o mesmo acontece nas cidades do interior do Rio Grande do Sul (0,67 de peso relativo). Nas cidades do interior de Santa Catarina, embora a variável *sexo* não tenha sido selecionada como a mais relevante, as mulheres também favorecem o uso do *tu* (0,74 de peso relativo).

A *explicitação do pronome* foi selecionada na rodada com as capitais e o Ribeirão e, de acordo com a autora, esse resultado foi motivado pelos dados de Florianópolis e do Ribeirão, pois são locais onde a flexão verbal canônica se mantém. Os resultados da autora mostram que a ausência de pronome propicia o uso do *tu* (0,80 de PR) e a presença do pronome reduz o uso de *tu* (0,39). Sendo assim, a autora conclui que “a flexão verbal canônica de segunda pessoa é, muito provavelmente, a responsável pelo elevado peso relativo atribuído ao *tu*” (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.150).

Considerando a variável *escolaridade*, a autora constatou que nas capitais e no Ribeirão da Ilha, há uma nítida progressão do *tu*, proporcional ao aumento dos anos de escolaridade, ou seja, os informantes do primário apresentam peso relativo de 0,34, os do ginásio 0,41 e os do colegial 0,75. Para a autora, esses resultados confirmam a interferência da educação formal na fala dos entrevistados.

A variável *gênero do discurso* também foi selecionada como relevante na pesquisa de Loregian-Penkall (2004). O discurso predominantemente argumentativo propicia o aparecimento do pronome *tu* nas capitais e no Ribeirão da Ilha (0,62 de PR), enquanto os discursos predominantemente narrativos e explicativos são desfavorecedores do uso do *tu* (0,39 e 0,26, respectivamente).

A relevância da *determinação do discurso* mostrou que se o referente é recuperável, há predomínio do uso do *tu* com PR de 0,62 nas capitais e no Ribeirão da Ilha e se o referente foi indeterminado, há um desfavorecimento nas ocorrências de *tu* nessas localidades (0,39 de PR). Ao controlar essas localidades separadamente, a autora constatou quem

em Florianópolis os pesos relativos são de 0,73 para *discurso determinando* e 0,26 para *discurso indeterminado*, em Porto Alegre os pesos relativos são de 0,86 para *discurso determinando* e 0,28 para *discurso indeterminado* e, no Ribeirão da Ilha, os pesos relativos são de 0,83 para *discurso determinando* e 0,08 para *discurso indeterminado*.

Considerando a variável *faixa etária*, a autora constatou que os informantes de 25 a 49 anos lideram o uso do pronome *tu*, embora essa diferença não seja tão acentuada nas capitais e no Ribeirão da Ilha (0,44 de P. R. para a segunda faixa etária, + de 50 anos, e 0,55 para a primeira faixa etária, 25 a 49 anos). Além disso, a autora verificou que em todas as localidades da sua amostra os informantes mais jovens apresentaram um percentual maior de uso de *tu* e destacou o uso quase categórico de *tu* entre os informantes da primeira faixa etária do Ribeirão da Ilha e a alta incidência de *tu* nas duas faixas etárias em todas as cidades do Rio Grande do Sul. Diante desses resultados, a autora sugere que os falantes mais velhos da amostra são mais formais que os mais jovens e que o uso de *tu* esteja associado a uma menor formalidade, ou a uma maior intimidade. Além disso, esses resultados levaram a autora a afirmar que não há indícios de mudanças em progresso em direção ao uso de *só você*.

Ao considerar a variação no indivíduo, a autora encontrou, em Florianópolis e no Ribeirão da Ilha, os seguintes resultados.

Localidade	Só <i>tu</i>	Só <i>você</i>	<i>Tu/você</i>	<i>Tu</i> + [T+V]	<i>Você</i> + [T+V]
Florianópolis	13	01	10=24	23	11
Ribeirão da Ilha	07	-	04=11	11	04

**Tabela 5:** Usos dos pronomes *tu/você*: distribuição pelos informantes das localidades comportadas na amostra

**Fonte:** Loregian-Penkal (2004, p.127 – com adaptações)

Como vemos na tabela 5, a maioria dos informantes de Florianópolis e do Ribeirão da Ilha é usuária somente do pronome *tu* (20) e uma parcela menor usa os dois pronomes, *tu e você* (14), enquanto apenas um informante usa somente o pronome *você*.

Como mencionamos anteriormente, o estudo de Loregian-Penkal (2004) contemplou alguns aspectos importantes sobre a variação dos pronomes *tu e você* na fala da Região Sul. No entanto, outros aspectos não foram investigados mais profundamente, como, por exemplo, o comportamento dos demais pronomes de segunda pessoa diante de tal

variação. Por isso, continuaremos investindo nesse objeto de estudo nos restringindo aos dados sincrônicos de amostras do VARSUL, Monguillot e Floripa referentes à comunidade de Florianópolis, controlando também o pronome *o senhor* e os demais pronomes de segunda pessoa do singular (oblíquos e possessivos).

Coelho e Görski (2011), a partir dos resultados sincrônicos de algumas pesquisas sobre o uso de *tu* e *você* na região sul, dentre elas, o trabalho de Loregian-Penkall (2004), destacam a diferença bem acentuada entre a região litorânea e a do planalto, pois enquanto em Florianópolis há um uso preferencial do pronome *tu*, em Lages se destaca o uso preferencial do pronome *você*, mas nas duas localidades já se observa um número significativo de informantes que têm os dois sistemas pronominais. A explicação para isso é, de acordo com as autoras, o fato de o *tu* ter sido o pronome adquirido pelos florianopolitanos (de etnia portuguesa) e o *você* estar entrando no sistema linguístico dessa comunidade como um caso de conhecimento socialmente adquirido (ou aprendido), já que a forma *tu* ainda continua sendo usada nas relações familiares, enquanto a forma *você* está reservada para as relações de poder.

Outro trabalho importante para a delimitação do nosso objeto de estudo foi a pesquisa de Arduin (2005) sobre a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular *teu/seu* na Região Sul. Para esse estudo a autora usou o *corpus* do VARSUL das cidades de Blumenau, Chapecó, Flores da Cunha, Florianópolis, Lages em Santa Catarina e Panambi, Porto Alegre e São Borja no Rio Grande do Sul, considerando tanto os aspectos linguísticos quanto os aspectos sociais dessa variação, à luz dos pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista e da proposta de Brown e Gilman (2003).

A autora encontrou um total de 86% de uso de *teu* na amostra estudada, contra apenas 14% de *seu*, embora se constate nesses lugares a variação entre os pronomes *tu* e *você*. Descreveremos a seguir apenas a distribuição dos resultados relativos a Florianópolis, que é o foco do nosso trabalho.

Localidade	Aplicação/total	Percentual
Florianópolis	77/91	85%

**Tabela 6:** Frequência de uso do possessivo *teu/tua* de acordo com a variável *localidade*

**Fonte:** Arduin (2005, p. 113 – com adaptações)

Podemos visualizar na tabela 6 que o percentual de uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/tua*, em Florianópolis, é bastante alto (85%) e, conseqüentemente, o uso de *seu/sua* é pouco frequente.

Ao correlacionar uso do pronome *teu/tua* com os pronomes *tu* e *você* na função de sujeito ou de vocativo a autora chegou aos seguintes resultados.

<b>Paralelismo formal</b>	<b>Aplicação/total</b>	<b>Percentual</b>
<i>Teu</i> com sujeito <i>tu</i>	143/144	99%
<i>Teu</i> com vocativo	18/21	86%
<i>Teu</i> com sujeito nulo	136/176	77%
<i>Teu</i> com sujeito <i>você</i>	59/74	80%
Total	356/415	86%

**Tabela 7:** Frequência de uso do possessivo *teu* de acordo com a variável *paralelismo formal* em toda a amostra

**Fonte:** Arduin (2005, p. 91)

A partir desses resultados, podemos verificar que enquanto o pronome *tu* é usado preferencialmente com formas possessivas de segunda pessoa (*teu*), em 99% dos casos, o pronome *você* apresenta apenas 20% de uso com *seu*, combinando-se com formas possessivas de *teu/tua* em 80% dos casos.

Com essa pesquisa, a autora mostra que o uso do possessivo *teu/tua* está diretamente relacionado ao uso do pronome *tu*, pois o paralelismo é mantido em 99% das vezes. Por outro lado, o indivíduo que usa o pronome *você* não necessariamente usa o possessivo *seu*, pois, de acordo com os resultados da autora, em 80% das vezes o falante usa o pronome *você* com o possessivo *teu*.

A partir desses resultados, a autora afirma que *você* é a forma de mais respeito ou distanciamento e *tu* é a forma usada preferencialmente para indicar maior proximidade e intimidade.

Vejam os resultados a respeito do uso estilístico dos pronomes possessivos *teu* e *seu* na tabela a seguir.

<b>Fatores</b>	<b>Aplic./ Total</b>	<b>Percentual</b>
De superior para inferior	87/96	91%
Entre iguais	62/68	91%
De inferior para superior	11/25	44%
<b>TOTAL</b>	<b>160/189</b>	<b>85%</b>

**Tabela 8:** Frequência e probabilidade de uso do possessivo *teu* de acordo com a variável *relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores*

**Fonte:** Arduin (2005, p. 95)

Os resultados encontrados pela autora apontam que, para se dirigir a alguém social/culturalmente inferior, a forma preferida pelos informantes é *teu*, o que pode ser interpretado como um indício de poder. Para se dirigir a alguém social/culturalmente igual, a forma preferida pelos informantes é a forma considerada mais solidária *teu*. Para se dirigir a alguém considerado social/culturalmente superior, a forma mais utilizada é *seu*, o que indica, provavelmente, uma postura de respeito e formalidade. A autora conclui que essa diferença mostra que o possessivo *seu* é mais formal e expressa maior respeito em relação ao interlocutor, e, por consequência, maior uso na relação assimétrica de *inferior para superior*. Já o possessivo *teu* representa a forma solidária, usada *entre iguais*, e a forma de poder usada na relação de *superior para inferior*.

De acordo com Coelho e Görski (2011), os resultados de Arduin (2005) atestam que *teu* e *seu* apresentam diferenças estilísticas importantes na Região Sul e atestam a hipótese de Menon (1996), segundo a qual o que está em jogo na variação dos pronomes pessoais e possessivos de segunda pessoa são os aspectos de familiaridade, respeito e formalidade.

Caberá ao nosso trabalho atestar, ou não, essa hipótese já que, no trabalho de Arduin (2005) foram controladas apenas as ocorrências dos pronomes *tu* e  *você* nas entrevistas em que houve ocorrências dos pronomes possessivos. Por isso, controlaremos as ocorrências de *tu*,  *você* e *o senhor* nas entrevistas (com ou sem concorrência de formas) e o uso encaixado dos pronomes oblíquos e possessivos de segunda pessoa do singular em cada uma delas.

As variáveis linguísticas testadas no condicionamento da variação do uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/seu* foram os seguintes: 1) Pessoas do discurso (segunda pessoa do singular ou genérica); 2) Tipo de discurso (não reportado e reportado); 3)

Paralelismo formal (*Teu/seu* com pronome pessoal *tu*, *Teu/seu* com pronome pessoal *você*, *Teu/seu* sem pronome pessoal no período, Vocativo); 4) Alternância dos pronomes *tu* e *você* nas entrevistas (se o informante utiliza somente o pronome *tu*, somente o pronome *você* ou ambas as formas de referência à segunda pessoa *tu* e *você*); 5) Animacidade do referente (+ ou – animado) e 6) Posição do pronome em relação ao nome (precedendo ou seguindo o nome).

Para as ocorrências de discurso reportado (um dos tipos de discurso), foram considerados os seguintes grupos de fatores: 1) A pessoa do discurso reportado (Discurso de pessoa próxima, discurso de pessoa não próxima, discurso do próprio informante); 2) Relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores (Relação assimétrica de superior para inferior, relação simétrica entre iguais, relação assimétrica de inferior para superior) e 3) Interlocução entre as pessoas do discurso reportado (De primeira pessoa para terceira pessoa, de terceira pessoa para primeira pessoa, de terceira pessoa para terceira pessoa).

Além das variáveis linguísticas, a autora verificou também as variáveis sociais. Para tanto, elencou quatro variáveis sociais, controladas a partir do banco de dados VARSUL, a saber: 1) Faixa etária; 2) Sexo; 3) Escolaridade e 4) Região/etnia.

Como resultados gerais é interessante observar que a amostra analisada pela autora apresentou 415 ocorrências de possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu* e, dentre estas, houve a presença maciça do pronome *teu*, com 356 ocorrências, correspondendo a 86% do total. As ocorrências com o possessivo *seu*, 69, corresponderam a apenas 14% do total.

Os grupos de fatores selecionados como significativos pelo programa VARBRUL, por ordem de relevância, foram:

(i) Paralelismo formal – Foi a única variável linguística selecionada como significativa. Os demais fatores selecionados relevantes são variáveis de base estilístico-discursivas e sociais, de acordo com a autora isso indica que, na verdade, o que está em jogo na variação dos possessivos *teu/seu* são as determinações socioculturais do informante. 99% das ocorrências com o possessivo *teu* se deram acompanhadas pelo pronome pessoal *tu*. O peso relativo (PR) 0,90 confirma esta leitura, ou seja, o pronome *tu* se comporta como um forte favorecedor ao uso do possessivo *teu*, atestando assim o princípio linguístico do *paralelismo formal* já postulado por Scherre e Naro (1993), de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros. Já a presença do pronome pessoal *você* age como desfavorecedor do uso do possessivo *teu*. Embora a frequência de 80% seja alta, o PR de 0,19



indica que a probabilidade de ocorrência é baixa, confirmando, novamente o efeito do *paralelismo*. As ocorrências de *vocativo* também se comportaram como leve favorecedoras ao uso do possessivo *teu*, embora com PR mais baixo, de 0,60. Nestas ocorrências não há influência do princípio do paralelismo formal por não haver nenhum dos pronomes pessoais (*tu* e *você*) expressos no período. O uso de *teu* com sujeito nulo (sem nenhum pronome pessoal expresso no período), embora com alto percentual (77%), não é recorrente, fato evidenciado pelo PR de 0,23. Em suma, estes resultados confirmam a tendência linguística do *paralelismo formal*, atestando, desta maneira, que os pronomes pessoais *tu* e *você* exercem influência no uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu*.

(ii) Relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores – no discurso de *superior para inferior* há alta frequência de uso do possessivo *teu*: 91%, acompanhada de PR de 0,65, o que aponta uma tendência ao uso do possessivo *teu* neste tipo de discurso. Já a frequência de uso de 44% de *teu* no discurso de *inferior para superior*, acompanhada de PR de 0,05, é considerada um ambiente desfavorecedor do uso deste possessivo. De acordo com a autora, esse resultado comprova o que Brown e Gilman (2003) estabelecem a respeito do tratamento entre os interlocutores: o *superior* trata o *inferior* por *teu*, mas recebe o tratamento *seu*, numa relação assimétrica de poder. No discurso *entre iguais*, observou-se a alta frequência de uso do possessivo *teu*, 91% e PR de 0,56. Embora próximo ao ponto neutro, este PR pode indicar uma leve tendência ao uso deste possessivo, como se, neste discurso, a forma solidária *teu* fosse a preferida.

(iii) Sexo – Os resultados encontrados pela autora corroboram sua hipótese inicial de que as mulheres tenderiam a utilizar a forma *teu*. De acordo com seus resultados, as mulheres utilizaram este possessivo em 93% das ocorrências, e PR de 0,61, que o indica como favorecedor do uso do possessivo *teu*. Diante do PR de 0,34 de uso de *teu* pelos homens constatou-se então que há baixa probabilidade de uso de *teu* por eles, embora o percentual de 75% seja alto.

(iv) Pessoa do discurso reportado – Constatou-se a alta probabilidade de uso do possessivo *teu* com PR de 0,76 em *discurso de pessoa próxima*. No *discurso do próprio informante*, a autora acredita que o que está em jogo também são as relações simétricas ou assimétricas entre os interlocutores, ou seja, a pessoa a quem o discurso está sendo dirigido. O PR de 0,59 indica este fator como um leve favorecedor ao uso do possessivo *teu*. No *discurso de pessoa não-próxima* o PR é de 0,19 (70%) o que aponta que, ao se reportar a uma

pessoa que não seja conhecida, o informante tende a utilizar a forma de poder, ou seja, o possessivo *seu*.

(v) Faixa etária – o PR de 0,61 (88%) corroborou para a hipótese de Arduin de que os informantes mais jovens tenderiam a utilizar o possessivo *teu* por terem preferência pela forma solidária e menos formal, ou seja, os mais jovens tendem a utilizar a forma solidária *teu* em detrimento da forma de poder *seu*. A autora lembra que esses resultados dão forte indício de que a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/seu* é motivada pelas diferentes situações comunicativas: *formal/informal*, atestando desta maneira que os falantes mais velhos tendem a optar pela forma de poder e formalidade *seu*. O PR de 0,40 (83%) contribui para esta leitura da autora.

(vi) Escolaridade – os resultados indicam que o nível de escolaridade que mais utiliza o possessivo *teu* é o ginásial, com 91% das ocorrências e acompanhado de PR de 0,67, o que o aponta como favorecedor do uso deste possessivo. Já os informantes pertencentes ao nível primário mostram PR 0,48 muito próximo do ponto neutro, embora com alto percentual de uso de *teu*, 84%. Já o nível colegial apresenta PR de 0,37, agindo como desfavorecedor do uso do possessivo *teu*. Diante desses resultados a autora considerou importante o cruzamento entre o *paralelismo formal* e a *escolaridade*, a fim de tentar detectar se a escolaridade exerce influência na prescrição das formas pronominais. A expectativa era que com o aumento do nível de escolaridade os informantes venham a fazer maior uso de *teu* acompanhado de *tu*; e *seu* acompanhado de *você*, evitando assim utilizar *seu* acompanhado de *tu* e *teu* acompanhado de *você*. E assim ocorreu, os resultados do pronome pessoal *você* acompanhado pelo possessivo *teu*, são interessantes, pois ao analisar o fator *você* acompanhado de *teu*, os informantes de nível primário apresentam percentual de 82%, de nível ginásial 87% e de nível colegial 67%. A partir desse resultado, foi possível concluir que no nível colegial há uma queda de uso do pronome *você* acompanhado do possessivo *teu*. Quanto ao fator *tu* acompanhado de *teu*, houve apenas uma ocorrência no nível colegial, o que deixou o percentual em 98%, contrastando com os 100% no nível primário e ginásial. Ou seja, esses alunos do colegial, influenciados pela escola, já adquiriram a percepção estilística das diferentes formas, conseguindo distinguir os usos de uma e de outra forma e o seu significado social. Quando usam o pronome *tu* devem utilizar o possessivo *teu* já que ambos os pronomes são usados em contextos mais informais e quando usam o *você* devem utilizar o possessivo *seu* porque já dominam e reconhecem os diferentes usos destas formas.

Em resumo, os resultados encontrados pela autora permitem afirmar que a variação dos possessivos de segunda pessoa *teu/seu* é linguisticamente, estilisticamente e socialmente motivada, e, além disso, apontam para algumas direções: 1) Há uma relação entre os pronomes pessoais *tu* e *você* e os pronomes possessivos *teu* e *seu*, uma vez que o primeiro grupo selecionado significativo foi o *paralelismo formal*; 2) Quanto aos fatores sociais, as mulheres tendem a utilizar mais o possessivo *teu* (a autora levanta indícios de que este possessivo tenha prestígio nas regiões estudadas, embora o possessivo *seu* seja isento de estigma); 3) O grupo selecionado como significativo *escolaridade* apresenta maior tendência ao uso do possessivo *teu* pelos informantes de nível ginásial; 4) As questões de *poder* e *solidariedade* entre os interlocutores também foram levantadas como importante para a análise da variação destes possessivos; 5) Os resultados mostram, por exemplo, que o pronome *teu* é mais usado nas relações simétricas ou nas assimétricas de superior para inferior, enquanto *seu* é mais usado nas relações de inferior para superior e 6) Os mais jovens tendem a utilizar o possessivo *teu*, ou seja, tendem a utilizar mais a forma solidária, o que corrobora a hipótese de Brown e Gilman (2003) sobre as alterações que vêm ocorrendo nas sociedades modernas.

A descrição desse trabalho mostrou também a importância da realização de testes de percepção e produção linguística no estudo do uso de pronomes de 2ª pessoa para que se possa averiguar o *status* de cada um desses pronomes em cada localidade.

Soares (1999) realizou uma pesquisa semelhante à de Arduin (2005), usando como modelo de análise a Sociolinguística Variacionista, porém utilizando o *corpus* do VARSUL de quatro cidades do Paraná: Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco. Em seu trabalho, ele procurou descrever o funcionamento dos pronomes possessivos de segunda e terceira pessoas, verificando de que forma os fatores *linguísticos* (posição do pronome possessivo no sintagma nominal, identificação do referente e o valor semântico do possessivo) e *extralinguísticos* (*idade*, *sexo*, *escolaridade* e *etnia*) estariam condicionando o uso, na língua oral, desses pronomes.

Como resultados gerais, é interessante observar que, na amostra analisada pelo autor, o número de ocorrências do pronome possessivo *teu*, em comparação ao número de ocorrências do pronome possessivo *seu* de segunda pessoa, revelou que aquele pronome, em números absolutos, é o pronome mais presente em referência à segunda pessoa, no *corpus* do Paraná. Quanto ao uso do pronome possessivo *seu* o autor verificou que as ocorrências com referência à terceira pessoa foram

bastante superiores às ocorrências em referência à segunda pessoa. Em relação ao número de ocorrências das formas *seu* de terceira pessoa e *dele*, foi possível afirmar que este pronome é o pronome de terceira pessoa preferido entre os falantes em detrimento de *seu*, ou seja, *dele*, e as respectivas flexões, foi bastante utilizado quando o referente era determinado e específico enquanto que *seu*, de forma geral, tinha referência genérica e indeterminada.

Os grupos de fatores selecionados como significativos pelo programa VARBRUL para os pronomes de segunda pessoa, em relação aos fatores sociais, foram:

(i) Localidade (ou etnia) – de acordo com o autor, a colonização das cidades de Pato Branco e Londrina (gaúcho-catarinense e mineiro-paulista respectivamente) influencia, de alguma, a escolha dos possessivos *teu/seu*, já que o pronome *teu* predomina em Pato Branco e o pronome *seu* predomina em Londrina. Quanto a Curitiba há um certo favorecimento para que ocorra o uso da forma *seu*, se ocorrerem as condições previstas pelo programa como significativas; em Irati o peso atribuído ao pronome *teu* é respaldado pelo número de ocorrências. Esse peso revela, segundo o autor, que esta cidade pode ser considerada uma zona conservadora, tendo em vista a restrição deste pronome a apenas algumas regiões, em termos de Brasil.

Em resumo, pôde-se verificar que Pato Branco usa [+ *teu*], Londrina usa [+ *seu*], Curitiba usa [+ *seu*] e Irati [+ *teu*], ou seja, as cidades mais interioranas e conseqüentemente menores usam mais o pronome *teu* enquanto as cidades maiores preferem o uso do *seu*.

(ii) Sexo, faixa etária e grau de escolarização dos informantes – para estes fatores, o autor concluiu que a primeira faixa etária do sexo feminino e com o maior grau de escolarização prefere a forma *teu* enquanto que os informantes da segunda faixa etária do sexo masculino e com o menor grau de escolarização preferem a forma *seu*.

Em relação aos fatores linguísticos, os selecionados como significativos foram:

(i) Identificação do referente – o autor observou que o possessivo *teu* (e flexões) foi mais usado de forma indeterminada/genérica, enquanto que o pronome possessivo *seu* foi usado de forma determinada/específica.

(ii) Posição do pronome no SN – verificou-se que o pronome *teu* foi mais utilizado precedido de artigo que o possessivo *seu* e que ambos ocorreram, quase que de maneira geral, em posição anteposta ao substantivo.

(iii) Valor semântico do possessivo – Foi constatado que com o pronome possessivo *teu* há favorecimento para com aquelas ocorrências em que este pronome se refere às *partes do corpo* (posse inalienável) do *possuidor* e também há favorecimento para que ele ocorra em referência à *relação de parentesco* entre o *possuído* e o *possuidor*. Com o possessivo *seu* (e flexões), os referentes relacionados às *características psicológicas/físicas* do *possuído* mostravam-se como sendo um ambiente favorável para que este pronome fosse utilizado.

Podemos observar que Arduin (2005) e Soares (1999) não controlaram os mesmos fatores linguísticos; apenas os mesmos fatores extralinguísticos. Sendo assim, não podemos comparar os resultados dos dois autores no que se refere aos fatores internos da língua. Entretanto, no que se refere aos fatores externos, podemos confrontar os resultados, com exceção do fator *localidade*, e perceber que em ambas as amostras (ou ambos os *corpora*) os informantes com traço [+ jovens], [+ sexo feminino] e [+ escolarizados] tendem a usar o pronome *teu*, enquanto os informantes com traço [+ velhos], [+ sexo] masculino e [- escolarizados] tendem a usar o pronome *seu*.

Ramos (1989) estudou as formas de tratamento no falar de Florianópolis antes mesmo da constituição do banco de dados do VARSUL. Para isso, ela analisou dados de 36 informantes florianopolitanos aplicando questionário de atitudes, além das obras literárias *O fantástico na Ilha de Santa Catarina* (Franklin Cascaes) e *Arca Açoriana* (Almiro Caldeira), ambos os textos de autores catarinenses. A coleta de dados foi feita mediante a apresentação de 10 fotografias de pessoas em seu local de trabalho e de pessoas surpreendidas na rua que deveriam fazer uma pergunta para um suposto interlocutor.

A partir dessa pesquisa a autora chegou a resultados bastante significativos, como podemos verificar na tabela a seguir.

Fatores	Zero	Tu	Você	O senhor
Florianópolis	171/427 = 40%	89/427 = 20%	132/427 = 31%	39/427 = 09%

**Tabela 9:** Resultados referentes às formas de tratamento, encontradas na fala de informantes de Florianópolis

**Fonte:** Ramos (1989, p. 49 – com adaptações)

Segundo a autora, as 89 formas de *tu* (20%) são usadas preferencialmente no trato familiar sendo 18 casos de *tu* com flexão verbal (04%), 27 casos de *tu* sem flexão verbal (06%) e 44 casos de *tu* com sujeito nulo (10%). Já as 132 formas de *você* são, na maioria das vezes, estilisticamente marcadas e as 171 formas de *grau zero* surgem como uma maneira de o falante evitar qualquer uma das outras formas de tratamento que possam comprometê-lo tanto com a *semântica do poder* quanto com a *de solidariedade*, ou seja, a ausência total de qualquer forma de tratamento do informante ao se dirigir ao interlocutor.

O teste foi o instrumento utilizado pela autora para verificar se o uso dos diferentes pronomes era estilisticamente marcado em Florianópolis, ou seja, a intenção era examinar se o uso das formas pronominais *tu* e *você* estaria relacionado ao tipo de conversa ou ao tipo de interlocutor e se havia preferência de uso das diferentes formas. A partir dos resultados a autora pode levantar as seguintes opiniões dos entrevistados:

- (i) *Tu* é informal, coloquial, desrespeitoso e rude e é usado pelos ilhéus, preferencialmente, em situações mais íntimas e mais familiares.
- (ii) *Você* é correto, respeitoso, bonito e educado e é uma influência de fora, mais usado com estranhos, em situações mais formais e distantes.

A partir dos testes, a autora pôde observar que informantes florianopolitanos atribuem ao *tu* um caráter mais íntimo, familiar, rude, informal, coloquial e desrespeitoso e, ao *você*, um caráter mais distante, bonito, educado, formal, correto, respeitoso e, por isso, esta é a forma mais utilizada com estranhos ou com pessoas menos íntimas.

Os resultados e as conclusões de Ramos (1989) vão ao encontro do que mencionam Menon e Loregian-Penkall (2002) em seu trabalho sobre a Variação no indivíduo e na comunidade, quando elas afirmam que, na Região Sul, o *tu* é frequentemente usado quando o interlocutor é íntimo ou familiar e o *você* é utilizado como pronome de segunda pessoa quando o interlocutor é um desconhecido ou uma pessoa mais velha.

### 1.1.2.2 Pesquisas realizadas no Centro Oeste do País

Em nossa busca por pesquisas com pronomes de segunda pessoa encontramos 4 delas no Centro Oeste brasileiro, Lucca (2005), Dias

(2007), Queiroz Andrade (2010) e Soares Andrade (2004). Porém, descreveremos aqui apenas os dois primeiros estudos, pois eles se dedicam especificamente à alternância *tu/você*.

Lucca (2005) tratou da variação *tu/você* na fala brasileira sob o ponto de vista da Teoria da Variação Linguística levando em conta a influência de fatores como a alternância de estilos e o tipo de relação entre os interlocutores na determinação das formas em variação.

A Metodologia utilizada foi a sociolinguística variacionista e o *corpus* foi montado a partir de dados coletados entre falantes do grupo social que, de acordo com a autora, parecia ser o que mais se apropria do uso do *tu* no Distrito Federal: jovens do gênero masculino. Assim, foram contatados estudantes da rede pública de ensino das três regiões administrativas mais populosas do Distrito Federal: Ceilândia, Taguatinga e Brasília. Os informantes fizeram gravações ocultas de situações conversacionais entre si e seus amigos, de onde foram coletados os dados de interações de rapazes, de rapazes e garotas e de rapazes e adultos, estas coletadas por meio de falas reproduzidas. Entretanto, segundo a autora, a maior parte das falas são características de relações entre pares solidários, nas quais o uso do *tu* emerge.

Os dados foram submetidos ao programa computacional GoldVarb 2001 (Robinson et al., 2001), o qual é uma adaptação para o sistema operacional Windows do programa Varbrul 2S (Pintzuk, 1988), que roda no antigo DOS.

Entre as variáveis linguísticas que poderiam atuar no condicionamento da variação *tu/você*, a autora trabalhou com os seguintes fatores: 1) A função sintática que o sintagma nominal (SN) pode exercer, se sujeito ou complemento verbal; 2) O tipo semântico do pronome, se genérico ou específico; 3) O tipo de fala, se real ou retomada; 4) O tipo de ocorrência no discurso (paralelismo linguístico), se em série ou isolada; 5) O tempo do verbo a que o pronome se refere; 6) O modo do verbo a que o pronome se refere; e 7) O tipo de estrutura em que o pronome ocorre, se afirmativa, interrogativa ou exclamativa.

Entre os grupos de fatores extralinguísticos, foram controlados: 1) O tipo de relação entre os interlocutores; 2) A familiaridade do falante com o tema do discurso; 3) A região administrativa de onde o falante provém; 4) O gênero do falante; e 5) O gênero do falante em relação ao do ouvinte.

Apenas duas das variáveis linguísticas controladas se mostraram estatisticamente relevantes nesse estudo para explicar a seleção do pronome – *paralelismo formal e tipo de estrutura* –, enquanto quatro das cinco variáveis sociais foram selecionadas pelo programa GoldVarb

2001 como estatisticamente relevantes – *tipo de relação entre os pares; familiaridade com o tema; região administrativa e gênero do falante.*

O *gênero do falante* foi o primeiro fator selecionado pelo programa estatístico, o que confirmou a intuição da autora de que o *tu* é mais usado entre falantes do gênero masculino, intuição esta advinda de suas interações cotidianas na cidade de Brasília. As *Falas reais masculinas* obtiveram 0,55 de peso relativo (78), as *Falas masculinas retomadas por rapazes* obtiveram 0,40 de peso relativo (55%), as *Falas femininas retomadas por rapazes* obtiveram 0,18 (16%) enquanto as *Falas reais femininas* obtiveram 0,09 (23%).

A terceira variável selecionada foi o *tipo de relação entre os interlocutores* que está intrinsecamente relacionado ao estilo de fala adotado em uma dada interação, uma vez que o falante presta atenção à sua fala, em maior ou menor grau, com base, entre outros fatores, na projeção que faz de sua audiência. A *relação entre pares solidários* tem um efeito mais forte sobre o uso do pronome *tu*, com peso relativo de 0,57 (79%), já *pares em relação não solidários* e *não pares em relação de poder* desfavorecem o uso do *tu* com peso relativo de 0,22 (44%) para pares em relação não solidária, 0,21 (20%) quando um superior se dirige a um inferior e 0,34 (50%) quando alguém de poder inferior se dirige a um superior, o que evidencia uma tendência de o falante não usar o pronome *tu* quando não está envolvido em uma interação solidária.

É importante destacar aqui uma observação da autora sobre o *tipo de fala*, ou seja, considerando-se esta variável, as falas retomadas tendem a selecionar pronomes distintos para os pares, conforme se comportam solidariamente ou não. Observando os percentuais distribuídos pelos tipos de fala, a autora constatou que em falas reais (efetivamente produzidas no ato da interação) há favorecimento do *tu* entre pares solidários (79%) e desfavorecimento entre pares não solidários (58%), com uma diferença de 21 pontos percentuais em relação à média. A grande disparidade encontra-se nos dados de falas retomadas, para as quais se constatou que relações solidárias também favorecem o uso do pronome *tu* em 78% das ocorrências, mas, por outro lado, relações não solidárias desfavorecem o uso do pronome *tu* com apenas 10% das ocorrências. Diante disso, a autora supõe que parece estar por trás disto o julgamento do falante acerca do que seria mais apropriado para cada tipo de relação e ela infere então que os jovens brasilienses consideram que o *tu* deva ser usado quando se comportam de forma solidária com seus pares, e, em contrapartida, o *você* deva ser usado quando não se posicionam solidariamente frente a seus pares



A variável *familiaridade com o tema do discurso* foi o quarto grupo selecionado pelo GoldVarb. Os temas foram divididos em *mais familiares* ou *menos familiares* ao falante, os quais foram determinados pelo contexto de cada interação conversacional. Proporcionalmente, há muito mais ocorrências de *tu* em temas mais familiares 0,52 de peso relativo (74%) do que em temas menos familiares 0,17 (23%), ou seja os temas mais familiares favorecem o uso do pronome *tu* ao contrário dos temas menos familiares, que têm efeito desfavorecedor sobre o uso do *tu*.

Diante desses resultados a autora comenta:

Por trás destes resultados evidencia-se, então, uma alternância de estilos de fala. Quando o falante trata de um tema menos familiar, fazendo uma espécie de discurso (*soapbox*), ele, de certa forma, quer mostrar ‘que sabe’, que entende sobre o que está falando. Esta necessidade de posicionar-se de forma convincente sobre o tema frente ao seu ouvinte faz com que o falante ‘meça’ suas palavras, se monitore mais linguisticamente a fim de produzir o efeito desejado. Como resultado desta monitoração, sua fala tende a se aproximar mais da variedade padrão que de costume. O resultado disto, no enfoque de nosso estudo, é a maior ocorrência de *você*, em detrimento de *tu*. (LUCCA, 2005, p. 94)

A *região administrativa* do falante foi a quinta variável selecionada pelo GoldVarb no condicionamento da variação *tu/você* nessa amostra. Os resultados mostraram que, embora a incidência de uso do pronome *tu* seja alta nas três regiões consideradas, o falante de *Ceilândia* tende a selecionar mais o pronome *tu* que o pronome *você*, tal como faz em 86% das ocorrências, contra 66% para os falantes de *Taguatinga* e 68% dos falantes da região administrativa de *Brasília*. Os pesos relativos confirmam a tendência de o falante ceilandense usar mais *tu* que *você* em um nível mais elevado que os falantes de *Taguatinga* e de *Brasília*, pois o peso relativo para o uso do *tu* em *Ceilândia* é de 0,68, 25 pontos acima do de *Taguatinga* e de *Brasília*, os quais apresentam peso relativo de 0,43, ambos com o mesmo efeito sobre o uso do *tu*.

O *paralelismo linguístico* foi o segundo grupo de fatores selecionado pelo programa GoldVarb. Os pesos relativos, analisados

entre si, mostram que a posição que mais favorece a ocorrência de *tu* é o *primeiro item da série*, com peso relativo de 0,58 (85%), o que, de acordo com a autora, vai em sentido contrário ao que apontam várias pesquisas variacionistas que lidam com o paralelismo linguístico, no sentido de o primeiro item da série tender a um efeito intermediário sobre a escolha das variantes. O fator *não primeiro precedido de tu* teve efeito favorecedor sobre a seleção do *tu*, com peso relativo de 0,56 (80%), que é relativamente baixo, considerando-se que os dados foram coletados em situações altamente favorecedoras do uso do *tu*, enquanto o fator *não primeiro precedido de você* desfavorece o uso do *tu* com peso de 0,33 (49%). Porém, a autora acredita que a ampliação dessa amostra pode resultar em uma polarização destes resultados, no sentido de o fator *não primeiro precedido de tu* passar a ter um efeito bem mais favorecedor sobre o emprego do *tu* que o *não primeiro precedido de você*.

O *tipo de estrutura* foi o último dos seis fatores selecionados pelo programa GoldVarb. Esta variável versa sobre a classificação das estruturas frasais segundo a entoação do falante. As *estruturas exclamativas* têm forte efeito favorecedor sobre o emprego do *tu* com 0,87 de peso relativo (94%), enquanto as *sentenças interrogativas* cai para 0,54 (79%), ainda com efeito favorecedor, e nas *declarativas* cai para 0,43 (65%), o que indica um efeito desfavorecedor sobre o uso do pronome *tu*. Diante desses resultados a autora pôde observar que quando os falantes expressam-se de forma exclamativa, tendem a fazê-lo com mais emoção do que em outras situações. Nesse contexto, o vernáculo aflora e o falante tende a usar as formas linguísticas que lhe são mais naturais – no caso, o *tu* –, dada a situação conversacional.

Com esse trabalho foi possível verificar que o pronome *tu* é recorrente na fala dos jovens do Distrito Federal, concorrendo de forma variável com o pronome *você*. Os resultados também evidenciaram o quão dependente de fatores sociais é a variação *tu/você* naquele contexto, como já foi constatado em outras pesquisas sobre este fenômeno, e como indicavam as observações empíricas da autora, particularmente em relação à fala do Distrito Federal.

Considerando os números, os resultados desse trabalho revelam alto índice de *tu* na amostra analisada (72%) e apontam para o fato de que a variação *tu/você* na fala dos jovens brasileiros é determinada pelo gênero do falante, pelo tipo de relação entre os pares, pelo tópico discursivo e pela região administrativa de onde o falante provém. Fatores linguísticos como o paralelismo e o tipo de estrutura quanto à entonação também condicionam a seleção dos pronomes. Em síntese,

diferentemente das primeiras impressões dos falantes brasilienses, o *tu* é amplamente utilizado entre jovens brasilienses do gênero masculino, em relações marcadas pela solidariedade entre os pares.

Esse estudo e, principalmente, o método de coleta de dados usado nele, demonstrou mais uma vez o quanto o estudo dos pronomes de segunda pessoa do discurso necessita de um tratamento diferencial, pois esse fenômeno é próprio da interação real entre os indivíduos seja ela simétrica ou assimétrica e isso o torna mais complexo e de difícil interpretação.

Outro estudo realizado em Brasília sobre o uso do *tu* foi a pesquisa de Dias (2007) que analisou a variação *tu/você* entre falantes brasilienses descrevendo quais fatores linguísticos e sociais condicionam a variação em diferentes faixas etárias. O estudo verificou se a variação dos pronomes de segunda pessoa acontece porque estes formam um par de pronomes do tipo T/V, segundo a definição proposta por Brown e Gilman (1960), e se o fenômeno em questão revela processo de mudança linguística em progresso ou de gradação etária.

A pesquisa foi realizada dentro dos pressupostos da sociolinguística laboviana e foram analisadas amostras de fala de pessoas de três faixas etárias, de 13 a 19 anos, de 20 a 29 anos e de mais de 30 anos, nascidas em Brasília ou que se mudaram para a cidade antes de completar 5 anos de idade. As amostras foram obtidas por intermédio de gravações de conversas espontâneas, mas sem usar o formato das entrevistas sociolinguísticas porque, conforme a autora, o pronome *tu* tende a aparecer predominantemente em conversas informais em relacionamentos íntimos.

A autora controlou tanto fatores linguísticos como fatores extralinguísticos, são eles: *tipo de fala* (conversas casuais, conversas profissionais/acadêmicas, repreensões, ou brincadeiras/observações irônicas), *tipo de referência* (genérica ou específica), *função sintática* (sujeito, objeto, objeto de preposição, ou predicativo), *forma verbal* (presente do indicativo, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, futuro do presente, subjuntivo, ou gerúndio), *tipo de relato* (fala própria, fala relatada própria, ou fala relatada de outra pessoa), *faixa etária* (de 13 a 19 anos, de 20 a 29 anos, ou mais de 30), *sexo* (masculino ou feminino), *estilo de vida do falante* (alternativo ou conservador), *relacionamento com o interlocutor* (amigo íntimo, familiar, amigo/colega, conhecido, ou desconhecido); *faixa etária do interlocutor* (mais novo, mesma faixa etária, ou mais velho), *sexo do interlocutor* (masculino ou feminino), *lugar em que ocorreu o diálogo* (casa do informante, casa de amigos, trabalho do informante, ou lugar público).

As gravações da autora proporcionaram 1.080 dados de referência à segunda pessoa, distribuídos da seguinte forma.

<i>Tu</i>	<i>Cê</i>	<i>Você</i>	Nulo	Total
10,6%	51,4%	26,5%	11,5%	100%
115	555	286	124	1.080

**Tabela 10:** Totais de referências à segunda pessoa

**Fonte:** Dias (2007, p. 71)

É importante destacar que dos 18 informantes controlados pela autora, sete não usaram *tu* nas gravações, além disso, não foram encontrados dados de *tu* com a concordância canônica de segunda pessoa e todos os dados são com a mesma concordância dada a *cê/você*, pois não foi possível recuperar pela desinência verbal qual teria sido a intenção do falante. Além disso, a autora optou por eliminar os 124 casos de referência à segunda pessoa com o sujeito nulo da análise de pesos relativos por achar que a referência nula pode não ser simplesmente a omissão de um pronome que o falante escolheu mentalmente, mas que optou por não pronunciar.

O fator *idade* foi um dos grupos selecionados pelo programa estatístico, o que significa que parte da variação estudada pode ser explicada pela idade do falante. Os pesos relativos foram graduais de acordo com a idade: 0,76 para a faixa etária de 13 a 19 anos; 0,56 para a de 20 a 29 anos; e 0,28 para a de mais de 30 anos. Assim, temos que o uso do *tu* é favorecido entre os mais jovens, tende à neutralidade na faixa etária intermediária e é desfavorecido entre os mais velhos. A diferença entre o maior e o menor peso relativo, que é de 0,48, indica que esta também é uma variável vigorosa para explicar o uso do *tu* em Brasília.

O fator *sexo* também foi um dos grupos selecionados pelo programa estatístico. A frequência de uso de *tu* entre os falantes do sexo masculino é de 14,9%. As mulheres, por sua vez, o usam com frequência de 10,8%. O peso relativo atribuído ao sexo masculino foi de 0,60, indicando que há favorecimento do uso de *tu* por falantes homens. O sexo feminino teve peso relativo de 0,41, indicando desfavorecimento do uso desta variante.

Os *tipos de conversa* que mais favoreceram o uso de *tu* foram as brincadeiras, deboches, observações irônicas a respeito do interlocutor e demonstrações de desrespeito, indicando, de acordo com a autora, que ainda tem eco em Brasília, principalmente na faixa etária de mais de 30

anos, a observação de Nascentes (1949) de que os brasileiros acham o *tu* bruto e que o usam para ofender. Para a autora, esse resultado também é condizente com a atitude de falantes de Fortaleza em relação ao uso deste pronome no estudo de Soares (1980), pois ela afirma ter encontrado em Brasília um *tu* que não chega a ser bruto, mas que tende a ser usado em situações em que o falante deseja expressar um grau máximo de intimidade com seu interlocutor ou desrespeito.

O *tipo de relacionamento* que mais favoreceu o uso de *tu* foi o de amigo íntimo ou familiar, similar ao que ocorreu nos resultados encontrados por Lucca (2005).

A autora acredita que, em alguns casos, o *tu* faz parte das estratégias linguísticas usadas pelo falante para o estabelecimento de sua identidade, principalmente quando quer enfatizar o quanto se afasta dos padrões mais comuns da comunidade em que está inserido. Como exemplo desse tipo de estratégia a autora reproduz a fala de uma informante (JB, 27, sexo feminino, psicóloga e professora de dança) que ensina a dois homens uma maneira de se beber cachaça, bebida que recentemente tem adquirido um *status* mais sofisticado que o que tinha há alguns anos, mas que ainda é comumente associada ao sexo masculino:

*JB Isso aí é um caju-amigo versão C.*

*H Já é um caju-amigo de paulista.*

*JB É, de paulista. O caju-amigo do brasiliense é um copo de cachaça e um copo de caju concentrado. Aí TU toma um, toma o outro...*

*H Não gostei do caju-amigo, cara. (DIAS, 2007, p.103)*

Dias (2007) ressalta que assim como o conteúdo de sua fala, o uso do pronome *tu* pela falante ajuda a identificá-la como uma pessoa que tem hábitos e participa de atividades que não são comuns a outros integrantes da sua comunidade, que, de outras maneiras, poderiam ser muito semelhantes a ela: mulheres brasilienses que moram no Plano Piloto e têm 20 e poucos anos. Isso significa que o estilo de vida do falante, entre alternativo e conservador, é também um fator importante, as pessoas com estilo alternativo usam mais *tu* que as conservadoras.

Em suma, os resultados da autora apontam tanto para uma mudança em curso: os usos do pronome *tu* estão se expandindo; quanto para um caso de gradação etária: a frequência de uso de *tu* diminui à medida que o falante se estabelece profissionalmente.

### 1.1.2.3 Pesquisas realizadas no Sudeste do País

Na região sudeste há muitos estudos sincrônicos e diacrônicos referentes aos pronomes de segunda pessoa, a maior parte deles está concentrada no Rio de Janeiro como resultado do grupo de pesquisas *Para uma História do Português do Brasil - RJ* da UFRJ, atualmente coordenado por Dinah Callou.

Dos estudos sincrônicos no Rio de Janeiro podemos destacar os artigos de Lopes et al. (2009) que investigou a alternância *tu ou você na cena urbana carioca*, Paredes Silva (2003) que descreveu *o retorno do pronome tu à fala carioca*, Paredes Silva (1998) que tratou da *variação e funcionalidade no uso de pronomes de segunda pessoa do singular no português carioca* e Silva (1974) que escreveu o artigo *Perspective sociolinguistique de la forme 'você' a Rio de Janeiro*.

Em Minas Gerais temos Mota (2008) com sua dissertação de mestrado sobre *a variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)*, a tese de Peres (2006) que trata do *o uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte – um estudo em tempo aparente e em tempo real* e a dissertação de Herênio (2006) sobre *o tu e o você em uma perspectiva intra-linguística* que descreve a alternância desses pronomes nas cidades de Uberlândia (MG) e Imperatriz (MA).

Em São Paulo podemos destacar o estudo de Azevedo (1981) que escreveu sobre *o emprego de você no português brasileiro atual* e a dissertação de Modesto (2006) que trata da alternância *tu/você na cidade de Santos (SP)*.

Para fins de síntese, descreveremos apenas um estudo de cada estado, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, de Mota (2008), Modesto (2006) e Lopes et al. (2009), respectivamente.

Mota (2008) tratou da variação pronominal *tu* e *você* no português oral do Norte de Minas, especificamente na cidade de São João da Ponte, tomando como base a Teoria da Variação e Mudança com o objetivo de identificar se há tendência de mudança na comunidade pesquisada e qual a razão sócio-histórica de manutenção de tratamento com o pronome *tu*.

A amostra é composta de entrevistas sociolinguísticas labovianas e testes de produção linguística. Foram feitas 24 entrevistas com informantes com nível de escolaridade até o Ensino Fundamental, de ambos os sexos, agrupados em quatro faixas etárias (7-14; 15-25; 26-49

e; 50 acima). O processamento de dados se deu pelo programa computacional GoldVarb 2001.

Os objetos desse estudo foram as ‘Formas pronominais de tratamento ao interlocutor’. A variável dependente controlada foi a forma pronominal *tu* versus a forma pronominal *você*. As variáveis linguísticas testadas no condicionamento da variação *tu/você*, foram os seguintes: a) a função sintática do sintagma nominal (SN), se sujeito ou não sujeito; b) o tempo verbal a que o pronome se refere, se passado ou não passado; c) o tipo de frase em que o pronome ocorre, se declarativa ou não declarativa. Entre o grupo de fatores extralinguísticos, foram analisados: a) o grau de intimidade entre os falantes; b) a área geográfica de atuação profissional (urbana ou rural); c) o gênero/sexo do falante; d) a faixa etária; e) o tipo de discurso, se relatado ou não relatado; e f) o estatuto do interlocutor na interação (pai para filho, marido para mulher...).

Além desse método, usado tradicionalmente pela sociolinguística variacionista, a autora aplicou testes de produção, que consistia em sugerir uma palavra para que o informante faça uma pergunta para o outro e este responda e faça também uma pergunta, tendo em vista as palavras que foram propostas. Criou-se, dessa maneira, a seguinte situação: o entrevistador sugeria a palavra e um informante fazia a pergunta, conforme mostram os exemplos abaixo.

*E- Bicicleta, faça uma pergunta pra ele.*

*I1- Cê gosta muito de bicicleta?*

*I2- Gosto. Meu esporte favorito é ciclismo.*

*E- Faça uma pergunta pra ele.*

*I2- Que qui tu acha [daque] dessas bicicleta qui tu vê. (MOTA, 2008, p. 56)*

Foram 34 palavras sugeridas pela autora (escola, professor, profissão, vida etc.). Essas palavras foram selecionadas de modo a propiciar perguntas e respostas sobre temas mais formais ou menos formais. O objetivo da autora era que, abordando esses temas, os falantes usariam um estilo de fala menos planejado e, conseqüentemente, usariam mais a forma *tu*.

Das variáveis linguísticas testadas, mostrou-se estatisticamente relevante para explicar a seleção do pronome o fator função sintática da variante, ou seja, na função de sujeito o *tu* aparece em 4% das ocorrências (0,41 de peso relativo) e na função de objeto aparece em 48% das ocorrências (0,91 de peso relativo).

Das variáveis sociais, foram selecionadas como estatisticamente relevantes os fatores: grau de intimidade entre os falantes, o estatuto do interlocutor na interação e a faixa etária. A primeira variável social selecionada no trabalho foi o grau de intimidade entre os interlocutores, o que pôde confirmar a hipótese inicial da autora de que a variação *tu/você* no Norte de Minas, especificamente em São João da Ponte depende da alternância entre os estilos (formal ou informal) e o tipo de relação entre os interlocutores (maior intimidade/menor intimidade). Os resultados mostram que no grau de intimidade ‘íntimo’ o *tu* aparece em 26% das ocorrências (0,81 de peso relativo) e no grau de intimidade ‘não íntimo’ aparece em apenas 1% das ocorrências (0,32 de peso relativo).

O estatuto do locutor na interação foi outro fator que se mostrou relevante, pela comparação dos pesos relativos dos três estatutos, a autora demonstrou ser o locutor 1 o que menos favorece o uso do *tu*; os locutores 2 e 3 são aqueles que mais favorecem. A diferença de menor uso do locutor 1 em relação aos locutores 2 e 3 foi explicada pelo fato de estes ficarem mais à vontade durante a interação, por já ter sido quebrada a tensão da primeira menção ao interlocutor, tarefa desempenhada pelo locutor um. Para a autora, a seleção desse fator é mais uma confirmação de que a variação de uso das formas *tu* e *você* depende da alternância entre os estilos (formal ou informal) e o tipo de relação entre os interlocutores (maior intimidade/menor intimidade)

A faixa etária foi outro fator selecionado. De 7 a 14 anos a forma *tu* apareceu em 12% das ocorrências (0,30 de peso relativo), de 15 a 25 anos apareceu em 3% das ocorrências (0,72 de peso relativo), de 26 a 49 anos apareceu em 24% (0,19 de peso relativo) e de 50 anos acima a forma *tu* apareceu em 3% das ocorrências (0,14 de peso relativo) o que fez a autora concluir que o favorecimento exibido pela faixa etária de 15 a 25 anos poderia estar relacionado à construção de identidade desse grupo, para ela, esse uso é tomado como uma característica linguística que faria parte de um conjunto de estratégias linguísticas de diferenciação de fala, ou seja, os jovens sabem que esse uso é reservado, mas em situações que cabem o estilo informal, usam-no como característica linguística própria.

A distribuição de uso da forma *tu* por falante, na amostra, coincide com a idade, pois são aqueles que têm entre 7 e 25 anos que mais fazem uso da forma *tu*.

Foram levantadas, no *corpus* analisado, 509 ocorrências de formas pronominais, sendo 49 (10%) ocorrências de *tu* e 460 (89%) de *você*. Nesse total, a autora incluiu os pronomes pessoais sujeitos, os



pronomes pessoais objetivos e os pronomes possessivos. Das 49 ocorrências de *tu*, 19 foram como pronome sujeito, 27 foram como pronome objeto de verbo, 01 foi como objeto de preposição e 02 foram como pronome possessivo *tua*. Não foi encontrado no *corpus* o pronome possessivo *teu*. Entretanto o número maior de ocorrências se situa nas posições de sujeito e de objeto de verbo.

Em relação à forma *você* (sendo consideradas as formas *você*, *ocê* e *cê*), foram computadas 461 ocorrências, sendo que 392 foram como pronome sujeito, 11 foram como pronome objeto de verbo, 19 foram como pronome objeto com preposição e 38 foram como pronome possessivo.

A autora conclui que a forma *tu* é hoje uma marca do grupo de faixa etária de 15 a 25 anos e é também um fenômeno da zona rural. Ela justifica que chegou a essa conclusão comparando a São João da Ponte a municípios vizinhos que, diferentemente dos demais, ficou marginalizado do desenvolvimento industrial. O fato de SJP ter mantido o tratamento por *tu*, enquanto os municípios vizinhos, mais urbanizados e desenvolvidos o perderam, foi o que a permitiu concluir que essa variante linguística seria um vestígio de um modo de falar rural.

No entanto, parece haver uma pequena contradição nessa argumentação, pois mais abaixo a autora afirma que:

A nossa análise mostrou que o uso da forma ‘tu’ está presente em todas as faixas etárias, porém, é predominante na faixa dos jovens. O fato do ‘tu’ estar presente na fala dos informantes de meia-idade e idosos constitui uma evidência de que não se trata de uma inovação na comunidade. (MOTA, 2008, p 83)

Ou seja, se a forma *tu* aparece com mais frequência na fala dos jovens, isso não seria uma inovação linguística? Ou a indicação de uma volta às origens linguísticas a fim de marcar identidade? Talvez essas questões pudessem ser respondidas com testes de atitudes como a própria autora menciona ao final do seu trabalho.

Modesto (2006) pesquisou o uso das formas de tratamento *tu* e *você* em Santos, cidade do litoral do Estado de São Paulo, levando em consideração aspectos sociolinguísticos e pragmático-discursivos, que atuam na alternância destas formas, a partir de um estudo quantitativo, buscando os fatores relevantes para a primeira das duas abordagens

sugeridas, além de fazer algumas considerações acerca da segunda abordagem.

A metodologia utilizada foi a Sociolinguística Laboviana. O *corpus* analisado foi constituído de 20 inquéritos correspondentes a textos conversacionais realizados entre falantes santistas (10 gravações secretas e 10 não-secretas). Os informantes foram escolhidos de forma aleatória de acordo com dois fatores condicionantes de referência: a proximidade entre os interlocutores (máxima informalidade possível) e a escolaridade (Ensino Médio e Ensino Superior)

O autor controlou fatores discursivos (referenciação, expressividade e monitoramento), fatores sociais (gênero, faixa etária e escolaridade dos informantes) e apenas um fator linguístico (função sintática da forma de tratamento), para explicar o fenômeno. A análise dos dados foi feita a partir de uma perspectiva funcionalista, já que se levou em conta toda a situação comunicativa, o propósito do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo.

Na tabela a seguir podemos visualizar um panorama geral acerca do uso das formas de tratamento em Santos. Para tal cômputo o autor utilizou a contagem automática de palavras oferecida pelo programa MS – Word XP da Microsoft.

Vocábulos	Quantidade	Frequência
Léxico geral	50.347	98,62%
<i>Você</i>	476	0,93%
<i>Tu</i>	232	0,45%
Total	52.055	

**Tabela 11:** Quantificação geral dos pronomes de tratamento no universo vocabular do *corpus* em análise

**Fonte:** Modesto (2006, p. 92)

O autor concluiu, a partir dos seus resultados, que os falantes santistas tendem a usar a forma *tu* em situações informais, mas esse pronome não chega a superar estatisticamente a forma *você*, já que esta forma superou a forma *tu* em termos de frequência bruta, 0,93% de usos de *você* e 0,45% de usos de *tu* que é sempre realizado sem concordância verbal.

Dentre os fatores selecionados, foram destacados como estatisticamente relevantes o *monitoramento*, a *expressividade*, a *função sintática*, a *referenciação* e a *escolaridade*. Sendo assim, os contextos favoráveis ao uso de *tu* em Santos são os de [- monitoramento], [+

expressividade], [+ envolvimento], [- escolaridade] e [+ função objetiva]. Além disso, o autor verificou que a forma objetiva *te* é a opção mais produtiva no falar da região, atuando em diversos contextos e muitas vezes intercambiando-se com *tu* e *você* num mesmo ato de fala.

O monitoramento na fala foi considerado o fator mais relevante pelo programa GoldVarb na pesquisa de Modesto (2006), indicando que os contextos conversacionais que envolvam um menor monitoramento entre os falantes favorecem o aparecimento da forma de tratamento [+ solidária] e [+ expressiva] *tu* ao mesmo tempo que desfavorecem o uso da forma *você*.

Quanto a faixa etária o autor verificou que os mais jovens usam a forma *tu* com mais frequência 52%, enquanto os mais velhos usam a forma *tu* em 42% das vezes.

É importante ressaltar que esses resultados referentes ao controle dos fatores sociais vão ao encontro dos demais estudos relatados até aqui, Loregian-Penkall (2004), Soares (1999), Ramos (1989), Lucca (2005), Dias (2007) e Mota (2008), embora tenham sido realizados em regiões diferentes. Além disso, em estudo realizado anteriormente, Modesto (2004), analisou julgamentos de valor sobre a forma *tu* numa comunidade escolar (Ensino Fundamental) da cidade de São Vicente, vizinha de Santos e chegou aos seguintes resultados.

<i>TU</i>	<i>VOCE</i>
Íntimo	Distante
Amigos e irmãos	Estranhos/superiores
“malandro”	Bonito
Rude	Educado
+ informal	+ formal
Coloquial/incorreto	+ correto

**Tabela 12:** Diferenças semântico-pragmáticas entre *você* e *tu*

**Fonte:** Modesto (2004 apud MODESTO, 2006, p. 115)

Como podemos visualizar na tabela acima, os resultados coincidem em grande parte com os resultados de Ramos (1989).

Lopes et al. (2009) analisa a coexistência de *você* e *tu* em espaços urbanos da cidade do Rio de Janeiro a partir de uma amostra constituída com o propósito de levantar as formas interlocutivas utilizadas no tratamento interpessoal por pessoas aleatórias, inseridas formal ou informalmente no mercado de trabalho. As 20 gravações foram feitas no centro da cidade onde circulam diariamente pessoas com perfis sociais

distintos, oriundas de todas as áreas do município. As pessoas que foram abordadas para a entrevista eram ambulantes, vendedores e gerentes, pois, de acordo com os autores, são profissões que atendem a um público variado de pessoas de diferentes estratos sociais, o que favoreceria, pela própria natureza do contato interativo, o emprego de uma forma interlocutiva menos marcada e neutra (*você*). Houve também o controle de faixa etária (jovens, adultos e idosos) e de gênero.

Na abordagem aos informantes, os inquiridores evitavam o uso de formas de tratamento para não influenciar na resposta e formulavam perguntas como: *Como eu faço para chegar na Rua do Acre?* Os resultados gerais podem ser visualizados na tabela<sup>23</sup> a seguir.

Faixa etária	Gênero feminino			Gênero masculino		
	Gerente	Vendedor	Ambulante	Gerente	Vendedor	Ambulante
<b>Jovem</b>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você/tu</i>
<b>Adulto</b>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você/tu</i>	<i>Você/tu</i>	<i>Você</i>	<i>Você/tu</i>
<b>Idoso</b>	-	<i>Você</i>	<i>Você/tu</i>	-	<i>Você</i>	<i>Você</i>

**Tabela 13:** Panorama geral do uso de *você* e *tu* na amostra de gravações no centro do RJ

**Fonte:** Lopes et al (2009, p.19 – com adaptações)

De acordo com os autores, as escolhas linguísticas dos entrevistados evidenciam, em linhas gerais, a) generalização de *você* entre gerentes e vendedores, independente do gênero, mantendo-se como forma canônica da urbe carioca [-marcado]; b) mulher gerente utilizando *você* e *tu*; c) predomínio da variação *você* e *tu* entre vendedores ambulantes com algumas restrições: homens jovens empregando apenas *tu*; mulheres idosas somente *você*; adultos, independentemente do gênero, empregam ora *tu* ora *você* (LOPES et al, 2009, p.19).

Os resultados revelam maior emprego de *você*, como forma não-marcada, entre as mulheres e uso produtivo de *tu* entre os jovens do gênero masculino. O uso de *tu* tem se mostrado produtivo no Rio de Janeiro do século XXI, principalmente, em atos diretivos de maior proximidade, quando se quer marcar intimidade e identidade social.

<sup>23</sup> Indica-se *Você* na tabela quando o informante utilizou-se, durante a gravação somente tal pronome, do mesmo modo que aparece *Tu* quando o uso foi exclusivo dessa forma de tratar. Quando o falante empregou as duas formas, indica-se na tabela *Você/Tu* (LOPES et al, 2009, p.19).

É importante ressaltar que, de acordo com os autores, essa análise qualitativa mostrou que o informante, quando interpelado, se protege com o *você* não-marcado, porque esta forma linguística é considerada de valor sócio-indexical neutro na fala urbana carioca. Porém, assim que o distanciamento inicial da interação diminui e o diálogo se torna mais cooperativo, é possível que o carioca passe a usar a forma *tu* indicando maior proximidade e intimidade.

Em resumo, essa pesquisa sugere que o falante carioca constrói, na cena enunciativa, suas múltiplas identidades, podendo empregar *tu* ou *você* a depender de distintas funções discursivo-pragmáticas.

#### 1.1.2.4 Pesquisas realizadas no nordeste do País

Os pronomes de segunda pessoa têm se mostrado um objeto de estudo recorrente no nordeste do país, dentre eles podemos destacar, no Maranhão, Alves (2010) com sua pesquisa sobre *o uso do tu e do você no português falado no Maranhão*; na Bahia, Oliveira (2005) que investigou *o tu e você no português afro-brasileiro* e Amor Divino (2005) que investigou *as formas de tratamento no recôncavo baiano – um estudo da realidade linguística em Santo Antônio de Jesus*; na Paraíba, Souza (2008) escreveu sua tese sobre *os (des)caminhos do você – uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você*; e, no Ceará, destaca-se o estudo de Elias (1980) sobre *as formas de tratamento nas interações comunicativas – uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*, uma dissertação de Mestrado em Letras, realizado no Rio de Janeiro.

Descreveremos aqui apenas o estudo de Alves (2010) por se tratar de uma pesquisa de natureza geo-sociolinguística que alia dois enfoques teóricos da variação regional: a dialetologia e a sociolinguística.

Alves (2010) teve como objetivo fazer uma “fotografia sociolinguística” do português falado no Maranhão no que concerne ao uso do *tu* e do *você*. A partir das perspectivas da dialetologia e da sociolinguística, a pesquisa verificou a relevância de variáveis sociais – *naturalidade, faixa etária e escolaridade* – e das variáveis linguísticas – *concordância, tipo de referência e tipo de relato*. O corpus da pesquisa foi constituído a partir do banco de dados do Atlas Linguístico do

Maranhão – ALIMA<sup>24</sup> e é resultado da aplicação de 28 entrevistas realizadas com informantes de ambos os sexos, agrupados em duas faixas etárias (19 a 30 anos e 50 a 65 anos), nos municípios de São Luis, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Alto Parnaíba e Balsas.

Com vistas a delinear a realidade dialetal do Maranhão, a autora representou seus resultados em cartas linguísticas, seguindo um modelo geolinguístico, o que permitiu uma identificação bastante perceptível da distribuição da variação *tu* e *você* no espaço geográfico.

Mediante a análise dos dados, a autora constatou que, estatisticamente, o *você* se mostrou a forma mais frequente no falar maranhense com 61,6% das ocorrências.

Dos fatores controlados, verificou-se que a alternância *tu/você* é condicionada pela idade do falante e pela localidade à qual ele pertence, pois de uma forma geral, os falantes mais jovens empregam com maior frequência a forma *tu* enquanto os mais velhos utilizam a forma *você*. A variação diagenérica e a variação diassexual não foram selecionadas como relevantes, embora muitos estudos dialetológicos e sociolinguísticos tenham mostrado a relevância desses fatores na seleção de uma forma ou de outra.

Quanto à localidade do falante, a autora esperava que os falantes da zona urbana, a capital do Estado, apresentassem uma preferência pelo uso do *você*, enquanto os falantes da zona rural, os municípios mais distantes da capital, favorecessem o uso do *tu*. Essa hipótese foi confirmada em parte, pois enquanto os falantes de São Luis desfavorecem a ocorrência do *tu*, os falantes de Pinheiro, Bacabal e Balsas demonstraram preferência por essa forma. Por outro lado, em Tuntum e Alto do Parnaíba não acontece o mesmo, pois os falantes tutuenses desfavorecem o uso do *tu* e os falantes de Alto Parnaíba apresentaram frequência muito menor desse pronome se comparada à média geral observada nas outras localidades.

A variação diastrática atua positivamente no sentido de os mais escolarizados tenderem ao uso do *tu* flexionado com verbo na segunda pessoa, o que, de acordo com a autora, mostra que quanto maior for o contato do falante com a escola maior a tendência pelo uso da forma padrão.

---

<sup>24</sup> O *corpus* do ALIMA é constituído por materiais resultantes da recolha de dados realizada em uma rede de pontos composta por 18 municípios, que foram selecionados tendo em vista sua distribuição geográfica, densidade populacional, processo de povoamento e desenvolvimento sócio-político-econômico (ALVES, 2010, p. 58).

Outro fator que se mostrou relevante foi o *tipo de relato*, que apontou os discursos relatados como os mais favoráveis ao uso da forma considerada não-padrão *tu*. A autora ressalta ainda que a não-concordância verbal com o *tu* é expressiva em termos de frequência, o que indicaria que o Maranhão não apresenta, com tanta regularidade, o uso de *tu* seguido pela concordância canônica. A autora também observou que, em falas que apresentam concordância verbal variável, o *tu* com a concordância tende a ser favorecido quando aparece no discurso do próprio informante.

#### 1.1.2.5 Pesquisas realizadas no norte do País

Na região norte do país, encontramos apenas uma dissertação de mestrado que trata da *alternância tu/você/senhor no município de Tefé*, no Estado do Amazonas, escrita por Martins (2010), aluno do Programa de Pós-graduação em Linguística da UNB.

Martins (2010) estudou a alternância *tu/você/senhor* na cidade de Tefé – AM, tomando por base a Teoria da Variação e Mudança e o conceito de *footing*, da Sociolinguística Interacional, para a análise do pronome *você*.

Para tal pesquisa o autor utilizou dados obtidos através de entrevistas labovianas. Das 19 entrevistas que compõe o *corpus*, algumas possuem mais de um informante e 4 foram feitas sem o conhecimento prévio do informante<sup>25</sup>, sendo assim, o *corpus* é composto por 30 informantes divididos em 15 homens e 15 mulheres que pertencem a 3 faixas etárias diferentes (7 a 10 anos, 20 a 35 anos e mais de 50 anos) e possuem 2 níveis de escolaridade (fundamental e superior).

A partir dessa coleta de dados, o autor encontrou 1.213 ocorrências de *tu*, *você*, *senhor*, *cê* e a forma pronominal *zero* (347 dados que não fizeram parte das rodadas estatísticas). 865 ocorrências foram analisadas com o suporte da ferramenta estatística Varbrul.

Os fatores sociais controlados foram: 1) *grau de intimidade com o interlocutor*; 2) *faixa etária*; 3) *tipo de gravação*; 4) *escolaridade*; 5) *tipo de relação entre os interlocutores* e 6) *gênero do falante*. Os fatores

---

<sup>25</sup> Em todos os casos os informantes foram posteriormente avisados do propósito da gravação e do direito de se recusarem a participar do estudo.

linguísticos controlados foram: 7) *paralelismo*; 8) *tipo de referência* e 9) *tipo de discurso*.

Com os resultados encontrados, Martins (2010) observou semelhanças entre o *tu* falado em Tefé – AM e o *tu* falando nas cidades do Rio Grande do Sul estudadas por Loregian-Penkal (2004), dentre elas o autor destaca:

- a) baixa concordância com a forma verbal (3,7%);
- b) o uso predominante de *tu* (64,5%);
- c) as mulheres usam mais o *tu* que os homens (70,6% VS. 59,3%);
- d) o pronome *tu* não está sendo substituído pelo *você* (há 98,3% na faixa etária de 7 a 10 anos). (MARTINS, 2010, p.88)

O autor também encontrou semelhanças entre o *tu* dos tefeenses e aqueles encontrados por Ramos (1989) em Florianópolis – SC, Soares (1980) em Fortaleza – CE e Dias (2007) em Brasília – DF, pois como em todos esses estudos o *tu* de Tefé também apresenta um traço *mais íntimo e familiar*, embora mais nativo. O autor ressalta que de todos os percentuais nos grupos de fatores, o único em que o *tu* foi superado pelo *você* foi entre os interlocutores cujo grau de intimidade era *não-íntimo*.

Martins (2010) constatou que na faixa etária mais baixa, apesar dos seus poucos dados de interlocução entre pais e filhos, há índices claros de aumento do *tu* dos filhos para com os pais.

Nessa pesquisa, as *referências genéricas* favorecem o uso do *você* enquanto as *referências específicas* favorecem o uso do *tu*. Além disso, o *você*, em Tefé, apresenta um traço *mais formal e menos íntimo* e tem também uma função de contato que, com o conhecimento maior entre os interlocutores, é substituído pelo *tu* ou então pelo *senhor*. O autor ressalta que esses traços do *você* são os mesmos encontrados por Lopes et al. (2009).

As diferenças encontradas se referem, por exemplo, aos percentuais de uso de *tu* e *você*, pois, de acordo com o autor, “nos sistemas pronominais onde o *tu* é dominante, Tefé apresenta o mais alto índice de uso de *você*” (p. 89). Outra diferença encontrada por Martins (2010) foi a não influência do fator *escolaridade* na alternância dos pronomes, embora os níveis de escolaridade controlados tenham sido bem polarizados (nível fundamental e superior).



O autor observou ainda que o pronome *senhor/senhora* é muito produtivo na fala cotidiana de Tefé (7%) e é encontrado também nas formas mais gramaticalizadas *sô* e *sora*, aparecendo, inclusive, sem artigo, o que indicaria uma etapa mais avançada no processo de gramaticalização. Todavia, é um pronome mais formal que revela respeito, embora não necessariamente seja um pronome não-íntimo, já que é usado no tratamento dos filhos com os pais sem que isso elimine a intimidade entre eles.

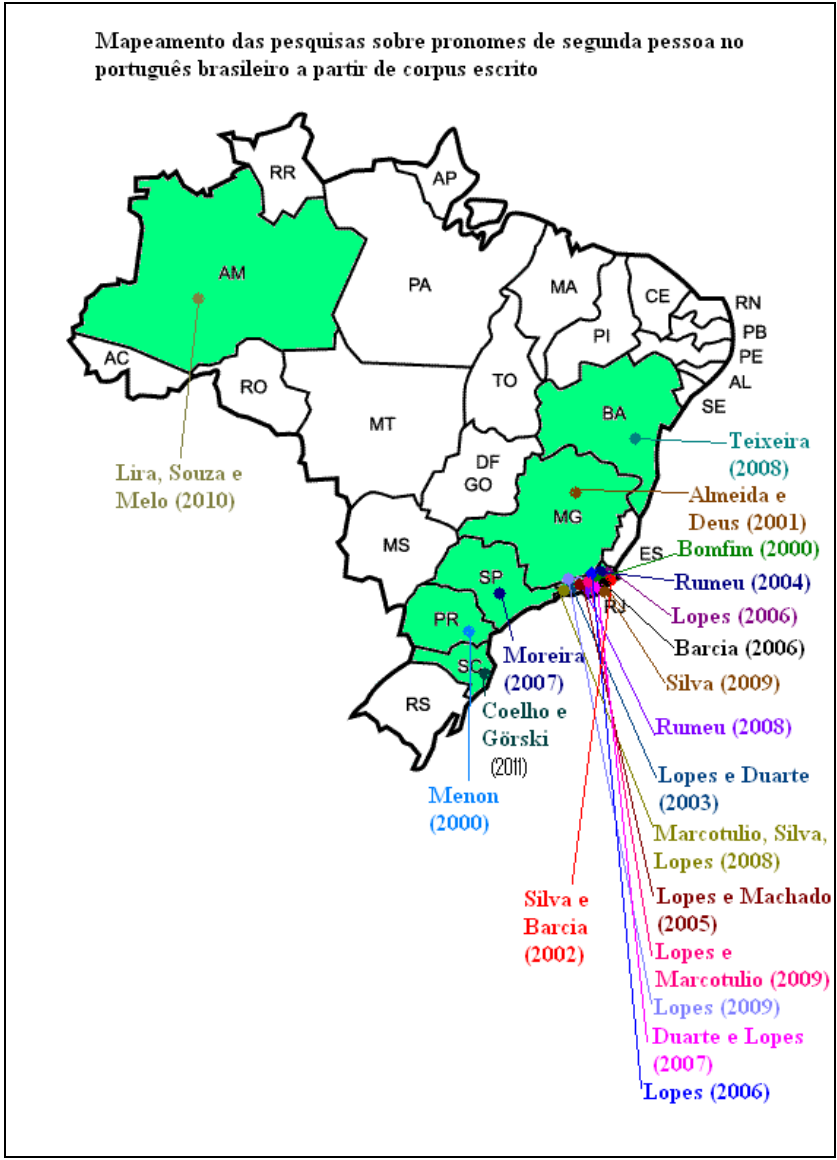
A forma *zero*, encontrada pelo autor, corresponde a 28,6% dos dados da pesquisa.

Por fim, o autor afirma que a existência da alternância *tu/você/senhor* em Tefé não se dá apenas no âmbito da comunidade, mas também no âmbito do indivíduo, pois dos 30 informantes, 14 utilizaram as três formas pronominais.

### **1.1.3 Os estudos sociolinguísticos: amostras de língua escrita**

Descreveremos aqui algumas pesquisas realizadas no país que tiveram como objetivo investigar, sob uma perspectiva sócio-histórica, o uso das formas de tratamento de segunda pessoa do discurso em documentos escritos brasileiros.

Podemos visualizar no mapa a seguir a localização das pesquisas realizadas a partir de *corpora* escritos em todo o País.



**Mapa 10:** Distribuição dos estudos sobre pronomes de segunda pessoa baseados em *corpora* escritos

As áreas coloridas de verde indicam os estados que abrigaram os pesquisadores de pronomes de segunda pessoa a partir de *corpora*

escritos do português brasileiro, isso não significa que as amostras utilizadas sejam desse mesmo Estado, pois há casos em que o pesquisador está no Rio de Janeiro e usa textos escritos do Rio Grande do Sul, como é o caso de Silva (2009) que utiliza um *corpus* constituído por cartas oitocentistas de circulação pública e privada, escritas em Taquarém, região fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Por outro lado há pesquisadores que não delimitam com exatidão o território dos textos a serem utilizados, como é o caso de Almeida e Deus (2001) que investigam, sob uma perspectiva sócio-histórica, o uso das formas de tratamento em cartas escritas no Brasil nos séculos XIX e XX, ou seja, essas cartas fazem parte do *corpus* editado e organizado por Carneiro (2005), do qual constam 500 cartas escritas entre os anos de 1809 a 1904 por brasileiros cultos e semi-cultos de várias províncias. Sendo assim, optamos por não apontar no mapa a origem do *corpus* utilizado.

As linhas retas indicam os nomes dos autores e ano em que a pesquisa (tese, dissertação ou artigo) foi defendida ou publicada.

### 1.1.3.1 Pesquisas realizadas no Sul do País

Na região sul, encontramos quatro trabalhos com *corpora* escritos, o primeiro deles, de Menon (2000), analisa a concordância verbal variável com os pronomes de segunda pessoa no romance *As vinhas da ira*<sup>26</sup>, cuja primeira tradução, de acordo com a autora, reflete o linguajar riograndense da primeira metade do século XX. A partir desse *corpus*, ela controlou a concordância verbal com as formas *tu*, *você*, *o senhor* e *nós* e chegou a resultados importantes a respeito dos pronomes de segunda pessoa, como observamos na tabela a seguir.

Pronome	Frequência		Peso relativo
	Número	%	
<i>Tu</i>	477/1295	37	0,29
<i>Você</i>	216/245	88	0,95
<i>O senhor</i>	125/142	88	0,96
TOTAL	818/1682	49	

**Tabela 14:** Efeito do pronome sobre a concordância verbal (MENON, 2000, p. 153)

<sup>26</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. Trad. Ernesto Vinhaes e Herbert Caro. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940.

De acordo com a autora, o dialeto gaúcho, retratado na tradução do romance na edição considerada, já na primeira metade do século XX apontava a tendência de uso do pronome *tu* como forma de tratamento íntimo, que tendia a desfavorecer a concordância verbal padrão, com peso relativo de 0,29, enquanto o *você* favorecia a concordância verbal padrão em 0,95. A autora relaciona os casos de não-concordância com *você* e com *o senhor*, de um modo geral, aos verbos no modo imperativo, que tendem a ocorrer na forma comumente associada ao *tu*.

É importante destacar que, de todas as referências de segunda pessoa na obra, 77% das ocorrências são com o pronome *tu* (1295 de um total de 1682), o que indica o favorecimento do *tu* sobre as outras formas de tratamento na fala gaúcha.

Outro achado importante da autora, no romance, é a gradação nos usos do pronome, no sentido de que *o senhor* seria o tratamento [+ formal / - íntimo] enquanto o *você* seria a forma [- formal / - íntima] e o *tu* usado para tratamento [- formal / + íntimo]. De acordo com Menon (2000), o pronome lexical *tu* se mantém forte, a par da entrada do *você* na fala gaúcha para marcar a identidade e os valores regionais da população riograndense, embora já venha perdendo a morfologia verbal de segunda pessoa, na língua escrita, desde a segunda metade do século XX. Isso reforça a hipótese da autora de que a variação *tu/você* se dá no nível lexical, concomitantemente com uma mesma forma verbal, não marcada.

A dissertação de Silva (2009), intitulada *Entre correspondências e interferências – o tratamento na região fronteira Uruguai-Brasil no século XIX*, dedica-se ao estudo das formas nominais e verbo pronominais de tratamento identificadas em um *corpus* constituído por cartas<sup>27</sup> oitocentistas de circulação pública e privada escritas em Taquarembó, região fronteira entre o Brasil e o Uruguai que se caracteriza pelo contato linguístico entre o português e o espanhol. Para tal intento, a autora analisou o emprego de distintas estratégias de tratamento descrevendo e explicitando seus usos conforme a situação comunicativa estabelecida.

Para a análise dos dados, a autora partiu dos pressupostos teóricos de *Poder e Solidariedade* de Brown e Gilman (1960) e da Teoria da Polidez de Brown e Levinson, (1978, 1987) descrevendo quantitativa

---

<sup>27</sup> São 31 cartas trocadas entre diferentes destinatários: políticos, militares, juízes e habitantes da região.

(numa perspectiva sociolinguística) e qualitativamente o comportamento do uso das formas verbo pronominais e nominais na amostra. Esses dados são analisados a partir de uma perspectiva pragmática, buscando explicar os empregos das formas de tratamento tendo em vista as relações sociais estabelecidas entre os remetentes e destinatários das cartas hispânicas.

Em suma, os resultados da autora mostram que as estratégias nominais de tratamento mais produtivas, nos dois tipos de cartas (públicas e privadas), foram *Vuestra Excelência/Vossa Excelência e Vuestra Señoria/Vossa Senhoria*. A forma *Vuestra Excelencia* foi mais frequente na amostra espanhola, enquanto na amostra portuguesa *Vossa Senhoria* foi a mais recorrente. Na amostra espanhola, a autora verificou maior diversidade de uso das estratégias – *Tú, Vos e Usted*, porém, tais formas não foram as mais produtivas da amostra hispânica, mas apresentaram-se mais diversificadas do que as estratégias nominais.

Com relação às cartas escritas em português, a autora observou que a forma *Vossa Mercê* assumiu um papel semelhante ao desempenhado por *Usted* nas cartas hispânicas, pois funcionou como uma estratégia de polidez mitigadora de ato de ameaça à face do interlocutor. Entretanto, Silva (2009) ressalta que tal forma de tratamento também foi empregada para marcar distanciamento interpessoal entre os interlocutores em contextos mais formais. Em termos gerais, foi possível estabelecer uma correlação entre as formas *Usted* e *Vossa Mercê*, já que ambas as estratégias de tratamento desempenharam o papel de estratégias mitigadoras e/ou atenuadoras de possíveis ameaças pragmáticas no *corpus* analisado.

Embora o foco da nossa pesquisa esteja na análise sincrônica dos dados, é importante trazermos à baila alguns estudos diacrônicos sobre o mesmo fenômeno para que possamos embasar algumas das hipóteses que serão apresentadas a seguir.

Coelho e Görski (2011) analisam a variação pronominal de segunda pessoa (*tu* e *você*) a partir de dados sincrônicos e diacrônicos do português do sul do Brasil, especialmente da variedade usada em Santa Catarina<sup>28</sup>, dos séculos XIX e XX, com o objetivo de

---

<sup>28</sup> Os dados sincrônicos utilizados foram resultados de estudos variacionistas de Ramos (1989), Loregian-Penkall (2004) e Arduin (2005) e os dados diacrônicos foram retirados de 7 peças de teatro de autores catarinenses, preferencialmente das regiões litorâneas, nascidos nos séculos XIX e XX. *Raimundo (1868) de Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865); Um cacho de mortes (1881), de Horácio Nunes (1855- 1919); Brinquedos de Cupido*

compreender a natureza e a extensão do encaixamento dos dois pronomes *tu* e *você* no sistema linguístico dessa comunidade, a partir do princípio empírico de encaixamento linguístico proposto por Weinreich, Labov e Herzog (WLH, 1968).

Os resultados das autoras atestam o uso variável dos pronomes *tu* e *você* na região de Santa Catarina e apontam para um uso quase categórico do *você* no século XX, o que, para elas, reafirma os resultados encontrados no sudeste por Duarte (1995). A seguir podemos visualizar a tabela com os resultados gerais de *tu* e *você* nas peças estudadas.

Formas de tratamento segundo a variável autor/ano de nascimento	TU		VOCÊ	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Álvaro A. de Carvalho (1829-1865)	35/42	83%	07/42	17%
Antero dos Reis Dutra (1835-1911)	48/53	91%	05/53	09%
Horácio Nunes (1855- 1919)	17/17	100%	0/17	0%
Ody Fraga (1927-1987)	03/04	75%	01/04	25%
Ademir Rosa (1949-1997)	14/136	10%	122/136	90%
Antônio Cunha (1961-)	00/45	0%	45/45	100%
Fábio Bruggemann (1962-)	00/80	0%	80/80	100%
<b>Total</b>	<b>117/377</b>	<b>31%</b>	<b>260/377 = 69%</b>	

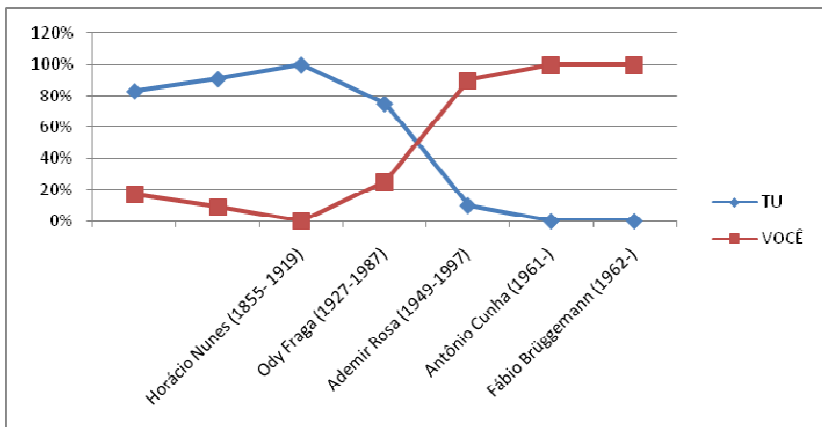
**Tabela 15:** Percentual de uso das formas de tratamento *tu* e *você* em peças de teatro de autores catarinenses

**Fonte:** Coelho e Görski (2011)

Os resultados da tabela 15 podem ser melhor visualizados no gráfico 2.

---

(1898) de **Antero Reis Dutra** (1855-1911); *Um homem sem paisagem* (1947) de **Ody Fraga** (1927-1987); *Os Lobos* (1980) de **Ademir Rosa** (1949-1997); *Flores de Inverno* (1992) de **Antonio Cunha** (1961-); *Sim, eu sei* (1992) de **Fábio Bruggemann** (1962-). Peças disponíveis no banco de dados VARSUL.



**Gráfico 2:** Formas de tratamento *tu* e *você* em peças de teatro de autores catarinenses

**Fonte:** Coelho e Görski (2011)

Observou-se que os autores nascidos no século XIX usam com bastante frequência a forma de tratamento *tu* enquanto os nascidos no século XX usam quase com exclusividade a forma *você*. Então, quando são agrupados os autores por diferentes séculos, pode-se observar o sistema pronominal de segunda pessoa mais usado em cada um dos séculos na escrita do *corpus* analisado. O resultado do cruzamento dessas variáveis pode ser verificado na tabela a seguir.

Formas de tratamento segundo a variável século	TU		VOCÊ	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Século XIX	100/112	89%	12/112	11%
Século XX	17/265	06%	248/265	94%
Total	117/377	31%	260/377	69%

**Tabela 16:** Frequência de uso das formas de tratamento, segundo a variável *século*

**Fonte:** Coelho e Görski (2011)

Controlaram-se também outras variáveis, como *possibilidades combinatórias dos pronomes tu e você, relações simétricas e assimétricas, preenchimento do sujeito e ordem do sujeito pronominal*, sempre considerando os diferentes séculos. A seguir podemos visualizar os resultados do cruzamento entre os pronomes e os possessivos e clíticos de segunda e terceira pessoas.

Cruzamento entre as variáveis formas de paralelismos formal e século	TU		VOCÊ	
	XIX	XX	XIX	XX
Sujeito pronominal com <i>teu</i> e <i>te</i>	<b>18/18</b> <b>100%</b>	01/02 50%	0/02 0%	<b>08/27</b> <b>30%</b>
Sujeito pronominal com <i>seu</i> , <i>se</i> e <i>lhe</i>	0/18 0%	01/02 50%	02/02 100%	<b>19/27</b> <b>70%</b>

**Tabela 17:** Frequência de uso dos clíticos e possessivos de segunda pessoa com o sujeito *tu* e *você*

**Fonte:** Coelho e Görski (2011)

Verificou-se que no século XIX não são constatadas as chamadas “misturas de tratamento”, já no século XX, apesar de a forma de tratamento *tu* ser muito pouco usada, principalmente no final do século, encontram-se vestígios do sistema de tuteamento nas formas possessivas e clíticas de segunda pessoa. Isso estaria refletido na variação de combinação entre os pronomes, pois ora o sujeito *você* vem acompanhado dos possessivos *seu(s)* e dos clíticos *se* e *lhe*, de terceira pessoa, que no processo de gramaticalização das formas passaram a se referir às segundas pessoas do discurso, ora vem acompanhado de *teu(s)* e de *te*.

Outro fator analisado pelas autoras foi o uso estilisticamente marcado dos pronomes ao longo dos séculos, a partir desse controle, foi possível observar que, nos textos escritos, o papel que exercem os interlocutores no discurso parece que se modifica juntamente com a forma pronominal. Os resultados do cruzamento entre a variável *relações entre os interlocutores* e a variável *século* podem ser observados na tabela a seguir.



Formas de tratamento segundo a variável relações entre os interlocutores	TU		VOCÊ	
	XIX	XX	XIX	XX
Relações assimétricas (de superior para inferior e de velho para jovem)	18/100 18%	10/17 58%	7/12 58%	75/248 30%
Relações simétricas (entre iguais)	<b>76/100</b> <b>76%</b>	3/17 18%	0/12 0%	<b>117/248</b> <b>47%</b>
Relações assimétricas (de inferior para superior e de jovem para velho)	6/100 6%	4/17 24%	5/12 42%	56/248 23%

**Tabela 18:** Cruzamento entre as variáveis *relações entre os interlocutores* e *século*

**Fonte:** Coelho e Görski (2011)

Nota-se que nas relações entre os interlocutores, no século XIX, usa-se, preferencialmente, o *tu* como tratamento entre as pessoas de uma mesma idade, de um mesmo sexo e de uma pessoa mais velha para uma pessoa mais jovens, e os pronomes *senhor/senhora/senhorita* como tratamento usado de uma pessoa mais jovem para uma pessoa mais velha (para um pai ou uma mãe) e também entre homem e mulher (mesmo que sejam de idades assemelhadas). Quanto ao pronome *você*, as autoras advertem que ele é preferido em relações assimétricas (de superior para inferior), com um uso estilisticamente marcado de superior para pessoas inferiores (de patrão para empregado, por exemplo) e também em forma de xingamento.

Nas peças do século XX, as autoras notam uma mudança nas relações de poder e de solidariedade, pois o tratamento com o pronome *tu* aos poucos deixa de ser usado e o tratamento com o *você* já aparece nas relações simétricas. Para as autoras, o que houve foi uma inversão de valores, ou seja, a forma *você* foi perdendo o uso não respeitoso adotado no século XIX e passou a ser usada para uso respeitoso, para uso entre familiares e com pessoas de uma mesma faixa etária (marido e mulher, por exemplo) ou de pessoas mais velhas para as mais jovens no final do século.

As autoras observaram também a influência da variável *preenchimento do sujeito* sobre os pronomes de segunda pessoa. Os resultados podem ser conferidos na tabela a seguir.

<b>Formas de tratamento segundo a variável preenchimento do sujeito</b>	<b>TU</b>		<b>VOCÊ</b>	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Sujeito nulo	106/196	<b>54%</b>	90/196	46%
Sujeito preenchido	11/181	06%	170/181	<b>94%</b>
Total	117/377	31%	260/377	69%

**Tabela 19:** Percentual de pronomes *tu* e *você* segundo a variável *preenchimento do sujeito*

**Fonte:** Coelho e Görski (2011)

Como as autoras ressaltam, “há uma predominância do sistema de *tuteamento* com sujeito nulo e uma predominância do sistema de *voceamento* com o pronome preenchido, o que atesta novamente trabalhos anteriores com amostras de outras regiões”. (DUARTE, 1995; COELHO e GÖRSKI, 2011, p. 283).

Ao cruzar esses resultados com a variável *século*, Coelho e Görski registraram os seguintes percentuais.

<b>Cruzamento entre preenchimento do sujeito e século</b>	<b>TU</b>		<b>VOCÊ</b>	
	<b>XIX</b>	<b>XX</b>	<b>XIX</b>	<b>XX</b>
Sujeito nulo	<b>91/100</b> <b>91%</b>	15/17 88%	8/12 66%	82/248 33%
Sujeito preenchido	9/100 9%	2/17 12%	4/12 34%	<b>166/248</b> <b>67%</b>

**Tabela 20:** Percentual de pronomes *tu* e *você*, segundo o cruzamento entre as variáveis *preenchimento do sujeito* e *século*

**Fonte:** Coelho e Görski (2011)

Diante desses resultados, as autoras mencionam que “enquanto no século XIX o sistema de *tuteamento* é majoritário e o sujeito pronominal é preferencialmente nulo, no século XX o sistema de *voceamento* predomina e o sujeito é preenchido” (COELHO e GÖRSKI, 2011, p. 283).

Em suma, Coelho e Görski afirmam que há dois subsistemas distintos em competição na variedade do português escrito por autores nascidos em Santa Catarina:

- (i) O de *tuteamento* (mais antigo), usado preferencialmente nas relações simétricas,

acompanhado de clíticos e possessivos na segunda pessoa, marcado com formas verbais exclusivas, com sujeito nulo e ordem do sujeito variável;

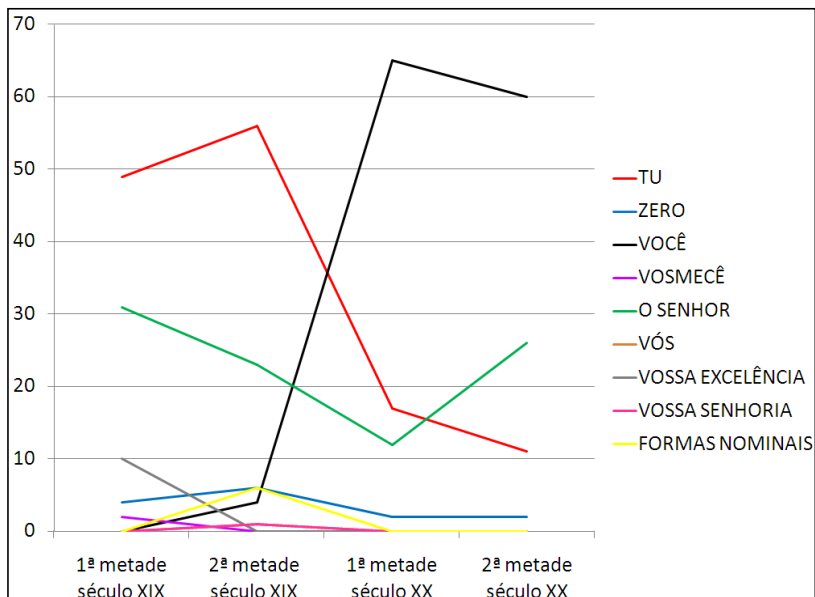
- (ii) O de voçamento (mais novo), usado preferencialmente nas relações simétricas, acompanhado de clíticos e possessivos na segunda e terceira pessoas, marcado com formas verbais neutras (ou de terceira pessoa), com sujeito pronominal preenchido e ordem SVO. (COELHO e GÖRSKI, 2011, p. 284)

Além disso, as autoras concluem que os resultados da amostra escrita indicam que o pronome *você* foi se implementando gradativamente e se expandiu a todas as situações de uso (familiares e não familiares), até ser usado categoricamente pelos autores do final do século XX, o que as permite supor que, na escrita, o *você* já alijou o *tu* do sistema, na tentativa de regularização do paradigma, como outros autores já previram. Ademais, elas sugerem que a implementação do *você* na escrita provocou um rearranjo no sistema linguístico no que se refere às novas possibilidades combinatórias de formas pronominais, ao preenchimento do sujeito (mais preenchido) e à ordem do sujeito (SVO enrijecida), o que poderia indicar evidências de co-presença de subsistemas em competição, no sentido de Anthony Kroch (1994; 2001).

As autoras também constatam que resultados sobre a implementação do pronome *você* no português de Santa Catarina, quando comparados aos resultados sobre a retenção do sujeito pronominal e a ordem do sujeito, evidenciam mudanças sintáticas correlacionadas no PB, formando o que WLH chamam de *cadeia de fenômenos de mudança* (COELHO e GÖRSKI, 2011). Elas reforçam que, em todos os casos ilustrados, a mudança na frequência de uso se dá numa mesma direção e de maneira ordenada, ou seja, é como se uma mudança criasse as condições linguísticas necessárias para que as outras se efetivassem.

Recentemente, Nunes de Souza (2011) investigou e mapeou os usos de diferentes formas de tratamento em uma amostra de 12 peças de teatro de autores florianopolitanos representativas dos séculos XIX e XX para, com base na teoria de Brown e Gilman (2003 [1960]), verificar como são constituídas as relações de poder e de solidariedade através de diferentes eventos sociais, correlacionados aos grupos de fatores elencados em sua pesquisa, nos diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX.

Como um panorama geral da amostra utilizada pela autora, é interessante verificarmos a distribuição das diferentes formas de tratamento através dos diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX. Essa distribuição pode ser verificada no gráfico a seguir.



**Gráfico 3:** Porcentagem de uso das formas de tratamento em períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX

**Fonte:** Nunes de Souza (2011, p. 117)

A partir desses resultados a autora chama a atenção para a ascensão no uso da forma *você*, que parte de zero e chega a 60% na segunda metade do século XX, passando por um pico de 65% na primeira metade do mesmo século e o declínio da forma *tu*, que parte de um índice de 49% na primeira metade do século XIX, atinge seu auge (56%) na segunda metade desse século e chega à frequência de 11% na segunda metade do século XX. Outro dado para o qual a autora chama a atenção é o tratamento *zero* que persiste em uso em todos os intervalos de tempo, sempre com porcentagens baixas, nunca ultrapassando o índice de 6%. Verifica-se também que a forma *o senhor* acompanha todo o período em análise, mas com taxas de uso intermediárias, entre 23 e 31%, mostrando um leve declínio na primeira metade do século XX, quando atinge 12%.

Quanto ao que autora chamou de *formas nominais*, observou-se que elas atingem seu maior índice de uso na segunda metade do século XIX, quando atingem 6%, e nos demais períodos de 50 anos os dados relacionados a essa variante não chegam a 1% de uso. A forma *vossa excelência* parte de 10% na primeira metade do século XIX e permanece com baixo uso nos demais períodos de 50 anos. Já a forma *vossa senhoria* atinge seu maior índice na segunda metade do século XIX (3%) e nos demais intervalos de tempo permanece com baixo uso. Com relação ao uso de *vosmecê*, a autora constata que essa variante parte de uma frequência de 2% na primeira metade do século XIX e chega a zero na segunda metade desse século, permanecendo com esse índice ao longo de todo o século XX.

Diante de tais resultados, Nunes de Souza observa que o sistema de tratamento do português florianopolitano tem seu paradigma reduzido no decorrer dos séculos XIX e XX, como pode ser visualizado na tabela a seguir.

1ª metade do século XIX	2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX
<i>Vosmecê</i>	<i>Vós</i>	Nominais	Zero
Nominais	Nominais	Zero	<i>O senhor</i>
Zero	Zero	<i>O senhor</i>	<i>Você</i>
<i>O senhor</i>	<i>O senhor</i>	<i>Você</i>	<i>Tu</i>
<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Tu</i>	
<i>Tu</i>	<i>Tu</i>		
<i>V. senhoria</i>	<i>V. senhoria</i>		
<i>V. excelência</i>			

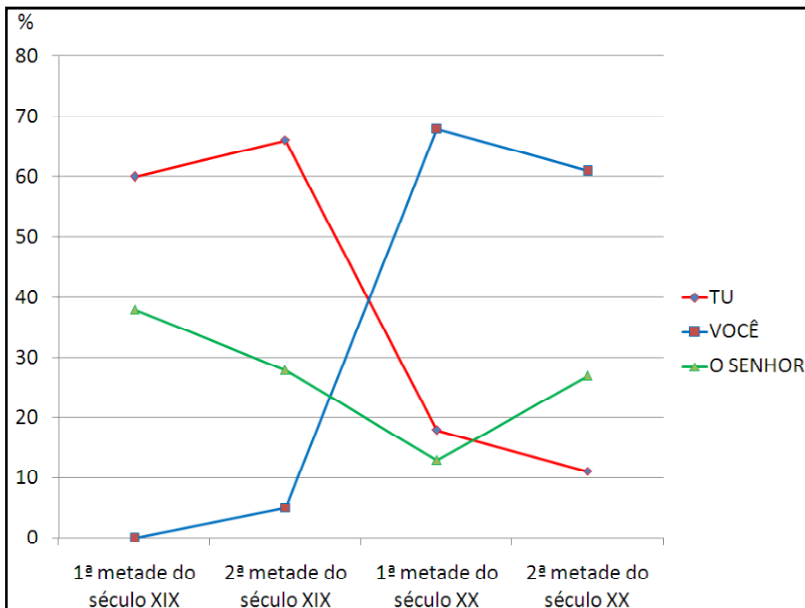
**Tabela 21:** Redução no paradigma das formas de tratamento no português de Florianópolis no decorrer dos séculos XIX e XX

**Fonte:** Nunes de Souza (2011, p.118 – com adaptações)

A partir desta tabela, a autora ressalta que, das 8 formas de tratamento que iniciam o século XIX, apenas 4 chegam ao final do século XX, o que indica um rearranjo no sistema de tratamento em que um número reduzido de formas dá conta de relações que antes contavam com formas de tratamento mais específicas.

No que diz respeito ao problema da transição, a autora chama a atenção para o momento em que a forma *você* aparece no sistema de tratamento do português de Florianópolis. Ela ressalta que “apesar de nos dados mais atuais a forma *você* figurar na esfera mais íntima, assim que ela entrou no sistema, seu lugar na distinção T-(N)-V não era muito

preciso, pois ela competia tanto com o tratamento *tu* quanto com o tratamento *o senhor*” (NUNES de SOUZA, 2011, p. 172). No gráfico a seguir, podemos verificar a trajetória das três formas de tratamento mais frequentes nas ocorrências analisadas pela autora.



**Gráfico 4:** Percentual de uso das formas de tratamento *tu*, *você* e *o senhor* ao longo dos 4 períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX

**Fonte:** Nunes de Souza (2011, p.172)

Na análise da autora, o gráfico acima indica um período de desequilíbrio no sistema exatamente na primeira metade do século XX, pois a entrada de *você* ocorre já com altos índices de uso, enquanto que tanto a forma *tu* quanto *o senhor* têm seu uso reduzido. “Uma análise possível seria a de que, com a forma *você* operando nos dois extremos da distinção T-(N)-V, o número de dados de *você* tende a ser maior do que o 173 número de dados de *tu* – que figura apenas na esfera T – e de *o senhor* – que somente figura na esfera V” (NUNES de SOUZA, 2011, p.172-173).

Por fim, podemos destacar a observação da autora de que a passagem do século XIX para o século XX é o momento em que a forma *você* “invade” o sistema de tratamento, variando com a forma *tu*,

na esfera T (solidariedade), e com a forma *o senhor*, na esfera V (poder).

Levando em consideração esses estudos diacrônicos preliminares, podemos visualizar o percurso histórico dos pronomes *tu/você/o senhor* no estado de Santa Catarina e as suas relações com o *preenchimento do sujeito*, com os *clíticos e possessivos*, com as situações de *simetria e assimetria* entre os interlocutores e com o *século* em que as peças de teatro foram escritas. Percebemos, no gráfico 4, que as formas *tu/você/o senhor* estão concorrendo no final do século XX, em algumas esferas sociais, nas peças de teatro de autores catarinenses analisadas por Nunes de Souza (2011). Esse resultado por si só já justifica o presente trabalho – a necessidade de se investigar na sincronia o que motiva a alternância das formas de interlocução de segunda pessoa *tu/você/o senhor*, em dados de fala de Santa Catarina.

Até aqui, relatamos estudos sobre o sistema pronominal de segunda pessoa que, de alguma forma, tratavam desse fenômeno linguístico na Região Sul, em especial na mesma localidade foco da nossa pesquisa – Florianópolis. Agora, passaremos a descrever alguns trabalhos realizados em outras Regiões do país.

Como não encontramos indícios de pesquisas sobre formas de tratamento de segunda pessoa do discurso, com *corpus* escrito, na região centro-oeste do país, passamos a relatar as pesquisas realizadas na região sudeste.

### 1.1.3.2 Pesquisas realizadas no sudeste do País

O sudeste tem se mostrado a região do país mais produtiva no que concerne a estudos diacrônicos, com *corpus* escrito, sobre formas de tratamento. Isso se deve, em grande parte, ao projeto<sup>29</sup> *Para uma*

---

<sup>29</sup> O projeto mencionado assume o pressuposto de que o caráter heterogêneo do português brasileiro contemporâneo se projeta diacronicamente, seus resultados, se tomados em conjunto com os de projetos similares, pretendem contribuir para a elaboração de uma sociolinguística brasileira na perspectiva histórica. O material, ora disponível *on-line*, constitui parte do acervo do Projeto PHPB-RJ (*Para uma História do Português Brasileiro*) desenvolvido por professores do Setor de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ e integrado ao Projeto Nacional *Para a História do Português Brasileiro*

*História do Português do Brasil – RJ*, organizado em 1998 na Faculdade de Letras da UFRJ, sob a atual coordenação da professora doutora Dinah Callou. Esse projeto soma-se a outras iniciativas de conhecer a realidade linguística do país, mais especificamente, a do Rio de Janeiro, e nasceu de uma conjuntura científica que congregou diversas visões e subprojetos.

Na página do projeto na internet<sup>30</sup> são apresentados textos representativos das normas sociais de fases históricas do português *no e do Brasil* – com um controle tipológico-textual mais rígido – favorecendo o avanço do debate teórico acerca da mudança linguística e das interpretações sobre a formação histórico-social do português brasileiro. De acordo com as informações disponibilizadas no site, deu-se prioridade a reunir um acervo de textos do século XIX que permitisse um confronto entre as variedades brasileira e portuguesa, uma vez que vários estudos levantaram a hipótese de que a maioria das mudanças ocorridas no português do Brasil se implementaram e consolidaram a partir do final do século XVIII.

As cartas a Rui Barbosa, escritas no período de 1866 a 1899, que constam do *Arquivo de Rui Barbosa - Inventário Analítico da Série Correspondência Geral Vol. 1 – Correspondentes usuais: pessoas físicas* (Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro), constituem preciosos documentos para o conhecimento da fase de constituição de uma norma brasileira e foram escritas por pessoas de renome na época. A identificação dos remetentes foi fornecida pela própria Casa de Rui Barbosa. A edição das cartas passou por várias etapas e esteve a cargo de professores/pesquisadores da UFRJ/CNPq e de bolsistas de Iniciação Científica, em diversos momentos (<http://www.letras.ufrj.br/socio-historia/>)<sup>31</sup>.

(<http://www.letras.ufrj.br/socio-historia/>. Acessado em 14 de junho de 2012).

<sup>30</sup> <http://www.letras.ufrj.br/socio-historia/>.

<sup>31</sup> A equipe carioca, que tem suas raízes no Projeto NURC-Rio, deixa disponível, desde já, na *internet*, seu *corpus diacrônico*: transcrições de impressos do século XIX e edições diplomático-interpretativas de manuscritos dos séculos XVIII e XIX. Essa ação pioneira contribui para que a comunidade acadêmica venha a trabalhar com dados mais seguros na reconstrução da história do português brasileiro, a modalidade linguística de mais de 160 milhões de pessoas. O material será ampliado no compasso veloz dos que, prazerosamente, perdem a noção do tempo vasculhando seu passado no silêncio dos arquivos e das bibliotecas (<http://www.letras.ufrj.br/socio-historia/>).



A partir desse projeto, e do banco de dados disponibilizado por ele, surgiram muitas pesquisas, dentre elas podemos destacar as dissertações de Rumeu (2008) com seu estudo sobre *a implementação do 'você' no português brasileiro oitocentista e novecentista – um estudo de painel* e Barcia (2006) com *as formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas – peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal*, ambos trabalhos orientados pela professora doutora Célia Regina dos Santos Lopes.

Os artigos publicados a partir desse banco de dados são muitos, dentre eles podemos citar Lopes e Duarte (2003) que investigaram o percurso percorrido por *vossa mercê* até chegar a *você* e publicaram o artigo intitulado *De Vossa Mercê a você – análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas*.

Lopes (2006) fez uma delimitação cuidadosa das várias fases da invasão de novas formas de tratamento e busca os limites de emprego e de datas dessas formas no artigo *Correlações histórico-sociais e linguístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil – séculos XVIII e XIX*.

Rumeu (2004), em seu artigo *Para uma história da pronominalização de “vossa mercê” na língua portuguesa – uma abordagem sócio-funcionalista*, aborda a mudança categorial de *vossa mercê* para *você* no português a partir de dados do português europeu – séculos XIV, XV, XVI – e do português no Brasil – século XVI até o século XIX. Para tal pesquisa ela aplica os pressupostos teórico-funcionalistas pensados por Hopper (1991) a fim de detectar o caminho trilhado por *vossa mercê* a originar *você* no português. Para tratar das relações de poder e de solidariedade na sociedade brasileira colonial do século XVIII, ela parte da proposta de Brown e Gilman (1960).

Lopes e Machado (2005), no artigo *Tradição e inovação – indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós*, verificam que apesar de coexistirem e terem chegado no Brasil sem a força cortês dos primeiros tempos, as formas *vosmecê*, *mecê*, *vosse*, *você*... e a forma original *vossa mercê*, a partir de meados do século XVIII, tornam-se divergentes.

O *corpus* foi formado a partir de 27 cartas do engenheiro, professor e Senador do Império e da República, Christiano Benedicto

Otoni, escritas no Rio de Janeiro entre os anos de 1879 e 1892, para seus familiares<sup>32</sup>.

De acordo com as autoras, a forma vulgar passa a ser produtiva nas relações assimétricas de superior para inferior, podendo assumir, em algumas situações, um “conteúdo negativo intrínseco”, em oposição à sua contraparte desenvolvida. Além disso, a concorrência entre tu e você, no Brasil se dá nas relações solidárias mais íntimas. Entretanto, para as autoras, esses valores permanecem disponíveis, principalmente, no português europeu em que a forma *você* não se generaliza como ocorre no Brasil, pois em nosso país tal estratégia não era negativamente marcada.

A partir dos resultados obtidos, com base nas cartas oitocentistas, as autoras confirmam um comportamento diferenciado com relação ao gênero e à maior ou menor influência do oral no escrito, pois, para Christiano, um uso estável e sistemático, com predomínio de *tu* correlacionando-se a formas de segunda pessoa e o emprego categórico de *vocês* na posição de sujeito, o que, de acordo com as autoras, refletia a preocupação do avô-professor com o que preconiza a norma gramatical portuguesa. No caso da amostra de Barbara, as autoras perceberam um comportamento instável em relação à combinação de *você* e *tu* com co-referentes de segunda e terceira pessoas. Nas cartas mais espontâneas da avó, perceberam-se penetrações da oralidade que deixaram transparecer a norma brasileira novecentista, em que a “mistura de tratamento” ou o “voceamento” da língua transplantada implanta um quadro pronominal rico e complexo com variadas possibilidades combinatórias de *tu* e *você* com formas outras de segunda e de terceira pessoas, o que, para as autoras, representam reflexos de um passado distante e de um futuro próximo.

Lopes, Marcotulio e Silva (2008), no artigo *As formas de tratamento em bilhetes amorosos no rio de janeiro novecentista*, tratam

---

<sup>32</sup> Ele escrevia e recebia cartas de um avô-culto, com 68 anos, nascido em Minas Gerais, de sua esposa Barbara Balbina de Araújo Maia Otoni, aparentemente menos letrada que o marido. São 14 cartas escritas entre 1883 e 1889 pela doce-avó, dona de casa, quituteira, nascida no Rio de Janeiro, em 1822. As 41 cartas particulares produzidas pelo casal Otoni eram endereçadas a seus netos Mizaél e Christiano, filhos dos Barões de Madalena, que viviam em Paris. Temos assim dois informantes – um homem e uma mulher – do mesmo grupo etário, residentes no mesmo centro urbano da época, com nível sócio-cultural equivalente, apesar de escolarização diferenciada (LOPES e MACHADO, 2005, p. 51)

da pronominalização de nominais em português, a partir da descrição das formas de tratamento encontradas em textos escritos no início do século XX. Para essa pesquisa os autores utilizaram dados de 13 bilhetes<sup>33</sup> amorosos, escritos no Rio de Janeiro, em 1908.

A partir da amostra selecionada, os autores realizaram uma análise quantitativa e qualitativa das formas de tratamento utilizadas nas correspondências, levando em consideração os pressupostos teórico-metodológicos da teoria da variação de base laboviana e da pragmática sócio-cultural. Além disso, os autores fizeram uma análise comparativa dos resultados obtidos com os encontrados em outros estudos realizados a partir de textos escritos no século XIX, com os de Lopes e Machado (2005) e Barcia (2006).

Em suma, os autores constaram que, em relação à categoria gramatical, os pronomes possessivos, seguidos dos pronomes complementos não preposicionados, formam os contextos de maior resistência à utilização de formas de P3 (o pronome pessoal do caso reto *você*, os pronomes complemento preposicionados *para você*, *a você*, *com você*, e não preposicionados *você*, *lhe*, *o*, os pronomes possessivos *seu/sua* e as desinências verbais correspondentes à terceira pessoa do singular no imperativo ou não), ao passo que as posições de pronome reto e pronome complemento preposicionado favorecem o seu uso.

Quanto ao tipo de sujeito, os autores verificaram que o preenchimento desta posição favoreceu a utilização do pronome reto *você*, enquanto que a forma *tu* apresentou-se com maior frequência nos contextos de sujeito nulo.

No que diz respeito ao uso do tratamento em função do destinatário e ao teor dos bilhetes, os autores concluíram que as cartas enviadas ao amante são de teor mais próximo e afetivo, o que favoreceu a utilização das formas de P2 (formas relacionadas à segunda pessoa do singular, tais como: o pronome pessoal do caso reto *tu*, os pronomes complemento preposicionados *a ti*, *para ti*, *contigo* e não preposicionado *te*, os pronomes possessivos *teu/tua* e as desinências verbais correspondentes à segunda pessoa do singular no imperativo ou não) enquanto as cartas enviadas ao companheiro, que eram mais

---

<sup>33</sup> Esses bilhetes se encontram anexados a um processo judicial que investigou o assassinato do amante de Robertina de Souza, Álvaro da Silva Mattos, cometido por Arthur Frederico de Noronha, com quem era amasiada há seis anos. Do total de bilhetes, 11 foram escritos para o amante e 2 ao companheiro (LOPES, MARCOTULIO e SILVA, 2008, p. 41).

formais e tratavam de assuntos mais sérios, como pedidos de perdão e preocupação com os filhos, favoreceram a utilização das formas de P3.

Referente ao paralelismo discursivo, os autores atestaram a existência da “mistura” das formas de tratamento, que são corroboradas pelos dados de concordância verbal. Para os autores, os resultados encontrados confirmam os estudos de Lopes e Machado (2005) e Barcia (2006) em relação a essa “mistura”. O que eles observaram, nos bilhetes, foi uma combinação de paradigmas que dá indícios da manutenção de marcas formais e discursivas da forma *você*, como a maior formalidade e distanciamento em relação ao *tu* íntimo.

Por fim, os autores ressaltam que os resultados obtidos apontam para um estágio mais avançado de gramaticalização da forma *você* em relação aos resultados descritos para o século anterior.

Silva e Barcia (2002), no artigo *Vossa Mercê, você, vós, ou tu? A flutuação de formas em cartas cariocas dos séculos XVIII e XIX*, investigaram as estratégias de referência ao interlocutor e ao destinatário utilizadas em cartas escritas no Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX em uma amostra do projeto PHPB-RJ constituída por 19 cartas escritas no Rio de Janeiro, no século XVIII e 16 no século XIX, por diferentes remetentes. São cartas pessoais enviadas a parentes (tios, netos, filhos) ou a amigos.

As autoras partiram dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Quantitativa de base laboviana e submeteram os dados ao pacote computacional de regras variáveis – Programa VARBRUL.

A partir desse estudo, foram identificadas diferentes formas nominais e pronominais de tratamento nas cartas cariocas que constituem o *corpus* de análise. A tabela a seguir apresenta a distribuição dos dados segundo as estratégias mais frequentes de se dirigir ao interlocutor, seja ele filho, neto, tio, amigo, ou mesmo o próprio Rei, nos séculos XVIII e XIX.

<b>Formas utilizadas nas cartas</b>	<i>Você</i>	<i>Vossa Mercê</i>	<i>Tu</i>	<i>Outras formas</i>	<b>Total</b>
<b>Número de ocorrências</b>	59	10	111	41	221
<b>Frequência</b>	27%	5%	49%	19%	100%

**Tabela 22:** Formas nominais e pronominais utilizadas nos séculos XVIII e XIX: todos os dados

**Fonte:** Silva e Barcia (2002, p.2)

Em suma, as autoras verificaram que as formas nominais e pronominais de tratamento identificadas nas cartas particulares cariocas escritas nos séculos XVIII e XIX foram as mesmas que encontradas nas peças teatrais portuguesas no mesmo período (SILVA & BARCIA, 2002), o que sugere que a escrita padrão no Brasil teria se encaminhado para uma maior rigidez, ao contrário da língua falada, num processo de lusitanização da norma culta no Brasil, que teria tomado corpo no final do século XIX e se intensificado no início do século XX.

As autoras também observaram que a forma *tu* é a mais frequentemente utilizada tanto nas relações simétricas de amizade quanto nas relações íntimas de família, enquanto a forma gramaticalizada *você* é utilizada, preferencialmente, nas relações íntimas de família marcadas por uma relação assimétrica (superior-inferior), como por exemplo, entre avô e neto.

Além dos artigos descritos acima, no Rio de Janeiro, encontramos ainda muitos outros artigos de Lopes e Duarte, dentre eles podemos destacar Duarte e Lopes (2007) que escrevem um artigo intitulado *Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX* e Lopes (2009) faz *retratos da mudança no sistema pronominal – o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX*.

Em São Paulo, encontramos apenas a pesquisa de Moreira (2007) sobre as *Formas de Tratamento nas Peças de Martins Pena* (Apresentação de Trabalho/Simpósio) na qual a autora estudou as formas de tratamentos nas peças de Martins Pena como representativas da fala do Brasil do século XIX, evidenciando as relações interpessoais na sociedade da época. Esse estudo trabalhou com duas comédias de costumes de Martins Pena, *O Juiz de paz da Roça* e *O Judas em Sábado de Aleluia*, da edição crítica por Darcy Damasceno. Para a análise, a autora utilizou-se dos conceitos de papéis sociais e formas de tratamento trabalhados por Preti (2000), Biderman (1972/1973), Faraco (1996),

Robinson (1977) e Silva (2003) e observou que a sociedade da época era mais formal, em que predominava *o poder* e não *a solidariedade*, mas já apontava sinais de mudanças linguísticas.

### 1.1.3.3 Pesquisas realizadas no nordeste do País

Na região nordeste do país, encontramos apenas dois artigos, escritos na Bahia, que tratam dos pronomes de segunda pessoa, o primeiro, de Teixeira (2008), intitulado *Por onde andava o Tu no final do século XIX?* É escrito a partir dos pressupostos da linguística sócio-histórica e versa sobre a variação *tu/você* na Bahia, no final do século XIX, com base em um *corpus* constituído de dois romances do escritor baiano Xavier Marques, *Uma família baiana*, escrito em 1888, e *O feiteiro*, de 1897, além de uma peça teatral, *No meio do mundo*, também de 1897, assinada por Sílio Boccanera e Alexandre Fernandes e uma coleção de diálogos publicados no jornal *A Fôia do Rocêro*, periódico baiano de vida breve, em números datados de 1899.

Os grupos de fatores testados foram: 1) *autoridade relativa (mais poderoso X poderes iguais)*; 2) *variedade linguística (culto X popular)*; 3) *valor de você (marcado X não-marcado)*; 4) *grau de aproximação dos interlocutores (grau 1 - muito próximo, grau 2 – pouco próximo, grau 3 – distante)*; 5) *tópico do discurso (assuntos íntimos X assuntos não-íntimos)* e 6) *classe social (alta, média e baixa)*.

Na tabela a seguir, podemos verificar uma síntese dos resultados encontrados pela autora.

Grupo de fatores	Fatores	Apl/N	%
Variedade linguística	- popular	74/141	52
	+ popular	32/32	100
Valor de <i>você</i>	Marcado	14/42	33
	Não marcado	92/121	76
Grau de aproximação dos interlocutores	1 – muito próximo	61/118	52
	2 – pouco próximo	22/23	96
	3 – distante	17/18	94
Tópico do discurso	Assunto íntimo	6/23	26
	Assunto não íntimo	98/150	65
Autoridade relativa	Mais poderoso	21/39	54
	Poderes iguais	81/130	62
Classe social	Alta	43/84	51
	Média	27/42	64
	Baixa	30/30	100

**Tabela 23:** Número e percentual do pronome *você* em relação a *tu*

**Fonte:** Teixeira (2008, p.168)

No *corpus* analisado, a autora verificou que o número total de ocorrências do pronome *você* ultrapassou (61%) o de *tu* (39%) e observou que na variante popular, essa já é uma forma categórica, enquanto na variante culta, *você* ocorre mais frequentemente entre iguais, como um tratamento amistoso como era usado na mesma época em terras portuguesas. No entanto, no período estudado pela autora, já se observa o uso de *você* como pronome íntimo nas classes sociais média e alta, o comprovam a hipótese de a mudança *tu/você* teria iniciado em certas camadas e se expandido paulatinamente. Além disso, a autora propõe que o *você* europeu usado pelas classes letradas e o *você* da norma popular tenham confluído num só *você* já no início do século XX.

Outro artigo produzido na região nordeste foi o de Almeida e Deus (2011), intitulado *A atuação da variável escolaridade na expressão da segunda pessoa em cartas dos séculos XIX e XX*, cujo objetivo é investigar, sob uma perspectiva sócio-histórica, o uso das formas de tratamento em cartas escritas no Brasil nos séculos XIX e XX. Para isso, as autoras baseiam-se no aporte teórico-metodológico da sociolinguística laboviana.

O *corpus* utilizado para este trabalho foi um conjunto de 60 cartas particulares trocadas entre amigos e familiares no século XIX e princípio do XX que fazem parte do *corpus* editado e organizado por Carneiro (2005), do qual constam 500 cartas escritas entre os anos de 1809 a 1904 por brasileiros cultos e semi-cultos de várias províncias. Das cartas analisadas pelas autoras, trinta foram escritas por falantes cultos, nascidos e/ou educados em regiões urbanas, em geral ocupantes de altos cargos – ministros, senadores, diplomatas – ou com títulos de nobreza, e as demais escritas por falantes semi-cultos, nascidos ou radicados no interior. O que tornou possível o controle da variável nível de escolaridade.

Na tabela a seguir podemos visualizar a distribuição total dos dados segundo as estratégias nominais e pronominais mais utilizadas nas cartas, observando-se a variável nível de escolaridade.

<b>Escola ridade</b>	<b><i>Vossa Exce- lência</i></b>	<b><i>Vossa Senhor ia</i></b>	<b><i>Vos- micê</i></b>	<b><i>Você</i></b>	<b><i>Vocês</i></b>	<b><i>Tu</i></b>	<b><i>Vós</i></b>
<b>Culto %</b>	24 8,6	30 10,7	19 6,8	7 2,5	1 0,4	88 31,4	–
<b>Semi- culto %</b>	69 24,6	4 3,6	28 10	–	–	4 1,4	6 2,1
<b>Total %</b>	93 33,2	34 12,1	47 16,8	7 2,5	1 0,4	92 32,8	06 2,1

**Tabela 24:** Distribuição das formas nominais e pronominais de acordo com a escolaridade

**Fonte:** Almeida e Deus (2011, p. 7-8)

Os números encontrados pelas autoras mostram que a estratégia interlocutória preferida é a forma nominal *Vossa Excelência* (33,2%), comum em cartas oficiais nos séculos XVIII e XIX e que revela a natureza assimétrica das relações. Entretanto, as autoras ressaltam que todas as cartas analisadas são de caráter particular e alto índice da forma *Vossa Excelência* pode ser explicado pelo fato de serem tais cartas dirigidas a pessoas de *status* social elevado.

Em resumo, as autoras observaram que acontecimentos anteriores ao período de produção do *corpus* analisado desencadearam mudanças na língua portuguesa trazida para o Brasil, principalmente em finais do século XVII e XVIII com a vinda em massa do povo lusitano após a instalação da corte portuguesa na então colônia.



Dado o contexto colonial até, aproximadamente, a primeira metade do século XIX, o Brasil sujeitou-se à imposição da língua do colonizador, assistindo a uma expansão glotocida da língua portuguesa para o interior do país e sendo subjugado à cultura européia, que nos “impôs” muitas outras “convenções”. Estas, de cunho sobretudo político e religioso, visavam à homogeneidade da língua. Desse modo, tenta-se, e tem-se conseguido, em parte, fazer prevalecer uma norma em detrimento das inúmeras outras que constituem a bipolarizada e multiforme realidade linguística do Brasil. (ALMEIDA e DEUS, 2011, p.13)

A partir dos dados analisados, Almeida e Deus (2011) verificaram que (i) a variação *vossa excelência/vossa senhoria* entre os indivíduos cultos e a preferência pelo uso de *vossa excelência* entre os semi-cultos, registrando-se também a ocorrência de *você/vocês* (explícitos) apenas no primeiro grupo, *vós* apenas no segundo e a baixa ocorrência de *tu* explícito em ambos os grupos; (ii) há maior produtividade de *lhe* como acusativo entre os falantes semi-cultos, e apenas uma ocorrência no grupo de maior escolaridade; (iii) o emprego do possessivo *seu(s)* para a 2ª pessoa ocorre em maior número, bem como o uso estratégico de *dele* para a 3ª pessoa, embora com poucas ocorrências.

Desse modo, as autoras ressaltam que são evidentes os indícios da reestruturação do quadro pronominal do português brasileiro em decorrência de fatores internos e, principalmente, externos à língua, destacando-se, em seu artigo, o fator escolaridade.

#### 1.1.3.4 Pesquisas realizadas no norte do País

Em nossa busca, encontramos apenas um artigo com *corpus* da região norte do país sobre as formas de tratamento, trata-se do trabalho de Lira, Souza e Melo (2010), intitulado *A variação no uso das formas de tratamento tu e Vmce /você em Manaus na segunda metade do século XIX* que apresenta a variação de *tu* e *Vmce /você* em cartas comerciais da empresa J.G. Araújo, em Manaus, na segunda metade do século XIX. Para tal pesquisa, os autores utilizam-se da sociolinguística variacionista laboviana e fazem uma análise documental abrangendo um período de quatorze anos, de 1879 a 1893.

Os dados levantados pelos autores abrangem um período de nove anos, entre décadas diferentes do século XIX. Na Tabela que segue

podemos observar a predominância de *Vmce* como forma preferida à época pesquisada.

	<b>Sujeito preenchido</b>	<b>Sujeito Nulo</b>
<i>Tu</i>	4	68
<i>Vmce</i>	131	30
<i>Você</i>	4	0

**Tabela 25:** Frequência de uso das formas *tu* e *Vmce/você* (preenchidas e nulas)

**Fonte:** Lira, Souza e Melo (2010, p.113)

A análise de Lira, Souza e Melo (2010) também permitiu observar que o contexto de uso de *tu* e *Vmce/você* e suas formas correlacionadas, ao longo do período pesquisado, foi preferencialmente o de situação de simetria entre iguais linguísticos, pois mostrou-se muito comum, nos documentos pesquisados, a solicitação de favores pessoais ou recomendações dessa natureza quando o pronome utilizado é o *tu*, mesmo se tratando de cartas comerciais, enquanto a forma de tratamento *você* era uma forma de tratamento reverencial usada no estilo formal, no século XIX, nas situações em que não havia relação de simetria entre os interlocutores.

Por fim, os autores concluem que o pronome *tu* e suas formas correlacionadas, conforme já mencionado por outros autores, sempre foi usado de forma recíproca entre falantes nas relações simétricas entre iguais linguísticos em situações informais. Em relação à alternância entre *tu* e *Vmce /você*, este trabalho, embora preliminar, apresenta resultados significativos.

Em suma, o que apresentamos até aqui foi um levantamento de pesquisas sobre a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa, realizadas em todo o país, que contribuíram direta ou indiretamente para a delimitação do nosso objeto de estudo e para a construção das hipóteses. Aqueles estudos que foram considerados mais relevantes para a formulação das nossas hipóteses de pesquisa, serão mencionados novamente na seção 1.2. e também na seção 2.4 do Capítulo II.

A seguir, apresentamos os nossos objetivos, bem como as nossas perguntas e hipóteses de pesquisa.

## 1.2 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

### 1.2.1 Objetivos Gerais

Investigar e mapear o fenômeno da variação pronominal de segunda pessoa do singular, *tu/você/o senhor*, na função de sujeito e sua correlação com as formas pronominais que aparecem na função de complementos verbais e de adjuntos (oblíquos e possessivos) a partir de dados sincrônicos do português brasileiro, especialmente da variedade usada na cidade de Florianópolis – Santa Catarina, a fim de compreender a natureza e a extensão do encaixamento desses pronomes no sistema linguístico dessa comunidade.

#### 1.2.1.1 Objetivos Específicos

- (i) Identificar quais os grupos de fatores linguísticos, sociais, sociodiscursivos e geográficos que podem condicionar a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do discurso (*tu/você/o senhor*) no português falado em Florianópolis.
- (ii) Verificar quais os possíveis encaixamentos da variação e mudança pronominal das formas *tu/você/o senhor* na estrutura interna da língua, isto é, quais as possíveis reações em cadeia: se a entrada dos pronomes provocou (ou está provocando) mudança no uso de outros pronomes (oblíquos e possessivos), ou seja, se está sendo mantido o paralelismo de formas pronominais.
- (iii) Verificar, a partir dos testes de percepção e produção
  - a) qual é o pronome de segunda pessoa que os florianopolitanos afirmam usar em situações de simetria e assimetria (entre amigos, com os pais, com alguém superior);
  - b) qual é a forma pronominal de segunda pessoa que os informantes avaliam como *boa, mais bonita, feia e ruim*;
  - c) quais são as formas pronominais que os informantes produzem (ou dizem que produzem) em situações de

- simetria e assimetria (entre amigos, com alguém superior e com alguém inferior) e
- d) quais são as combinações feitas pelos informantes entre os pronomes na função de sujeito e os possessivos e oblíquos nos três tipos de relação entre interlocutores.

## 1.2.2 Perguntas e Hipóteses de Pesquisa

- (i) Quais os grupos de fatores linguísticos, sociais, sociodiscursivos e geográficos que condicionam a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do discurso no português falado em Florianópolis?

Tomando por base resultados de estudos de Loregian-Penkal (2004) na Região Sul, Soares (1999) no Paraná, Ramos (1989) em Florianópolis, Lucca (2005) e Dias (2007) no Distrito Federal, Mota (2008) em Minas Gerais, Modesto (2006) em Santos, nossas hipóteses sobre as variáveis linguísticas e extralinguísticas que possam favorecer ou desfavorecer o uso dos pronomes *tu*, *ocê* ou *o senhor* são as seguintes<sup>34</sup>:

- a) Preenchimento do sujeito:  
A ausência de pronomes levará ao uso do paradigma de segunda pessoa (*tu*) e a presença de pronomes aos usos do paradigma de terceira (*ocê* e *o senhor*).
- b) Concordância com o verbo:  
Os falantes de Florianópolis apresentarão um percentual de concordância verbal canônica com o *tu* abaixo dos 40% e um uso categórico de concordância com as demais formas (*ocê* e *o senhor*).
- c) Paralelismo sujeito e possessivo:  
Os falantes usarão mais o paralelismo entre as formas, independentemente do pronome usado.
- d) Paralelismo sujeito e clítico:  
Os falantes usarão mais o paralelismo entre as formas, independentemente do pronome usado.

---

<sup>34</sup> As hipóteses de a) a m) serão caracterizadas e melhor formuladas na seção 2.4.2.1 deste trabalho.

- e) Paralelismo sujeito oblíquo tônico:  
Os falantes usarão mais o paralelismo entre as formas, independentemente do pronome usado.
- f) Tipo de interlocução:  
O falante de Florianópolis usará mais a forma *tu* no discurso reportado de si mesmo e no discurso reportado de alguém próximo (amigo, filho, irmão, primo...). Nos demais tipos de discurso (discurso reportado de alguém mais velho, discurso reportado de alguém superior, discurso reportado de alguém inferior, discurso para o entrevistador, discurso genérico e discurso para o interveniente) o falante usará mais as formas *você* e *o senhor*.
- g) Tipo de relação entre os interlocutores:  
Ao se dirigir ao inferior, a forma mais utilizada pelo superior será *tu*, o que indica *poder*. Na relação entre iguais, a forma mais utilizada será a *solidária tu* e no caso de inferiores se dirigindo aos superiores, as formas mais utilizadas serão *você* e *senhor*, indicando *respeito e formalidade*.
- h) Sexo:  
As mulheres de Florianópolis usarão mais *tu* que os homens. A forma *o senhor* estará distribuída equilibradamente entre os dois sexos.
- i) Escolaridade:  
Os mais escolarizados usarão mais a forma *tu* que os menos escolarizados. Os menos escolarizados usarão mais as formas *você* e *o senhor* do que os mais escolarizados.
- j) Faixa etária:  
Os mais jovens usarão mais a forma *tu* que as demais formas. Os mais velhos usarão mais a forma *você* que os mais jovens. A forma *o senhor* será distribuída equilibradamente entre os mais jovens e os mais velhos.
- k) Indivíduo:  
Acreditamos que todos os informantes utilizarão a forma *tu*. Desses, alguns utilizarão apenas a forma *tu* e outros a co-ocorrência dos pronomes *tu*, *você* e *o senhor*.
- l) Diatopia:  
Em Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa, Ratonos e Costa da Lagoa a ocorrência de *tu* será maior do que no Centro e nos Ingleses onde a ocorrência de *você* deverá ser maior. A forma *o senhor* estará distribuída igualmente nas localidades estudadas.
- m) Diazonalidade:

Os indivíduos da zona menos urbana usarão mais a forma *tu* que os indivíduos das zonas mais urbanas e estes usarão com mais frequência a forma *você*. A forma *o senhor* será usada igualmente nas duas zonas.

(ii) Quais são os possíveis encaixamentos da variação e mudança pronominal das formas *tu/você/o(a) senhor(a)* na estrutura interna da língua?

De acordo com Coelho e Görski (2011), o *você* vem acompanhado de formas verbais que coincide com a de terceira pessoa (não distintivas) e instala na língua uma tendência, afetada pelos preceitos da gramática tradicional, ao uso do possessivo *seu/sua* e ao uso dos clíticos *se* e *lhe* para se referirem à segunda pessoa do discurso. *Tu* e *você* começam, a partir do século XX, a se combinar com formas “misturadas” como *teu/seu*, *te/lhe*, por exemplo.

A partir dos resultados de Arduin (2005), que encontrou presença maciça do pronome *teu*, 86% do total, em dados do VARSUL das cidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, nossa hipótese é que, em Florianópolis, os falantes combinem, preferencialmente, a forma *tu* com os pronomes *te*, *teu/tua* e *contigo* e combinem as formas *você* e *o(a) senhor(a)* com os pronomes *lhe*, *seu/sua* e *com você/com o(a) senhor(a)*, obedecendo o princípio do paralelismo formal (POPLACK, 1980). Entretanto, acreditamos que seja possível encontrar usos de “formas misturadas” como *tu + seu/sua*, *você + teu/tua* e *senhor/a + teu/tua*, esta última, porém, em menor proporção.

(iii) Qual o pronome de segunda pessoa que os florianopolitanos afirmam usar em situações de simetria e assimetria (entre amigos, com os pais, com alguém superior).

Acreditamos que os ilhéus afirmem que preferem usar a forma *tu* para as relações simétricas e a forma *você e/ou o senhor* para se dirigir aos pais e aos superiores. Baseamos essa hipótese no fato de a forma *tu* ser a mais usada pelos ilhéus (LOREGIAN-PENKAL, 2004) e nos depoimentos descritos em Ramos (1989), em que os informantes afirmavam que com estranhos ou pessoas não íntimas a forma *você* é a

que deve ser usada<sup>35</sup>. Além disso, partimos das afirmações de Arduin (2005) de que *você* é a forma de mais respeito ou distanciamento e *tu* é a forma usada preferencialmente para indicar maior proximidade e intimidade.

Quanto ao uso de *o senhor*, acreditamos que seja a forma preferida na interação com os pais e com os superiores porque é a forma conhecidamente mais polida, mais cortês e mais respeitosa (CUNHA e CINTRA, 1985).

(iv) Qual a forma pronominal de segunda pessoa que os informantes avaliam como *boa, mais bonita, feia e ruim*?

Considerando os resultados de Ramos (1989) de que os informantes florianopolitanos atribuem ao *tu* um caráter mais íntimo, familiar, rude, informal, coloquial e desrespeitoso e ao *você* um caráter mais distante, bonito, educado, formal, correto, respeitoso e por isso é mais utilizado com estranhos ou com pessoas menos íntimas, acreditamos que os nossos informantes avaliem como *boa ou mais bonita* a forma *você* e como *mais feia ou ruim* a forma *tu*. Diante da forma *o senhor*, acreditamos que os informantes não emitirão nenhum juízo de valor por ser uma forma utilizada em contextos de maior formalidade/respeito.

(v) Quais formas pronominais os informantes produzem (ou dizem que produzem) em situações de simetria e assimetria (entre amigos, com alguém superior e com alguém inferior)?

Acreditamos que os informantes digam que produzem mais a forma *tu* para as relações simétricas e, para as relações assimétricas descendentes, digam que produzem mais as formas *você e o senhor* para as relações assimétricas ascendentes. Baseamos essa hipótese nas mesmas justificativas expressas na hipótese (iv).

(vi) Quais são as combinações feitas pelos informantes entre os pronomes na função de sujeito e os possessivos e oblíquos nos três tipos de relação entre interlocutores?

---

<sup>35</sup> Ao final de cada entrevista a autora solicitava a opinião dos informantes a respeito do uso dos pronomes *tu e você*.

Acreditamos que os informantes digam que produzem mais a forma *tu* combinada com as formas *te*, *teu/tua* e *contigo* para as relações simétricas e para as relações assimétricas descendentes e que produzem mais as formas *você* e *senhor/a* combinadas com as formas *lhe*, *seu/sua*, *com você* e *com o senhor* para as relações assimétricas ascendentes, mantendo o princípio do paralelismo formal (POPLACK, 1980).



## CAPÍTULO II

---

### 2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

A abordagem teórica e metodológica deste estudo leva em conta os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994), da Dialetoologia Pluridimensional (RADTKE E THUN, 1996; THUN, 1998; BELLMANN, 1999) e de autores que se debruçam sobre o estudo dos pronomes (BROWN E GILMAN, 1960, 2003).

Neste capítulo trazemos, inicialmente, alguns pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança e da Dialetoologia Pluridimensional e o diálogo existente entre essas duas teorias. Em seguida, tratamos brevemente da conceituação dos pronomes *tu*, *você* e *o senhor* sob a visão de uma Gramática Normativa (CUNHA e CINTRA, 1985), de uma Gramática Descritiva (CASTILHO, 2010) e da Semântica do Poder e da Solidariedade (BROWN e GILMAN, 1960). Mais adiante, abordaremos o suporte metodológico desta pesquisa descrevendo as amostras utilizadas e as variáveis controladas. Por fim, dissertaremos sobre o perfil sócio-histórico de Florianópolis – cidade foco deste estudo.

#### 2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

Este trabalho se baseia na Teoria da Variação e Mudança linguística (ou sociolinguística variacionista), proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968])<sup>36</sup>, que parte da premissa segundo a qual a heterogeneidade e a variabilidade são características inerentes à língua. Esta proposta rompe com a ideia, dominante ao longo do século XX, de que a língua é um *sistema homogêneo*, uniforme, estático, sistema de signos bem definidos, hierarquizados e sem variações.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a variação é inerente ao sistema linguístico, sistemática, regular e ordenada, sendo motivada por pressões sociais que estão permanentemente atuando na

---

<sup>36</sup> Versão utilizada: tradução de Marcos Bagno (2006).

língua, e por isso não deve ser estudada fora do contexto social (LABOV, 2008 [1972])<sup>37</sup>.

Para se falar em variação/mudança, devemos lidar com regras variáveis (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972). Ao contrário das regras categóricas da língua, a regra variável é influenciada por fatores linguísticos e/ou sociais, ou seja, ela não está em variação livre. O falante nativo de uma determinada língua é capaz de reconhecer as diferenças existentes entre as formas em variação, e capaz de saber, mesmo que inconscientemente, em que situação comunicativa deve utilizar uma ou outra forma. Portanto, segundo Labov, o falante nativo possui o domínio das regras variáveis da sua língua.

A postulação do conceito de regras variáveis marca uma ruptura em relação às análises estruturalistas que se faziam até então, pois incorpora ao sistema linguístico a variabilidade, a possibilidade de elementos linguísticos distintos se alternarem na expressão de um mesmo significado. É importante salientar que, em seu aspecto formal, as regras variáveis englobam tanto as suas variantes quanto informações relativas à força reguladora dos diferentes fatores internos e externos que lhe são pertinentes. Tanto as regras variáveis quanto as regras categóricas são elementos integrantes da gramática de uma comunidade de fala. Esse objeto, por sua vez, se caracteriza por ser geral aos membros dessa comunidade. Isso significa dizer que a generalidade da gramática abarcaria tanto as suas regras obrigatórias, automáticas, quanto as que exibem variabilidade e fornecem um leque de opções aos falantes em sua realização concreta.

Para discutir a regra variável, é necessário ancorar-se em alguns pressupostos teóricos: (i) a língua é um sistema heterogêneo; (ii) o falante de determinada língua é competente para operar com a regra variável, ou seja, com estruturas heterogêneas; (iii) a língua é constituída na interação falante-ouvinte; (vi) a empiria é a base da análise linguística.

Quando analisamos a fala de indivíduos, encontramos, por exemplo, diferentes formas sintáticas, morfológicas, fonológicas e lexicais que dizem muitas vezes a mesma coisa, num mesmo contexto com o mesmo valor de verdade. No entanto, percebemos que as variações linguísticas (nos níveis fonético/fonológico, morfológico,

---

<sup>37</sup> Versão utilizada: tradução de Marcos Bagno, M<sup>a</sup> Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso (2008).

sintático, léxico-semântico e discursivo) não ocorrem aleatoriamente. A Teoria da Variação e Mudança explica este processo baseando-se em condicionadores, a saber: linguísticos, que são as variáveis internas à língua, ou seja, mecanismos estruturais que condicionam a variação, e extralinguísticos, que são as variáveis externas à língua, relacionadas ao estrato social do falante, tais como, *sexo, grau de escolaridade, faixa etária, etnia*, e ao uso *estilístico* das diferentes formas pelo falante.

Assim, é visível que o aspecto social desempenha um papel importante no estudo da variação e mudança, mas não é apenas ele que pode explicá-las por completo. Portanto, o linguista deve continuar apegado, também, à análise dos mecanismos puramente internos, estruturais, da língua. De acordo com May (2011), essa importância que Labov atribui ao estudo da língua sem um contato obrigatório com a realidade social pode ser interpretada como uma manifestação do desejo desse pesquisador de desenvolver uma teoria linguística que ainda esteja ligada à abordagem “padrão” da área, pois de acordo com Labov (2008, p. 241), “O estudo da língua em seu contexto social abrange a mesma gama de problemas linguísticos de outras abordagens da teoria linguística”. Sendo assim, é importante não se manter muito afastado dessas abordagens e não ignorar os mecanismos da língua que atuam sem a interferência de fatores externos.

De acordo com May (2011),

Vemos como um princípio basilar ao longo de toda a obra de Labov – o da abertura dos estudos linguísticos para a consideração de fatores externos à língua – ao mesmo tempo em que ocupa um papel de destaque na teoria (e que novamente o aproxima da sociologia durkheimiana) é relativizado pelo próprio Labov, que busca deixar com os fatores estruturais ou articulatórios da língua a primazia no aparato explicativo de seus estudos. (p.103)

Os estudos variacionistas desenvolveram-se, em sua maioria, na área da fonologia, a começar pelos estudos pioneiros de Labov. Esta preferência é explicada, primeiramente pela alta frequência de uso dos dados, necessária para a análise empírica, e também pelo campo da fonologia mostrar-se ideal para o estudo da variação, já que as variantes

fonológicas apresentam o mesmo contexto de uso, mas significado social e estilístico distintos<sup>38</sup>.

Alargando os estudos variacionistas para além do campo da fonologia, Weiner e Labov (1983 [1977]) realizaram um estudo quantitativo das construções ativas e passivas do inglês, testando fatores externos (estilo, sexo, classe, etnia, idade) e fatores internos (*status* informacional, paralelismo estrutural). Ao analisar os resultados, os autores verificaram que a escolha de uma ou outra das formas alternantes é motivada sintaticamente, não sendo socialmente determinada.

A partir dessas constatações, iniciou-se uma reformulação de pressupostos em que a crença de que o estudo da variação pode ser explicado sempre em termos sociais deixa de existir, passando-se a considerar, muitas vezes, motivações apenas de ordem interna ao sistema, ou seja, relativas ao funcionamento da gramática.

Lavandera (1978) levantou alguns argumentos contrários ao estudo variacionista para além do nível fonológico. Primeiramente, ao salientar o fato de as construções sintáticas apresentarem cada uma, por definição, um significado, questionando, desta forma, a definição de variantes sintáticas, a autora sugeriu o alargamento de “mesmo significado” para condição de “comparabilidade funcional”. Nessa perspectiva, construções sintáticas cuja intenção comunicativa é a mesma, independentemente de possuírem o mesmo significado, podem ser tratadas como variantes de uma mesma variável. Outra opção proposta pela autora seria restringir o estudo variacionista ao nível fonológico em que as variantes dizem de fato “a mesma coisa”.

Outra noção questionada por Lavandera foi a de “variável sociolinguística”, pois, para a autora, estudos em que os fatores sociais e estilísticos não se mostram relevantes não devem ser caracterizados como variação “sociolinguística”. No entanto, Labov não distingue *variável sociolinguística* de *variável linguística* e, contrário ao argumento de Lavandera, o autor deixa claro que, ao realizarmos estudos sociolinguísticos, não estamos somente preocupados em observar a relevância dos fatores sociais, mas, antes disso, objetivamos obter uma representação da estrutura gramatical da língua, vista como um fenômeno social.

---

<sup>38</sup> Para Labov (1972) o fato de as variantes apresentarem significado social e estilístico implica se dizer “a mesma coisa” de formas diferentes. Neste sentido, o autor evidencia que as variantes são idênticas em valor referencial ou valor de verdade, possuindo significação social e estilística diferenciadas.

Sendo assim, apesar de a extensão da teoria da variação linguística a outros níveis além da fonologia gerar contestações, é um caminho possível de ser seguido. No caso da variável dependente deste estudo, *a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do discurso*, podemos observar que se caracteriza como uma regra variável passível de um estudo variacionista, pois, como afirma Labov, trabalharemos com enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas, conforme podemos verificar nos exemplos a seguir.

(5) *Que é mais que a senhora quer saber? (dirigindo-se à entrevistadora) [...] tu sabe onde é a rua Duarte Schuttel,... tu sabe? ... A senhora mora ali?* (MA1c)<sup>39</sup>

(6) *“Tu não me vens com Luciano do Vale que também ele pode entender muito lá dos comentários dele lá. Como você sabe o filho dele joga futebol”.* (MA1cI)<sup>40</sup>

Podemos afirmar que, nas sentenças acima, as formas pronominais de segunda pessoa do singular apresentam a *mesma intenção comunicativa*, nos termos de Lavandera, e o *mesmo valor de verdade*, nos termos de Labov? Acreditamos que *o mesmo valor de verdade* implica que os pronomes remetam ao mesmo referente. No exemplo (5), vemos que *tu* e *o senhor* se remetem ao referente *pai* e, no exemplo (6), vemos que *tu* e *você* são utilizados para o mesmo referente que é o entrevistador – ambos segunda pessoa do singular.

A sociolinguística quantitativa também nos permite observar se existe uma certa estabilidade entre as variantes em concorrência, ou se há mudança em progresso em que uma das variantes esteja ganhando a competição, e, neste caso, quais as tendências de uma possível mudança linguística. Quando estamos diante de formas diferentes competindo por uma mesma função, é natural que essas formas se rejeitem mutuamente, pois esta condição não parece nem econômica, nem funcional para a língua, pois, supostamente, não precisaríamos ter mais de uma forma, no mesmo contexto, dizendo a mesma coisa.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) mencionam que nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implicaria

---

<sup>39</sup> M = masculino, A = mais velho, 1 = menos escolarizado, c – localidade (centro, Varsul).

<sup>40</sup> M = masculino, A = mais velho, 1 = menos escolarizado, c – localidade (centro, Varsul).

mudança; porém toda mudança implicaria variabilidade e heterogeneidade, e são os fatores sociais, principalmente o fator *idade*, que nos permitem averiguar os indícios de mudança em tempo aparente, assim como a investigação em períodos diferentes de tempo nos permite verificar os indícios de mudança em tempo real.

Os estudos em tempo real podem recorrer a estágios anteriores da língua ou ainda investigar amostras de fala da mesma comunidade (estudo do tipo “tendência”) ou do mesmo indivíduo em tempos diferentes (estudo do tipo “painel”).

Neste estudo trabalharemos com dados relativamente atuais (2009, 2004 e 1990<sup>41</sup>) e relacionaremos as variantes à *idade* dos informantes, para que possamos verificar se podemos falar em mudança em tempo aparente, relacionando os resultados com os dados de outras pesquisas já realizadas.

### 2.1.1 O problema da restrição

Reconhecida a heterogeneidade dos sistemas linguísticos naturais e que toda mudança linguística pressupõe variação, um dos principais objetivos do sociolinguista é determinar o conjunto das mudanças possíveis de ocorrer, a direção que elas vão tomar e o que está tornando possível a sua implementação, são as restrições que se referem a fatores linguísticos e sociais inter-relacionados, além de restrições de processamento.

O problema da restrição pressupõe respostas para este tipo de questão: quais são os fatores responsáveis pela implementação da mudança e por que a mudança em um traço estrutural ocorre em determinada língua em um dado momento, mas não em outra língua com o mesmo traço, ou na mesma língua, em outros momentos? Os processos de mudança devem receber estímulos e restrições da sociedade e da estrutura da língua. No emprego de formas *tu*, *ocê*, *o senhor*, por exemplo, “a diferença de *status* social, a idade dos

---

<sup>41</sup> Embora já tenham se passado 22 anos da coleta de dados do Varsul, ainda consideramos esse banco de dados atual. Entretanto, em alguns momentos, comparamos os resultados desse banco com os resultados dos bancos mais atuais (2004 e 2009) e percebemos algumas diferenças conforme podemos verificar no capítulo III.

interlocutores e o grau de formalismo influem sobre a escolha de uma ou de outra forma” (MARGOTTI, 2003, p.1).

### **2.1.2 O problema do encaixamento**

Uma das questões a serem discutidas nesta pesquisa é o encaixamento linguístico (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1968]), uma questão fundamental para a teoria da variação e mudança linguística, pois é uma tentativa de explicar como as mudanças observadas estão encaixadas na matriz de concomitantes linguísticos e extralinguísticos das formas em questão, ou seja, que outras mudanças estão associadas a determinadas mudanças de um modo que não podem ser atribuídas ao acaso?

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) assinalam que as mudanças linguísticas estão encaixadas no sistema linguístico, portanto, não se dão de forma isolada, ao contrário, para serem compreendidas, há que se considerar sua inserção no sistema linguístico que afetam.

Os autores defendem que as mudanças linguísticas estão encaixadas não só na estrutura linguística, mas também na estrutura social. Sendo assim, para investigarmos o encaixamento linguístico e social em nosso estudo, relacionamos as variantes *tu/você/o senhor* a variáveis linguísticas, sociais, sociodiscursivas e geográficas. Além disso, investigamos a combinação pronominal ao observamos a correlação entre os pronomes em estudo e os demais pronomes de segunda pessoa (possessivos e oblíquos).

### **2.1.3 O problema da avaliação**

O estudo das atitudes linguísticas é uma das tarefas que a sociolinguística se propõe a fazer. Está relacionado ao problema da avaliação, relativo aos julgamentos subjetivos do falante quanto à sua própria variedade linguística e à dos seus interlocutores.

O problema da avaliação linguística diz respeito a qualquer nível de atenção dos falantes em relação à fala e busca compreender de que maneira os membros de uma comunidade de fala avaliam determinada mudança, qual o efeito que essa avaliação provoca na mudança e até que

ponto o estigma social influencia diretamente o curso da mudança linguística.

Uma das aspirações da investigação da avaliação linguística é a observação das respostas e reações subjetivas dos membros da comunidade diante de uma determinada mudança em curso. Essas respostas e reações perpassam todos os níveis de consciência, desde a discussão manifestada explicitamente até aquelas reações inacessíveis à introspecção. A maior parte dos estudos trata de reações manifestadas diante de mudanças que alcançam um certo nível de atenção consciente e tais reações tendem a ser universalmente negativas.

Para Labov (1972) os valores sociais atribuídos a duas formas linguísticas, uma padrão ou conservadora e outra inovadora, frequentemente simbolizam também uma oposição entre valores sociais. Esses valores sociais podem alcançar o nível de conscientização social e se tornarem estereótipos, sujeitos à correção social irregular ou, então, podem permanecer abaixo do nível como marcadores inconscientes. Mas em estágios mais avançados, uma das formas vai prevalecer, embora nem sempre uma forma tida como inovadora vence, ou seja, a sua concorrente conservadora pode vencer o “duelo” instaurando-se, assim, um movimento de retração (mudança regressiva) e não de avanço (mudança progressiva). Segue-se um longo período quando a forma desaparecida é usada como fonte de estereótipo até ser completamente extinta. Se a antiga pronúncia, por exemplo, é preservada em topônimos ou formas fixas, é ouvida como uma irregularidade sem sentido. Mas é possível que a forma antiga sobreviva com outra função, ou seja, com especialização de uso.

É importante distinguir, no problema da avaliação social atribuído a formas ou variantes linguísticas, os diferentes estágios de mudança, pois a variação ocorre tanto no indivíduo como no nível da comunidade. Sendo assim, é possível verificarmos diversos tipos de mudança: (i) mudança implementada – estágio mais adiantado em vias de implementação; (ii) estágios de taxa média e (iii) mudança incipiente – ainda pouco detectada. No nível estrutural, ocorre uma difusão através do sistema linguístico, em que o uso de uma forma ou variante parte de contextos mais restritos e vai atingindo contextos mais amplos com o decorrer do tempo. Em síntese, ocorre uma luta evolutiva entre as formas novas e as antigas, com as novas se espalhando tanto de um falante para outro como de um contexto linguístico para outro.

A mudança linguística pode ser impulsionada pelo prestígio das formas alternantes (variantes) e pode se encontrar em diferentes estágios de propagação. Porém, nem sempre uma das variantes é menos



prestigiada do que outra, isto é, a variação pode ocorrer tanto entre: (i) formas igualmente aceitas pela tradição normativa, ii) formas de *status* normativo desigual e iii) formas igualmente não aceitas normativamente. Fatores atuantes como a escolarização, contato com escrita, mídia e origem social tendem a influenciar no aumento ou na diminuição da ocorrência de formas padrões ou conservadoras.

No caso do nosso objeto de estudo, acreditamos que não há um prestígio social generalizado por parte da sociedade florianopolitana, mas uma marca de identidade local. Trata-se da noção de prestígio encoberto, postulada por Labov (1972), que está associada à noção da identidade social, ao orgulho linguístico, à ligação a uma dada classe social ou comunidade de fala. Entretanto, trataremos mais profundamente sobre essas questões no capítulo III.

Além disso, podemos sugerir que o *você*, embora ainda não seja reconhecido como pronome pessoal de segunda pessoa por muitas gramáticas normativas, é muito disseminado pela mídia escrita e televisiva de massa, o que contribui grandemente para que a forma não sofra estigma mesmo entre os falantes que não a usam. Entretanto, é possível que o *tu* sofra estigma entre os falantes de outras regiões do país (não usuários de *tu*), pelo fato de ser uma forma utilizada somente em alguns poucos estados e por não ser muito disseminado pela grande mídia.

Mollica (1995) sugere a existência de leis gerais e universais regulando a variação de uso da língua e diferentes graus de percepção/avaliação passíveis de serem dimensionados pelo *uso*, *sensibilidade* e *valor social* dos fatos da língua. A autora adverte que alguns estudos empíricos atestam uma equivalência entre perfil sociolinguístico, crenças e atitudes linguísticas e confirmam o efeito da escolarização, da pressão escolar e da idade como parâmetros sociais determinantes nas escolhas linguísticas dos indivíduos. Para a autora, esses parâmetros, a depender do fenômeno variável em foco, costumam agir imbricadamente. Uma das evidências mais relevantes do trabalho de Mollica é a constatação da relação entre grau de percepção e valor social, ou seja, quanto menos notada ou percebida uma variante, menor é o grau de estigmatização a ela atribuído. Em geral, formas que adquirem maior valor no mercado linguístico e recebem assim avaliação positiva tendem a ser usadas com um alto grau de monitoramento por parte do falante e por pessoas, geralmente, mais letradas.

A autora menciona também que a pressão social não promove somente variantes padrões, isto é, existem também contrapressões que prestigiam o uso da fala informal e vernacular.

Para Chambers (1995), as forças que prestigiam a variante padrão, ou standard, são mais claras e identificáveis: (i) a academia e as gramáticas tradicionais que invalidam usos mais coloquiais ou não abonados; (ii) os pais de classe média que defendem uma ‘boa linguagem’; (iii) os professores que corrigem o uso dos alunos; (iv) as cartas ao editor que deploram usos não prescritos pela gramática normativa; (v) o falante que se desculpa pelo seu modo de falar ‘errado’ ou por cometer erros de ortografia ou gramática; (vi) a não reclamação da hipercorreção na mídia ou da uniformidade de sotaque entre locutores de telejornais, etc.

### **2.1.4 O problema da transição**

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) tratam da transição, ou seja, da mudança de um estado da língua a outro, como uma grande interrogação, pois se uma língua tem de ser estruturada para funcionar, como as pessoas continuam falando enquanto a língua muda? Os autores questionam o fato de existir uma fase de menor ou maior sistematicidade na língua, mas logo afirmam que não há essa distinção de fases, ou seja, a língua continua estruturada enquanto muda. Podemos perceber que um mesmo falante usa ora uma forma, ora outra, sem se ater ao fato de que a língua (uma determinada forma da língua) está mudando. Nesse estágio de transição, uma forma alternativa passa a ser utilizada em alguns contextos, até ser primordial em todos e tornar a outra forma obsoleta, ou arcaica.

É importante ressaltar que, de acordo com esses autores, a transição ocorre na gramática da comunidade (não no indivíduo) e a mudança não é transmitida de pai para filho, mas é transmitida dentro da comunidade como um todo.

Esta transição ou transferência de traços de um falante para outro parece ocorrer por meio de falantes bidialetais ou, mais geralmente, falantes com sistemas heterogêneos caracterizados pela diferenciação ordenada. A mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta. A transferência parece ocorrer

entre grupos de pares de faixas etárias levemente diferentes; todas as evidências empíricas reunidas até agora indicam que as crianças não preservam as características dialetais de seus pais, mas sim as do grupo de pares que domina seus anos pré-adolescentes. (WEINREICH, LABOV E HERZOG (2006 [1968] p.122)

Para Labov (1966), existem apenas duas situações em que a fala dos pais é tomada como modelo definitivo para a criança: a) quando a criança está isolada (por exemplo, no meio rural) e b) na transferência de um traço de prestígio a ser utilizado na fala cuidadosa, sob pena de correção.

Todavia, as diferenças entre a linguagem dos pais e a linguagem da criança não indicam descontinuidade da mudança (mudança de regra de geração para geração), como supõe Halle (1962 apud LABOV, 1966), mas sugerem que duas formas coexistem e podem atravessar gerações, ou seja, uma mudança em progresso.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) um grande número de variáveis estudadas revela uma estrutura sociolinguística complexa, na qual o valor da variável é determinado por vários fatores linguísticos e sociais que são as restrições. Esses fatores servem como instrumento para explicar o mecanismo da mudança. Enquanto a língua muda, não há nenhum problema de comunicação, assim, a sistematicidade não é perdida como poderíamos, erroneamente, pensar. Mas deve haver algo que justifique a mudança.

Diante dessas questões, uma das tarefas do sociolinguista seria descobrir o que pode mudar ou o que está mudando, em outras palavras, o que está em transição, pois assim seria possível delinear as condições de mudança (restrições), ou seja, aquilo que determina possíveis mudanças ou que dá condições para a mudança ocorrer.

## 2.2 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

Nas palavras de Coseriu (1982, p. 36) “a Dialetologia é o estudo da configuração espacial das línguas, ou seja, da variedade diatópica e das relações interdialetais e é essencialmente ‘gramática comparada’” e não cabe a essa ciência estabelecer fronteiras entre os dialetos, mas comprovar a configuração diatópica real da língua histórica, os limites

efetivos da uniformidade idiomática, que, naturalmente, podem ser diferentes para os distintos fenômenos considerados. Ou seja, a Dialectologia registra e estuda a variedade idiomática como tal (não reduzindo-a à homogeneidade), e trata de tirar dessa variedade inferências acerca do modo como funcionam, se constituem e se modificam as tradições idiomáticas

De acordo com Cardoso (2006), muito antes de a sociolinguística ter se fixado como um novo ramo da ciência e da linguagem (o que aconteceu só na década de sessenta e que tem como interesse central o estudo da variação linguística à luz de causas sociais), a Dialectologia já interpretava os fatos linguísticos segundo diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, faixa etária, de sexo etc., ou seja, a dialectologia, já há muito tempo usa de recursos interpretativos que passam a ser posteriormente definidos como da sociolinguística. Um bom exemplo disso, de acordo com a autora, encontra-se no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*.

No entanto, devemos discernir Dialectologia da Geolinguística ou Geografia Linguística, pois esta é um método utilizado pela Dialectologia. Embora os Atlas linguísticos sempre se constituíssem em meta ou aspiração principal dos dialetólogos, é interessante mencionar que os trabalhos de Dialectologia inserem-se em dois grandes grupos: trabalhos de análise (estudos de caráter monográfico que descrevem fatos, analisam a realidade e sobre ela concluem), com apresentação de resultados conclusivos e trabalhos de descrição de realidades dialetais (Atlas linguísticos nacionais ou regionais) que se tornam instrumentos de análises posteriores para conclusões sobre a realidade linguística em foco.

Na realidade, a publicação de um atlas significa o final de um estágio e o início de uma obra aberta aos mais distintos estudos dialetais, pois são documentos indiscutíveis de uma realidade da língua, diversificada nos seus vários níveis.

Conforme Cardoso e Mota (2006), se o espaço geográfico é de domínio da Dialectologia, a preocupação com os efeitos da variação social torna-se, também, um veio a perseguir, especialmente a partir da década de 1960, com a implementação dos estudos de natureza sociolinguística e a influência dos trabalhos de Labov. Dessa forma, ao lado do dado diatópico (localidade), a Dialectologia passa a se preocupar mais sistematicamente com o significado e a repercussão das variáveis sociais sobre os usos de cada falante, introduzindo o tratamento dos dados numa perspectiva pluridimensional. Conjugam-se um rol de outras informações: aos dados inicialmente perseguidos, os diatópicos, juntam-

se aqueles de ordem diagenérica (sexo), diageracional (idade), diastrática (classe social), diafásica (situação de fala), diarreferencial (Língua-objeto versus metalíngua, incluindo língua apresentada), dentre outros. Para a diversidade que se registra nos espaços informa-se, também, qualificando, o usuário, isso porque, nas palavras das autoras, “não basta saber onde se fala, é preciso ir mais adiante, traçando o perfil de quem fala o que poderá vir a permitir responder-se a indagações do tipo ‘por que’ se fala” (2006, p. 86).

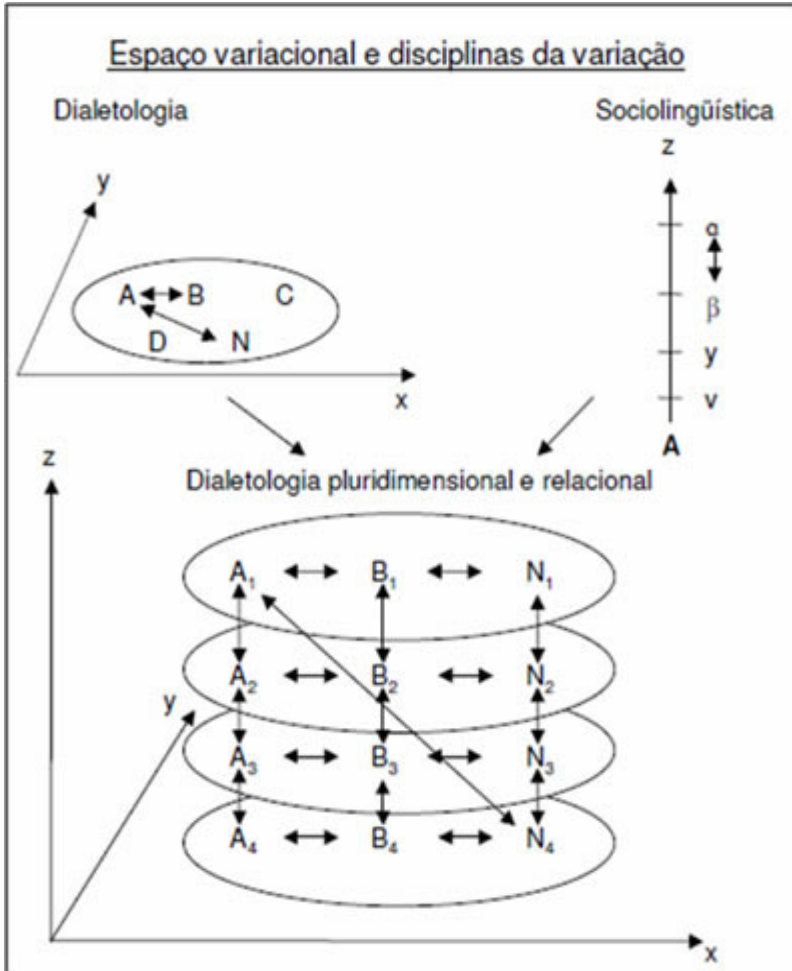
Ainda de acordo com as mesmas autoras, a natureza da inserção do falante na comunidade em que se encontra alojado, o seu perfil sociocultural e as características biossociais que o individualizam (sexo, faixa etária, escolaridade, grau de integração social, entre outros), acabam por atribuir-lhe características linguísticas cuja explicação se localiza para além das diferenças geográfico-espaciais. A Dialetologia se propõe a estudar o *porquê* dessa diversificada e variada expressão da língua a fim de apontar um caminho para a interpretação dos fenômenos observados.

O conhecimento das diferentes situações de linguagem do país, o comportamento dos usuários dessa língua diante de cada uma das possibilidades de uso e o entendimento dessa pluralidade de formas que convivem, constituem-se, na atualidade, a preocupação dos estudos dialetais. Para isso, a Geolinguística teve que se adequar a esses objetivos e transformou-se na Geolinguística Pluridimensional, no entanto, ela não substitui a primeira e, além disso, terá que administrar competentemente a pluralidade dos dados.

O modelo teórico da *Dialetologia Pluridimensional e Contatual* tem como princípio básico a pluridimensionalidade da análise da variação linguística, pelo qual se busca combinar a dimensão diatópica (horizontal), interesse primordial da dialetologia tradicional, com dimensões sociais (verticais), tradicionalmente enfocadas pela sociolinguística. A figura a seguir, de Thun (1998, apud ALTENHOFEN, 2011<sup>42</sup>), ilustra o propósito implícito dessa proposta:

---

<sup>42</sup> Ver site do projeto ALMA: <http://www.ufrgs.br/projalma/metodologia/dimensoes.html>.



**Figura 10:** Esquema comparativo dos estudos dialetológicos, sociolinguísticos e da dialetologia pluridimensional e relacional

Thun (1998) evidencia que a dialetologia pluridimensional é formada pela superfície dialetológica horizontal (variação geográfica) e pelo eixo vertical da sociolinguística (variação social) analisando então os planos vertical e horizontal da linguagem e suas relações.

Bellmann (1999) afirma que o estudo bidimensional, nos eixos da arealidade e da sociedade, atinge bons resultados “desde que se efetue o levantamento dos dados com suficiente exatidão” (p.20).

Como vimos, a perspectiva que será adotada neste trabalho, a da dialetologia pluridimensional, visa à investigação da variação da língua na dimensão geográfica e também na dimensão social. Acreditamos que essa nova perspectiva da dialetologia permite um trabalho associado à perspectiva da sociolinguística variacionista para a investigação da heterogeneidade linguística como evidenciado por Thun (1998).

### 2.2.1 Um diálogo possível

Da união que extrapola a variável diatópica ao buscar outras variáveis sociais, conjugando os pressupostos teórico-metodológicos da dialetologia/geolinguística e da sociolinguística, surge a geosociolinguística (ou sócio-geolinguística), um termo que vem sendo bastante utilizado no Brasil por pesquisadores como Razki (2003) e Cunha (2006).

Ao aliarmos dois enfoques teóricos da variação – a dialetologia e a sociolinguística – temos ferramentas importantes para compreendermos a variação linguística. A geografia linguística, como método da dialetologia, foi se aperfeiçoando e, atualmente, extrapola a variável diatópica ao buscar novas variáveis sociais. Em suma, a união desses métodos nos permitirá, por parte da dialetologia, ter uma *macrovisão* do fenômeno em estudo ao observarmos a sua distribuição nos mapas geolinguísticos e, ao mesmo tempo, ter uma *microvisão* do fenômeno, ou uma visão mais aprofundada, por parte da sociolinguística laboviana.

Dessa forma, acreditamos que os dois métodos e as duas teorias aliadas nos permitirão analisar os dados a partir de dois pontos de vista diferentes, mas que certamente contribuirão para que encontremos as respostas às perguntas feitas nesta pesquisa.

## 2.3 SOBRE OS PRONOMES *TU*, *VOCÊ* E *SENHOR*

Boa parte das Gramáticas Normativas costuma apresentar um quadro pronominal da língua portuguesa que há algum tempo vem sendo discutido por pesquisas linguísticas. Uma das polêmicas gira em torno da composição da 2ª e 3ª pessoas do singular. Entretanto, nos

limitaremos a discutir algumas questões referentes apenas à 2ª pessoa do singular relacionando-as às formas estudadas nesta pesquisa.

No quadro a seguir, podemos visualizar um exemplo de paradigma adotado por Cunha e Cintra (1985).

		Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos não reflexivos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	Eu	Me	mim, comigo
	2ª pessoa	Tu	Te	ti, contigo
	3ª pessoa	Ele, ela	O, a, lhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	Nós	Nos	nós, conosco
	2ª pessoa	Vós	Vos	vós, convosco
	3ª pessoa	Eles, elas	Os, as, lhes	eles, elas

**Quadro 1:** Formas de pronomes pessoais

**Fonte:** Cunha e Cintra (1985, p.270)

De acordo com os gramáticos mencionados, denominam-se *pronomes de tratamento* certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você, o senhor, vossa excelência*. Ainda de acordo com esses autores, embora essas formas designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª), esses pronomes levam o verbo para a 3ª pessoa e alertam que, em princípio, os pronomes de tratamento da 2ª pessoa devem acompanhar o verbo para evitar confusão com o sujeito da 3ª pessoa:

(7) *Seu irmão cantava, e você acompanhava.* (p.283)

Ao tratar do emprego dos pronomes de tratamento da 2ª pessoa, os autores afirmam que

no português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria da intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado,



nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente aproximativa. (CUNHA e CINTRA, 1985, p.284)

No português do Brasil, os autores afirmam que o *tu* é de uso restrito do Sul do País e de alguns pontos da Região Norte que ainda não foram suficientemente delimitados e que foi substituído, em quase todo o território brasileiro, pelo *você* como forma de intimidade. Os autores mencionam que o *você* também é empregado fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. Já no português europeu, o *você* é usado apenas com valor de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia). Eles afirmam, ainda, que somente excepcionalmente – e em certas camadas sociais altas – o *você* aparece usado como forma carinhosa de intimidade, pois no português de Portugal ainda não é possível, apesar de um certo alargamento recente do seu emprego, usar essa forma para o trato de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia.

Quanto às formas *o senhor* e *a senhora* (*a senhorita*, no Brasil, *a menina*, em Portugal, para a jovem solteira), os autores afirmam que se tratam de formas de respeito ou cortesia e, como tais, se opõem a *tu* e *você*, em Portugal, e a *você*, na maior parte do Brasil.

Uma das questões da Gramática Normativa muito discutidas pelos linguistas tem sido a não inclusão da forma *você* ou *cê*, resultado de um processo de gramaticalização de *Vossa Mercê*, no paradigma pronominal de segunda pessoa.

A justificativa de Cunha e Cintra (1985) para essa não inclusão, como já vimos, é a de que o *você* funciona como “verdadeiro pronome pessoal”, mas não é tratado como tal porque leva o verbo para a terceira pessoa. Sobre essa questão, Menon (1995, p.3-4) argumenta,

A forma *você(s)* origina-se de uma locução nominal [...] e, nessa categoria, passa a requerer o verbo na terceira pessoa. No entanto, durante o processo de modificação fonética e de valor social, a forma se pronominalizou, isto é, passou por um processo de gramaticalização, mudando de categoria: de nome [...] para pronome. Este novo

pronome é de segunda pessoa, logo a forma verbal que o acompanha também passa a ser uma forma de segunda pessoa. Então, não faz sentido algum continuar a dizer que o verbo está na terceira pessoa com um pronome de segunda pessoa [...] a língua portuguesa passa a ter [...] uma reestruturação no seu paradigma verbal, em que a segunda pessoa do singular passa a ter duas formas.

O pronome *o senhor* também é considerado como pronome de tratamento e não como pronome pessoal nas Gramáticas em geral. Entretanto, Ilari, Franchi e Neves (1996) fazem as seguintes afirmações

De fato, uma função típica dos pronomes, certamente responsável pela qualificação “pessoais”, é a de constituir expressões referenciais que representam na estrutura formal dos enunciados os interlocutores responsáveis pela enunciação. “Pessoal” [...] evoca aqui a possibilidade de alternar os papéis da interlocução, o que permite compreender a noção de “pessoa” como algo mais do que um mero tecnicismo gramatical ligado à conjugação verbal. (p.88)

Dessa forma, os autores mencionados, bem como Castilho (2010), classificam *o senhor* como pronome de segunda pessoa, assim como os pronomes *tu* e *você*. Sendo assim, seguimos neste trabalho a classificação de *tu*, *você* e *o senhor* como pronomes de segunda pessoa<sup>43</sup>.

Gramáticas Descritivas mais modernas como a de Castilho (2010), que partem dos resultados de pesquisas linguísticas e da observação do uso real da língua, já trazem novos quadros dos pronomes pessoais no português brasileiro (de uso formal e informal) como podemos visualizar no quadro a seguir.

---

<sup>43</sup> Isso não significa que estamos negando a função de pronome de tratamento exercida, principalmente, pela forma *o senhor*.

Pessoa	PB Formal		PB Informal	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	<i>Eu</i>	<i>me, mim, comigo</i>	<i>eu, a gente</i>	<i>eu, me, mim, prep + eu, mim</i>
2ª pessoa sg.	<i>tu, você, o senhor, a senhora</i>	<i>te, ti, contigo, prep + o senhor, com a senhora</i>	<i>você/ocê/tu<sup>44</sup></i>	<i>você/ocê/cê, te, ti, prep + você/ocê (=doce, coce)</i>
3ª pessoa sg.	<i>ele, ela</i>	<i>o/a, lhe, se, si, consigo</i>	<i>ele/ei, ela</i>	<i>ele, ela, lhe, prep + ele, ela</i>
1ª pessoa pl.	<i>Nós</i>	<i>nos, conosco</i>	<i>a gente</i>	<i>a gente, prep + a gente</i>
2ª pessoa pl.	<i>vós, os senhores, as senhoras</i>	<i>vos, convosco, prep + os senhores, as senhoras</i>	<i>vocês/ocês/cês</i>	<i>vocês/ocês/cês, prep + vocês/ocês</i>
3ª pessoa pl.	<i>eles, elas</i>	<i>os/as, lhes, se, si, consigo</i>	<i>eles/eis, elas</i>	<i>eles/eis, elas, prep + eles/eis, elas</i>

**Quadro 2:** Quadro de pronomes pessoais no PB

**Fonte:** Castilho (2010, p.477)

De acordo com Castilho (2010) “os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças. Estudos recentes têm apontado para sua reorganização no PB, sobretudo na modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua” (p.477). Esse autor afirma também que “a centralidade desses pronomes no sistema das línguas explica por que a reorganização do quadro dos pronomes repercute nos demais pronomes, na morfologia verbal, na concordância verbal e na estrutura funcional da sentença”.

<sup>44</sup> Vemos que, embora o paradigma proposto Castilho (2010) seja bastante inovador, ele não menciona a forma *cê* como segunda pessoa do singular no PB informal. Essa forma já foi objeto de pesquisa de Gonçalves (2008), Peres (2006), Soares de Andrade (2004) dentre outros.

Sobre o quadro de pronomes anterior, o autor chama a atenção do leitor para as formas contraídas *cê* e *ei* pelo fato de elas não funcionarem como complemento a não ser quando aparecem preposicionadas conforme já apontado por Vitral/Ramos (1999) e Reich (2004). Sendo assim, não ocorrem construções como *\*ele procura cê*, *\*eu procuro ei*, *\*isso é pra cê*, pois nesses casos é necessário o uso da forma *ocê*: *ele precisa doce*, *ele vai coce*, *isto é procê* (=de, com, para + *ocê*).

Ainda de acordo com esse autor, pelo menos três processos são identificáveis na reorganização do quadro dos pronomes pessoais do PB: (i) criação, substituição e alteração de formas pronominais; (ii) perdas e ganhos no quadro dos reflexivos e (iii) transformação progressiva dos pronomes pessoais em morfemas prefixais de pessoa.

Sobre a segunda pessoa do singular, o autor explica que o *tu* tem sido substituído por *você*, forma que surgiu por alterações fonológicas da expressão de tratamento *vossa mercê*, um sintagma nominal que deu origem a *você*, seguindo para *ocê* > *cê*. De acordo com Castilho (2010), a gramaticalização desse sintagma se produziu simultaneamente nos seguintes campos:

(1) Alterações fonológicas bilineares (=fonologização) de *Vossa Mercê*: numa linha, tivemos as derivações *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *você* > *ocê* > *cê*; em outra linha, tivemos *Vossa Mercê* > *vosmicê* > *vassuncê*; (2) alterações sintáticas: um sintagma nominal é reanalisado como pronome pessoal; (3) alterações pragmáticas: *Vossa Mercê* era um tratamento dispensado aos reis. Com o desenvolvimento da burguesia, os novos-ricos quiseram esse tratamento para eles também. Indignado, o rei passou a reclamar *Vossa Majestade* para ele, lembrando decerto aos burgueses que uma força tinha sido convenientemente erigida defronte ao paço, caso eles resolvessem repetir a gracinha. De todo o modo, *Vossa Mercê* e derivados eram um tratamento cerimonioso, dado “pelos de baixo” “aos de cima”. Veja como é a roda da fortuna: pois não é que o derivado *você* passou a ser no PB um tratamento de igual para igual? Para o tratamento cerimonioso, inventou-se o *senhor*. Em regiões brasileiras em que o tratamento *tu* continua vigente, o uso de *você* traz de volta o antigo distanciamento. E onde o *tu* bateu as botas, ele e seus derivados ressuscitam, quando se quer

afetar distanciamento, como nesta bronca familiar: (56) *Olhe aí o que o teu filho aprontou! Eu te falei pra vigiar esse menino!* Quando chega a hora do arrego, um dos falantes pode dirigir-se ao outro nestes termos: (56a) *Eu te falei pra você meu bem, precisamos de mais rigor na casa!* E o recobrimento pronominal traz de volta a paz familiar. (p.479)

Na citação anterior, Castilho (2010) resume, com competência e bom humor, os processos de mudança pelos quais a segunda pessoa do singular vem passando no português brasileiro e alerta que os exemplos trazidos de alternância de tratamento, seja ele qual for, assinala uma mudança no relacionamento.

Essa afirmação de Castilho (2010) nos remete a um artigo clássico sobre pronomes de segunda pessoa que tem inspirado vários trabalhos sobre o tema. Brown e Gilman (1960) apresentam o que eles chamam de semântica do *poder* e semântica da *solidariedade* e, com base no conceito desses dois termos, analisam as diferenças existentes no uso de tais pronomes no francês, no alemão e no italiano. A análise parte dos pronomes latinos *tu* e *vos*, o primeiro usado como pronome de familiaridade recebeu designação geral de *T* e o segundo, como pronome de formalidade, recebeu *V*. Estas duas letras foram usadas para representar esses dois conceitos gerais em qualquer língua.

De acordo com esses autores, uma pessoa tem *poder* sobre outra conforme seu grau de capacidade para controlar o comportamento da outra. Porém, esse *poder* é *não recíproco*, pois em um relacionamento entre pelo menos duas pessoas, elas não podem ter *poder* na mesma área de comportamento. Sendo assim, a semântica de poder é não recíproca, por isso, o superior diz *T* e recebe *V*.

Brown e Gilman (1960) citam algumas bases para se estabelecer o poder, dentre elas estão a *idade*, o *sexo*, os *papéis institucionalizados da igreja, do estado, do exército ou os papéis dentro da família*. Para ilustrar a manifestação da semântica do poder em diferentes bases, os autores trazem exemplos da história da língua, especialmente na Europa Medieval, em que os pais eram figuras do imperador e que as primeiras experiências do indivíduo de subordinação ao poder através do *V* eram com os pais.

Considerando que a semântica do poder é *não recíproca* e apenas prescreve o uso entre superior e inferior, os autores estabeleceram outra semântica para o tratamento entre iguais. Nas sociedades da Europa

Medieval, os pronomes de referência entre os iguais eram recíprocos, ou seja, os indivíduos davam e recebiam a mesma forma pronominal e, mesmo depois desse período, os iguais das classes altas trocavam entre si o *V* enquanto os iguais de classes baixas trocavam o *T*.

De acordo com os autores, o fato de o *V* ter entrado nas sociedades através das classes altas, ele adquiriu, principalmente entre os europeus, o *status* de elegância e gradualmente surgiu uma conotação diferente para o *T* e *V* e chamou-se o *T* de *intimidade* e o *V* de *formalidade*. Essa nova dimensão foi chamada pelos autores de *solidariedade*. Todavia, como nem todas as diferenças entre as pessoas são diferenças de poder, quando as diferenças não são relacionadas ao poder, o *V* surge em ambas as direções.

Os autores também estabelecem a *solidariedade* como *simétrica* para os relacionamentos em geral. Nessa semântica, as normas de uso são recíprocas e o *T* se torna mais provável à medida que a *solidariedade* aumenta e o *V* à medida que a *solidariedade* diminui. De acordo com os autores, essa semântica ganhou supremacia sobre a semântica do poder a partir do século XIX e o resultado disso é um sistema unidimensional, isto é, o *T* é recíproco de *mais solidariedade* e o *V* é recíproco de *menos solidariedade*.

Essas questões voltarão à baila no Capítulo III, ao discutirmos os resultados referentes à variável *tipo de relação entre os interlocutores*.

## 2.4 O SUPORTE METODOLÓGICO

A Teoria da Variação e Mudança traz em seu arcabouço teórico os procedimentos a serem adotados nas pesquisas cujo alvo seja a língua em uso no contexto social. Labov (2008 [1972]) isola cinco axiomas metodológicos que emergiram dos resultados dos projetos de pesquisa de campo descritos em sua obra *Sociolinguistic Patterns* e que levaram a um paradoxo metodológico. De acordo com o autor, a solução para esse paradoxo é o problema metodológico central. Os axiomas são:

- (i) *Alternância de estilo* – não existe falante de estilo único, pois todo falante exibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social e o tópico.
- (ii) *Atenção* – trata-se do grau de atenção prestada à fala. Quanto maior a atenção à fala, maior é o poder de monitoramento da própria fala.

- (iii) *Vernáculo* – é o estilo em que o indivíduo presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo oferece dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística.
- (iv) *Formalidade* – toda observação sistemática (entrevista) de um indivíduo define um contexto formal em que ele confere à sua fala mais do que o mínimo de atenção, ou seja, sempre haverá outras situações em que o informante usará uma fala mais informal.
- (v) *Bons dados* – a única forma de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual e gravada.

Com esses axiomas chega-se ao *paradoxo do observador*, pois o objetivo da pesquisa linguística na comunidade é descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas; porém só se pode obter tais dados por meio da observação sistemática. Esses problemas são resolvidos suplementando as entrevistas formais com outros dados ou mudando a estrutura da situação de entrevista de uma forma que a deixe mais descontraída e desvie a atenção do falante para que o vernáculo emerja.

Labov (2008 [1972]) elenca também alguns tipos de observações sistemáticas diferentes das conhecidas entrevistas labovianas: (1) as entrevistas rápidas e anônimas; (2) as observações assistemáticas; (3) os meios de comunicação de massa e (3) o extremo formal do espectro estilísticos (vários tipos de testes linguísticos).

Nesta pesquisa, utilizamos dados resultantes de observações sistemáticas (entrevistas) e de testes de percepção e produção linguística. A seguir discorreremos sobre as etapas pelas quais passou esta pesquisa, caracterizamos a amostra utilizada, descrevemos os procedimentos adotados no tratamento dos dados e elencamos as variáveis trabalhadas com suas respectivas hipóteses.

### 2.4.1 A amostra utilizada e a análise quantitativa

A amostra para esta pesquisa compreende a união de partes de três *corpora* sincrônicos: i) Monguilhot (2006)<sup>45</sup>, do qual utilizamos somente as 16 entrevistas realizadas em Florianópolis; ii) Varsul (Florianópolis)<sup>46</sup>, do qual utilizamos somente 4 entrevistas e iii) Floripa (2009)<sup>47</sup>, do qual utilizamos somente 4 entrevistas de Rationes e 4 entrevistas de Santo Antônio de Lisboa. Além disso, contamos também com uma amostra composta por testes de percepção e produção, que será descrita posteriormente.

Embora façamos uso de três *corpora* distintos, o perfil do informante selecionado para esta pesquisa segue o critério utilizado por Monguilhot (2006) que pode ser visualizado no quadro a seguir.

As localidades de Florianópolis cujas entrevistas foram selecionadas para o nosso *corpus* são, na zona menos urbana: Ribeirão da Ilha, Costa da Lagoa, Santo Antônio de Lisboa e Rationes e, na zona mais urbana, Centro e Ingleses. Para visualizar a posição geográfica das localidades investigadas, observemos os pontos em preto do mapa 11.

Os informantes cujas entrevistas constituem a amostra estão estratificados de acordo com idade e escolaridade. Para cada ponto selecionado temos quatro informantes conforme podemos visualizar no quadro 3, a seguir.

---

<sup>45</sup> Entrevistas labovianas realizadas pela própria autora, em 2006, para compor parte do *corpus* utilizado em sua tese. Essas entrevistas estão disponibilizadas em áudio na sede do projeto Varsul, na UFSC – Florianópolis.

<sup>46</sup> Entrevistas labovianas realizadas por integrantes do projeto Varsul (alunos e professores) na década de 1990. O áudio e a transcrição dessas entrevistas estão disponibilizados na sede do projeto Varsul, na UFSC – Florianópolis.

<sup>47</sup> Entrevistas labovianas realizadas em 2009 por alunos da disciplina de Sociolinguística do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC. Essas entrevistas estão disponibilizadas em áudio na sede do projeto Varsul, na UFSC – Florianópolis e esse banco vem sendo ampliado a cada ano pelos alunos do Programa mencionado.





Mapa 11: Localidades que compõem a amostra desta pesquisa<sup>48</sup>

<sup>48</sup> Mapa disponível em: <http://www.mobfloripa.com.br/Arquivos>. Acesso em 23 jun. 2012.

<i>Corpus Monguilhot (2006) Florianópolis – adaptado</i>					
Zona	Localidade	Informante 1	Informante 2	Informante 3	Informante 4
Menos urbana	Ribeirão da Ilha	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Superior	48 a 74 anos. Ensino Fund.	45 a 75 anos. Ensino Superior
Menos urbana	Costa da Lagoa	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Superior	48 a 74 anos. Ensino Fund.	45 a 75 anos. Ensino Superior
Mais urbana	Inglese	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Superior	48 a 74 anos. Ensino Fund.	45 a 75 anos. Ensino Superior
Mais urbana	Centro <sup>49</sup>	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Superior	48 a 74 anos. Ensino Fund.	45 a 75 anos. Ensino Superior
<i>Corpus Varsul (Florianópolis)</i>					
Mais urbana	Centro	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Médio + espec. <sup>50</sup>	48 a 74 anos. Ensino Fund.	45 a 75 anos. Ensino Médio + espec.
<i>Corpus Floripa (2009)</i>					
Menos urbana	Ratones	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Superior	48 a 74 anos. Ensino Fund.	45 a 75 anos. Ensino Superior
Menos urbana	Santo Antônio de Lisboa	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Superior	48 a 74 anos. Ensino Fund.	39 a 75 anos. Ensino Superior
Total	6	7	7	7	7

**Quadro 3:** Estratificação dos informantes segundo a localidade, idade e escolaridade

<sup>49</sup> Optamos por controlar 8 informantes do centro (4 de uma amostra e 4 de outra) para verificarmos se há semelhanças e diferenças entre a amostra Monguilhot que é de 2006 e a amostra Varsul que é de 1990.

<sup>50</sup> Como indivíduo mais escolarizado, do Varsul, consideramos aqueles que tinham o Ensino Médio e mais algum tipo de continuação de estudos, como, por exemplo, curso técnico ou magistério.

Foram analisados todos os dados que apresentavam pronome de segunda pessoa do singular (pessoais, possessivos e clíticos) extraídos de cada uma das 28 entrevistas que apresentavam duração média de cinquenta minutos.

É importante ressaltar que não controlamos as variações de pronúncia do pronome *você*, ou seja, as ocorrências de *vancê*, *ocê* e *ce* foram consideradas e controladas como *você*. Da mesma forma agimos para as variações de *o senhor*, isto é, as ocorrências de *sinhô*, *sinhá*, *sor* e *sô* são consideradas como *o senhor*.

Para verificarmos a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos no fenômeno em estudo, os dados coletados foram codificados e analisados estatisticamente pelo programa Goldvarb (2001), amplamente divulgado e utilizado em pesquisas sociolinguísticas. Utilizamos esse pacote estatístico em nossa pesquisa porque ele nos fornece pesos relativos associados aos distintos fatores das variáveis independentes consideradas, bem como a seleção destes grupos em função de sua relevância estatística para a variação do fenômeno estudado. Os pesos relativos atribuídos indicam o efeito que cada um dos fatores tem sobre as variantes do fenômeno linguístico considerado (a variável dependente).

#### **2.4.2 A variável dependente e as variáveis independentes**

Constituímos como variável dependente em nosso estudo a forma de representação da pessoa pronominal *tu*, *você* ou *o senhor*, buscando verificar os contextos favorecedores para cada uma das variantes. Para esta investigação, selecionamos os seguintes grupos de fatores linguísticos, sociais, sociodiscursivos e geográficos:

- a) Preenchimento do sujeito;
- b) Concordância do verbo;
- c) Paralelismo sujeito e possessivo;
- d) Paralelismo sujeito e clítico;
- e) Paralelismo sujeito e oblíquo tônico;
- f) Tipo de interlocução;
- g) Tipo de relação entre os interlocutores;
- h) Sexo;
- i) Escolaridade;
- j) Faixa etária;

- k) Indivíduo;
- l) Diatopia;
- m) Diazonalidade.

#### 2.4.2.1 Os grupos de fatores linguísticos

Os grupos de fatores linguísticos controlados nesta pesquisa são: *i) preenchimento do sujeito, ii) concordância do verbo e iii) paralelismo (sujeito e possessivo, sujeito e clítico e sujeito e oblíquo tônico)*. A seguir apresentamos esses grupos com suas respectivas caracterizações e hipóteses.

##### 2.4.2.1.1 Preenchimento do sujeito

A explicitação do pronome foi trabalhada, dentre outros autores, por Loregian (1996) que elencou três fatores para compor a análise desse grupo: (i) pronome explícito imediatamente antes do verbo; (ii) pronome explícito com material interveniente (entre o pronome e o verbo) e (iii) sem pronome explícito. Os resultados da autora demonstraram não haver diferença probabilística acentuada entre os fatores (i) e (ii), cujos pesos relativos foram 0,42 e 0,33, respectivamente. Por esse motivo, em Loregian-Penkal (2004), a autora considerou apenas dois fatores: *com pronome explícito* e *sem pronome explícito*. Diante disso, em nosso trabalho, controlaremos esses fatores da mesma forma.

A variável *explicitação do pronome* foi selecionada como relevante no trabalho de Loregian-Penkal (2004)<sup>51</sup> quando a autora realizou uma rodada estatística com as capitais (Porto Alegre e

---

<sup>51</sup> O banco de dados de Florianópolis utilizado por Loregian-Penkal (2004) não é exatamente o mesmo utilizado nesta pesquisa, pois nós utilizamos apenas os dados do Varsul dos mais escolarizados (Ensino Médio com algum curso adicional) e dos menos escolarizados (Ensino Fundamental), ou seja, não fizemos a divisão tradicional desse banco de dados (primário, ginásial e colegial) utilizada pela autora mencionada. Os dados do Ribeirão da Ilha também não são os mesmos, pois a autora utilizou o banco Brescancini (1996) enquanto nós utilizamos o banco Monguilhot (2006).

Florianópolis) e com a localidade de Ribeirão da Ilha. Para a autora, esse resultado foi motivado pelos dados de Florianópolis (centro) e do Ribeirão, locais onde a flexão verbal canônica com o *tu* se mantém. De acordo com os resultados apresentados na pesquisa, a ausência de pronomes propicia o uso de *tu* com 0,80 de peso relativo e a presença do pronome propicia a redução do uso do *tu* com 0,39 de peso relativo. Dessa forma, a autora verifica que a flexão verbal canônica de segunda pessoa é, muito provavelmente, a responsável pelo elevado peso relativo atribuído ao *tu*. Vejamos como isso se confirma na tabela a seguir.

Fatores	Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha		
	Apl. Total	%	PR
Com pronome explícito	1303/1550	84%	0,39
Sem pronome explícito	481/498	97%	0,80
Total	1784/2048	87%	

**Tabela 26:** Explicitação do pronome em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha

**Fonte:** Loregian-Penkal (2004, p. 150 – com adaptações)

De acordo com Coelho e Görski (2011), quando o pronome usado se correlaciona a um sistema de flexão verbal distintiva, como acontece com o *tu*, é esperado que se encontre um sistema predominantemente de sujeito nulo e de ordem Verbo + Sujeito. Quando

encontramos um enfraquecimento de flexões verbais, decorrente da entrada do *você* – que se combina com formas verbais não marcadas – acreditamos que vamos encontrar mais preenchimento do sujeito pronominal e uma ordem SVO preferencial COELHO e GÖRSKI, 2011, p.13).

A partir dos resultados das formas de tratamento segundo a variável *preenchimento do sujeito*, encontrados pelas autoras, pôde-se verificar que

há uma predominância do sistema de tuteamento com sujeito nulo e uma predominância do sistema de voceamento com o pronome preenchido, o que

confirma novamente trabalhos anteriores com amostras de outras regiões (COELHO; GÖRSKI, 2011, p.14).

Sendo assim, esperamos que essa relação entre o preenchimento do sujeito e a escolha dos pronomes se repita em nossos dados, ou seja, que a ausência de pronomes se correlacionará ao uso do paradigma de segunda pessoa (*tu*) e a presença de pronomes aos usos do paradigma de terceira (*você* e *o senhor*).

Para controlarmos essa variável, fizemos a seguinte distinção.

i) Sujeito nulo:

(8) “*Inclusive, mudando de assunto, Ø querias falar sobre a Ana Paula, ela sempre teve vontade de escrever um livro*”. (FA1c)<sup>52</sup>

ii) Sujeito preenchido:

(9) “*Às vezes você toma uma atitude que não deveria ser aquela, mas depois você pode ficar com a consciência pesada*”. (MA1c)<sup>53</sup>

#### 2.4.2.1.2 Concordância do verbo

De acordo com Loregian-Penkal (2004), a etnia açoriana, representada pelas localidades de Florianópolis (centro) e Ribeirão da Ilha, é a que mais faz uso da concordância canônica de segunda pessoa com o *tu* em comparação com as demais localidades estudadas como pode ser visualizado na tabela a seguir:

---

<sup>52</sup> F = feminino, A = mais velho, l = menos escolarizado, c = localidade (centro, Varsul).

<sup>53</sup> M = masculino, A = mais velho, l = menos escolarizado, c = localidade (centro, Varsul).

<b>Fatores</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Rodada geral com FLP, POA, RIB e as três cidades do interior do RS			
<b>Flores da Cunha</b>	14/654	2%	0,20
<b>Panambi</b>	12/395	3%	0,34
<b>Porto Alegre</b>	54/764	7%	0,35
<b>São Borja</b>	30/663	5%	0,36
<b>Florianópolis</b>	251/585	43%	0,85
<b>Ribeirão da Ilha</b>	268/445	60%	0,91
<b>Total</b>	629/3505	18%	
Rodada geral com Chapecó, Blumenau e Lages			
<b>Chapecó</b>	2/261	8%	0,18
<b>Lages</b>	27/189	14%	0,74
<b>Blumenau</b>	51/134	38%	0,82
<b>Total</b>	80/584	13%	

**Tabela 27:** Concordância com *tu* por localidade

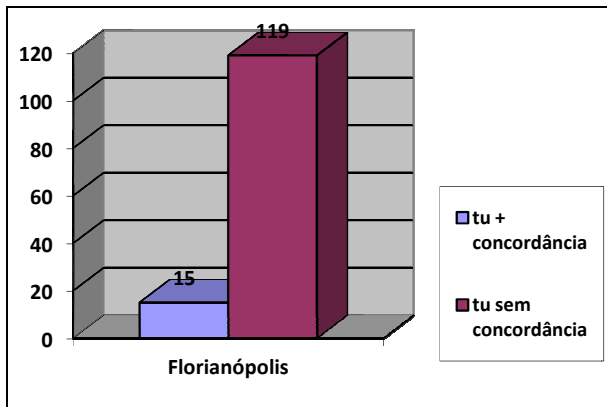
**Fonte:** Loregian-Penkal (2004, p.167 – com adaptações)

Como podemos visualizar na tabela acima, as localidades do Ribeirão da Ilha e Florianópolis aparecem com probabilidade maior de uso da flexão canônica de segunda pessoa, com pesos relativos de 0,91 e 0,85, respectivamente. Já em Lages, o favorecimento à flexão canônica de segunda pessoa é menor, 0,74. Isso, de acordo com a autora, é um indício de que nessa localidade há uma forte identificação linguística com o gaúcho que costuma usar o *tu* sem marcação de concordância. Entretanto, se atentarmos à aplicação do pronome, veremos que o número de ocorrências de *tu* em Lages é bem menor do que nas demais localidades (Florianópolis e Ribeirão da Ilha) e que o percentual de concordância do verbo também é proporcionalmente menor, ou seja, há concordância em apenas 14% dos casos.

Esses resultados podem ser comparados aos de Alves (2010) que investigou o *tu* seguido de concordância, no Maranhão, onde se acredita que esta marca é típica do falar local, pelo fato de o estado ter sido colonizado por açorianos. Entretanto, em seus dados, a autora encontrou 126 ocorrências de *tu* sendo 14 formas seguidas de concordância de segunda pessoa e 112 formas (71,1%) desprovidas da marca de concordância, ou seja, tal marca, embora ainda esteja presente, principalmente na capital São Luís, é cada vez menos recorrente.

De acordo com Rocha (2010), que estudou o sistema pronominal de segunda pessoa do discurso da língua falada das comunidades

florianopolitanas de Ratoles e de Santo Antônio de Lisboa observando a alternância entre os pronomes *tu* e *ocê* e a variação na concordância verbal com o *tu* (*tu foste/fosse/foi*), que o pronome *tu sem concordância* predominava na fala dos indivíduos daquela pesquisa, alcançando o total de 88,8% (119 dados). Enquanto isso o pronome *tu, com concordância*, foi encontrado em 11,1% (15 dados) das ocorrências como pode ser observado no gráfico a seguir.



**Gráfico 5:** Ocorrências de *tu* com concordância e sem concordância

**Fonte:** Rocha (2010, p.73)

Esses resultados não condizem com os de Loregian (1996) que, estudando o mesmo fenômeno com indivíduos de Florianópolis (centro) e Ribeirão da Ilha (região rural de Florianópolis), concluiu que a marca de identidade do ilhéu é a presença de flexão verbal canônica de segunda pessoa.

Diante disso, Rocha (2010) supõe que, passados treze anos (1996 a 2009), essa marca linguística do ilhéu esteja mostrando traços de mudança, ou seja, a presença da flexão verbal de segunda pessoa parece estar permanecendo apenas em alguns verbos como *estar*, *querer*, *saber*, *ir* e *ter*<sup>54</sup> conforme podemos verificar nos exemplos trazidos pela autora.

- a. O que tu tens que fazê... (T-JV)
- b. O que tu não tens que fazê... (T-JV)
- c. Ah, como tu tens que fazê... (T-JV)
- d. Se tu tais falando alguma coisa (T-JV)

<sup>54</sup> Nesta pesquisa não faremos esse controle, pois, para isso, deveríamos fazer outra coleta de dados.



e. *Porque não tem aquele ar que tu tais acostumado a respirar sempre (T-JV)*

f. *... tu vais tê que arrumá, mas ninguém né, vai dá uma volta pra... (T-VD)*

g. *“Tu queres fazer isso aqui um Jurerê Internacional...” que o teu terreno vale mais (T-VD)*

h. *sabes onde é que é a creche? (N+V)*  
(ROCHA, 2010, p.79).

De acordo com a autora, o que parece estar acontecendo na fala do ilhéu dessas comunidades estudadas é um progressivo apagamento da marca verbal de segunda pessoa na maioria dos verbos. Contudo, alguns verbos parecem continuar com a flexão de segunda pessoa, então, o que nos leva a supor que, no futuro, essa marca de flexão se especialize “somente em alguns verbos que podem ser os já citados anteriormente: *estar, saber, querer, ir e ter*, os quais seriam pronunciados na fala do manezinho como, respectivamente: *tais, sabes, quéis* ou *queres, vais* ou *fosse e tens*” (ROCHA, 2010, p.79).

Diante dessas discussões, nossa hipótese é que os falantes de Florianópolis mantenham um percentual de concordância canônica abaixo dos 40% com o pronome *tu*. Entretanto, para os pronomes *você e o senhor* esperamos 100% de concordância. Para controlar essa variável temos os fatores:

i) *Com concordância.*

ii) *Sem concordância.*

#### 2.4.2.1.3 Paralelismo de formas pronominais

Nesta pesquisa controlamos 3 tipos de paralelismo: i) *Sujeito e possessivo*; ii) *Sujeito e clítico* e iii) *Sujeito oblíquo tônico*.

O *paralelismo formal* consiste na “tendência de marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros” (POPLACK, 1980; NARO, 1981 apud SCHERRE e NARO, 1993, p. 3). Ao controlar este grupo de fatores, vamos verificar se a forma do pronome pessoal exerce alguma influência na escolha dos demais pronomes utilizados (possessivos e oblíquos). Baseada nesta tendência, nossa hipótese é a de que os informantes que utilizam o pronome pessoal *tu* utilizem também o possessivo *teu* e os demais complementos de segunda pessoa (*te*,

*contigo, de ti e pra ti*); os que utilizam o pronome *você* e *senhor* utilizem, por sua vez, o possessivo *seu* e os demais oblíquos de terceira pessoa (*lhe, se, com você/consigo, com o senhor, de você e pra você, pro senhor, do senhor*).

Em Arduin (2005) a variável *paralelismo formal* foi selecionada como significativa pelo programa VARBRUL. O trabalho da autora mostrou que 99% das ocorrências com o possessivo *teu* se deram acompanhadas pelo pronome pessoal *tu*. O PR 0,90 atesta esta leitura, ou seja, o pronome *tu* se comporta como um forte favorecedor ao uso do possessivo *teu*, atestando assim o princípio linguístico do *paralelismo formal* de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros. Já a presença do pronome pessoal *você* age como desfavorecedor do uso do possessivo *teu*. Embora a frequência de 80% seja alta, o PR de 0,19 indica que a probabilidade de ocorrência é baixa, atestando, novamente o efeito do *paralelismo*. As ocorrências de *vocativo* também se comportaram como leves favorecedoras ao uso do possessivo *teu*, embora com PR mais baixo, de 0,60. Nestas ocorrências não há influência do princípio *paralelismo formal* por não haver nenhum dos pronomes pessoais (*tu* e *você*) expressos no período. O uso de *teu* com sujeito nulo (sem nenhum pronome pessoal expresso no período), embora com alto percentual (77%), não é recorrente, fato evidenciado pelo PR de 0,23.

Em suma, os resultados da autora confirmaram a tendência linguística do *paralelismo formal*, atestando, dessa maneira, que os pronomes pessoais *tu* e *você* exercem influência no uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu*. Sendo assim, nossa hipótese é que o mesmo aconteça com os demais pronomes, ou seja, os falantes usarão mais o *paralelismo* entre as formas, independentemente do pronome usado.

Para o controle desta variável, subdividimos o grupo nos seguintes fatores.

*i) Paralelismo sujeito e possessivo.*

Formas paralelas: *tu + teu/tua. Você + seu/sua. O senhor + seu/sua.*

Formas não paralelas: *tu + seu/sua. Você + teu/tua. O senhor + teu/tua.*

*ii) Paralelismo sujeito e oblíquo átono.*

Formas paralelas: *tu + te. Você + lhe. O senhor + lhe.*

Formas não paralelas: *tu + lhe. Você + te. O senhor + te.*

iii) *Paralelismo sujeito e oblíquo tônico.*

Formas paralelas: *tu + contigo, pra ti, de ti, etc. Você + consigo, com você, pra você, de você, etc. O senhor + consigo, com o senhor, para o senhor, do senhor, etc.*

Formas não paralelas: *tu + consigo, com você, pra você, de você, etc. Você + contigo, pra ti, de ti. O senhor + contigo, pra ti, de ti.*

O recorte feito para a análise dessa variável foi o turno de fala do informante.

#### 2.4.2.2 Os grupos de fatores sociodiscursivos

Os grupos de fatores sociodiscursivos controlados nesta pesquisa são: *i) tipo de interlocução e ii) tipo de relação entre os interlocutores.* A seguir apresentamos esses grupos com suas respectivas caracterizações e hipóteses.

##### 2.4.2.2.1 Tipo de interlocução

Esta variável é controlada em nosso trabalho com o objetivo de verificar se o tipo de interlocução exerce alguma influência na escolha dos pronomes *tu/você/o senhor.*

Outras pesquisas já controlaram essa variável, embora usando nomes diferentes e controlando diversos fatores. Dentre esses estudos podemos citar: Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004), Arduin (2005), Dias (2007), Mota (2008), Martins (2010), dentre outros. Porém trataremos aqui apenas o controle realizado por Loregian-Penkal (2004).

Loregian-Penkal (2004) controlou oito fatores: 1) Discurso para o entrevistador; 2) Discurso para o interveniente; 3) Discurso genérico, 4) Discurso relatado de terceira pessoa; 5) Discurso relatado do próprio falante; 6) Marcador discursivo; 7) Marcador discursivo relatado de terceira pessoa e 8) Marcador discursivo relatado do próprio falante. Nesse estudo, a variável *tipo de interlocução* foi a segunda a ser selecionada pelo programa VARBRUL como estatisticamente relevante somente nas rodadas gerais da variável dependente *concordância com o*

*tu* – *variação na comunidade*, ou seja, para a variável *alternância entre tu/você* essa variável independente não foi selecionada como relevante.

Nossa hipótese é que o falante de Florianópolis usa mais a forma *tu* quando se trata de discurso reportado de si mesmo e um discurso reportado de alguém próximo (amigo, filho, irmão, primo...). Por outro lado, esperamos que nas demais situações (discurso reportado de alguém mais velho, discurso reportado de alguém superior, discurso reportado de alguém inferior, discurso para o entrevistador, discurso genérico e discurso para o interveniente) esse falante use mais as formas *você* e *o senhor*.

Os fatores controlados são os seguintes.

- i) *Discurso reportado de si mesmo*;
- ii) *Discurso reportado de alguém próximo para relações de família (amigo, filho, irmão, primo...)*;
- iii) *Discurso reportado de alguém mais velho para relações de família (pai, mãe, vô, vó...)*;
- iv) *Discurso reportado de alguém superior para relações de trabalho e outras*;
- v) *Discurso reportado de alguém inferior para relações de trabalho e outras*;
- vi) *Discurso para o entrevistador*;
- vii) *Discurso genérico*;
- viii) *Discurso para o interveniente*;
- ix) *Marcador discursivo*.

Devido à ocorrência de Knockouts, foi necessário amalgamarmos alguns fatores. Sendo assim, fizemos a seguinte união.

i) *Discurso reportado de si mesmo + Discurso reportado de alguém próximo para relações de família (amigo, filho, irmão, primo...) + Discurso reportado de alguém inferior para relações de trabalho e outras*;

ii) *Discurso reportado de alguém mais velho para relações de família (pai, mãe, vô, vó...) + Discurso reportado de alguém superior para relações de trabalho e outras*;

iii) *Discurso para o entrevistador + Discurso para o interveniente*;

iv) *Discurso genérico*.

O *Marcador discursivo* foi retirado da amostra.

#### 2.4.2.2.2 Tipo de relação entre os interlocutores

No trabalho de Arduin (2005), as *relações assimétricas* entre os interlocutores – no discurso de *superior para inferior* – apresentaram alta frequência de uso do possessivo *teu*: 91%, acompanhada de PR de 0,65, o que aponta uma tendência ao uso do possessivo *teu* neste tipo de relação. Já a frequência de uso de 44% de *teu* no discurso de *inferior para superior*, acompanhada de PR de 0,05, é considerada um ambiente desfavorecedor do uso desse possessivo. De acordo com a autora, esse resultado comprova o que Brown e Gilman (2003) estabelecem a respeito do tratamento entre os interlocutores: o *superior* trata o *inferior* por *teu*, mas recebe o tratamento *seu*, numa relação assimétrica de poder.

No discurso *entre iguais*, a autora observou a alta frequência de uso do possessivo *teu*, 91% e peso relativo de 0,56. Embora próximo ao ponto neutro, esse PR pode indicar uma leve tendência ao uso desse possessivo, como se, nesse tipo de relação, a forma solidária *teu* fosse a preferida.

A partir da perspectiva teórica do *Poder* e da *Solidariedade*, de Brown e Gilman (2003), nossa hipótese é que, em Florianópolis, ao se dirigir ao inferior, a forma mais utilizada pelo superior seja *tu*, o que indicaria poder. Na relação entre iguais, provavelmente a forma mais utilizada seja a solidária *tu* e no caso de inferiores se dirigindo aos superiores, espera-se que as formas mais utilizadas sejam *você* e *o senhor*, indicando respeito e formalidade.

Para fazer um controle dessa variável elencamos os seguintes fatores.

- i) *Relação simétrica/de igualdade – entre pessoas de uma mesma faixa etária, entre irmãos, entre amigos etc;*
- ii) *Relação assimétrica ascendente – de inferior para superior, de jovem para velhos, de filhos para pai etc.;*
- iii) *Relação assimétrica descendente – de superior para inferior, de velho para jovem, de pai para filho, de chefe para funcionário etc;*
- iv) *Relação entre entrevistador e entrevistado;*
- v) *Relação de discurso para si mesmo;*
- vi) *Discurso genérico*<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> Este fator foi inicialmente controlado e categorizado como “não se aplica”. Entretanto, posteriormente, retiramos esses dados da análise.

Devido à ocorrência de knockouts, foi necessário amalgamarmos alguns fatores. Sendo assim, fizemos a seguinte junção:

i) *Relação simétrica/de igualdade – entre pessoas de uma mesma faixa etária, entre irmãos, entre amigos etc.* + *Relação assimétrica descendente – de superior para inferior, de velho para jovem, de pai para filho, de chefe para funcionário etc.* + *Relação de discurso para si mesmo;*

ii) *Relação assimétrica ascendente – de inferior para superior, de jovem para velhos, de pai para filhos etc.;*

iii) *Relação entre entrevistador e entrevistado.*

#### 2.4.2.3 Os grupos de fatores sociais

Geralmente, os estudos sociolinguísticos de base laboviana costumam controlar as mesmas variáveis sociais: 1) Sexo/gênero do informante; 2) Faixa etária e 3) Escolaridade. Dependendo da abrangência do corpus, é possível controlar além desses: 4) Localidade; 5) Etnia e alguns autores optam por controlar também o 6) Indivíduo.

Essa regularidade no controle das variáveis extralinguísticas nos permite fazer comparações muito pertinentes sobre o comportamento dos pronomes *tu/você/o senhor* na sociedade.

Nesta pesquisa, controlamos os seguintes fatores sociais: i) *sexo*, ii) *escolaridade*, iii) *faixa etária* e iv) *indivíduo*. A seguir apresentamos a caracterização e hipóteses dessa variável.

##### 2.4.2.3.1 *Sexo*

Diferentes pesquisas na área da sociolinguística, e também em outras áreas, têm demonstrado que existem diferenças entre a fala dos homens e das mulheres, dentre outras diferenças culturais. Além disso, há muitas discussões sobre as tendências linguísticas a serem seguidas por um sexo e por outro. O que já se sabe é que questões de prestígio e identidade influenciam os comportamentos de ambos os sexos com relação à fala, às vezes, em direções diferentes.

Algumas pesquisas sobre pronomes de segunda pessoa (PAREDES e SILVA, 2003; LUCCA, 2005; DIAS, 2007) atestam a hipótese de que os homens usam mais o *tu* que as mulheres e estas usam

mais o *você* do que os homens, pois como a literatura sobre variação linguística tem mostrado por algumas décadas, as formas de maior prestígio social tendem a predominar na fala feminina. Além disso, nas localidades em que os estudos mencionados foram realizados, pode-se dizer que o *você* tem mais prestígio.

Vejam os alguns resultados de Lucca (2005) nas tabelas a seguir.

Sexo	Tu (versus você e cê)	
Feminino	4/17 = 23%	peso = 0,09
Masculino	300/380 = 78%	peso = 0,55

**Tabela 28:** Resultados gerais quanto ao *sexo* do informante (LUCCA, 2005, p.83 – com adaptações)

Sexo	Tu em Ceilândia	Tu em Taguatinga	Tu em Brasília
Feminino	2/4 = 50%	2/19 = 11%	3/12 = 25%
Masculino	103/117 = 88%	160/225 = 71%	57/76 = 75%

**Tabela 29:** Resultados do fator *sexo* em função da região administrativa

**Fonte:** Lucca (2005, p.100 – com adaptações)

Os resultados de Dias (2007) confirmam os de Lucca (2005) em relação ao sexo do informante:

Sexo	Tu (versus você e cê)	
Feminino	50/464 = 10,8%	peso = 0,41
Masculino	65/436 = 14,9%	peso = 0,60

**Tabela 30:** Resultados gerais em função do fator *sexo* (DIAS, 2007, p.75 – com adaptações)

Sexo	Tu (versus você e cê)
Feminino	24/106 = 22,6%
Masculino	27/65 = 41,5%

**Tabela 31:** Resultados em função do fator *sexo* somente da faixa etária de 13 a 19 anos

**Fonte:** Dias (2007, p.76 – com adaptações)

Os resultados gerais apresentados acima de Lucca (2005) e Dias (2007), em faixas etárias similares, foram equivalentes a respeito das frequências de *tu* em falantes do sexo feminino, pois ficaram em torno de 22 a 23%.

Lucca (2005) estudou somente falantes adolescentes e verificou que o sexo masculino favoreceu de maneira determinante a ocorrência de *tu*, com um percentual de 78% enquanto o sexo feminino desfavorece o uso dessa variante com um percentual de 23%, embora em Ceilândia esse índice, nas falas femininas, aumente para 50%.

Os resultados de Dias (2007) são equivalentes aos de Lucca (2005) quanto ao sexo feminino. Quanto ao sexo masculino, embora os resultados sejam um pouco diferentes, os pesos encontrados pela autora atestam o favorecimento do *tu* em falantes masculinos e o desfavorecimento do *tu* em falantes femininos.

Os resultados de Andrade (2010) atestam os resultados dos estudos acima mencionados. Vejamos a tabela a seguir.

<b>Sexo</b>	<b>Você</b>	<b>Cê</b>	<b>Tu</b>
Feminino	113/330 = 34% Peso = 0,44	72/330 = 22% Peso = 0,30	145/330 = 44% Peso = 0,25
Masculino	36/244 = 15% Peso = 0,24	80/244 = 33% Peso = 0,34	128/244 = 52% Peso = 0,41

**Tabela 32:** Efeito do fator sexo em percentuais e pesos (dados da Vila Planalto)  
**Fonte:** Andrade (2010)

Os resultados da autora indicam que ambos os sexos tendem a usar a variante *cê* de forma neutra, com pesos de 0,30 e 0,34. Já os comportamentos das variantes *você* e *tu* ficaram inversamente favorecidos pelos sexos, ou seja, o sexo feminino favorecendo o *você*, com peso de 0,44, e o sexo masculino favorecendo o *tu*, com peso de 0,41.

Entretanto, nas pesquisas descritas a seguir, a tendência se inverte, ou seja, as mulheres tendem a usar mais o *tu* e os homens tendem a usar mais o *você*.

Nas tabelas abaixo podemos visualizar a tendência ao uso do *tu* pelas mulheres.

<b>Gênero</b>	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Masculino	258/435	59,3	0,42
Feminino	262/371	70,6	0,58
TOTAL	520/806	64,5	

**Tabela 33:** Frequência de uso de *tu* por gênero do falante em Tefé  
**Fonte:** Martins (2010, p. 71 – com adaptações)



Podemos verificar na tabela 33 que, em Tefé (AM), os dados de Martins (2010) revelam a mesma tendência comprovada por Loregian-Penkhal (2004) em cidades de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, de que as mulheres usam mais o *tu* que os homens. Os pesos relativos encontrados pelo autor indicam que o gênero feminino favorece o uso de *tu* na cidade de Tefé (0,58) e o masculino tem efeito relativo oposto de desfavorecer o uso dessa variante (0,42).

Na rodada com as três variantes, o autor verifica que os resultados da forma *senhor* revelam que o gênero feminino favorece o uso desta forma com peso relativo 0,41, enquanto o gênero masculino apresenta peso relativo de 0,25 desfavorecendo o seu uso. Vejamos esses resultados expostos na tabela a seguir.

Gênero	<i>Tu</i>		<i>Você</i>		<i>Senhor</i>		Total
	N PR	%	N PR	%	N PR	%	
Masculino	258 0,31	56	177 0,43	38	25 0,25	5	460
Feminino	262 0,34	65	109 0,24	27	34 0,41	8	405
Total	520	60	286	33	59	7	865

**Tabela 34:** Uso de *tu/você/senhor* por gênero do falante

**Fonte:** Martins (2010, p.73 – com adaptações)

O autor ressalta que a diferença significativa nos pesos relativos é percebida também a partir da análise do cruzamento de diferentes grupos de fatores com o gênero em que se percebeu uma tendência de favorecimento da forma *senhor* no gênero feminino.

Vejamos os dados de Loregian-Penkhal (2004) na tabela a seguir.

<b>Sexo</b>	<b>Apl.Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha (INPUT: 0,88)			
Masculino	663/881	75%	0,20
Feminino	1131/1167	96%	0,74
Total	1794/2048	88%	
Flores da Cunha, Panambi e São Borja (INPUT: 0,89)			
Masculino	574/739	78%	0,23
Feminino	1138/1213	96%	0,67
Chapecó, Blumenau e Lages (INPUT: 0,27)			
Masculino	231/1315	18%	0,42
Feminino	353/919	38%	0,61
Total	584/2234	26%	

**Tabela 35:** Uso do *tu* por localidade da amostra e *sexo* do informante

**Fonte:** Loregian-Penkal (2004, p.135)

Percebe-se, na tabela anterior, a visível tendência das mulheres, de todas as localidades estudadas pela autora, ao uso de *tu*. Podemos verificar que as mulheres de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha favorecem o aparecimento de *tu* em 0,74 de peso relativo, as mulheres do interior de Santa Catarina apresentam 0,61 de peso relativo e as mulheres do interior do Rio Grande do Sul apresentam 0,67 de favorecimento de *tu*.

Diante dessas discussões, nossa hipótese em relação ao sexo do informante é que as mulheres de Florianópolis usem mais *tu* que os homens conforme já verificado por Loregian-Penkal (2004). Acreditamos que a forma *o senhor* estará distribuída equilibradamente entre os dois sexos.

Para fazer o controle dessa variável social temos os seguintes fatores:

- i) *Feminino.*
- ii) *Masculino.*

#### 2.4.2.3.2 *Escolaridade*

A variável *escolaridade* tem sido bastante investigada nos trabalhos variacionistas porque, em geral, as pessoas escolarizadas refletem traços da norma linguística valorizada na escola, isto é, a escola tem se mostrado motivadora de mudanças na fala e na escrita das

pessoas que a frequentam no sentido de apresentarem uma maior produção de formas de expressão socialmente prestigiadas.

No que se refere ao uso dos pronomes, a escola ensina um sistema pronominal diferente daquele realmente usado na língua falada, ou seja, os pronomes pessoais geralmente prescritos são *eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas*. Nesse paradigma, pronome de segunda pessoa do singular é somente o *tu* e o *você* é, comumente, tratado como um pronome de tratamento que evoluiu do *Vossa Mercê*. Além disso, o *senhor* também é tratado como forma de tratamento sem maiores discussões acerca dessa classificação. Dessa forma, o esperado seria que quanto maior fosse a escolaridade maior seria o uso de *tu*.

Em Loregian-Penkall (2004), a variável *escolaridade* foi selecionada em todas as localidades da amostra. Vejamos seus resultados na tabela a seguir.

<b>Escolaridade</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha (INPUT: 0,88)			
Primário	629/774	81	0,34
Ginásio	524/600	87	0,41
Colegial	641/674	95	0,75
Total	1794/2048	87	
Flores da Cunha, Panambi e São Borja (INPUT: 0,89)			
Primário	821/874	94	0,72
Ginásio	381/455	84	0,38
Colegial	510/623	82	0,28
Total	1712/1952	88	
Chapecó, Blumenau e Lages (INPUT: 0,27)			
Primário	104/493	25	0,42
Ginásio	221/782	28	0,59
Colegial	259/959	27	0,47
Total	584/2234	26	

**Tabela 36:** Uso de *tu* por *localidade* e *escolaridade*

**Fonte:** Loregian-Penkall (2004, p. 142 – com adaptações)

A partir dos resultados expostos na tabela 36, a autora vê atestada a hipótese de que há interferência da educação formal na escolha dos pronomes de segunda pessoa somente no primeiro grupo de localidade que compreende Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha, pois nesses lugares há uma nítida progressão do uso do *tu* proporcional ao aumento dos anos de contato com a escola. Percebe-se que os

informantes do *primário* apresentaram peso relativo de 0,34, os do *ginásio* apresentaram peso relativo de 0,41 e o *colegial* apresentou peso relativo de 0,75.

Entretanto, a autora observa que essa proporcionalidade não é registrada nas demais cidades que compõem a amostra, pois no interior do Rio Grande do Sul, por exemplo, são os informantes do *primário* que lideram o uso do *tu*, apresentando 0,72 de peso relativo, seguidos pelos informantes do *ginásio* com 0,38 e os informantes do *colegial* com 0,28. A autora ressalta que, nesses lugares, o efeito da escolaridade aparece com resultados inversamente proporcionais ao aumento dos anos de escolarização.

Já nas cidades do interior de Santa Catarina são os informantes do *ginásio* que apresentam uma leve tendência maior ao uso do *tu*, apresentando 0,59 de peso relativo; em seguida, aparecem os informantes do *colegial* com 0,47 e os do *primário* com 0,42, ou seja, os resultados ficam muito próximos do ponto neutro.

A influência da *escolaridade* em cada localidade estudada pela autora fica mais clara na tabela a seguir.

<b>Escolaridade</b>	<b>POA</b> %	<b>FLP</b> %	<b>RIB</b> %	<b>CHA</b> %	<b>BLU</b> %	<b>LAG</b> %	<b>FLC</b> %	<b>PAN</b> %	<b>SOB</b> %
Primário	93	64	88	39	33	6	97	95	94
Ginásio	89	77	99	59	23	17	82	79	96
Colegial	90	95	100	47	27	18	77	72	98

**Tabela 37:** Cruzamento entre *escolaridade* e *localidade* quanto ao uso do *tu*

**Fonte:** Loregian-Penkall (2004, p.143 – com adaptações)

A partir dos resultados expressos na tabela anterior, percebemos que em Florianópolis a hipótese da autora se confirmou, ou seja, há um progressivo aumento do uso do *tu* proporcional ao aumento do nível de escolaridade dos falantes. Outro dado interessante é a semelhança nos percentuais obtidos em Ribeirão da Ilha e em São Borja (Fronteira com a Argentina – RS), pois ambas as localidades apresentam progressão no uso do *tu* de acordo com o aumento dos anos de escolarização, com a diferença de não haver tanta polarização entre os números como em Florianópolis.

Sendo assim, esperamos que os resultados referentes a Florianópolis se repitam em nosso estudo, evidenciando que a escola tem influência na escolha dos pronomes, ou seja, os mais escolarizados

usarão mais a forma *tu* que os menos escolarizados. É importante ressaltar que, diferentemente de Loregian-Penkall (2004), consideramos como *mais escolarizados* os indivíduos que estão cursando o nível superior ou que já estão formados além dos pós-graduados, sendo assim, acreditamos que a diferença no uso dos pronomes seja ainda mais acentuada.

Nossa hipótese para o uso de *o senhor* baseia-se nos resultados encontrados por Abreu (1987) que ao estudar as formas de tratamento do dialeto oral urbano de Curitiba (PR) percebeu que o uso de *você* aumenta com a escolaridade e com a idade. Por sua vez o uso de *o senhor* diminui com a escolaridade e a idade, ou seja, quando o informante é mais jovem, a probabilidade de o interlocutor ser mais velho do que ele é maior, o que aumenta suas chances de usar a forma *o senhor*; quando o informante tem menos escolaridade, tende a se considerar inferior ao interlocutor (levando-se em consideração as forças sociais que fazem com que se estabelecem as relações simétricas ou assimétricas, como força física, riqueza material etc.). Sendo assim, esperamos que os *menos escolarizados* usem mais a forma *o senhor* que os *mais escolarizados*.

Para fazer o controle dessa variável social temos os seguintes fatores.

- i) *Menos escolarizados – Ensino Fundamental.*
- ii) *Mais escolarizados – Ensino Superior*<sup>56</sup>.

#### 2.4.2.3.3 Faixa etária

A faixa etária é um dos fatores que pode revelar uma mudança linguística e esta mudança pode ser estudada através de pesquisas em *tempo aparente* e em *tempo real*. O estudo em tempo aparente se refere à observação de falantes de diferentes faixas etárias em um recorte sincrônico, que é o caso da nossa pesquisa. O estudo em tempo real investiga a fala dos mesmos falantes em épocas diferentes. A análise dessa variável, correlacionada a um fenômeno de variação, pode apontar para uma variação estável ou pode indicar a existência de uma mudança em curso.

---

<sup>56</sup> Consideramos mais escolarizados os indivíduos com algum tipo de curso realizado depois do ensino médio, graduando, graduado, ou com pós-graduação.

Para Labov (2008 [1972]), a familiaridade completa com as normas da comunidade parece ser atingida por volta dos 17 ou 18 anos e a capacidade de empregar formas consideradas de prestígio parece iniciar aos 16 ou 17 anos, além disso, a maioria dos linguistas concorda que a aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade (NARO, 2003). Sendo assim, sempre que surgir alguma diferença marcante entre os falantes da faixa etária mais jovem em relação as demais faixas etárias pode ser sinal de que alguma mudança nas formas de referência está entrando na comunidade como reflexo de mudanças estruturais na sociedade. Entretanto, há a possibilidade de que eventuais diferenças sejam apenas relativas às diferenças de faixa etária que se repetem a cada geração, sem que isso venha revelar uma mudança em progresso (LABOV, 1994).

Na pesquisa de Martins (2010), a *faixa etária* foi a terceira variável social selecionada pelo programa VARBRUL como favorecedora do uso de *tu* em Tefé (AM). Nas tabelas a seguir podemos conferir os resultados encontrados pelo autor:

Faixa etária	N	%	Peso relativo
7 a 10	59/60	98,3	0,95
20 a 35	274/396	69,2	0,52
+ de 50	187/350	53,4	0,36
TOTAL	520/806	64,5	

**Tabela 38:** Frequência de uso do *tu* conforme a faixa etária do falante

**Fonte:** Martins (2010, p. 60 – com adaptações)

Faixa etária	<i>Tu</i>			<i>Você</i>			<i>Senhor</i>		
	N	%	PR	N	%	PR	N	%	PR
7 a 10	59	83	0,58	1	1	0,07	11	15	0,34
20 a 35	274	67	0,26	122	30	0,53	12	3	0,20
+ de 50	187	48	0,14	163	42	0,55	36	9	0,30
TOTAL	520	60		286	33		59	7	

**Tabela 39:** Uso dos pronomes *tu*, *você* e *senhor* por faixa etária

**Fonte:** Martins (2010, p. 61 – com adaptações)

Os resultados do autor mostram que a faixa etária mais jovem tem efeito fortemente favorecedor sobre o uso de *tu* na amostra utilizada por ele, com peso relativo de 0,95 na tabela 38 e 0,58 na tabela 39. Os

mais jovens quase não apresentam uso do pronome *você* em seu repertório linguístico.

Observando a tabela 39, percebe-se o quanto esta faixa etária tem um efeito fortemente desfavorecedor sobre o uso de *você*. Já a segunda faixa etária (20 a 35 anos) tem um efeito intermediário, apresentando 0,52 de alternância *tu/você* e desfavorecedor de 0,26 quando se leva em conta a alternância ternária. A faixa etária de mais de 50 anos demonstra-se como sendo um fator-que desfavorece fortemente o uso de *tu* (0,36 na análise binária e 0,14 na análise ternária) e favorece o uso de *você*, além de ter efeito intermediário sobre o uso de *senhor*.

De acordo com o autor, esses resultados apontam para duas possíveis interpretações:

uma, a de que está havendo uma mudança, e vigorosa, não como prevíamos de *tu* → *você*, mas no sentido de *tu* → + *tu*, i.e., o *tu* está se intensificando via faixa etária mais jovem. Atribuímos essa mudança no sistema linguístico a mudanças na configuração social, especialmente no comportamento familiar, pois percebemos que em Tefé as gerações mais jovens muito mais inclinadas a uma melhor aceitação de um relacionamento familiar com base semântica de solidariedade do que as gerações anteriores. De forma semelhante, se houve, a influência dos militares foi no sentido do fortalecimento do *tu*. [...]

a outra explicação possível é a de que os resultados indicam que o *tu* sempre foi de fato nativo e se revela na fala das crianças – em que as nuances estilísticas que envolvem o uso de *você* ainda não foram adquiridas. Essa segunda explicação não elimina a postura observada nas famílias, e, assim, podemos concluir que é bem possível que esteja havendo uma mudança no sistema pronominal de Tefé. (MARTINS, 2010, p.62)

Diante do exposto, o uso de *tu* parece se manter robusto e sem tendência à mudança para o sistema *você* quando se leva em conta o grupo de fatores *faixa etária*, na fala dos indivíduos de Tefé.

Na pesquisa de Loregian-Penkal (2004) a variável *faixa etária* foi selecionada pelo programa VARBRUL como favorecedora do uso de *tu*

em todas as localidades da amostra. Os resultados podem ser visualizados na tabela a seguir:

<b>Idade</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<b>Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha (INPUT: 0,88)</b>			
25 a 49 anos	1020/1157	88%	0,55
Mais de 50 anos	774/891	86%	0,44
Total	1794/2048	87%	
<b>Flores da Cunha, Panambi e São Borja – RS (INPUT: 0,89)</b>			
25 a 49 anos	1023/1156	90%	0,60
Mais de 50 anos	689/796	87%	0,36
Total	1712/1952	88%	
<b>Chapecó, Blumenau e Lages – SC (INPUT: 0,27)</b>			
25 a 49 anos	459/1483	31%	0,62
Mais de 50 anos	125/751	16%	0,27
Total	584/2234	26%	

**Tabela 40:** Uso do *tu* por localidade e faixa etária

**Fonte:** Loregian-Penkal (2004, p.140)

A autora observa que a faixa etária mais jovem, de 25 a 49 anos, é a que lidera o uso do pronome *tu*; porém, a diferença entre as duas faixas etárias é menos acentuada nas capitais e no Ribeirão da Ilha que nas demais cidades (pesos relativos de 0,44 para os mais velhos e de 0,55 para os mais jovens).

Nas cidades do interior de Santa Catarina a autora encontrou, na faixa etária mais jovem 0,62 de peso relativo e na faixa etária mais velha 0,27. Nas cidades do interior do Rio Grande do Sul a faixa etária mais jovem revelou 0,60 de peso relativo e a mais velha 0,36, ou seja, verifica-se uma maior diferença de pesos relativos entre as faixas etárias e se constata também uma polarização maior do que nas capitais e no Ribeirão da Ilha.

Para esclarecer esses dados, a autora avaliou o comportamento da faixa etária por localidade para verificar a distribuição percentual de uso do *tu*. Os resultados podem ser visualizados na tabela a seguir.



Faixa etária	POA %	FLP %	RIB %	CHA %	BLU %	LAG %	FLC %	PAN %	SBO %
25 a 49	90	78	100	61	36	18	89	86	98
+ de 50	82	75	92	32	13	9	80	80	94

**Tabela 41:** Cruzamento entre *faixa etária* e *localidade* quanto ao uso de *tu*  
**Fonte:** Loregian-Penkal (2004, p. 141 – com adaptações)

Como podemos observar na tabela anterior, em todas as localidades da amostra foram os informantes mais jovens que apresentaram o maior percentual do uso de *tu*. A autora destaca o uso quase categórico de *tu* entre os informantes mais jovens do Ribeirão da Ilha e a alta incidência de *tu* nas duas faixas etárias em todas as cidades do Rio Grande do Sul, bem como no Ribeirão.

Em suma, os dados da autora sugerem que os falantes mais velhos da amostra são mais formais que os mais jovens; por isso, usam mais a forma *você*. Além disso, os resultados não apontam indícios de mudança em progresso em direção do uso de *você*, isto é, os falantes mais jovens da amostra usam mais a variante considerada “mais íntima” *tu* que os falantes mais velhos.

Como podemos perceber, esses resultados vão ao encontro dos de Martins (2010) embora as faixas etárias consideradas como “mais jovens” e “mais velhas” sejam diferentes nos dois estudos, ou seja, em Martins (2010) a faixa etária mais jovem contempla indivíduos entre 7 e 10 anos de idade, já em Loregian-Penkal (2004) a faixa etária mais jovem equivale aos falantes entre 25 a 49 anos, mas mesmo assim, os resultados coincidem.

Diante dessas discussões, nossa hipótese é de que os falantes mais jovens de Florianópolis usem mais a forma *senhor* em relações assimétricas que os demais. Entretanto, de uma forma geral, espera-se que os jovens usem mais a forma *tu* que as demais formas.

Para fazer o controle dessa variável social, temos os seguintes fatores:

- i) *Mais jovens (12 a 36 anos);*
- ii) *Mais velhos (39 a 74 anos).*

#### 2.4.2.3.4 *Indivíduo*

A partir desta variável, testamos a variação no indivíduo em relação ao uso da alternância *tu/você/o senhor*.

Temos, em nossa amostra, um total de 28 informantes da cidade de Florianópolis, sendo 4 de cada bairro controlado e 8 da região central. Para a codificação dos dados, cada informante recebeu um código para que, através das rodadas por localidade, se pudesse verificar o comportamento de cada falante da amostra em relação à regra variável testada.

Baseados na pesquisa de Loregian-Penkal (2004), acreditamos que teremos uma parte de indivíduos que usam somente a forma *tu*, o que pode chegar a 50%, e outra parte de indivíduos que usam as três formas pronominais *tu*, *você* e *o senhor*.

#### 2.4.2.4 Os grupos de fatores geográficos

Os grupos de fatores geográficos controlados nesta pesquisa são: *i) diatopia* e *ii) diazonalidade*. A seguir apresentamos esses grupos com suas respectivas caracterizações e hipóteses.

##### 2.4.2.4.1 *Diatopia*

Com essa variável social costuma-se verificar a influência do lugar onde se vive nas escolhas linguísticas dos indivíduos pois, geralmente, a localidade guarda fatores históricos, culturais, sociais e geográficos que contribuem de alguma forma para a caracterização do falar de uma comunidade. Dentre esses fatores podemos citar: (1) A migração de povos europeus (italianos, alemães, poloneses, espanhóis, portugueses etc.) para o Brasil, a partir do século XVII; (2) A rota dos tropeiros que servia para o comércio de gado e de outros produtos entre paulistas, sulistas e países hispânicos da América do Sul; (3) A geografia da Serra Geral que, por muito tempo, impediu a integração entre o litoral de Santa Catarina e o restante do estado; (4) A superpopulação das metrópoles que faz com que as capitais congreguem migrantes de todos os lugares do país; (5) A cultura bairrista/ufanista

que faz com que os indivíduos mantenham suas marcas linguísticas como sinal de identidade e 6) O contato linguístico entre as localidades da fronteira com países hispano-falantes, dentre outros.

Partindo desses pressupostos e considerando que Florianópolis é uma metrópole que teve uma ocupação inicial maciçamente açoriana, mas que hoje recebe migrantes e turistas de várias regiões do país e que alguns bairros/regiões da cidade são mais ocupados por esses indivíduos, acreditamos que o comportamento linguístico seja diferente de uma localidade (bairro) para outra.

Em Loregian-Penkal (2004) a variável *localidade* foi selecionada em primeiro lugar na rodada estatística realizada com as três cidades do interior de Santa Catarina e, em segundo lugar, na rodada realizada com as três cidades do interior do Rio Grande do Sul e com as capitais e o Ribeirão da Ilha. Os resultados obtidos para cada localidade da amostra podem ser visualizados na tabela a seguir:

<b>Fatores</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
(INPUT: 0,88)			
Florianópolis	585/767	76	0,32
Porto Alegre	764/819	93	0,61
Ribeirão da Ilha	445/462	96	0,78
Total	1794/2048	87	
(INPUT: 0,89)			
Flores da Cunha	395/467	84	0,30
Panambi	654/784	83	0,37
São Borja	663/701	94	0,76
Total	1712/1952	89	
(INPUT: 0,27)			
Lages	189/1225	15	0,30
Blumenau	134/490	27	0,61
Chapecó	261/519	51	0,82
Total	584/2234	26	

**Tabela 42:** Alternância *tu/você* por localidade quanto ao uso do *tu*

**Fonte:** Loregia-Penkal (2004, p.133 – com adaptações)

A partir dos resultados apresentados na tabela acima, podemos verificar, na rodada estatística com Florianópolis, Porto Alegre e o Ribeirão da Ilha como os maiores favorecedores ao uso do *tu* com 0,61 e 0,78 de peso relativo, respectivamente. Já Florianópolis aparece favorecendo menos o uso do *tu* com peso relativo de 0,32.

Nas três cidades do interior de Santa Catarina, a autora observa que Chapecó e Blumenau aparecem favorecendo o uso do *tu*, com pesos relativos de 0,82 e 0,61, respectivamente, já Lages aparece desfavorecendo o uso desse pronome, com peso relativo de 0,30.

Baseando-nos nesses resultados e verificando a diferença dos pesos relativos encontrados pela autora nas localidades de Florianópolis e Ribeirão da Ilha, decidimos estender nossa análise para outros bairros da cidade supondo que nas localidades menos urbanas de Florianópolis como o Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa, Ratoões e Costa da Lagoa a ocorrência de *tu* seja maior do que nas localidades mais urbanas da ilha (Centro e Ingleses).

Para fazer o controle dessa variável social temos os seguintes fatores:

- i) *Centro (Varsul);*
- ii) *Centro (Monguilhot, 2006);*
- iii) *Ingleses;*
- iv) *Costa da Lagoa;*
- v) *Ribeirão da Ilha;*
- vi) *Ratoões;*
- vii) *Santo Antônio de Lisboa.*

A seguir, trazemos um perfil sócio-histórico de Florianópolis e em seguida fazemos uma breve caracterização de cada uma dessas localidades.

#### 2.4.2.4.1.1 Perfil sócio-histórico de Florianópolis

De acordo com a perspectiva teórica adotada neste trabalho, a da Teoria da Variação e Mudança Linguística e a da Dialetoлогия Pluridimensional, a língua reflete aspectos sócio-históricos da comunidade. Dessa forma, caracterizaremos sócio-historicamente a cidade de Florianópolis a fim de auxiliar na compreensão do panorama linguístico das comunidades estudadas nesta pesquisa. Além disso, esta explanação nos ajudará a compreender os motivos de termos identificado algumas localidades como *mais urbanas* e outras como *menos urbanas*.

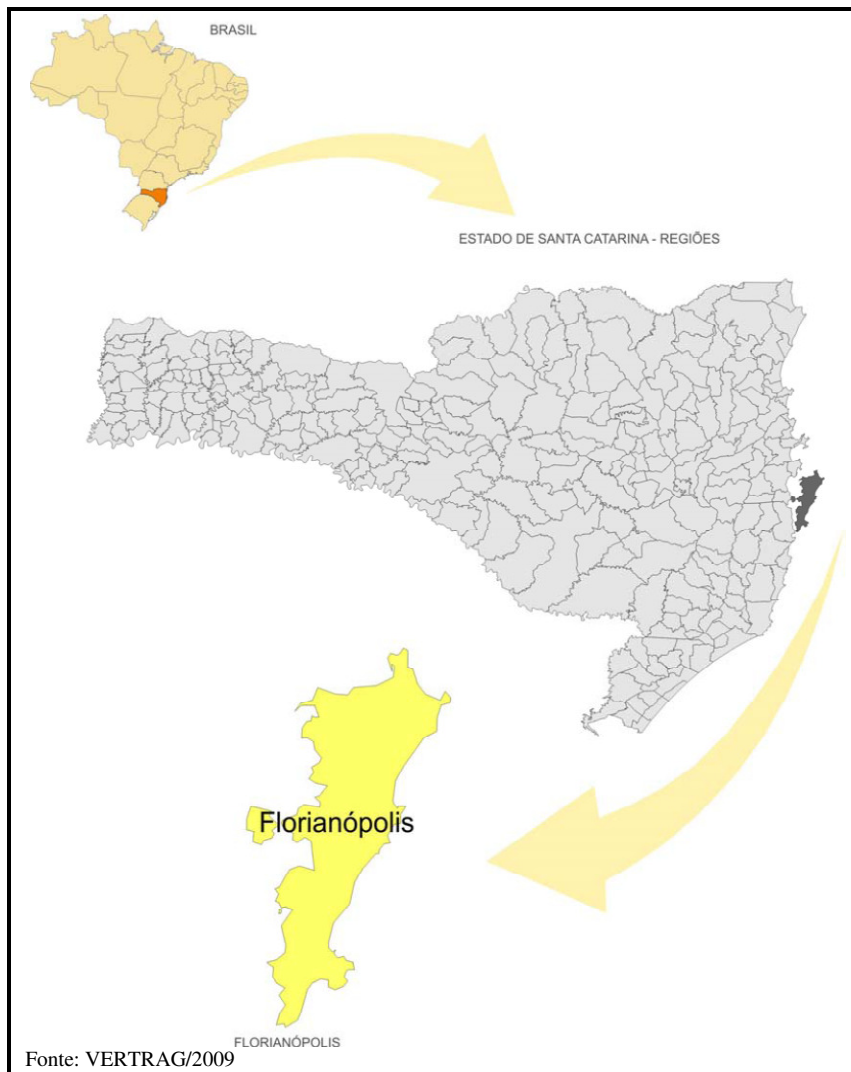
De acordo com o site <http://pt.wikipedia.org>, Florianópolis destaca-se por ser a capital brasileira com o melhor índice de desenvolvimento humano (IDH), da ordem de 0,875, segundo relatório divulgado pela ONU em 2000. Esse índice também a torna a quarta

cidade brasileira com a melhor qualidade de vida, atrás apenas das cidades de São Caetano do Sul e Águas de São Pedro, no estado de São Paulo, e Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

Localiza-se no centro-leste do estado de Santa Catarina e é banhada pelo Oceano Atlântico. Grande parte de Florianópolis (97,23%) está situada na Ilha de Santa Catarina, possuindo cerca de 100 praias, considerando também as praias continentais.

Segundo o Censo IBGE do ano de 2010, a cidade possui uma população de 421.203 habitantes e sua região metropolitana tem 1.012.831 habitantes.

No mapa a seguir, podemos visualizar a localização de Florianópolis em termos territoriais.



**Mapa 12:** Localização do município de Florianópolis

**Fonte:** Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (2009, p. 20)

De acordo com o Plano Municipal de Habitação de Interesse Social de Florianópolis (2009), mesmo com a aproximação de embarcações na Ilha desde o século XVI, e destacando-se como um dos núcleos de ocupação do litoral sul brasileiro, a fundação efetiva da então denominada Póvoa de Nossa Senhora do Desterro ocorreu por iniciativa

do bandeirante paulista Francisco Dias Velho, por volta de 1651, sendo que em 1726, foi elevada à categoria de Vila. A sua localização estratégica – entre Rio de Janeiro e Buenos Aires – e as vantagens físicas do porto desterreense, justificou a criação da Capitania da Ilha de Santa Catarina em 1738, com a implantação do mais expressivo conjunto defensivo litorâneo do Sul do Brasil.

De acordo com o documento mencionado, foram construídas 10 fortalezas na Ilha e em seus arredores, o que serviu também para impulsionar um incremento populacional (em torno de 6.000 pessoas) que se deu através de novas doações de sesmarias a colonizadores açorianos e madeirenses no período de 1748 e 1756. A partir daí, intensificou-se o processo de ocupação da ilha com a agricultura, pesca e indústrias manufatureiras.

Com a Proclamação da Independência em 1822, a Ilha torna-se Capital da Província de Santa Catarina (1823), num período de grande prosperidade, com o investimento de recursos federais. No século XIX, o porto ali localizado ganhou importância regional, polarizando a região continental desenvolvendo as atividades comerciais e administrativas de capital. O crescimento fez com que as sesmarias fossem sendo desmembradas e transformadas nos bairros hoje existentes.

Na década de 20, a construção da Ponte Hercílio Luz permitiu o acesso facilitado à Ilha de Santa Catarina e a ocupação foi adensada por causa da boa acessibilidade. A localidade passa então por um processo de melhorias no porto e por construções de edifícios públicos.

Na década de 30, a capital era ainda o principal centro portuário do Estado, mas entrou em decadência nas décadas seguintes e teve seu porto substituído pelos portos de Itajaí e Imbituba que ofereciam melhores condições de acessibilidade e infra-estrutura.

Ainda de acordo com Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (2009), até 1957 o município de Florianópolis apresentava características tipicamente rurais e somente a partir de 1960 o processo de ocupação começou a ser acelerado com a vinda da Universidade Federal (UFSC), da empresa estatal federal ELETROSUL<sup>57</sup>, das

---

<sup>57</sup> A Eletrosul Centrais Elétricas S.A. é uma empresa brasileira constituída em 23 de dezembro de 1968 e subsidiária da Centrais Elétricas Brasileiras S.A. - Eletrobras e vinculada ao Ministério de Minas e Energia, é uma sociedade anônima de economia mista que atua no segmento de geração e transmissão de energia em alta e extra-alta tensão. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em 26 de julho de 2012)

estaduais TELESC<sup>58</sup> e CASAN<sup>59</sup> que trouxeram ao município uma nova dinâmica econômica e um crescimento da urbanização. De acordo com o documento mencionado, nessa época, expandiram-se os usos comerciais nas áreas centrais, usos de serviço nos principais eixos viários de acesso, usos institucionais na periferia das áreas centrais e a expansão residencial para os bairros distantes e regiões balneárias.

O asfaltamento da BR-101, na década de 70, facilitou a ligação do município com o resto do país e, de acordo com o documento referido, essa acessibilidade atraiu migrantes e também turistas, que passaram a descobrir as belezas naturais da Ilha. Esse crescimento populacional fez com que a ocupação fosse se espalhando pela Ilha e continente, adensando ainda mais as suas áreas centrais e expandindo-se pelo continente para fora dos limites municipais. O documento destaca que nessa época, o Estado também passava por um processo de êxodo rural, impulsionando a vinda da população interiorana para a capital em busca de novas oportunidades.

Conforme o documento, a aglomeração de pessoas deu-se através da verticalização e das construções e valorização imobiliária, o que fez com que parte da população de baixa renda fosse sendo afastada dessas áreas centrais, passando a ocupar outras áreas como as encostas dos morros, os manguezais ao longo do rio Tavares e o Morro da Cruz. Já a dispersão populacional na Ilha, aconteceu principalmente nos balneários que foram sendo ocupados aos poucos de forma descentralizada formando vários núcleos populacionais.

De acordo com o documento, ao final da década de 70 foram realizadas grandes obras de infra-estrutura a exemplo da construção de mais uma ponte de ligação com o continente, a Colombo Machado Salles (1975), aterros marítimos, aeroporto internacional, vias expressas de ligação norte-sul dentro da Ilha, shoppings e resorts. Essas obras reforçaram ainda mais a urbanização do centro e a ocupação dos balneários.

---

<sup>58</sup> Telecomunicações de Santa Catarina (TELESC) foi a empresa operadora de telefonia do grupo Telebrás no estado brasileiro de Santa Catarina antes de sua privatização. Foi absorvida pela Brasil Telecom, que durante a transição foi denominada TeleSC Brasil Telecom, que com tempo após foi também absorvida pela Oi. Antes de ser estatizada durante o regime militar chamava-se COTESC (Companhia Telefônica de Santa Catarina). (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em 26 de julho de 2012)

<sup>59</sup> Casan: Companhia Catarinense de Águas e Saneamento.



Nessa época, os balneários então existentes como Jurerê, Canasvieiras, Cachoeira do Bom Jesus e Ingleses, cresceram através da implantação de loteamentos legais e parcelamentos irregulares. Ao mesmo tempo, foram implantados loteamentos em áreas virgens e pouco povoadas, como Pontal da Daniela, Lagoa da Conceição, Carianos e Pântano do Sul.

Conforme o documento mencionado, na década de 80, consolidou-se uma expansão ainda maior do balneários, destacando-se Tapera, Campeche e Rio Vermelho que sofreram com a ocupação clandestina. Além disso, a instalação de estatais como EPAGRI<sup>60</sup>, CELESC<sup>61</sup>, CIASC<sup>62</sup>, BESC<sup>63</sup> e CREA<sup>64</sup> impulsionaram o crescimento e adensamento populacional na região do Itacorubi.

---

<sup>60</sup> A Epagri - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina é o órgão oficial de extensão rural e pesquisa agropecuária do Estado de Santa Catarina. Está vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura e Política Rural e tem sua sede administrativa nas margens da Rodovia Admar Gonzaga, na cidade de Florianópolis. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em 26 de julho de 2012)

<sup>61</sup> Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A. (CELESC) é a maior empresa de comercialização e distribuição de eletricidade de Santa Catarina, estado localizado na região sul do Brasil. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em 26 de julho de 2012)

<sup>62</sup> O Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina (CIASC) é um órgão ligado ao governo de Santa Catarina, voltado às áreas de informática e automação. É o gerenciador de tecnologia da informação do governo do estado, incluindo os sites de Internet. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em 26 de julho de 2012)

<sup>63</sup> O Banco do Estado de Santa Catarina S.A. (BESC) foi um banco brasileiro, com base em Santa Catarina, que foi sendo incorporado pelo Banco do Brasil. Foi fundado em 21 de julho de 1962 e contava com uma rede de agências cobrindo todo o território catarinense e cinco capitais fora do Estado (Brasília, Curitiba, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). Possuía 256 agências e 219 postos de atendimento bancário, totalizando 475 pontos de atendimento. Sendo um banco regional, era a única instituição bancária de alguns municípios catarinenses. Além da carteira comercial, também possui uma carteira de investimentos e aplicações em Santa Catarina. Foi incorporado pelo Banco do Brasil em abril de 2009. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em 26 de julho de 2012)

<sup>64</sup> O Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (CONFEA) é um conselho de fiscalização profissional, não sendo entidade de classe, na forma de autarquia pública, responsável pela regulamentação e julgamento final no Brasil das atividades profissionais relacionadas às classes que abrange:

A atividade turística também contribuiu para acelerar a urbanização e o desenvolvimento econômico do município, “influenciando diretamente no fenômeno de polinuclearização e descentralização de expansão do centro tradicional para os vários balneários” (Plano Municipal de Habitação de Interesse Social, 2009, p.19).

De acordo com o documento citado, a grande urbanização que conquistou espaços na Ilha revela-se como um elemento devastador na configuração original de sua paisagem natural. Além disso, a duplicação da SC-401 (no interior da Ilha) na década de 80 consolidou definitivamente a ocupação formal na região norte, principalmente nos balneários de Jurerê Internacional, Canasvieiras, Praia Brava e Ingleses Norte. As áreas como o Santinho e Morro das Pedras, que antes estavam à margem da urbanização passaram a ser ocupados, vindo o município a contar com maior número de moradores permanentes, num processo de adensamento acelerado. “Enquanto isso, os loteamentos clandestinos continuaram a espalhar-se pelo Campeche, Rio Tavares e Rio Vermelho, gerando uma urbanização de baixa qualidade, formada por pequenas e estreitas ruas e pela falta de equipamentos públicos” (p.19).

Ainda conforme o documento, atualmente, é clara a existência de áreas com vocação urbana em todos os distritos da ilha. Já no continente o processo de ocupação continuou intenso e consolidou-se com a urbanização de São José, de Palhoça e de Biguaçu que hoje são municípios com altas taxas de crescimento populacional. Além disso,

Tal desenho urbano aleatório e caótico aliado à falta de qualidade dos assentamentos irregulares no município devido à condição precária das habitações e infra-estrutura urbana, confere-se como resultado, territórios de exclusão em todas as dimensões. Consequentemente, esse cenário obriga a realização de estudos com alternativas em universalizar o acesso à moradia, melhoria das condições de habitabilidade, de preservação ambiental e de qualificação dos espaços urbanos, aumentando a integração regional por meio de

uma ação articulada com os demais municípios.  
(p.19)

Para o documento, é visível que em Florianópolis a ocupação se dá, principalmente, no entorno do anel produzido pelas rodovias (SC 401, 402, 406 e 405) e dá especial atenção a rodovia SC-406 situada na porção leste da Ilha que liga os distritos de Campeche, passando pelos distritos da Barra da Lagoa e São João do Rio Vermelho até o distrito de Ingleses do Rio Vermelho, esse último, um dos mais populosos do município. Outra rodovia que é destacada pelo documento é a SC-401, que faz a ligação do centro da Ilha ao distrito de Canasvieiras e, por isso, é importante atratora do turismo estrangeiro na região.

A partir dessas informações, o documento afirma que a forma urbana da Ilha de Santa Catarina se expande do centro tradicional para os vários distritos através de suas rodovias estaduais. As formas urbanas descritas formam contornos condicionados pela morfologia local e regional, caracterizada pelas altas declividades que integram também as serras do leste catarinense.

De acordo com o documento, a população de Florianópolis, além de atravessar os limites municipais, vem se distribuindo pelo município de forma polinucleada por meio dos subcentros de seus distritos, o que resultou em vazios urbanos entre eles fazendo com que fosse exigido um aporte do sistema viário para suas acessibilidades.

Segundo dados de 2000, o centro da cidade concentra mais da metade da população municipal, enquanto o restante da população distribui-se de forma dispersa, havendo um destaque para a região do Campeche, Ingleses do Rio Vermelho e Ribeirão da Ilha, que juntos concentram cerca de 16% da população total do município.

A seguir apresentamos uma tabela com dados demográficos de alguns distritos/bairros de Florianópolis<sup>65</sup>:

---

<sup>65</sup> A tabela original contempla os dados de todos os bairros/distritos de Florianópolis, mas devido ao espaço, decidimos descrever apenas os dados referentes aos bairros que são foco desta pesquisa.

<b>Distrito</b>	<b>Número total de domicílios</b>	<b>% em relação ao total municipal</b>	<b>Número de moradores</b>	<b>% em relação ao total municipal</b>
Inglesees do Rio Vermelho	5.095	4,80%	16.514	4,82%
Ratones	793	0,75%	2.871	0,84%
Ribeirão da Ilha	5.766	5,43%	20.392	5,96%
Santo Antônio de Lisboa	1.621	1,53%	5.367	1,57%
Lagoa da Conceição <sup>66</sup>	3.405	3,21%	9.849	2,88%
Sede/centro	71.346	67,22%	228.869	66,86%

**Tabela 43:** Número e Porcentagem de Domicílios e Moradores dos Distritos do Município de Florianópolis

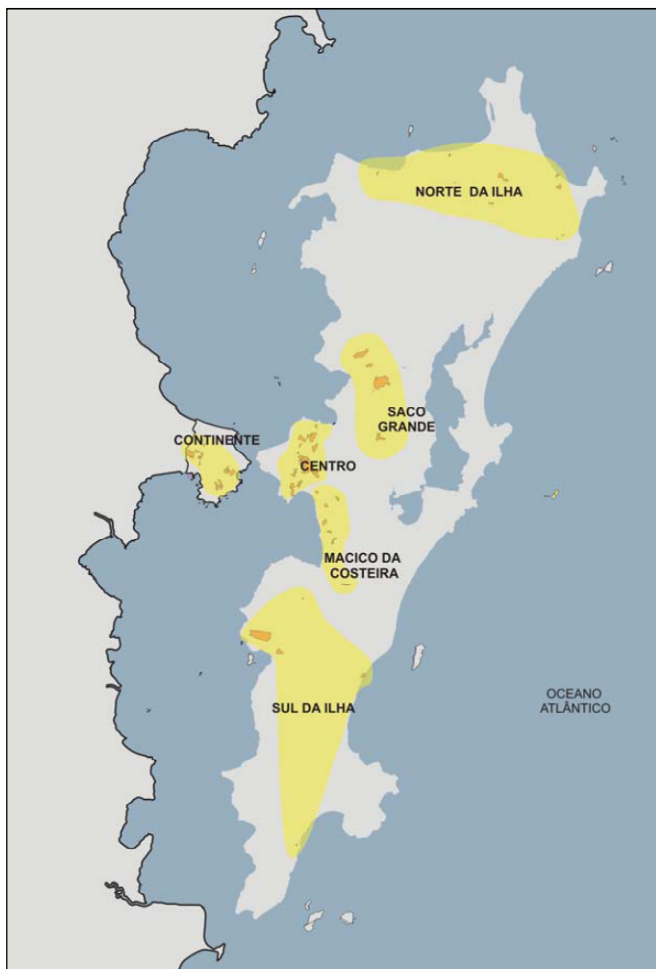
**Fonte:** Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (2009 – com adaptações)

Essas densidades foram elaboradas pelo documento com base nos dados censitários do IBGE (2000). A partir da tabela anterior, é possível observarmos que a sede (região central) concentra a maior densidade demográfica e que os distritos de Barra da Lagoa, Inglesees do Rio Vermelho e Campeche aparecem em seguida, mas com grande diferença de densidade (aproximadamente 50%). De acordo com o documento citado, isso ocorre devido à existência de grandes extensões de unidades de conservação restritas à ocupação dentro desses distritos, que geram grandes vazios, distorcendo as informações de densidade. Essas áreas são em sua maioria unidades de conservação de proteção integral e compostas por morros, mangues, parques e estações ecológicas.

Segundo os dados levantados pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, a população das áreas das favelas, também conhecidas como áreas de interesse social, teve um crescimento duas vezes maior

<sup>66</sup> Apresentamos somente os dados da da Lagoa da Conceição porque a Costa da Lagoa é uma das freguesias deste distrito, por esse motivo, não há dados demográficos específicos desse lugar nos documentos municipais investigados.

que a taxa de crescimento municipal. Essas áreas são separadas por regiões ou áreas de concentração e estão distribuídas no Continente, Centro, Maciço do Morro, Norte da Ilha, Saco Grande e Sul da Ilha, conforme o mapa a seguir.



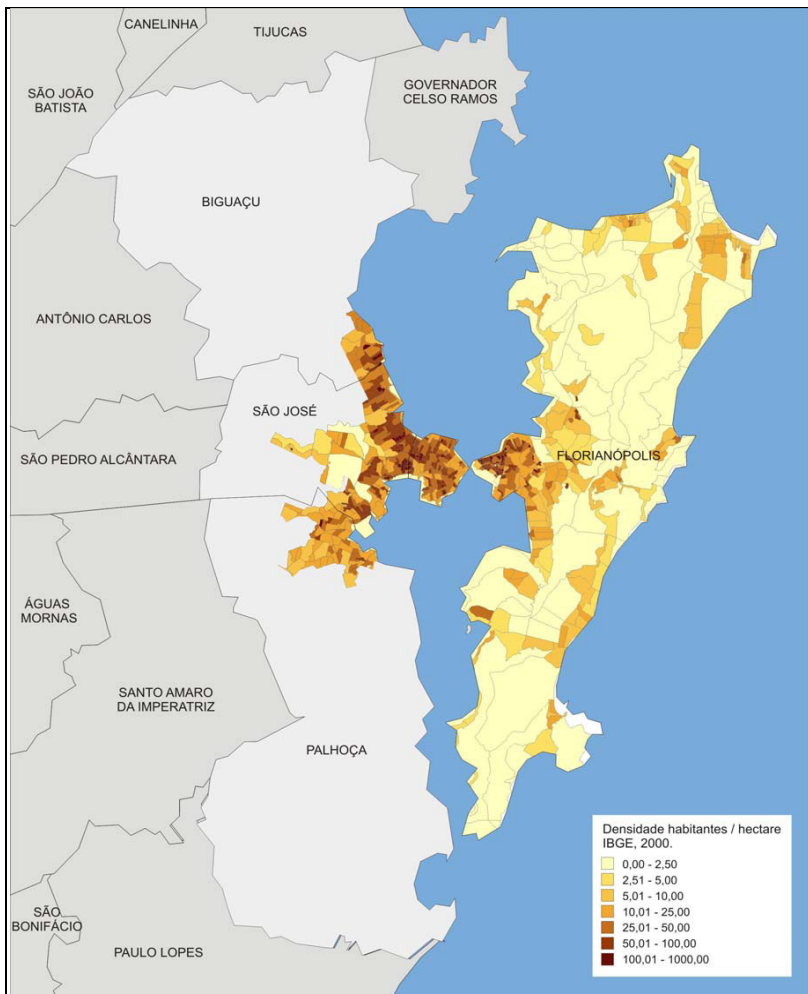
**Mapa 13:** Localização Regiões das áreas de interesse social

**Fonte:** Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (2009, p.33)

As taxas de urbanização dos maiores municípios da Região também refletem o crescimento acelerado da população, pois em 1970 Florianópolis apresentava a taxa de urbanização no patamar de 87,49%,

o maior da Região, enquanto Palhoça e Biguaçu eram municípios majoritariamente rurais. Entretanto, de acordo com o documento, na década seguinte, todos os municípios apresentavam taxas de urbanização superiores a 75%, configurando uma radical transformação no panorama demográfico regional, chegando em 2000 com taxas superiores a 95% na região e na maioria dos municípios, com exceção de Biguaçu que apresentou a menor taxa de urbanização da região com 89,25%.

No mapa a seguir podemos visualizar a densidade demográfica de Florianópolis.



**Mapa 14:** Demografia de Florianópolis

**Fonte:** Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (2009, p.40)

Tais transformações demográficas resultam, de acordo com o documento referido, de fatores que transcendem os limites físicos territoriais e refletem a dinâmica econômica e social do país. Essas

profundas mudanças tecnológicas na base produtiva, aliadas às conjunturas específicas, produziram condições que expulsaram e atraíram

populações, resultando em movimentos migratórios intensos. Nas últimas décadas, estes movimentos se deram especialmente no sentido rural-urbano, produzindo um rápido crescimento populacional e o redesenho urbano com manchas contínuas de ocupação para além dos limites territoriais Municipais. (p.42)

Sobre a motivação do grande fluxo de migração em Florianópolis, o documento destaca a instalação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1960, e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em 1964 que trouxeram alterações significativas na oferta de serviços educacionais. Somado-se a isso, nessa mesma década, temos

a implantação da rodovia BR-101 inseriu o litoral catarinense na rede viária nacional e deu início à expansão do turismo em Florianópolis. A década de 70 consolidou a integração de Florianópolis, que ganhou visibilidade com a execução do Aterro da Baía Sul (1972-74), justificado pela necessidade de construção da segunda ponte e da construção da Avenida Beira Mar Norte. A instalação das empresas estatais como a Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul (Sudesul) e Centrais Elétricas do Sul do Brasil (Eletrosul), como consequência do Programa de Cidades de Porte Médio, materializou o objetivo de descentralização da migração populacional interna brasileira, então fortemente direcionada para os grandes centros. (p.42)

Para o documento, parte desse fluxo se constituiu de profissionais de nível técnico e superior, além de professores universitários, que apesar de numericamente pouco significativo, representa uma migração diferenciada pelo componente renda familiar, como também pelo aspecto sociocultural, trazendo repercussões na dinâmica social do município.

Ainda de acordo com o documento, na microrregião de Florianópolis, os migrantes de outros estados da federação e de outros países representavam, em 2000, 16% da população total e no município de Florianópolis 23%.



É importante ressaltar a afirmação do documento de que, na composição da população da região e do município, o Estado que mais está representado é o Rio Grande do Sul, seguido do Paraná e dos Estados da Região Sudeste, indicando que os fluxos migratórios ocorridos são de caráter predominantemente regional.

O documento também destaca o poder de atração do município de Florianópolis em relação à população migrante ao conjunto de municípios da Região Metropolitana, pois do total de migrantes que se dirigiram para Florianópolis, 58% eram de pessoas nascidas fora do Estado de Santa Catarina, enquanto que nos demais municípios da Região apenas 26% não eram provenientes de fluxos migratórios internos ao Estado.

Em pesquisa realizada pela Epagri (2006, apud Plano Municipal de Habitação de Interesse Social, 2009) com migrantes de origem rural que se fixaram nos municípios da região no período de 1995 a 2005, constatou-se que entre os migrantes de origem rural que se fixaram em Florianópolis, 40% provinham de outros estados, distinguindo-se do comportamento dos outros municípios do Estado. Assim, constatou-se que o poder de atração da capital não se restringe aos migrantes urbanos, mas se estende também àqueles saídos diretamente do campo.

Entretanto, o documento observa que ao mesmo tempo em que Florianópolis exerce um grande poder de atração de fluxos migratórios, também está em curso um processo de expulsão de população da capital para os municípios de sua região, pois a cidade recebeu em um ano 3.385 pessoas na condição de economicamente ativas, provenientes dos municípios vizinhos, porém, saíram da cidade, com destino aos municípios da região, 12.789 pessoas, de acordo com o Censo Demográfico de 2000.

De acordo com o documento, este fenômeno não é exclusivo da realidade de Florianópolis, pois se repete nas demais regiões metropolitanas do país e também em outras regiões polarizadas, ou seja, trata-se do “transbordamento” do núcleo urbano polarizador sobre os municípios de seu entorno que produz “uma ocupação nas áreas periféricas em forma de mancha contínua” (p.45).

O documento também observa que a “expulsão” de população resulta principalmente dos custos maiores para a manutenção das famílias no espaço físico e social da capital, dentre esse custos, os que mais de destacam são os gastos com habitação. Sendo assim, a população que sofre este processo, na maioria dos casos, é composta por população de renda mais baixa que se desloca para os municípios vizinhos com vistas a diminuir os gastos com moradia. Entretanto, como

estas famílias continuam mantendo fortes vínculos econômicos e com a rede de serviços da capital, amplia-se o volume de deslocamentos intrarregionais, trazendo também custos maiores com o transporte intermunicipal que recaem sobre esta população.

No mapa a seguir podemos visualizar a forma como se dá esse deslocamento intrarregional em Florianópolis e região.





**Mapa 15:** Fluxos migratórios da região metropolitana de Florianópolis

**Fonte:** Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (2009, p.47)

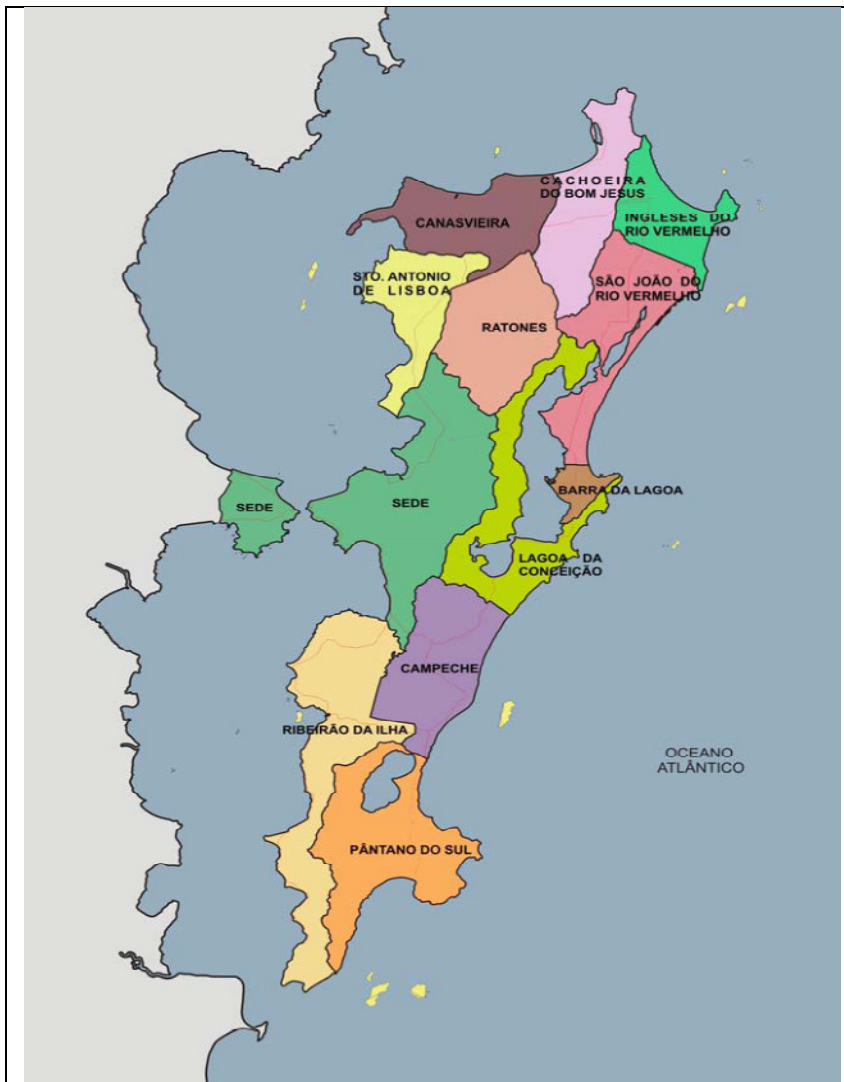
As informações trazidas até aqui são muito valiosas para esta pesquisa porque comprovam os movimentos populacionais que observamos diariamente em Florianópolis. Essas questões voltarão a ser discutidas no capítulo III quando tratamos do contato dos indivíduos das regiões *mais urbanas* com pessoas nativas de outras regiões do país.

#### *2.4.2.4.1.2 Centro*

De acordo com o Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (2009), o município de Florianópolis possui três divisões administrativas institucionalizadas: os distritos, os bairros e as Unidades Especiais de Planejamento (UEP).

Os distritos são ao todo 12 e desmembram o município em grandes áreas, conformando regiões com características semelhantes, seja pelas suas especificidades físico-ambientais ou morfologia de ocupação dos aglomerados populacionais.

Os bairros são subdivisões somente do Distrito Sede e são, na parte continental: Abraão, Bom Abrigo, Coloninha, Capoeiras, Canto, Coqueiros, Estreito, Jardim Atlântico, Monte Cristo e Itaguaçu. Na parte insular são: Agrônômica, Balneário, Centro, Córrego Grande, Costeira do Pirajubaé, Itacorubi, Monte Verde, João Paulo, José Mendes, Pantanal, Santa Mônica, Saco dos Limões, Saco Grande e Trindade. Nos mapas a seguir podemos visualizar a localização de todos os bairros e distritos de Florianópolis.



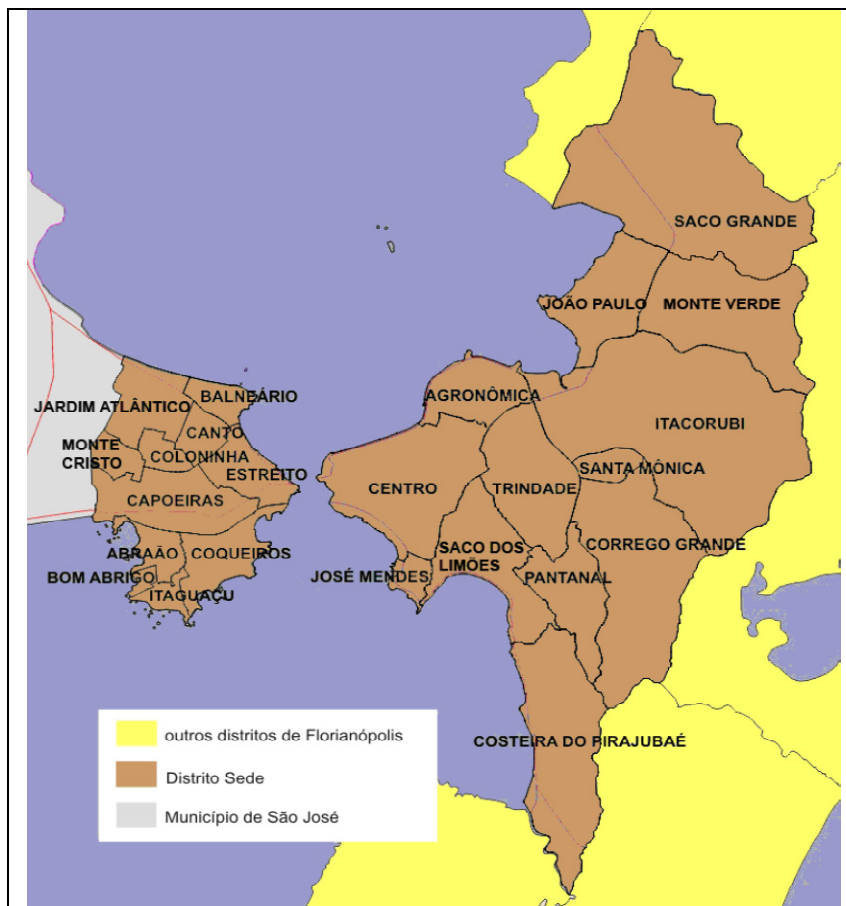
**Mapa 16:** Divisão dos distritos de Florianópolis

**Fonte:** Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (2009, p.12)

O município se subdivide ainda em 134 Unidades Especiais de Planejamento (UEP), que se constituem em áreas menores provenientes das divisões de territórios com características semelhantes nos distritos e

que servem de referência aos projetos municipais para a localização de áreas em leis municipais.

Como estamos tratando aqui somente do centro de Florianópolis ou “Distrito Sede”, como é chamado pelo Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (2009), vamos nos ater às informações referentes a essa região. A seguir, podemos visualizar a área e os bairros que compreendem o centro da cidade:



**Mapa 17:** Bairros do distrito sede/centro de Florianópolis

**Fonte:** Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (2009, p. 13)

Essa área, delimitada como centro da cidade, possui uma concentração populacional de 228,869, de acordo com o Censo (2000).

Trata-se de um lugar de atividade comercial intensa como shoppings, restaurantes, lojas, hotéis etc. e de grande concentração de pessoas que vêm a trabalho ou a passeio.

Nessa região central há também muitas escolas públicas e privadas além de Universidades públicas (UFSC e UDESC) e privadas o que faz com que os moradores dos bairros centrais não precisem se locomover muito e que, por outro lado, atraem muitos moradores de outros bairros para estudar e trabalhar.

#### *2.4.2.4.1.3 Costa da Lagoa*

A denominação do nome da localidade resulta da topografia do lugar, pois se trata de uma costa do lado interno da Lagoa da Conceição.

De acordo com Monguilhot (2009), a freguesia da Costa da Lagoa foi fundada em 20 de junho de 1750 e caracteriza-se por apresentar uma população extremamente integrada entre si, pois ao longo de toda a extensão do bairro, todos se conhecem e sabem de quem é cada casa ali localizada além de saberem as atividades que cada um realiza. De acordo com a autora, uma característica marcante da comunidade está no fato de as famílias dividirem o mesmo terreno, pois os filhos se casam, constroem sua casa e continuam morando no mesmo terreno dos pais. Muitos casam com moradores do mesmo bairro<sup>67</sup>, o que facilita ainda mais a integração entre eles, pois as famílias acabam criando laços de afetividade e de parentesco entre si.

Além disso, de acordo com a autora, é comum os moradores participarem de todas as atividades do bairro como discussões do conselho comunitário e festas promovidas na localidade. O bairro possui apenas uma pré-escola municipal e, por isso, a maioria dos moradores frequenta escolas de Ensino Fundamental localizadas no bairro da Lagoa da Conceição, que fica a meia hora de barco da Costa da Lagoa e, aqueles que seguem seus estudos no Ensino Médio, geralmente optam por frequentar escolas no centro da cidade.

O bairro costuma receber muitos visitantes/turistas na época de veraneio que vão ao bairro em busca de restaurantes típicos que servem

---

<sup>67</sup> Embora a freguesia da Costa da Lagoa não seja politicamente reconhecida como um “bairro”, mas como parte de um bairro como veremos na seção 2.5, a trataremos aqui com esse nome para padronizar o tratamento das localidades estudadas e assim facilitar o entendimento do leitor.

pratos a base de frutos do mar e também para fazer passeios de barco pela Lagoa da Conceição.

Alguns moradores do lugar ainda vivem da produção agrícola e principalmente da prática pesqueira, pois muitos deles possuem barco e vivem dessa atividade ou, então, do transporte de passageiros, já que as pessoas que visitam a localidade, assim como os seus moradores, precisam do transporte aquático para se locomover até o centro da cidade ou até os bairros vizinhos.

Para chegar ou sair do bairro, pode-se usar os barcos mencionados ou então percorrer as trilhas existentes no lugar; as mais famosas ligam o bairro ao centro da Lagoa da Conceição e a Ratonas.

Alguns moradores do bairro são donos de restaurantes e outros trabalham como empregados desses comércios que apresentam intenso movimento durante o verão, mas pouco fluxo de pessoas no restante do ano.

Uma parte dos moradores precisa se deslocar diariamente para outros bairros para trabalhar, pois no bairro há poucas opções de emprego e de fontes de renda como hotéis, pousadas, comércio etc.

De acordo com Monguilhot (2009), alguns poucos moradores do lugar costumam alugar suas casas no verão para turistas, mas fazem isso mediante referências pessoais, pois não querem mudar as características do bairro pelo fato de valorizarem a tranquilidade que possuem e por não haver qualquer indício de violência naquela localidade.

#### *2.4.2.4.1.4 Ribeirão da Ilha*

De acordo com moradores do lugar, esse nome tem origem no pequeno rio existente no bairro que nasce no Morro da Cabeça do Macaco.

A localidade originou-se a partir de um decreto de 11 de agosto de 1808 e possui 20.392 habitantes (CENSO, 2000) que vivem do cultivo de ostras e mexilhões<sup>68</sup>, dentre outras atividades. No bairro, há muitos pescadores e também pessoas que vivem da lida com o gado. De acordo com Monguilhot (2009), o cultivo dos moluscos recentemente trouxe visibilidade à localidade que se destaca pelos famosos restaurantes que

---

<sup>68</sup> O bairro é grande produtor de frutos do mar e possui um grande cooperativa chamada de COOPERILHA.



são frequentados durante todo o ano por turistas e por moradores da cidade.

O bairro está situado na baía sul da grande Florianópolis, mas não possui características de praia balneável, por ter uma faixa de areia pouco extensa, por não ter ondas e também por não ser muito limpa.

Ainda de acordo com a autora, o lugar possui uma associação de moradores bastante ativa que promove atividades e festas típicas além de reivindicar melhorias para o bairro. As festividades mais marcantes da comunidade são o carnaval e a festa do Divino Espírito Santo.

A localidade possui uma escola de Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio), mas, de acordo com a autora, muitos moradores preferem estudar no centro da cidade. A autora destaca a vida pacata do lugar, sem muita violência, com pouco comércio e com poucas possibilidades de emprego e renda para os moradores que, na sua maioria, têm que se deslocar para o centro da cidade ou para outras localidades em busca de trabalho.

A autora também menciona que o acesso à localidade, embora seja uma reivindicação antiga da população, é precário, pois a estrada que dá acesso ao bairro é de paralelepípedos com alguns trechos de terra. Entretanto, recentemente foi inaugurada uma estrada paralela asfaltada que facilitou o acesso.

#### *2.4.2.4.1.5 Ingleses*

Ingleses do Rio Vermelho é um distrito de Florianópolis situado no nordeste da ilha de Santa Catarina, entre os distritos de Cachoeira do Bom Jesus e São João do Rio Vermelho e, de acordo com informações do site <http://pt.wikipedia.org><sup>69</sup>, foi criado a partir de um decreto em 1831 e a origem de seu nome é atribuída ao naufrágio de um navio inglês ocorrido em meados do século XVIII, tendo alguns tripulantes optado por residir na região. Existe também a explicação de que o primeiro morador da localidade teria sido um cidadão inglês.

O bairro possui uma área de 20,47 km<sup>2</sup> e sua população, de acordo com o censo de 2000, era de 16.514 habitantes. Além da sede, fazem parte do distrito as localidades de Sítio do Capivari e Santinho (ou Aranhas dos Ingleses).

---

<sup>69</sup> Acessado em 24 de julho de 2012.

Esse bairro está localizado a 35 km do centro e é, de todas as praias de Florianópolis, a que possui a maior população residente devido a grandes investimentos que foram feitos nos últimos anos, dotando o balneário de infraestrutura turística (formada por hotéis, pousadas, bares, restaurantes, etc.) que permite receber turistas em qualquer época do ano.

Ainda de acordo com o site mencionado, grande parte da população local é proveniente de outras cidades e estados e a cultura açoriana não é hoje tão marcante como em outras localidades da Ilha.

As atividades principais econômicas existentes no bairro estão relacionadas ao comércio, à construção civil e principalmente ao turismo. A pesca, que por muitos anos foi o principal meio de subsistência da população, é realizada de forma artesanal e principalmente nos períodos de temperaturas mais baixas, nos quais destaca-se a pesca da tainha.

O bairro possui escolas municipais, estaduais e particulares, de Ensino Fundamental e Médio, que não dão conta do grande contingente de pessoas que migram para a localidade todos os anos. O lugar também apresenta alguns bolsões de pobreza que são formados, principalmente, por pessoas que vêm do interior do estado em busca de oportunidades de emprego.

De acordo com Monguilhot (2009), o crescimento, tanto populacional quanto econômico do bairro, trouxe, por um lado, benefícios para os moradores, como, por exemplo, acesso a vários serviços, tornando-os independentes do centro da cidade, mas, por outro lado, também trouxe violência para o distrito.

De acordo com a autora, a alta densidade demográfica e a alta arrecadação financeira da localidade devido à atividade comercial impulsionou um movimento de emancipação do bairro. Um dos motivos desse crescimento rápido deve-se ao fácil acesso à localidade por meio das pistas da SC 401 que agora estão duplicadas<sup>70</sup>.

---

<sup>70</sup> Voltaremos a tratar mais profundamente dessas questões de crescimento populacional na seção 2.5.

#### 2.4.2.4.1.6 Ratonos

Ratonos é um distrito do município de Florianópolis que foi desmembrado do distrito de Santo Antônio de Lisboa em 21 de junho de 1934.

A sede do distrito tem o mesmo nome, e a sua área total é, de acordo com o site <http://pt.wikipedia.org>, de cerca de 33,12 km<sup>2</sup>, tem 2.871 de habitantes e é caracterizado por ter as partes mais pobres e subdesenvolvidas da capital.

O bairro está situado no centro-norte da Ilha de Santa Catarina e deve seu nome às duas ilhas localizadas na baía norte, a oeste da localidade, que se parecem com dois ratos (em espanhol, *ratones*), as ilhas dos Ratonos. A localidade não tem praia, mas possui um rio que também se chama Ratonos (o maior da ilha, formando o Manguezal do Rio Ratonos, que faz parte da Reserva Ecológica de Carijós, desde 1983), cujas nascentes estão na localidade e sua foz, próxima às ilhas mencionadas.

Ratonos é considerada uma das freguesias e arraiais mais antigos da Ilha. Oficialmente, a colonização data de 1698, quando colonos, vindos de São Francisco<sup>71</sup>, ocuparam, além de Ratonos, Santo Antônio de Lisboa e a Lagoa da Conceição.

Desde sua colonização, a economia de Ratonos baseia-se na agricultura de subsistência e no intercâmbio com outras localidades (bairro dormitório), o que faz ser um bairro com características de área rural, inclusive com uma baixa densidade demográfica (86,7 hab/km<sup>2</sup>)<sup>72</sup>.

#### 2.4.2.4.1.7 Santo Antônio de Lisboa

Santo Antônio de Lisboa também é um distrito da cidade de Florianópolis e foi criado pela provisão régia de 26 de outubro de 1751, sob a invocação de Nossa Senhora das Necessidades. As outras localidades do distrito são: Barra de Sambaqui, Cacupé e Sambaqui.

Santo Antônio de Lisboa foi uma das primeiras comunidades fundadas por imigrantes açorianos que chegaram à ilha na metade do

---

<sup>71</sup> São Francisco foi colonizada por açorianos.

<sup>72</sup> Dados populacionais e estatísticos baseados no censo do IBGE, realizado no ano de 2000.

século XVIII. Até o início do século passado foi um dos principais pólos da cidade do Desterro, junto com as Freguesias da Lagoa da Conceição, da Vila Capital (no centro) e do Ribeirão da Ilha. Por estes motivos, Santo Antônio de Lisboa é conhecido por ser um refúgio de belas construções e belas paisagens. A freguesia conserva além da arquitetura tradicional, costumes herdados pelos colonizadores açorianos como a Festa do Divino Espírito Santo, o Terno de Reis e o Cacumbi, além de cultivar a pesca artesanal e o trabalho com a cerâmica e as rendas de bilro.

Culturalmente, Santo Antônio de Lisboa guarda ainda muitos traços do período da colonização, tanto na arquitetura quanto nos costumes locais e possui grande concentração de restaurantes de comida típica (sobretudo frutos do mar), que atraem moradores de outros bairros de Florianópolis. Turistas são atraídos ao bairro pela preservação da arquitetura típica açoriana, notória na igreja local e em casas tombadas pelo patrimônio público.

De acordo com o Censo IBGE de 2000, o bairro possui 5.367 habitantes e uma densidade demográfica de 239,1 hab./km<sup>2</sup> em uma área de 22,45 km<sup>2</sup>.

#### 2.4.2.4.2 *Diazonalidade*

Decidimos investigar, além da dimensão diatópica, também a dimensão diazonal por acreditarmos que esse fator poderia apontar evidências interessantes na variação dos pronomes *tu/você/o senhor*.

Entretanto, poderia soar estranho para alguns o fato de classificarmos alguns bairros de Florianópolis como “rurais” pelo fato de haver uma certa mobilidade da população no espaço e por haver uma atividade agropecuária não tão significativa, características comumente atribuídas a comunidades rurais. Sendo assim, decidimos categorizar como localidades “menos urbanas” aquelas que, comparativamente às consideradas “mais urbanas”, apresentam menor mobilidade e onde a população vive mais isolada e, por isso, menos sujeita à influência externa. Esses fatores contribuem para que as localidades menos urbanas sejam consideradas mais conservadoras não só das marcas linguísticas, mas da cultura em geral.

As localidades mais urbanas costumam apresentar maior prestígio social por serem consideradas mais avançadas, modernas e desenvolvidas e, por isso, esperamos que os informantes desses lugares

apresentem maior probabilidade de uso de *você*, variante mais utilizada em grande parte do território brasileiro e na grande mídia e, por isso, de maior prestígio<sup>73</sup> nacional.

Para justificar o uso de *mais urbano* e *menos urbano*, assim como fez Monguilhot (2009), nos baseamos em Bortoni (2004) que traça um contínuo de urbanização que “em um dos polos do contínuo, estão as variedades rurais usadas pelas comunidades geograficamente mais isoladas. No polo oposto, estão as variedades urbanas que receberam a maior influência dos processos de padronização da língua” (*op. cit.*, p.52). Como em nossa amostra não temos comunidades totalmente isoladas, denominamos, em vez de comunidades *rurais*, comunidades *menos urbanas* que, a nosso ver, contrastam com as comunidades *mais urbanas*. Sendo assim, para controlar essa variável, temos os seguintes fatores:

- i) *Mais urbanas*;
- ii) *Menos urbanas*.

### 2.4.3 Os testes

De acordo com Calvet (2002), “existe todo um conjunto de *atitudes*, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam” (p.65) e essas atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico dos indivíduos. O autor explica que dessas atitudes e sentimentos podem surgir os preconceitos, a segurança, a insegurança, as atitudes positivas e negativas, a hipercorreção e a hipocorreção. Essas atitudes, que nada têm a ver com a linguística interna, são poderoso fator de evolução da língua. Para comprovar essa tese, o autor traz o exemplo da *liaison* em francês (p.81).

Durante a comunicação, os falantes, mesmo que inconscientemente, moldam e adaptam seu discurso à situação comunicativa. Ou seja, adotam uma ou outra forma linguística de acordo com suas percepções e reações. Esse comportamento reflete as atitudes do falante em relação a elementos e estruturas linguísticas.

---

<sup>73</sup> Não estamos querendo dizer com isso que, em Florianópolis, essa forma tenha maior prestígio. Discutiremos mais profundamente essa questão no capítulo III.

Labov (2008 [1972]) elenca algumas possibilidades de testes a fim de captar as atitudes linguísticas dos falantes. Os *testes de percepção* do tipo ABX, no caso de fusão total de uma distinção fonológica, são aqueles em que os falantes não conseguem ouvir se X é mais próximo de A ou de B, porém, onde as regras variáveis ainda estão operando e a fusão não se completou, eles exigirão êxito parcial. Um exemplo desse tipo de teste são os *testes de pares mínimos*, trata-se da forma mais simples de investigação usada para controlar a percepção da fala e é feita mediante uma lista de pares. O informante é convidado a repetir cada uma, e então dizer se eles são iguais ou diferentes. Labov, Yaeger, e Steiner (1972) descrevem ocasiões em que tais testes não conseguem refletir o sistema vernacular do informante, ou seja, aqueles casos em que o falante pronuncia as duas palavras de forma diferente, mas afirma que elas são iguais.

Os *testes de repetição*, de acordo com o autor, fornecem uma quantidade surpreendente de informação gramatical com pessoas mais velhas, pois os psicolinguistas têm usado esses testes com crianças de 2 a 5 anos e descobriram que com falantes de dialetos não-padrão, as regras gramaticais subjacentes de pessoas mais velhas, de 10 a 17 anos, controlavam a forma de suas repetições. Em testes desse tipo, os falantes do vernáculo inglês negro não tiveram dificuldade em repetir com precisão longas frases do seu próprio sistema gramatical, mas várias frases em inglês-padrão foram repetidas imediatamente em forma vernácula.

Um exemplo de testes de repetição são os *testes de comutação*. Nesses testes, um par de palavras que se distinguem por uma oposição fonêmica aparece em uma lista aleatória de cinco casos de cada um. Em uma forma de teste, um falante nativo lê a lista e outro identifica as palavras. Em outro, um ouvinte pode ser solicitado a identificar suas próprias pronúncias gravadas a partir de uma leitura anterior. Esses testes foram introduzidos quando verificou-se que em muitos dialetos havia oposições marginais que foram consistentemente mantidas no discurso (embora com uma pequena margem de segurança), mas que não poderia ser rotulado de testes de pares mínimos ou comutação por falantes nativos.

Além desses testes mencionados, foram desenvolvidos outros testes formais para captar atitudes sociais diante da língua e a informação social veiculada pelas formas dialetais. Nos *testes de antecedentes familiares* o pesquisador faz o informante ouvir trechos gravados de falantes “típicos” e pede que ele identifique a origem étnica, a raça e a classe social desses falantes. De acordo com o autor,

esse tipo de teste nos permite verificar se os ouvintes conseguem ou não obter essa informação social a partir da fala, mas não onde tal informação se localiza (na gramática do falante, em sua fonologia, entoação ou qualidades da voz).

Os *testes de reação subjetiva*, de acordo com Labov (2008 [1972]), permitem separar as variáveis linguísticas dos fatores pessoais. Uma técnica usada para tal é a dos “falsos pares”, usada por Lambert, que apresenta ao informante uma série de trechos gravados com as vozes dos mesmos falantes usando línguas ou dialetos diferentes. Depois da audição, pede-se que o informante faça julgamentos sobre as personalidades dos falantes. Como não há como saber que já avaliou os mesmos falantes antes, ele inconscientemente traduz suas atitudes sociais frente à língua mediante diferentes julgamentos sobre a honestidade, a confiabilidade e a inteligência dos falantes.

Os *testes de auto-avaliação* também permitem captar as atitudes dos falantes para com variáveis linguísticas bem estabelecidas. De acordo com Labov (2008 [1972], p.248), quando os informantes são indagados sobre quais dentre várias formas são características de sua própria fala, “as respostas das pessoas refletem a forma que elas acreditam gozar de prestígio ou ser a ‘correta’, mais do que a forma que elas realmente empregam”. Diante disso, o autor alerta que esse tipo de dado, colhido em testes, não pode ser interpretado sem dados empíricos sobre os padrões de fala real das pessoas.

Os *testes de correção de sala de aula* permitem investigar a consciência que os falantes têm de variantes sociais estigmatizadas bem estabelecidas. Nesse tipo de teste, segundo o autor, pede-se que o informante corrija frases que se afastem dos modelos escolares.

Nos *testes de correção vernacular* pede-se que o falante passe formas prestigiadas para formas vernaculares não padrão. De acordo com o autor, a influência da situação formal de teste é tamanha que a pessoa não consegue perceber apuradamente as regras não padrão. Para Labov (2008 [1972], p.249),

parece estar comprovado que a norma de audiomonиторamento que governa a produção da forma não padrão na infância é substituída pela norma de prestígio, de modo que, em geral, não é possível para a maioria dos falantes direcionar acuradamente sua atenção para regras não padrão. Esse resultado reflete um importante axioma da *permutação dialetal: sempre que um dialeto*

*subordinado está em contato com um dialeto superordenado, as respostas dadas em qualquer situação formal de teste passarão do subordinado para o superordenado de uma maneira irregular e assistemática*<sup>74</sup>.

Nos termos do autor, os significados de “superordenado” e “subordinado” se referem a qualquer dimensão de hierarquia social equivalente a “prestigiado” e “estigmatizado”. O autor alerta ainda que mesmo instruindo o informante sobre os objetivos da análise, não é possível diminuir tal efeito e obter gradualmente respostas características do vernáculo puro, pois a pessoa pode usar seu conhecimento do dialeto de prestígio para evitar exibir qualquer forma vernacular que seja idêntica ou semelhante à norma-padrão, “produzindo assim formas estereotipadas que são simplesmente uma coleção dos tipos de frases ‘mais diferentes’ ou ‘piores’” (p.249).

De acordo com o autor, os falantes que tiveram um intenso contato com a forma superordenada já não têm intuições claras sobre seu vernáculo disponíveis para a investigação e, por isso, deve-se olhar com mais cautela os dados de um vernáculo não padrão recolhidos de um falante “educado”, pois, normalmente, o pesquisador fala o dialeto padrão superordenado que é dominante na situação de entrevista face-a-face e a capacidade do informante de aprender línguas está operando o tempo todo; sendo assim, as suas regras gramaticais ficarão sob pesada influência do padrão durante o período de obtenção de dados.

Para Labov (2008 [1972]), dificilmente se encontra um informante que “pareça imune à correção desse tipo – alguém que parece ter acesso direto às próprias intuições, apesar de seu conhecimento do dialeto padrão” (p.250). Por isso, a indicação do autor é que confrontemos as respostas do informante com outros dados do vernáculo para ver se ele de fato tem acesso às suas regras originais. Para avaliar esses dados, é preciso que já conheçamos as regras do vernáculo dos indivíduos através da observação direta da fala informal.

Considerando esses ensinamentos de Labov, decidimos separar a análise das construções linguísticas dos testes de produção da análise das construções linguísticas das entrevistas e, posteriormente, fazer comparações entre os resultados de ambas as amostras. Dessa forma, pudemos observar que, na maioria das vezes, os dados vão na mesma direção embora com percentuais diferenciados (ver capítulo III).

---

<sup>74</sup> Grifos do autor.



Os *testes de insegurança linguística* permitem identificar os falantes de uma comunidade que têm mais consciência do que os outros das formas prestigiosas de falar e cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência. Esses informantes exibirão uma alternância estilística maior do que aqueles que não reconhecem tais padrões. De acordo com Labov (2008 [1972]), esse teste pode ser feito apresentando ao informante uma lista selecionada de variantes socialmente marcadas, a partir dessa lista ele é indagado sobre qual dentre duas formas é a correta e, em seguida, qual delas ele mesmo usa de fato. O número total de itens em que as duas repostas diferem forma um sensível grau de insegurança linguística.

De acordo com Calvet (2002, p.72), fala-se de “*segurança linguística* quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar, quando consideram a *sua* norma a norma”. Por outro lado, há a “*insegurança linguística* quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizado e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam” (p.72). De acordo com esse autor, existe na sociedade o que se pode chamar de olhares sobre a língua, de imagens da língua, ou seja, *normas* que podem ser partilhadas por todos ou diferenciadas segundo certas variáveis sociais (o sexo, no exemplo de Norwich<sup>75</sup>) e que geram sentimentos, atitudes e comportamentos diferenciados. Como exemplo disso, Calvet (2002, p.73) menciona o estudo de Labov com a pequena burguesia nova-iorquina quando ele nota as “flutuações estilísticas, a hipersensibilidade a traços estigmatizados que algumas pessoas empregam, a percepção errônea do próprio discurso, todos esses fenômenos são sinal de uma profunda insegurança linguística entre os falantes da pequena burguesia”. De acordo com Labov (1976, apud CALVET, 2002), os nova-iorquinos têm, em geral, uma certa repugnância pelo sotaque da sua cidade e grande parte deles se esforça por modificar o seu modo de falar e recebem como elogio o fato de alguém lhes dizer que conseguiu mudá-lo. Entretanto, quase todos se reconhecem imediatamente assim que saem da aglomeração. Além disso, os nova-iorquinos estão convencidos de que os estrangeiros também detestam o modo de falar de Nova York. Isso mostra que eles

---

<sup>75</sup> Estudo conduzido por Peter Trudgill na cidade de Norwich, na Grã-Betanha, que dentre outros fenômenos, pesquisou a pronúncia como *tune*, *student*, *music* etc. pelas duas variantes coexistentes no lugar, /ju:/ e /u:/. A primeira é considerada como mais prestigiosa que a segunda. Ver Calvet (2002, p.69).

estão convencidos de que existe uma língua “correta” e se esforçam por atingi-la em sua fala monitorada.

A partir da perspectiva laboviana, Tarallo (1990) também apresenta duas possibilidades de testes, *os testes de percepção e os testes de produção*. Nos testes de percepção, o informante deve opinar sobre a aceitabilidade de certas estruturas linguísticas, já, nos de produção, o informante deve ser levado a produzir a variável optando por uma ou outra variante linguística.

#### 2.4.3.1 Os nossos testes

Em nossa pesquisa aplicamos um teste que se divide em duas partes, as quais denominamos nos termos de Tarallo (1990), de *teste de percepção* e de *teste de produção*.

Na primeira parte do teste – *teste de percepção* – fizemos dois tipos de questionamento ao falante, inicialmente perguntamos sobre o seu uso real dos pronomes, ou seja, sobre qual dos pronomes ele usa com diferentes interlocutores e, posteriormente, questionamos sobre a sua opinião diante das formas pronominais de segunda pessoa do discurso, qual ele considera *mais bonita* ou *boa* e qual ele considera *mais feia* ou *ruim* (ver anexo C).

Na segunda parte do teste – *teste de produção* – solicitamos que o informante produza a variável optando por uma ou outra variante linguística preenchendo as lacunas em branco ou as deixando em branco caso ache necessário.

Ambos os testes classificam-se, segundo Falsod (apud PAIVA, 2010), como diretos, pois nos dois os participantes têm ciência de que participam de uma pesquisa que objetiva saber como eles compreendem ou utilizam certas expressões linguísticas.

Os testes foram aplicados a estudantes de diferentes níveis de escolaridade, como proposto por Labov (1972), segundo o qual não se deve contar apenas com informantes mais escolarizados, pois esses são inseridos, comumente, em situações comunicativas que exigem a adoção de um padrão culto formal e, assim, podem ser influenciados por orientações prescritivas. Para esse controle, o teste possui um cabeçalho solicitando a identificação do grau de escolaridade dos participantes. Existe, ainda, um texto informando que o teste não espera a resposta “certa” ou “errada” e que o objetivo é descobrir os usos reais do falante e as opiniões dele sobre as formas pronominais.

Os testes foram aplicados pela própria pesquisadora em escolas de Educação Básica e em alguns comércios de Florianópolis. Os testes aplicados na Universidade (UFSC) contaram com a ajuda de alguns professores da instituição que receberam orientação de como proceder.

Após a entrega dos testes, foi realizada a leitura dos comandos, com a orientação de que os participantes não conversassem entre si, e de que as dúvidas deveriam ser esclarecidas pela pesquisadora/professor(a).

Levando em consideração que os alunos da Educação Básica tendem a tomar a pesquisa de opinião como uma avaliação, enfatizamos o objetivo da pesquisa, com a indicação de não haver uma resposta correta. Procuramos também deixar os participantes menos tensos afirmando-lhes que os testes não seriam vistos por seus professores.

A estratificação dos informantes seguiu os moldes da amostra das entrevistas. Abaixo podemos visualizar um quadro demonstrativo da quantidade de testes que foram aplicados e do perfil dos informantes.

Sexo	Informante 1 a 10	Informante 11 a 20	Informante 21 a 30	Informante 31 a 40
Feminino	12 a 33 anos. Ensino Fund.	17 a 33 anos. Ensino Superior	42 a 74 anos. Ensino Fund.	42 a 75 anos. Ensino Superior
Masculino	12 a 33 anos. Ensino Fund.	17 a 33 anos. Ensino Superior	42 a 74 anos. Ensino Fund.	42 a 75 anos. Ensino Superior
TOTAL	10	10	10	10

**Quadro 4:** Estratificação dos informantes dos testes por idade, sexo e escolaridade<sup>76</sup>

Quando os testes foram aplicados nas salas de aula, seja da Educação Básica ou no Ensino Superior, todos os alunos puderam participar e todos os testes foram recolhidos. Somente depois da coleta realizada é que fizemos a separação de acordo com a estratificação social mencionada no quadro 4 e os que não faziam parte do perfil desejado foram, em um segundo momento, excluídos da amostra<sup>77</sup>.

<sup>76</sup> Foram utilizados cinco informantes de cada célula social.

<sup>77</sup> Como veremos no capítulo III, em um primeiro momento, todos esses testes foram considerados para uma explanação geral dos resultados.

### 2.4.3.1.1 Procedimentos de análise dos testes

A partir das respostas dadas na primeira parte do teste – *teste de percepção* – sobre o uso dos pronomes diante de diferentes interlocutores, produzimos tabelas com percentuais comparativos entre todos os informantes nascidos em Florianópolis e os informantes moradores de Florianópolis, mas nativos de outras cidades. Da mesma forma procedemos com as respostas dos informantes sobre as formas pronominais consideradas *mais bonitas* ou *boas*, *mais feias* ou *ruins*.

Em um segundo momento, separamos 40 testes respondidos somente por informantes de Florianópolis, de acordo com as células sociais (sexo, idade, escolaridade), e produzimos tabelas com percentuais para cada uma das 5 perguntas feitas na primeira parte do teste. Dessa forma, temos para a pergunta 1 – *Qual forma você costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga?* –, por exemplo, o percentual de respostas dadas pelos homens, pelas mulheres, pelos mais velhos, pelos mais jovens, pelos mais escolarizados e pelos menos escolarizados (ver Anexo B) e assim por diante.

A partir das respostas dadas na segunda parte do teste – *teste de produção* – categorizamos cada frase produzida, como se o informante tivesse produzido cada uma delas espontaneamente e realizamos rodadas estatísticas no programa estatístico Goldvarb (2001). Com isso, pudemos verificar quais os fatores foram selecionados como estatisticamente relevantes e, posteriormente, comparar esses resultados com aqueles encontrados a partir da amostra das entrevistas. Entretanto, não foi possível controlarmos todas as variáveis que foram controladas a partir da amostra de entrevistas conforme explicaremos no Capítulo III.

A seguir, podemos verificar as variáveis controladas a partir da amostra do *testes de produção*.

### 2.4.3.1.2 Variáveis controladas

Para esta investigação selecionamos os seguintes grupos de fatores linguísticos, sociais, sociodiscursivos e geográficos:

- a) Preenchimento do sujeito;
- b) Paralelismo sujeito e possessivo;
- c) Paralelismo sujeito e clítico;
- d) Paralelismo sujeito e oblíquo tônico;

- e) Tipo de relação entre os interlocutores;
- f) Sexo;
- g) Escolaridade;
- h) Faixa etária.

A caracterização dessas variáveis, bem como as suas hipóteses são as mesmas utilizadas para a amostra das entrevistas apresentadas na seção 2.4.2 e, por esse motivo, não as repetiremos aqui.



## Capítulo III

---

### 3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo está dividido em duas partes, a primeira é dedicada à descrição e análise dos grupos de fatores selecionados pelo programa Goldvarb (2001) a partir das amostras Monguilhot (2006), Varsul (Florianópolis) e Floripa (2009). A segunda parte é dedicada à análise dos resultados dos testes de percepção e produção aplicados aos informantes de Florianópolis nos anos de 2011 e 2012 que também foram submetidos às análises unidimensionais e multidimensionais do programa estatístico.

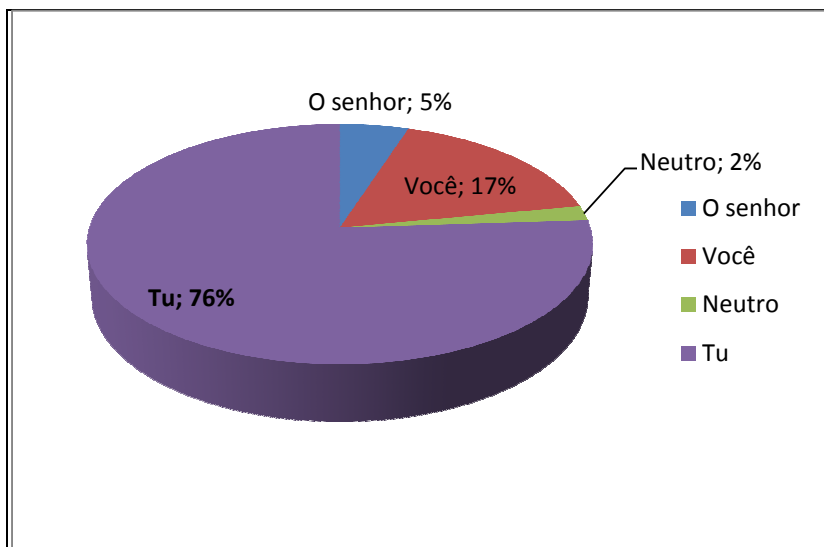
#### 3.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS EMPÍRICOS: AS ENTREVISTAS SOCIOLINGÜÍSTICAS

Conforme mencionado na seção 2.4 do Capítulo II, para esta pesquisa, analisamos todas as ocorrências de segunda pessoa do singular, extraídas de cada uma das 28 entrevistas que constituem nossa amostra, formada por 7 informantes de cada célula social.

A partir dessa amostra, obtivemos um total de 573 ocorrências de pronomes de segunda pessoa do singular *tu*, *você* e *o senhor*, sendo 440 dados de *tu*, correspondendo a 76% da amostra, 99 dados de *você*, correspondendo a 17% da amostra e 34 dados de *o senhor*, correspondendo a 5% dos dados da amostra.

É importante ressaltar que para esse total de dados (573) foram considerados pronomes nulos e preenchidos, entretanto, dentre os nulos, encontramos 10 ocorrências de verbos sem referente, ou seja, não havia um elemento antecedente que pudesse servir de referência, sendo assim, consideramos esses casos como pronomes neutros que, em seguida, foram retiradas das rodadas estatísticas por haver poucos dados.

A seguir podemos visualizar a síntese desses dados no gráfico:

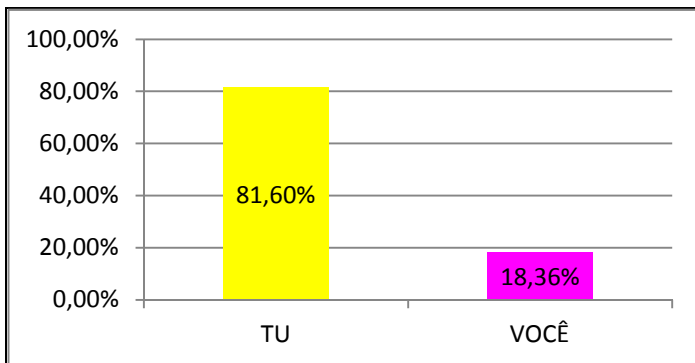


**Gráfico 6:** Distribuição geral dos dados em Florianópolis

Como podemos verificar no gráfico 6, dos 573 dados de pronomes de segunda pessoa encontrados em nossa pesquisa, a forma *tu* é, de forma geral, a mais usada pelos ilhéus para se dirigir ao interlocutor com o maior número de ocorrências. A forma *você* é a segunda mais usada e, por fim, a forma *o senhor* é a menos utilizada pelos ilhéus.

Ao compararmos a distribuição geral somente das formas *tu* e *você*, em Florianópolis, ao mapeamento que o Alib fez dessas formas em todas as capitais do país, vemos que os percentuais são um pouco distintos. No gráfico a seguir, podemos visualizar nossos resultados gerais referentes ao uso de *tu* e *você*.

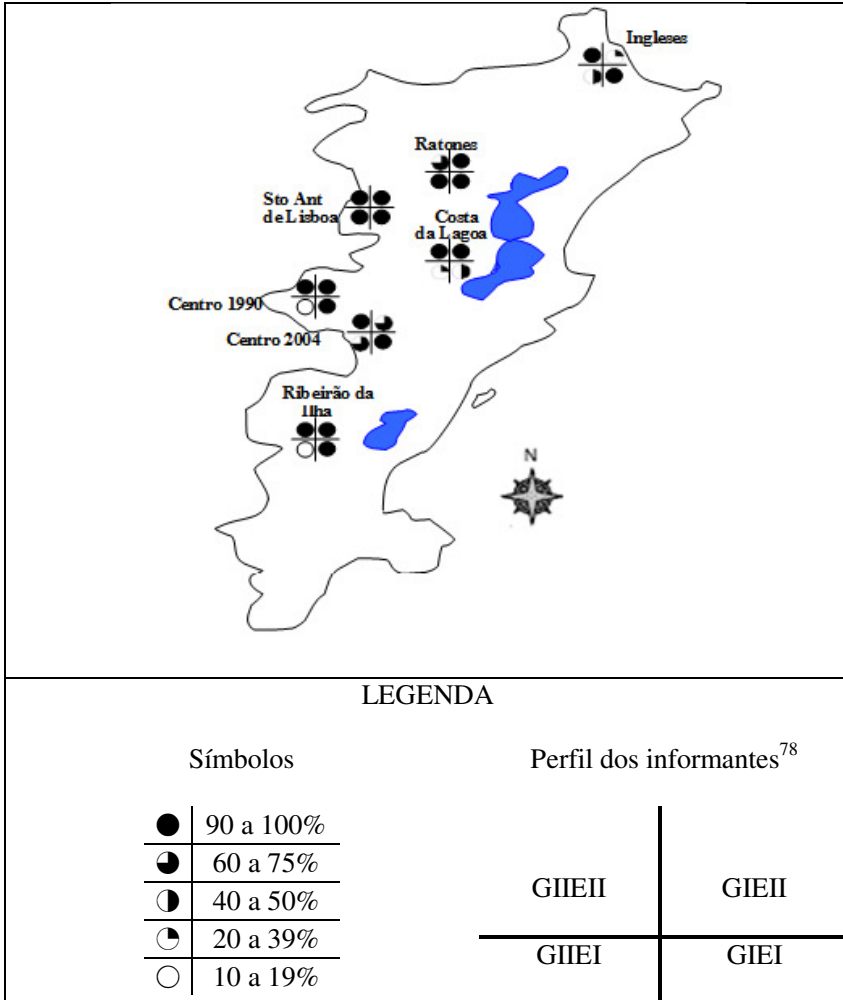




**Gráfico 7:** Distribuição geral dos dados de *tu* e *você* em Florianópolis

Como vimos no gráfico 7, ao considerarmos somente as ocorrências de *tu* e *você* em nossa amostra temos os percentuais de 81,60% e 18,36%, respectivamente. Já no mapeamento do Alib (p.28) temos um percentual aproximado de 35 a 55% para as duas formas (*tu* e *você*).

Em relação ao mapeamento dos pronomes de segunda pessoa do discurso encontrados em cada uma das localidades de Florianópolis investigadas, podemos observar no mapa, a seguir, os resultados da frequência de uso de *tu* nos bairros pesquisados e em seguida, podemos visualizar os resultados da frequência de *tu*, *você* e *o senhor* deste trabalho, apresentados no gráfico.



**Mapa 18:** Uso da forma *tu* nos bairros de Florianópolis

Nesse mapa podemos visualizar a distribuição da forma *tu* nos bairros de Florianópolis, de acordo com: 1) a geração mais velha e mais escolarizada; 2) a geração mais jovem e mais escolarizada; 3) a geração

<sup>78</sup> GIIIEII – Geração mais velha com mais escolaridade. GIEI – Geração mais jovem com mais escolaridade. GIIIEI – Geração mais velha com menos escolaridade. GIEI – Geração mais jovem com menos escolaridade.

mais velha e menos escolarizada e 4) a geração mais jovem e menos escolarizada.

Seguindo a legenda dos símbolos, presente na parte central da figura, podemos verificar que Santo Antônio de Lisboa é o bairro que apresenta a maior frequência de *tu* (90 a 100%) na fala de todos os seus informantes, ou seja, é o bairro onde o uso de *tu* é mais predominante.

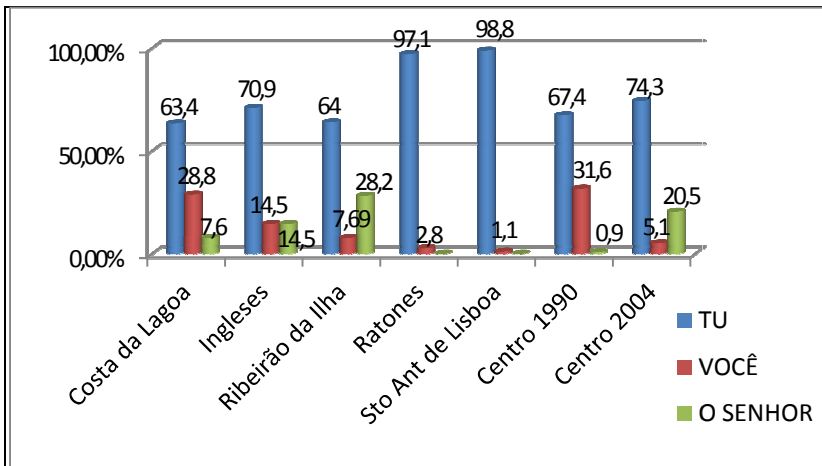
Ratones é o bairro que apresenta a segunda maior frequência de *tu*, pois apenas um dos seus informantes não fica na faixa de 90 a 100%, ou seja, esse informante – da geração mais velha e mais escolarizado – teve uma frequência de uso de *tu* entre 60 a 75%.

Os informantes do centro, da amostra Varsul (Florianópolis), apresentam a mesma frequência de uso dos informantes do bairro Ribeirão da Ilha, pois apenas um dos seus informantes não apresenta o uso de *tu* entre 90 e 100% e esse informante, nos dois lugares, é da geração mais velha e menos escolarizado e apresenta uma frequência de uso entre 10 a 19%. Já os informantes do centro, da amostra Monguilhot (2006), têm a frequência de uso de *tu* entre 90 e 100% (2 informantes) e 60 e 75% (2 informantes).

Na Costa da Lagoa, os dois informantes de maior escolaridade apresentam frequência de uso de *tu* entre 90 e 100% e os dois informantes de menor escolaridade têm frequência de uso entre 20 a 39% (mais velho) e 40 a 50% (mais jovem).

Inglese também apresenta dois informantes com frequência de uso entre 90 e 100%, entretanto, de perfil oposto, ou seja, o primeiro é mais velho e mais escolarizado e o segundo é mais jovem e menos escolarizado. O terceiro informante, mais velho e menos escolarizado, apresenta frequência de uso entre 40 a 50% e o quarto informante, mais jovem e mais escolarizado, apresenta frequência de uso de *tu* entre 20 a 39%.

Em suma, esse mapeamento nos permite afirmar que a frequência de uso de *tu* não é homogênea entre os bairros de Florianópolis e entre as células sociais, pois apenas o centro (Varsul, 1990) e o Ribeirão apresentaram uma frequência semelhante de uso de *tu*, mas nenhuma célula social se comportou de forma igualitária em todos os bairros.



**Gráfico 8:** Distribuição de *tu*, *você* e *o senhor* nos bairros de Florianópolis

Nesse gráfico podemos conferir a distribuição dos pronomes *tu*, *você* e *o senhor* nos bairros de Florianópolis considerando o percentual de frequência de cada forma separadamente. Entretanto, nesse gráfico, não há a separação dos dados por célula social, o que nos permite verificar que, de forma geral, Santo Antônio de Lisboa é o bairro que produziu o maior percentual de *tu* (98,88%) seguido de Ratores (97,14%) e, conseqüentemente, esses dois bairros foram os que apresentaram o menor percentual de *você* – 1,11% e 2,8%, respectivamente. Além disso, esses dois bairros foram os únicos que não apresentaram nenhuma ocorrência da forma *o senhor*.

A terceira maior frequência de uso de *tu* (74,35%) foi encontrada no centro, na amostra de Monguilhot (2006), que apresentou 5,12% de uso de *você* e 20,51% de uso de *o senhor*. Já o centro, amostra Varsul (Florianópolis), apresentou 67,42% de uso de *tu*, 31,67% de uso de *você* e 0,9% de uso de *o senhor*.

A quarta maior frequência de uso de *tu* foi encontrada no bairro de Ingleses que apresentou 70,96% de uso de *tu*, 14,51% de uso de *você* e 14,51% de uso de *o senhor*.

As menores frequências de uso de *tu*, isto é, aquelas que ficaram abaixo de 65%, foram verificadas no bairro do Ribeirão da Ilha e na Costa da Lagoa, com 64% e 63,46%, respectivamente. A Costa da Lagoa apresentou ainda a segunda maior frequência de *você* com 28,84% dos seus dados, perdendo apenas para o Centro

(Varsul/Florianópolis) que, como já vimos, apresentou 31,67% de *você*. Este bairro apresentou ainda 7,69% de ocorrências de *o senhor*.

Ribeirão da Ilha foi o bairro que apresentou a maior frequência de uso de *o senhor* da amostra com 28,20% dos seus dados. Além disso, este bairro produziu 7,69% de uso de *você*.

### 3.1.1 Grupos de fatores selecionados

Considerando somente a alternância entre os pronomes *tu* e *você* e todas as 13 variáveis (linguísticas, sociais, socioestilísticas e geográficas) controladas nesta pesquisa: (i) *preenchimento do sujeito*, (ii) *concordância com o verbo*, (iii) *paralelismo sujeito e possessivo*, (iv) *paralelismo sujeito e clítico*, (v) *paralelismo sujeito e oblíquo tônico*, (vi) *tipo de interlocução*, (vii) *tipo de relação entre os interlocutores*, (viii) *sexo*, (ix) *escolaridade*, (x) *faixa etária*, (xi) *diatopia*, (xii) *diazonalidade* e (xiii) *indivíduo*, o programa Goldvarb (2001) selecionou sete grupos de fatores relevantes para a aplicação da regra variável – uso do pronome *tu* – com a seguinte ordem de relevância:

- 1° sexo,
- 2° faixa etária,
- 3° diazonalidade,
- 4° tipo de relação entre os interlocutores,
- 5° escolaridade,
- 6° paralelismo sujeito e clítico e
- 7° paralelismo sujeito e possessivo.

#### 3.1.1.1 Variáveis linguísticas

Como vimos, dentre as variáveis linguísticas controladas, duas foram selecionadas pelo Programa Goldvarb (2001): (i) *paralelismo sujeito e clítico* e (ii) *paralelismo sujeito e possessivo*. Vamos agora aos resultados e à discussão dessas variáveis.

3.1.1.1.1 *Paralelismo sujeito e clítico*

O *paralelismo sujeito e clítico* foi a sexta variável selecionada pelo programa estatístico Goldvarb (2001) como favorecedora do uso de *tu* na amostra utilizada nesta pesquisa.

Conforme já explicitado no Capítulo II, o paralelismo formal consiste na tendência de “marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros” (POPLACK, 1980; NARO, 1981 apud SCHERRE e NARO, 1993,p.3). Baseada nessa tendência, nossa hipótese era a de que os informantes que utilizaram a forma *tu* utilizassem também o possessivo *teu/tua* e os oblíquos *te, ti, contigo, de ti, pra ti, etc.* Sendo assim, no caso da variável *paralelismo sujeito e oblíquo átono*, esperávamos que quando o informante usasse a forma *tu* ele também usaria o clítico *te*.

A seguir, apresentamos um exemplo de paralelismo entre sujeito e clítico e um exemplo de não paralelismo retirado da nossa amostra de entrevistas (Varsul/Florianópolis, Monguilhot, 2006 e Floripa, 2009).

- (10) “*tu não vai te entregar pro namorado antes de casar...*”  
(F1AI)<sup>79</sup>
- (11) *ah! \_vais achar...(p.entrev.)... eu vo lhe mostrá aqui oh!*  
(p.entrev.) (F1AT)<sup>80</sup>

Como podemos visualizar na tabela a seguir, nossa hipótese foi atestada, pois as formas paralelas favorecem a ocorrência de *tu* apresentando peso relativo de 0,66. Por outro lado, as formas não paralelas desfavorecem o uso de *tu* com peso relativo de 0,05.

<b>Paralelismo entre sujeito e clítico</b>	<b>Apl./Total = %</b>	<b>PR</b>
<b>Formas paralelas</b>	33/36 = 91%	0,66
<b>Formas não paralelas</b>	2/9 = 22%	0,05
<b>TOTAL</b>	35/45 = 77%	

**Tabela 44:** Uso de *tu* em relação ao paralelismo sujeito e clítico

<sup>79</sup> F = feminino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, I = localidade (Ingleses).

<sup>80</sup> F = feminino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, T = localidade (Ratones).

Devemos observar que não foram muitos os dados de clíticos encontrados em nossa amostra, pois somando todas as ocorrências (incluindo-se as formas paralelas com o pronome *o senhor*) observamos apenas 47 dados, sendo 35 deles clíticos combinados com a forma *tu*. Vejamos a distribuição geral desses dados na tabela a seguir.

<b>Paralelismo</b>	<b><i>Tu</i></b>	<b><i>Você</i></b>	<b><i>O senhor</i></b>
<b>Formas paralelas</b>	33/37 = 89%	3/37 = 8%	1/37 = 2%
<b>Formas não paralelas</b>	2/10 = 20%	7/10 = 70%	1/10 = 10%
<b>TOTAL</b>	35/47 = 74%	10/47 = 21%	2/47 = 4%

**Tabela 45:** Distribuição dos clíticos nas formas *tu*, *você* e *o senhor*

Como vimos na tabela 45, temos apenas 10 ocorrências de clíticos com a forma *você*, entretanto, em 70% desses casos, o informante não usou a forma *lhe*, mas a forma *te* que originalmente combina com o pronome *tu*. Vejamos alguns exemplos:

(12) não Você chega lá dizendo: " isso aí \_vai (hes) te reabilitar... eu não posso dizer: " vou te dar uma facada ou um tiro"... (M1Ac)<sup>81</sup>.

(13) *Que tenha interesse no que você estuda... II... O doutorado te dá essa experiência* (F3CC)<sup>82</sup>.

Embora alguns gramáticos tradicionais/normativistas como Bechara (2006) e Cunha e Cintra (1985), por exemplo, nos dissessem que o pronome *você* deveria se combinar com verbos e com os demais pronomes de terceira pessoa do singular, outros gramáticos, mais descritivos, como Azeredo (2008), Castilho (2010) e Perini (2010), já trazem o *você* como pronome de segunda pessoa do singular (pronome pessoal na forma reta) combinando com as formas oblíquas *te*, *-tigo*, *ti* e *lhe* (PERINI, 2010, p.116). Sendo assim, podemos afirmar que o uso corriqueiro dessas formas já está sendo apresentado nas gramáticas

<sup>81</sup> M = masculino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, c = localidade (centro, Varsul).

<sup>82</sup> F = feminino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (Centro, Monguilhot).

descritivas, pois é possível encontramos quadros de pronomes como este:

<b>Forma reta</b>	<b>Forma oblíqua</b>
<i>Eu</i>	<i>Me, mim, -migo</i>
<i>Você, (tu)</i>	<i>Te, (-tigo), (ti), (lhe)</i>
<i>Ele, ela</i>	-
<i>Nós</i>	<i>Nos, -nosco</i>
<i>Vocês</i>	-
<i>Eles, elas</i>	-
[reflexivo]	<i>Se</i>

**Quadro 5:** Pronomes pessoais: retos e oblíquos [As formas entre parênteses são de uso restrito, só sendo correntes em parte do território brasileiro]

**Fonte:** Perini (2010, p. 116)

Como vemos, o autor traz o oblíquo *te* como correspondente à forma reta *você*, deixando a forma oblíqua *lhe* em segundo plano e observando que se trata de uma forma de uso restrito. Além disso, o autor também define como formas de uso restrito o pronome da forma reta *tu* e seus correspondentes da forma oblíqua *-tigo* e *ti*. Sendo assim, podemos sugerir que nossa pesquisa está localizada nessa *área restrita* definida pelo autor, pois em nossas entrevistas, todas as ocorrências de oblíquo não argumental com o *tu* foram de *contigo*, como no exemplo a seguir.

(14) “Se tu me perguntar... eu concordo contigo” (F3AR)<sup>83</sup>.

Em nossas entrevistas, a forma oblíqua *ti* também foi bastante recorrente em formas preposicionadas (dativos) embora não tenha sido selecionada pelo programa Goldvarb (2001). Dos 31 dados encontrados, nove (29%) foram de *pra você*, três (9,6%) foram de *pro/a senhor/a* e 20 (64,5%) foram de *pra ti*, em construções como:

(15) Tu já vê q tem clube das mulheres... Mais uma distração pra ti... (F3Cc)<sup>84</sup>.

<sup>83</sup> F = feminino, 3 = mais escolaridade, A = mais velho, R = localidade (Ribeirão da Ilha).

<sup>84</sup> F = feminino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, c = localidade (centro, Varsul).



(16) A senhora vai comprar um fogão a gás pra senhora...  
(FIAI)<sup>85</sup>.

(17) Não vê aquela briga toda... é como eu falei pra  
você...(M1Ac)<sup>86</sup>.

Perini (2010, p. 116) afirma ainda que “*Você* tem a forma oblíqua *te*, mas esta é usada em concorrência com a forma reta, de maneira que se pode dizer *eu te amo* ou *eu amo você*, indiferentemente”. Sendo assim, de acordo com esses autores, não haveria mistura de tratamento em construções como (11), contrariando os preceitos de Almeida (1985) o qual afirma que, em cartas ou escritos de qualquer natureza, se deve manter a uniformidade de tratamento do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se o interlocutor for tratado por *vós*, os pronomes oblíquos devem ser os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos adjetivos e possessivos. Se optarmos por *tu*, devemos usar os oblíquos *te*, *ti*, *contigo* e os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas* (jamais *seu*, *sua*). Ao empregar *Vossa Senhoria*, *Senhor*, *Você*, devem-se empregar *o*, *lhe*, *seu*, *sua*, etc., segundo o gramático.

De acordo com Lopes (2009), juntamente com o *você* persiste a especificação original de 3ª pessoa [Øeu], apesar da alteração ocorrida em termos semântico-discursivos. Mesmo sendo uma forma correlacionada a outras formas tradicionalmente consideradas de 2ª pessoa (*te/teu/vos/vosso*) [-eu] ou de 3ª pessoa (*seu-s*) [Øeu], o pronome *você* definido passou a fazer referência à segunda pessoa [-eu]. Para a autora, aos poucos tal interpretação semântico-discursiva passará a figurar formalmente, apesar de ainda ser condenada pelo ensino tradicional.

Conforme a mesma autora, a combinação de *você* coincidentes com as formas de 2ª pessoa não é uma novidade na fala contemporânea, pois existem registros dessa “mistura de tratamento” em cartas do Paraná, escritas em 1888, e do Rio de Janeiro, escritas no final do século XIX (1880-1881). Para ela, a integração da forma *você* no quadro dos pronomes pessoais ocasionou a reestruturação do sistema em termos das variadas possibilidades combinatórias ou de correspondência que essa forma passou a assumir, seja em relação aos pronomes possessivos *você*

<sup>85</sup> F = feminino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, I = localidade (Ingleses).

<sup>86</sup> M = masculino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, c = localidade (centro, Varsul).

– *teu* ~ *seu*, seja no rearranjo causado também nos pronomes oblíquos – dativos ou acusativos – *de você* – *te* ~ *lhe* ~ *o/a*. A autora ressalta que tal mudança não pode continuar sendo considerada como “mistura de tratamento” ou como “falta de uniformidade de tratamento”.

### 3.1.1.1.2 Paralelismo sujeito e possessivo

O *paralelismo sujeito e possessivo* foi a sétima variável selecionada pelo programa estatístico como favorecedora do uso de *tu* na amostra utilizada nesta pesquisa.

Consideramos paralelismo formal entre sujeito e possessivo as construções em que o informante usa *tu* + *teu/tua*, *você* + *seu/sua* e *o senhor* + *seu/sua* e não paralelismo as construções em que o informante usa *tu* + *seu/sua*, *você* + *teu/tua* e *o senhor* + *teu/tua* como nos exemplos apresentados a seguir, retirados da nossa amostra.

(18) “*Não sei se tu já veio pelo... Não sei se a tua pergunta é essa?*” (F3AL)<sup>87</sup>.

(19) “*Tu, o proprietário, é que é responsável pela sua calçada...*” (F1AT)<sup>88</sup>.

Assim como na variável anterior (paralelismo sujeito e clítico) nossa hipótese era a de que os informantes que utilizam a forma *tu* utilizassem também o possessivo *teu/tua* obedecendo a tendência de “marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros” (POPLACK, 1980; NARO, 1981 apud SCHERRE e NARO, 1993,p.3).

Como podemos visualizar na tabela a seguir, essa hipótese também se confirmou, pois o uso de *tu* favorece o paralelismo apresentando peso relativo de 0,57. Por outro lado, as formas não paralelas desfavorecem o uso de *tu* com peso relativo de 0,07.

---

<sup>87</sup> F = feminino, 3 = mais escolaridade, A = mais velho, L = localidade (Costa da Lagoa).

<sup>88</sup> F = feminino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, T = localidade (Ratones).

<b>Paralelismo</b>	<b>Apl./Total = %</b>	<b>PR</b>
<b>Formas paralelas</b>	35/41 = 85%	0,57
<b>Formas não paralelas</b>	3/5 = 60%	0,07
<b>TOTAL</b>	38/46 = 82%	

**Tabela 46:** Uso de tu em relação ao paralelismo sujeito e possessivo

Esses resultados vão ao encontro daqueles alcançados por Arduin (2005), porém, não exatamente na mesma proporção, pois em seu trabalho a autora constatou que 99% das ocorrências com o possessivo *teu/tua* se deram acompanhadas pelo pronome *tu* com 0,90 de peso relativo e, em nossa pesquisa, 85% das ocorrências de *teu/tua* se deram acompanhadas pelo pronome *tu* com 0,57 de peso relativo.

Embora tenhamos poucas ocorrências de possessivos em nossa amostra (46), é interessante observarmos a distribuição geral desses pronomes nas formas *tu*, *você* e *o senhor*. Vejamos a tabela a seguir:

<b>Paralelismo</b>	<b>Tu</b>	<b>Você</b>	<b>O senhor</b>
<b>Formas paralelas</b>	35/42 = 83%	6/42 = 14%	1/42 = 2%
<b>Formas não paralelas</b>	3/6 = 50%	2/6 = 33%	1/6 = 16%
<b>TOTAL</b>	38/48 = 79%	8/48 = 16%	2/48 = 4%

**Tabela 47:** Distribuição das formas tu, você, senhor/a em relação ao paralelismo sujeito e possessivo

Ao olharmos somente para as ocorrências de possessivos com o pronome *você*, verificamos pouquíssimos dados, ou seja, apenas oito ocorrências sendo que seis (75%) delas são combinações paralelas de *você + seu* e duas (25%) são combinações não paralelas de *você + teu* como podemos observar nos exemplos a seguir.

(20) “mas [*<vo->*]- você não deixava de visitar o seu pai,... (M1Ac)<sup>89</sup> .

(21) “...você reza essa oração que ela [não]- não vai na tua casa” (F1A1)<sup>90</sup> .

<sup>89</sup> M = masculino, I = menos escolaridade, A = mais velho, c = localidade (centro, Varsul).

<sup>90</sup> F = feminino, I = menos escolaridade, A = mais velho, I = localidade (Ingleses).

(22) *tu tem que fazê, vai pq vai ser bom pra tua vida...*”  
(M3CT)<sup>91</sup>.

(23) *Tu precisa de um cálculo... Qual a sua missão? ...*(F3CS)<sup>92</sup>.

(24) *O senhor me disse que o seu filho trabalha fora...* (F3CC)<sup>93</sup>.

Mesmo se tratando de poucas ocorrências, esses resultados também vão ao encontro daqueles encontrados por Arduin (2005), pois ela constatou que “a presença do pronome pessoal *você* age como desfavorecedor do uso do possessivo *teu*” (p.92). Mesmo que a frequência de ocorrências fosse alta em seus dados, 80%, isso porque o peso relativo de 0,19 indica que a probabilidade de ocorrência é baixa, confirmando, novamente, o efeito do *paralelismo* quando o sujeito é *tu*.

Não esgotamos as discussões sobre paralelismo aqui porque voltaremos a tratar dessas questões ao analisarmos os dados dos testes de produção, na segunda parte deste capítulo, quando teremos um número maior de ocorrências de possessivos e também de clíticos em discussão.

### 3.1.1.2 Variáveis sociais

Todas as variáveis sociais controladas em nossa pesquisa – *sexo, faixa etária e escolaridade* – foram selecionadas como estatisticamente relevantes pelo programa Goldvarb (2001). Vamos agora aos resultados e à discussão dessas variáveis.

---

<sup>91</sup> M = masculino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, T = localidade (Ratones).

<sup>92</sup> F = feminino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, S = localidade (Santo Antonio de Lisboa).

<sup>93</sup> F = feminino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro, Monguilhot).

### 3.1.1.2.1 Sexo do informante

A variável *sexo* foi selecionada pelo programa Goldvarb (2001) como a mais relevante entre todas as variáveis controladas. É importante salientar que das 28 entrevistas da nossa amostra, 15 eram mulheres e 13 eram homens.

Nossa hipótese em relação a essa variável era a de que as mulheres usariam mais *tu* que os homens, conforme já verificado por Ramos (1989) e Loregian-Penkal (2004) e que a forma *o senhor* estaria distribuída igualmente entre os dois sexos.

Na tabela 48 podemos visualizar a distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular segundo a variável social *sexo do informante*. Os resultados atestam a nossa hipótese.

<b>Sexo do informante</b>	<b>Apl./Total = %</b>	<b>PR</b>
<b>Feminino</b>	293/306 = 95%	0,72
<b>Masculino</b>	147/233 = 63%	0,21
<b>TOTAL</b>	440/539 = 81%	

**Tabela 48:** Uso de *tu* em relação ao *sexo do informante*

Como vemos, o sexo feminino favorece o uso de *tu* com 0,72 de peso relativo e com o maior número de ocorrências (293), 95% dos dados de *tu*. Já o sexo masculino desfavorece o uso de *tu* com 0,21 de peso relativo e com um número menor de ocorrências (147), o que equivale a 63% dos dados de *tu*.

Em Loregian-Penkal (2004) a variável *sexo* também foi selecionada como mais relevante nas rodadas realizadas com informantes de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha. Em sua pesquisa, as mulheres das localidades mencionadas apresentaram 96% de frequência de *tu* e 0,74 de peso relativo. Quando a autora realizou rodadas separadas por localidade obteve novamente a variável *sexo* como a mais relevante, em Florianópolis, com 0,85 de peso relativo para o sexo feminino (91%) e 0,10 para o masculino (59%). Entretanto, no Ribeirão da Ilha, a autora constatou que “tanto mulheres quanto homens apresentavam bastante e equitativas ocorrências de *tu* e poucas ocorrências de *você*” (p.137), pois eles apresentaram 97% e 96% de frequência de uso de *tu*, respectivamente.

Ao cruzarmos o fator *sexo* com o fator *diatopia*, como fez Loregian-Penkal (2004), obtivemos o seguinte resultado.

Sexo do informante	Costa		Ingleses		Ribeirão		Centro <sup>94</sup>	
	Tu	Você	Tu	Você	Tu	Você	Tu	Você
<b>Feminino</b>	100%	-----	82%	----18%	100%	-----	93%	-----7%
<b>Masculino</b>	42%	----58%	100%	-----	67%	--33%	100%	-----
<b>TOTAL</b>	<b>69%</b>	<b>---31%</b>	<b>83%</b>	<b>---17%</b>	<b>89%</b>	<b>-11%</b>	<b>94%</b>	<b>----6%</b>

Sexo do informante	Ratones		Sto. Antônio		Centro (1990)	
	Tu	Você	Tu	Você	Tu	Você
<b>Feminino</b>	100%	-----	98%	-----2%	99%	-----1%
<b>Masculino</b>	91%	-----9%	100%	-----	49%	-----51%
<b>TOTAL</b>	<b>97%</b>	<b>-----3%</b>	<b>99%</b>	<b>-----1%</b>	<b>69%</b>	<b>-----31%</b>

**Tabela 49:** Cruzamento das variáveis *sexo* e *diatopia*

Podemos observar que ao separarmos os dados por localidade nossos resultados são um pouco diferentes daqueles encontrados por Loregian-Penkal (2004), tanto no Ribeirão da Ilha quanto no centro. Vejamos que, enquanto nos dados da autora, os informantes do Ribeirão da Ilha apresentaram frequência de uso de *tu* de 97% no sexo feminino e de 96% no sexo masculino, nos nossos dados a frequência foi de 100% no sexo feminino e 67% no sexo masculino, apontando uma distribuição de uso muito mais diferenciada entre os sexos. Então, como explicar essa diferença? Talvez essa diferença esteja relacionada a uma alta incidência de *tu* nos dados dos informantes mais escolarizados.

Nos resultados do centro de Florianópolis também reparamos algumas diferenças sutis nos resultados, pois a autora encontrou 91% de frequência de uso de *tu* no sexo feminino e 59% no sexo masculino e nós encontramos 99% de uso no sexo feminino e 49% no masculino considerando os dados do Varsul (Florianópolis), ou seja, resultados semelhantes aos da autora. Já com o banco de dados de Monguilhot (2006) encontramos 93% de frequência de uso de *tu* nas mulheres e 100% de uso nos homens, ou seja, uma diferença considerável entre as amostras.

Um fator que talvez possa justificar essas disparidades nos resultados é a diferença de tempo que existe entre uma coleta de dados e outra, pois os dados utilizados por Loregian-Penkal (2004) e por nós, na

<sup>94</sup> Banco Monguilhot (2006).

localidade que chamamos de centro (1990), foram coletados em 1990, enquanto os dados utilizados por nós, na localidade de Ribeirão da Ilha e centro (2006), foram coletados em 2006, isto é, cerca de 16 anos depois da coleta da primeira amostra.

Além disso, é importante salientar que nessas localidades (bairros) temos apenas um informante de cada célula social o que pode não representar de fato as características de fala da comunidade como um todo. Entretanto, ao considerarmos nossa amostra total de Florianópolis, temos sete informantes de cada célula social, o que está de acordo com os preceitos metodológicos de Labov (1968-2006).

De acordo com Labov (1966 apud LABOV, 2008) as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio, sendo assim, poderíamos afirmar que a forma *tu* tem mais prestígio nas localidades estudadas nesta pesquisa?

Scherre e Yacovenco (2011) polemizaram as reflexões sobre o papel do gênero nos fenômenos linguísticos, tendo em vista a identificação de um duplo comportamento do gênero diante da nossa variável, os pronomes de segunda pessoa. Para tal pesquisa, as autoras partiram de resultados dos estudos que se ocuparam da análise do pronome *tu* em alternância com *você* considerando basicamente as pesquisas que focalizam a variável gênero do falante, com resultados estatisticamente significativos como: Loregian-Penkal (2004) e Ramos (1989) para a região Sul; Oliveira (2005; 2007) para a região Nordeste; Martins (2010) para a região Norte; Paredes Silva (2004) e Lopes et al (2009) para a região Sudeste; Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010) para a região Centro-Oeste.

A partir da pesquisa de Scherre e Yacovenco (2011), observou-se o efeito do gênero na alternância entre os pronomes *tu* e *você*, em que se destaca o duplo papel das mulheres, ora as mulheres usam mais o pronome *tu* do que os homens, ora as mulheres usam menos o pronome *tu* do que os homens. Diante desses resultados as autoras refletem sobre o porquê de as mulheres apresentarem comportamento diversificado, com relação a um mesmo fenômeno variável.

Na região Sul, as autoras constatam que as mulheres tendem a usar mais o pronome *tu* do que os homens em dois estados da Região Sul (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) onde as mulheres preferem mais o uso do *tu* do que os homens de forma regular, independentemente do maior ou menor percentual médio de uso de *tu* e do maior ou menor índice de concordância com o pronome *tu*. Esses resultados vão ao encontro daqueles encontrados em nossa pesquisa.

As autoras sintetizam os resultados da seguinte maneira:

no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina (Região Sul), em que o TU é de fácil registro, isto é, em que é facilmente captado nas entrevistas labovianas e em que há, também, uma forte ligação entre o uso do pronome e o traço de identidade geográfica, podemos afirmar que esse pronome é interno ao sistema e que o efeito da faixa etária está associado à formalidade e intimidade (Loregian-Penkal, 2004: 141) ou à polidez (Ramos, 1989: 65). Nesses casos, registra-se que há variação estável entre as formas TU e VOCÊ. Apesar de haver um comportamento diferenciado entre os falantes das cidades do Sul, Nordeste e Norte pesquisadas, observamos que, em caso de variação estável (Sul) e mudança abaixo do nível de consciência social (Norte e Nordeste), há uma nítida tendência de as mulheres usarem o pronome TU mais frequentemente do que os homens. Entretanto, contrariamente ao proposto por Labov no Paradoxo da Conformidade, não há uma associação clara de prestígio ou de desvio das normas pré-estabelecidas em relação às formas TU ou VOCÊ. Esta associação se dá, às vezes, à questão da não concordância com o pronome TU, mas não claramente com a forma TU ou VOCÊ (SCHERRE e YACOVENCO, 2011, p. 134-135).

Os nossos resultados e os depoimentos dos nossos informantes nos levam a concordar com as autoras no que se refere à não associação de prestígio ou de desvio das normas em relação às formas *tu* e *você*. Concordamos também com as seguintes afirmações

associamos o uso **mais** frequente de TU **por parte das mulheres** (caso das localidades das regiões Sul, Nordeste e Norte), quando esse pronome for um traço mais geral ou de fácil registro e marcar a identidade geográfica dos falantes. Por outro lado, associamos o uso **menos** frequente de TU **por parte das mulheres** (caso das regiões Sudeste e Centro-Oeste), quando esse pronome for um traço menos geral ou de difícil registro e não marcar a



identidade geográfica dos falantes, mas, sim, essencialmente, interação solidária ou de maior proximidade entre os falantes (logo, os homens estão à frente, quando esse pronome for um traço mais específico, marcando relações solidárias entre grupos mais coesos) (SCHERRE e YACOVENCO, 2011, p. 135)<sup>95</sup>.

Diante dessas reflexões, acreditamos que, no caso da alternância *tu/você* em Florianópolis, não se trata de prestígio, mas de marcação de identidade regional (PAGOTTO, 2001<sup>96</sup>, SCHERRE e YACOVENCO, 2011, NUNES de SOUZA, 2011), assim como acontece em grande parte da Região Sul (Rio Grande do Sul e Santa Catarina), em parte da Região Nordeste (em algumas comunidades na Bahia e no Maranhão) e em parte da região Norte (Tefé-AM). Sendo assim, podemos concluir, concordando com Scherre e Yacovenco (2011), que em Florianópolis o pronome *tu* é um índice de identidade geográfica, diferentemente do que ocorre em parte da Região Sudeste (Rio de Janeiro) e em parte da Região Centro-Oeste (grande Brasília ou Distrito Federal), em que o *tu* é uma forte marca interacional.

Além disso, acreditamos que o uso de *tu* é uma forma de demonstração de orgulho por ser ilhéu como podemos verificar no depoimento de um dos nossos informantes:

(25) *Eu percebia isso, que as pessoas assim que começavam a estudar um pouquinho já queriam deixar de falar sem sotaque, não usar esse chiado que nós temos, eu tenho amigos da minha idade que são assim, eles têm um jeito de falar entre nós e um jeito de falar quando estão num ambiente com pessoas diferentes... procura não, a gente diz assim aqui que é falar no S. [...] Porque considera vergonhoso o sotaque, diz que é coisa de manezinho, de gente pouco culta [...] sempre teve isso aqui...*

*(parafraseando) A gente viajava, eu lembro que uma vez a gente foi pra Porto Seguro e eles mudavam o sotaque, e a gente conhecia as garotas e sabia de onde elas eram pelo sotaque: Ah tu é goiana, mineira, paulista, e eu dizia pra eles:*

---

<sup>95</sup> Grifo das autoras.

<sup>96</sup> Embora o autor tenha tratado de outro fenômeno, a palatalização do “T” e do “D”, uma das marcas linguísticas do manezinho.

*e elas vão achar que vocês são de onde, com esse sotaque que não é de vocês, que vocês só falam na frente delas.*

*E um amigo meu me dizia: ‘ah, eu não eu tenho vergonha, é muito feio’. Coisa interessante isso, essa coisa, essa percepção de que é feio o sotaque. Isso é pra perceber que essa coisa de ser manezinho, esse orgulho de ser manezinho que é só construído nos anos 90, não está bem digerida pela população mesmo. Eu acho legal hoje as pessoas acharem que é legal ser manezinho e tal, mas isso não está bem definido.*

*A identidade, a gente só precisa quando a gente tá diante do diferente, eu não preciso marcar a identidade diante do igual.*

*É uma identidade que é retomada. Não é inventada baseada nos documentos.*

*E como essa invenção é recente, as pessoas ainda não tem essa, até é acha legal ser manezinho e tal. Mas ainda tem o estigma de ser manezinho né? Quando a gente quer dizer que o outro é matuto, “o seu manezinho” Entre nós né? Tem essas coisas, entre nós e com os outros né? Então entre nós o “manezinho” ainda é uma coisa ofensiva. E essa questão de sotaque, eu percebo nitidamente na minha geração, quando alguém te fala, muda o sotaque, usa você... que eu não falo você, só uso tu. [...] Então, tem todas essas coisas assim, é o falar entre, internamente, e o falar com os outros e a questão do sotaque muda muito nessa hora.*

*O Guga é típico porque o Guga fala como a gente, ele não faz “tipo” (M3AS)<sup>97</sup>.*

A partir dessa fala, podemos inferir que esse orgulho de ser nativo da ilha, de ser *manezinho*, não é característico de todos os moradores de Florianópolis, mas de parte deles, pois o informante menciona que tinha alguns amigos que viajavam para outras cidades e queriam esconder o sotaque porque o achavam feio, ou seja, queriam esconder a sua identidade regional. Além disso, o informante ressalta

---

<sup>97</sup> M = masculino, 3 = mais escolarizado, A = mais velho, S = localidade (Santo Antônio de Lisboa).

que esse orgulho de ser *manezinho* é recente, pois é algo que começou a ser construído a partir da década de 1990. Nesse sentido ele destaca a característica do tenista florianopolitano Gustavo Kuerten – o Guga – por ser alguém que não esconde as origens e o sotaque e que, por isso, é “típico”. Dessa forma, podemos inferir que o informante quis dizer que o Guga é um típico manezinho porque fala igual aos seus conterrâneos, o que comprova o papel da língua na construção da identidade do indivíduo.

Para corroborar essa opinião, temos o seguinte depoimento de outra informante.

(26) *Eu sou daqui, nasci aqui, morei minha vida toda aqui, mas não falo como o pessoal daqui. Ninguém diz que eu sou manezinha, todo mundo acha que eu sou de fora [...] Eu acho o você mais certo sabe?* (F1Act)<sup>98</sup>.

Vale informar que esse depoimento foi dado no local de trabalho da informante, uma loja de roupas masculinas no centro de Florianópolis, enquanto ela e as demais colegas preenchiam os testes de atitude. Esta informante, ao contrário das demais, se distanciou do grupo para preencher os testes e fez o depoimento aos sussurros para que as colegas não a escutassem.

Essa situação nos permite inferir que a informante acima não se identifica com os demais conterrâneos e que, além disso, não aprova o falar da sua comunidade. Nessa mesma ocasião, uma de suas colegas de trabalho fala abertamente para todos os presentes ouvirem:

(27) *Eu só uso tu mesmo, sou bem manezinha, uso tu pra todo mundo.* (F1Act)<sup>99</sup>.

Podemos perceber que a fala anterior (20) mostra uma consciência linguística e, ao mesmo tempo, uma identificação positiva com o estereótipo do manezinho.

---

<sup>98</sup> F = feminino, I = menos escolarizado, A = mais velho, C = localidade (centro), t = informante do teste.

<sup>99</sup> F = feminino, I = menos escolaridade, A = mais velho, C = localidade (Centro), t = informante do teste.

### 3.1.1.2.2 Faixa etária

A segunda variável que foi selecionada pelo programa estatístico Goldvarb (2001) como favorecedora do uso de *tu* em nossa amostra foi a *faixa etária* do informante. Devemos esclarecer que controlamos apenas duas faixas etárias nesta pesquisa que nomeamos de *mais jovens* e *mais velhos*. Por *mais jovens* entendem-se indivíduos de 15 a 33 anos e por *mais velhos* entendem-se indivíduos de 39 a 74 anos.

Nossa hipótese era que a frequência de *tu* fosse mais acentuado na fala dos *mais jovens*. Os resultados atribuídos a cada fator podem ser visualizados na tabela a seguir.

<b>Faixa etária</b>	<b>Apl./Total = %</b>	<b>PR</b>
<b>+ jovens</b>	200/207 = 96%	0,88
<b>+ velhos</b>	240/332 = 72%	0,22
<b>TOTAL</b>	440/539 = 81%	

**Tabela 50:** Uso de *tu* em relação à *faixa etária* do informante

Como vemos, os *mais jovens* (15 a 33 anos) lideram o uso do pronome *tu* com 96% de frequência de uso e 0,88 de peso relativo. Já os *mais velhos* (39 a 74 anos) apresentam uma frequência de uso menor (72%) desfavorecendo o uso de *tu*, com peso relativo de 0,22.

Esses resultados mais uma vez coincidem com os de Loregian-Penkál (2004), pois a autora encontrou 78% de uso de *tu* entre os *mais jovens* (25 a 49 anos) de Florianópolis, com 0,80 de peso relativo e 75% de uso de *tu* entre os *mais velhos* (+ de 50 anos) com 0,09 de peso relativo.

É importante ressaltar que a autora chegou a esses resultados isolando os informantes de cada localidade de sua amostra, sendo assim, os dados de Florianópolis e de Ribeirão da Ilha foram rodados separadamente. Com essa separação, a autora encontrou 100% de frequência de uso de *tu*, entre os *mais jovens*, no Ribeirão da Ilha e 92% de uso de *tu* entre os *mais velhos*. Entretanto, nessa localidade, a variável *faixa etária* não foi selecionada como estatisticamente relevante pelo programa Varbrul.

Ao fazermos o cruzamento entre *diatopia* e *faixa etária*, em nossa amostra, obtivemos o seguinte resultado.

Faixa etária do informante	Costa da Lagoa		Ingleses		Ribeirão da Ilha		Centro (2004)	
	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>Você</i>
+ jovens	89%	11%	62%	38%	100%		91%	9%
+ velhos	64%	36%	87%	13%	88%	12%	100%	
<b>TOTAL</b>	<b>69%</b>	<b>31%</b>	<b>83%</b>	<b>17%</b>	<b>89%</b>	<b>11%</b>	<b>94%</b>	<b>6%</b>

Faixa etária do informante	Ratones		Sto. Antônio de Lisboa		Centro (1990)	
	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>Você</i>
+ jovens	100%		100%		99%	1%
+ velhos	96%	4%	98%	2%	45%	65%
<b>TOTAL</b>	<b>97%</b>	<b>3%</b>	<b>99%</b>	<b>1%</b>	<b>69%</b>	<b>31%</b>

**Tabela 51:** Cruzamento das variáveis *faixa etária do informante* e *diatopia*

Podemos verificar na tabela 51 que o percentual de uso de *tu* nos *mais jovens* é maior em quase todas as localidades estudadas, exceto em Ingleses e no Centro (2004).

Comparando os nossos resultados de Florianópolis (Centro, 1990) aos de Loregian-Penkal (2004), vemos que em ambos os trabalhos os *jovens* usam mais *tu* do que os *mais velhos*. Em nossa pesquisa, a frequência é de 99% para os *mais jovens* e 45% para os *mais velhos* – uma diferença bem acentuada, enquanto em Loregian-Penkal (2004) a frequência é de 78% para os *mais jovens* e 75% para os *mais velhos*.

Comparando os resultados do Ribeirão da Ilha aos da autora, vemos que as frequências de uso de *tu* são muito semelhantes, pois encontramos 100% para os *mais jovens* e de 88% para os *mais velhos* e a autora encontrou 100% para os *mais jovens* e 92% para os *mais velhos*.

De acordo com Loregian-Penkal (2004), esses resultados sugerem que os falantes *mais velhos* são *mais formais* que os *mais jovens*, dessa forma, o uso do *você* estaria associado a maior formalidade enquanto o uso de *tu* estaria associado a uma menor formalidade ou a uma maior intimidade. Em adição, como já constatou Loregian-Penkal (2004), esses resultados não apontam indícios de mudança em progresso em direção ao uso de *você* em substituição ao *tu*.

Essa atribuição de *mais formalidade* ao pronome *você* é ratificada pelo seguinte depoimento de um dos nossos informantes,

(28) *Sempre foi assim, como o meu tio ali, quando o meu tio se referia alguém como você, era assim, algo maior do que senhor, você aqui era pronome de tratamento o mais longínquo possível (M3AS)<sup>100</sup>.*

Os valores de menos intimidade e de menos respeito atribuídos ao *tu* são reforçadas por alguns depoimentos retirados da fala dos nossos próprios informantes que relatam o seguinte:

(29) *“Agora não, agora é um abuso. Não se respeita mais velho, uma pessoa mais velha. [Os pais]- os filhos não respeitam mais os pais, né [Isso]- esse negócio de chamar o pai de "tu" pra lá, "tu" pra cá. [Na minha]- na minha época, não. [As minhas]- as minhas tias davam a bênção. Às minhas primas mais velhas, eu dava a bênção. Dava a bênção pras primas mais velhas. Respeitava as primas mais velhas como se fossem uma tia. Era assim. [...] Eu chamava ela de senhora. Ela é a prima mais velha. "Não quero ir com a senhora, não." (F1Ac)<sup>101</sup>.*

Como vimos, a fala transcrita acima atesta o valor não respeitoso que o *tu* adquire quando é utilizado para se dirigir às pessoas mais velhas e, considerando os nossos resultados, podemos deduzir que os indivíduos mais velhos têm essa percepção mais aguçada, ou seja, guardam mais esse respeito no tratamento com o outro. Isso se confirma na fala de outro informante mais velho, transcrita a seguir.

(30) Entrevistado: *[Sempre têm razão.] Então não se pode comparar a educação com hoje não. Hoje a educação é uma coisa assim, (hes) como é que se diz? É coisa assim muito salutar, uma coisa assim muito superficial (est) a educação. Uma coisa muito superficial.*

Entrevistador: *Tu dizes educação [entre pai e filho?*

Entrevistado: *Educação Pai e filho, é. Hoje não existe mais o respeito ("pelo")... Tu vêz que hoje, pra filho se chama pai de "tu": "Aonde é (est) que tu vais, tu-"*

<sup>100</sup> M = masculino, 3 = mais escolaridade, A = mais velho, S = localidade (Santo Antônio de Lisboa).

<sup>101</sup> F = feminino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, c = localidade (centro, Varsul).

Entrevistador: *Ah, tu chamavas de senhor, [só de senhor?*  
 Entrevistado: *[Naquela época] era senhor, senhora. Se eu chamasse de tu eu levava uma borrachada na cara e outra surra e surra. Deus me livre, naquela época era senhor, senhora, bom dia. Tinha que beijar os padrinhos na mão. Dar a bênção* (M1Ac)<sup>102</sup>.

Esse valor não respeitoso que o *tu* apresenta quando utilizado para se dirigir às pessoas mais velhas é ratificado pelo depoimento dado oralmente por uma informante ao aplicarmos os testes de atitude.

(31) *Eu uso senhor para os mais velhos, mas como o meu chefe tem só 6 anos a mais que eu, então eu chamo de tu* (F1Act)<sup>103</sup>.

Ao dar esse depoimento, a entrevistada preenchia o teste de atitude enquanto almoçava com sua filha (29 anos) e com a entrevistadora. Enquanto ela preenchia o teste a sua filha leu algumas das suas respostas e questionou:

(32) Filha: *“tu usa senhora pra falar com a tua mãe?”*  
 Informante: *“Sim, eu fui ensinada assim, a chamar os mais velhos e o pai e a mãe de senhor e senhora”*. Filha: *“mas eu não te chamo de senhora”*. Informante: *“é, é, é, mas tu é tu né Ariela, é outra geração”* (F1Act)<sup>104</sup>.

Nesse depoimento fica claro que essa formalidade com os mais velhos que pode ser interpretada como uma forma de maior respeito é uma característica das gerações mais antigas e que muitos jovens não conservam mais esse tipo de tratamento. A seguir, temos outro depoimento instigante.

(33) *Eu chamo os mais velhos de senhor e de senhora, mas a Graça, minha chefe, eu chamo de tu sabe? eu não consigo chamar ela de senhora, ela é tão nova, quer dizer, ela não é*

---

<sup>102</sup> M = masculino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, c = localidade (centro, Varsul).

<sup>103</sup> F = feminino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, c = localidade (centro), t = informante do teste.

<sup>104</sup> F = feminino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, c = localidade (centro), t = informante do teste.

*tão velha assim e a gente se conhece há tanto tempo!*  
(F1Act)<sup>105</sup>.

A partir dessa fala, podemos sugerir que ao escolher a forma que considera adequada para se dirigir ao interlocutor, a informante leva em consideração outras informações além da idade e do cargo que o outro ocupa, ou seja, ela considera também o tempo da relação existente entre os interlocutores além do grau de intimidade.

A seguir, podemos verificar o depoimento de uma informante mais jovem que trata de duas questões já discutidas nesta pesquisa, a identidade das formas *tu* e *você* e o valor menos respeitoso da forma *tu*.

(34) *O gaúcho fala mais tu né? O paulista fala mais você. O Carioca é Você. Aqui a gente só fala tu. Eu uso tu, mas eu sempre que é uma pessoa mais velha eu sempre falo senhor ou senhora, eu nunca uso tu, mas assim, quando eu to no meu trabalho eu não falo tu, eu falo você... Eu penso em usar o você porque como eu atendo vários tipos de pessoas, eu falando você abrange todo mundo, tanto gaúcho quanto carioca... se eu falar o tu, a gente tá falando com alguém do outro lado, a gente não sabe se é uma pessoa mais velha, se é uma pessoa mais nova, então o você abrange tudo isso. [...]*  
*Eu uso tu pra pessoas mais novas. Eu tenho muito assim o costume de chamar as pessoas de senhor e senhora, hoje eu tô falando contigo eu te chamando de tu, mas se eu não tivesse contato contigo com certeza eu estaria te chamando de senhora [...]* *Eu trouxe isso de casa.* (F3CT)<sup>106</sup>.

Nessa fala, a informante demonstra uma consciência linguística bastante aguçada e reflete sobre as suas escolhas linguísticas trazendo à baila mais duas questões ainda não discutidas aqui, a primeira é a questão da característica de neutralidade/abrangência do *você* e a segunda é a questão do pronome de primeiro contato.

Quando ela menciona que o *você* “*abrange todo mundo, tanto gaúcho quanto carioca*” é possível inferirmos que, na visão da entrevistada, essa forma não carrega uma marca de identidade específica

<sup>105</sup> F = feminino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, c = localidade (centro), t = informante do teste.

<sup>106</sup> F = feminino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, T = localidade (Ratones).



e que, por isso, é neutra e todos entendem e aceitam esse uso. Já ao comentar que “*hoje eu tô falando contigo eu te chamando de tu, mas se eu não tivesse contato contigo com certeza eu estaria te chamando de senhora*” a informante deixa claro que não usaria a forma *tu* em um primeiro contato com a entrevistadora, ou seja, ela não usaria essa forma com pessoas desconhecidas.

Outra informante ratifica essa opinião dizendo que:

(35) *Eu uso tu sempre, só uso você quando não conheço a pessoa sabe? e quero falar mais certinho, aí aproveito e conjugo os verbos como “falávamos, fazíamos”, aí depois, lá pelas tantas eu já começo a falar “a gente fazia. (F1Act)<sup>107</sup>.*

Embora se trate de um único depoimento sobre essas questões, podemos relacioná-lo com pesquisas que tratam da escolha do pronome utilizado para o primeiro contato entre interlocutores desconhecidos.

Martins (2010) controlou o fator *pronome de contato* em sua amostra (Tefé – AM) e constatou que foi o único fator, dos grupos de fatores sociais, em que o percentual de *você* superou o percentual de *tu*, o que, de acordo com o autor, se encaixa na semântica de formalidade.

Esse autor defende que o uso de *você* varia com o *senhor* nos primeiros contatos entre estranhos, em especial, entre faixas etárias mais ou menos próximas. Para ele, essa função de contato do *você* tem um “curto prazo de validade”, estabelece formalidade e é usada nas referências específicas, mas passa a mensagem de que muito em breve esse tratamento pode ser substituído por *tu* ou *senhor*. Todavia, isso não eliminaria o uso do *você* como referência específica entre os não estranhos, mas, entre os estranhos, pessoas que acabaram de se conhecer, pedido de informação nas ruas, o *você* é o pronome preferido.

Lopes et al (2009) analisaram a coexistência de *você* e *tu* no Rio de Janeiro utilizando uma amostra constituída por gravações feitas no centro da cidade com o propósito de levantar as formas interlocutivas utilizadas no tratamento interpessoal por pessoas aleatórias, mas inseridas formal ou informalmente no mercado de trabalho.

Tal pesquisa foi feita a partir de um *corpus* piloto coletado no centro da cidade com 20 gravações de pessoas abordadas na rua (ambulantes, vendedores e gerentes) com profissões que, de acordo com

---

<sup>107</sup> F = feminino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, c = localidade (centro), t = informante do teste.

os autores, atendem a um público variado de pessoas de diferentes estratos sociais, o que favoreceria, pela própria natureza do contato interativo, o emprego de uma forma interlocutiva menos marcada e neutra (*você*). O controle de faixa etária buscava uma distribuição ampla: jovens, adultos e idosos com uma distribuição também por gênero. A “entrevistadora” evitava o uso de formas de tratamento para não influenciar na resposta e formulava o seguinte tipo de questão: *Como eu faço para chegar na Rua do Acre?*

De acordo com os autores,

A análise qualitativa demonstrou que o informante, quando interpelado, se protege com o *você* não-marcado: forma linguística com valor sócio-indexical neutro (pelo menos na fala urbana carioca). Na medida em que o distanciamento inicial da interação se rompe e o diálogo se torna mais cooperativo, é possível que o carioca passe a *tu* indicando maior proximidade e intimidade. Apesar dos limites da amostra, percebe-se que o falante, passo a passo, constrói na cena enunciativa suas múltiplas identidades, podendo empregar *tu* ou *você* a depender de distintas funções discursivo-pragmáticas. (LOPES ET AL, 2009 p. 67)

Os resultados encontrados pelos autores também revelam maior emprego de *você*, como forma não-marcada, entre as mulheres e uso produtivo de *tu* entre os jovens do gênero masculino. Além disso, os autores constataam que o uso de *tu* tem se mostrado produtivo no Rio de Janeiro do século XXI, principalmente em atos diretivos de maior proximidade, quando se quer marcar intimidade e identidade social.

Tratam-se de questões a serem aprofundadas em pesquisas posteriores em amostras que contemplem esse fator de primeiro contato.

### 3.1.1.2.3 Escolaridade

A quinta variável selecionada pelo programa estatístico foi a *escolaridade do informante*. Devemos esclarecer que controlamos nesta pesquisa apenas 2 níveis de escolaridade do informante que chamamos de *mais escolarizados* e *menos escolarizados*. Como *mais escolarizados* entendem-se indivíduos com Ensino Superior completo ou incompleto.

Como *menos escolarizados* entendem-se indivíduos com Ensino Fundamental completo ou incompleto.

Nossa hipótese para essa variável era que os *mais escolarizados* usassem mais *tu* que os *menos escolarizados*.

Vejam a seguir os resultados a que chegamos.

<b>Escolaridade</b>	<b>Apl./Total = %</b>	<b>PR</b>
<b>+ escolarizado</b>	232/240 = 96%	0,71
<b>- escolarizado</b>	208/299 = 69%	0,32
<b>TOTAL</b>	440/539 = 81%	

**Tabela 52:** Uso de *tu* em relação à *escolaridade do informante*

Como vimos, os mais escolarizados tendem a usar mais a forma *tu* apresentando 96% de frequência e 0,71 de peso relativo, enquanto os menos escolarizados tendem a usar menos a forma *tu* apresentando 69% de frequência e 0,32 de peso relativo.

Esses resultados novamente vão ao encontro daqueles encontrados por Loregian-Penkall (2004) embora ela tenha controlado 3 níveis de escolaridade: *primário, ginásio, colegial*.

Em sua pesquisa, ao considerar apenas os informantes de Florianópolis, a autora encontrou 64% de uso de *tu* nos informantes menos escolarizados (primário) com 0,08 de peso relativo. Nos informantes do ginásio a autora encontrou 77% de frequência de *tu* e 0,84 de peso relativo e nos informantes do colegial houve 95% de frequência de *tu* e 0,85 de peso relativo. Sendo assim, se não considerarmos a escolaridade intermediária (ginásio), os resultados se mostram muito semelhantes.

Ao considerar apenas os informantes do Ribeirão da Ilha, a autora encontrou 88% de frequência de *tu* nos menos escolarizados (primário), 99% nos informantes do ginásio e 100% nos informantes mais escolarizados (colegial), mas essa variável não foi selecionada como estatisticamente relevante pelo Varbrul.

Ao fazermos o cruzamento entre a *diatopia* e *escolaridade do informante* em nossa amostra, temos o seguinte resultado:

Escolaridade do informante	Costa da Lagoa		Ingleses		Ribeirão da Ilha		Centro (2004)	
	Tu	Você	Tu	Você	Tu	Você	Tu	Você
+ escol.	100%	-----	90%	---10%	100%	-----	93%	---7%
- escol.	42%	---58%	73%	---27%	57%	---43%	100%	-----
<b>TOTAL</b>	<b>69%</b>	<b>--31%</b>	<b>83%</b>	<b>--17%</b>	<b>89%</b>	<b>--11%</b>	<b>94%</b>	<b>--6%</b>

Escolaridade do informante	Ratones		Sto. Antônio de Lisboa		Centro (1990)	
	Tu	Você	Tu	Você	Tu	Você
+ escol.	91%	-----	100%	-----	99%	-----
- escol.	100%	-----	98%	-----	49%	-----
<b>TOTAL</b>	<b>97%</b>	<b>-----3%</b>	<b>99%</b>	<b>-----1%</b>	<b>69%</b>	<b>-----31%</b>

**Tabela 53:** Cruzamento das variáveis *escolaridade do informante* e *diatopia*

Como podemos visualizar na tabela 53, na maioria das localidades estudadas a frequência de *tu* é maior entre os *mais escolarizados*, exceto no Centro (amostra Monguilhot, 2006) e em Ratones, que apresentam frequências de 93% e 91%, respectivamente. Por conseguinte, podemos verificar que a frequência de *tu* é menor entre os *menos escolarizados* e que os menores percentuais (abaixo de 60%) estão na Costa da Lagoa, Ribeirão da Ilha e no Centro (Varsul Florianópolis) com 42%, 57% e 49%, respectivamente.

Conforme já mencionado por Loregian-Penkak (2004), com esses resultados fica constatado que a educação exerce influência na fala dos entrevistados das comunidades estudadas, uma vez que a escola ensina o pronome *tu* como o único pronome de segunda pessoa do singular. Sendo assim, quanto maior a escolaridade, maior é o uso de *tu*.

### 3.1.1.3 Variáveis sociodiscursivas

As variáveis sociodiscursivas controladas nesta pesquisa foram: (i) *o tipo de interlocução entre os sujeitos envolvidos no discurso* e (ii) *o tipo de relação entre os interlocutores*. Dentre essas duas variáveis somente a segunda foi selecionada pelo programa Goldvarb (2001) como relevante.

### 3.1.1.3.1 Tipo de relação entre os interlocutores

O tipo de relação entre os interlocutores foi a quarta variável selecionada pelo programa Goldvarb (2001) como estatisticamente relevante. Os tipos de relações controladas inicialmente foram: 1) *relação simétrica*; 2) *relação assimétrica descendente*; 3) *relação assimétrica ascendente*; 4) *relação entrevistador e entrevistado* e 5) *relação de discurso para si mesmo*. O *discurso genérico* não era considerado nesse grupo de fatores.

Posteriormente, devido a ocorrência de Knockouts nas rodadas estatísticas, amalgamamos os fatores 1, 2 e 6 em relações simétricas e assimétricas descendentes, dessa forma, seguimos as análises com 3 tipos de relação: 1) *entrevistador x entrevistado*; 2) *relações simétricas e assimétricas descendentes* e 3) *relações assimétricas ascendentes*.

Nossas hipóteses eram de que, ao se dirigir ao inferior e aos iguais, a forma mais utilizada fosse o *tu*, ao se dirigir ao superior a forma mais utilizada fosse o *you* ou *o senhor* e ao se dirigir ao entrevistador a forma mais utilizada fosse o *you* ou *o senhor*.

A seguir, apresentamos um exemplo de cada tipo de relação entre interlocutores controlada em nossa amostra.

Exemplo de relação entre entrevistador e entrevistado:

(36) “E uma coisa que tu perguntou também...” (F3AL)<sup>108</sup>.

Exemplo de relação simétrica e assimétrica descendente em um discurso reportado de uma professora com a informante:

(37) “Ai, tu tem que ser professora...” (F3CL)<sup>109</sup>.

Exemplo de relação assimétrica ascendente em um discurso reportado de um morador com a informante que é representante distrital:

(38) “Tu queres fazer isso aqui um Jurerê Internacional...” (FIAT)<sup>110</sup>.

---

<sup>108</sup> F = feminino, 3 = mais escolaridade, A = mais velho, L = localidade (Costa da Lagoa).

<sup>109</sup> F = feminino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, L = localidade (Costa da Lagoa).

Vejamos a seguir os resultados.

	<b>Apl./Total = %</b>	<b>PR</b>
<b>Entrevistador x Entrevistado</b>	95/124 = 76%	0,23
<b>Relações simétricas e assimétricas descendentes</b>	76/79 = 96%	0,87
<b>Relações assimétricas ascendentes</b>	13/16 = 81%	0,39
<b>TOTAL</b>	184/219 = 84%	

**Tabela 54:** Uso de tu em relação ao tipo de relação entre os interlocutores

Como podemos observar na tabela 54, as frequências de uso de *tu* são semelhantes entre os 3 tipos de relação, mas os pesos relativos são bastante distintos. Vejamos que a maior favorecedora do uso de *tu* é a *relação simétrica e assimétrica descendente* com 96% de frequência e 0,87 de peso relativo. A *relação assimétrica ascendente*, embora com um percentual alto de ocorrência (81%), aparece como desfavorecedora do uso de *tu* com 0,39 de peso relativo. A relação entre *entrevistador e entrevistado* é a menos favorecedora do uso de *tu* apresentando 76% de frequência e 0,23 de peso relativo.

Como vimos, a relação *entrevistador e entrevistado* foi menos favorável ao uso de *tu* do que a *relação assimétrica + ascendente*. Sendo assim, podemos supor que esse tipo de relação é também *assimétrica ascendente*, pois, geralmente, o entrevistador e o entrevistado são pessoas que não têm uma relação íntima e não se conheciam antes da entrevista. Somando-se a isso, temos o agravante de o entrevistador ser alguém da Universidade (aluno ou professor) que se identifica como tal informando que está fazendo uma “pesquisa para a faculdade”. Ademais, essa pessoa chega até o lugar da entrevista com um gravador e com alguns papéis na mão (roteiro de perguntas), ou seja, todos esses fatores contribuem para o distanciamento entre essas duas pessoas e para um sentimento de possível inferioridade por parte do entrevistado. Tudo isso contribui para que o informante se dirija ao entrevistador/pesquisador com mais formalidade e/ou com mais respeito.

<sup>110</sup> F = feminino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, T = localidade (Ratones).

Embora poucos pesquisadores tenham controlado esse tipo de variável ao estudar os pronomes de segunda pessoa na sincronia, podemos comparar os nossos resultados àqueles encontrados por Martins (2010) e Arduin (2005).

Martins (2010), ao estudar as formas *tu*, *você* e *senhor* em Tefé (AM) controlou apenas 2 tipos de relação entre os interlocutores: as relações simétricas e assimétricas e, talvez por esse motivo, essa variável não foi selecionada como estatisticamente relevante pelo programa Varbrul (1988/1992). Entretanto, o próprio autor percebe que há algumas diferenças importantes, tanto nas relações simétricas quanto nas assimétricas, pois nas relações simétricas, quando não há intimidade, os tefeenses não apresentaram dados de *senhor*, mas apresentaram o uso de *você* e *tu* de forma mais ou menos equilibrada, mas os mais jovens (de 7 a 10 anos) usam o *tu* com muita frequência. Nas relações assimétricas, com intimidade, apesar de a forma *senhor* ser muito utilizada pelo falante em posição hierárquica inferior, este também usa *tu* para se dirigir ao falante em nível hierárquico superior. O autor encontrou 68% de frequência de *tu* nas relações simétricas, com peso relativo de 0,55 e 58% de frequência de *tu* nas relações assimétricas, com peso relativo de 0,47.

Os nossos resultados vão ao encontro daqueles encontrados por Arduin (2005) ao estudar os pronomes possessivos *teu* e *seu*. Em seu estudo, a autora constatou que as *relações assimétricas* entre os interlocutores, no discurso de *superior para inferior*, apresentaram alta frequência de uso do possessivo *teu*, 91%, acompanhada de peso relativo 0,65, o que aponta para uma tendência ao uso do possessivo *teu* nesse tipo de relação. A mesma tendência foi encontrada no discurso entre iguais, isto é, nas *relações simétricas* em que a autora observou a alta frequência de *teu*, 91%, e peso relativo de 0,56 que está próximo ao ponto neutro, mas que indica uma leve tendência ao uso de *teu*. Para a relação *assimétrica ascendente*, nossos resultados também coincidem com os da autora, pois ela constatou 44% de uso de *teu* no discurso de inferior para superior, com 0,05 de peso relativo, ou seja, é um ambiente desfavorável ao uso desse possessivo. De acordo com a autora, esses resultados comprovam o que Brown e Gilman (2003) estabelecem a respeito do tratamento entre os interlocutores, isto é, o superior trata o inferior por *teu*, mas recebe o tratamento de *seu*, em uma relação assimétrica de poder.

Nossos resultados também corroboram a semântica do *poder* e da *solidariedade* estabelecida por Brown e Gilman (1960, p.156-176), pois para esses autores, uma pessoa tem poder sobre a outra de acordo com o

grau em que ela é capaz de controlar o comportamento da outra, mas esse poder não é recíproco, porque em um relacionamento entre pelo menos duas pessoas, estas não podem ter poder na mesma área de comportamento, sendo assim, a semântica de poder é não recíproca, ou seja, o superior diz *tu* e recebe *você*. É o que acontece em nossos dados, pois nas *relações assimétricas descendentes* o informante usa mais *tu*, com peso relativo de 0,87 e nas relações assimétricas ascendentes ele usa mais *você*, com peso relativo de 0,39.

Para esses autores, existe também a dimensão da *solidariedade* que é simétrica. Nessa semântica, as normas de uso são simétricas ou recíprocas, com o *tu* se tornando mais provável à medida que a solidariedade aumenta e o *você* à medida que a solidariedade diminui, o que se confirma em nossos dados, pois nas *relações simétricas* temos 96% de frequência de *tu* e 0,87 de peso relativo, ou seja, trata-se de um fator altamente favorecedor do uso de *tu*.

#### 3.1.1.4 Variáveis geográficas

Nesta pesquisa controlamos, inicialmente, 2 variáveis geográficas: a *diatopia* e a *diazonalidade*. Na *diatopia* controlamos a *localidade do informante*, ou seja, o bairro onde ele vive e na *diazonalidade* controlamos a *zona/região* onde ele vive. A essas diferentes *zonas*, demos o nome de *região mais urbana* e *menos urbana*.

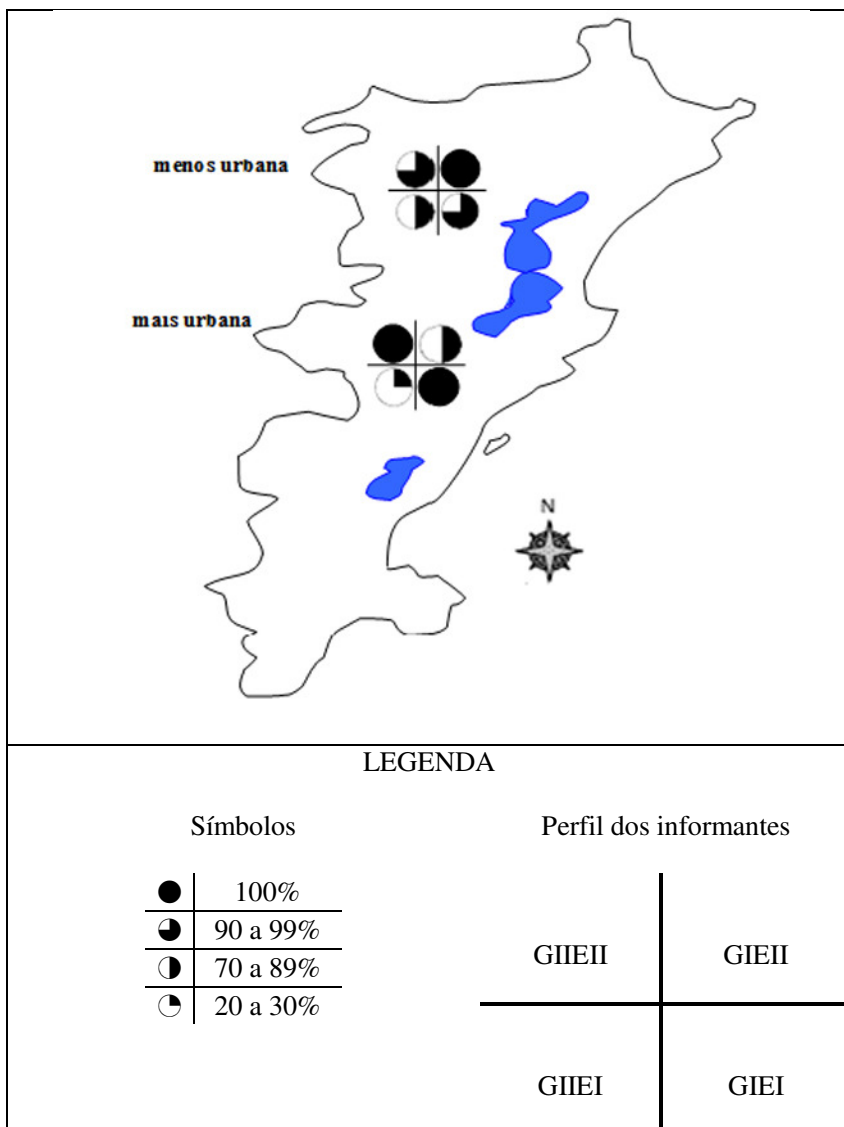
Dentre essas duas variáveis geográficas controladas, somente a *diazonalidade* foi selecionada pelo programa Goldvarb (2001).

##### 3.1.1.4.1 Diazonalidade

A *diazonalidade* do informante foi o terceiro grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico. Como região *mais urbana* consideramos as localidades de Ingleses e Centro e como região *menos urbana* consideramos as localidades de Costa da Lagoa, Ribeirão da Ilha, Ratonés e Santo Antônio de Lisboa. Nossa hipótese era que a região *menos urbana* conservasse mais o uso do *tu* do que a região *mais urbana*.

A seguir apresentamos os resultados gerais apenas em termos percentuais.

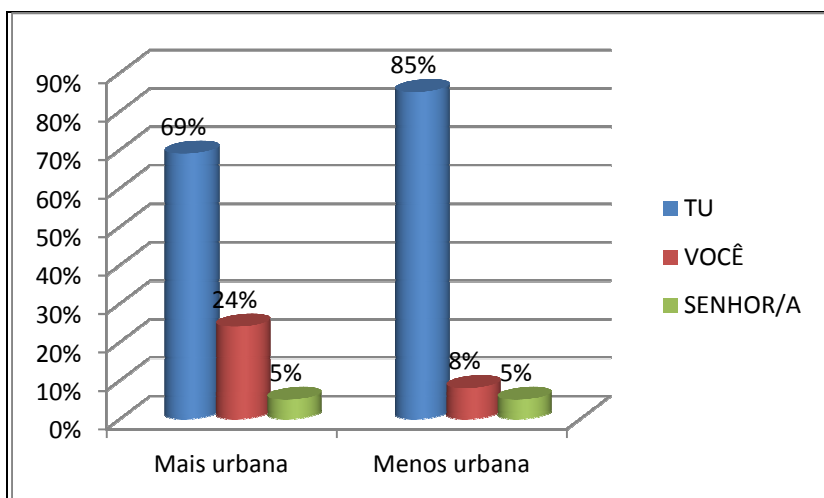




**Mapa 19:** Uso da forma *tu* nas regiões mais urbanas e menos urbanas de Florianópolis

Como podemos observar nesse mapa, a frequência de *tu* está distribuída de forma heterogênea entre as células sociais da região *mais*

*urbana* e da região *menos urbana*, ou seja, enquanto na região *mais urbana* os *mais velhos* e *mais escolarizados* apresentam 100% de uso de *tu*, na região *menos urbana* esses mesmos indivíduos apresentam uma frequência um pouco menor de uso, entre 90 e 99%. Já os *mais velhos* e *menos escolarizados* apresentam 20 a 30% de uso de *tu* na região *mais urbana* e 70 a 89% na região *menos urbana*. Os *mais jovens* e *mais escolarizados* apresentam 70 a 89% de *tu* na região *mais urbana* e 100% na região *menos urbana*, já entre os *mais jovens* e *menos escolarizados* essa frequência se inverte, ou seja, eles apresentam uma frequência de 100% de uso de *tu* na região *mais urbana* e 70 a 89% na região *menos urbana*.



**Gráfico 9:** Distribuição das formas *tu*, *você* e *o senhor* nas regiões de Florianópolis

Nesse gráfico podemos observar a distribuição geral das formas *tu*, *você*, *o senhor* nas duas regiões controladas nesta pesquisa. Como vimos, o percentual de uso de *tu* é maior na região *menos urbana*, 85%, e menor na região *mais urbana*, 69%. Enquanto isso, o percentual de uso de *você* é maior na região *mais urbana*, 24%, e menor na região *menos urbana*, 8%, já o uso de *o senhor* apresenta o mesmo percentual nas duas regiões, 5%.

Na tabela 55 a seguir, podemos visualizar a distribuição da forma *tu* conforme a *diazonalidade* com seus pesos relativos. É importante observar que o percentual de *tu* que consta na segunda coluna do meio desta tabela não é igual ao percentual de *tu* do gráfico da figura anterior.

Isso porque o gráfico é resultado de uma análise unidimensional do Goldvarb (2001) – que dá origem apenas às frequências de distribuição dos dados em relação a cada grupo de fatores – e considera todas as três variantes *tu*, *você* e *o senhor*. Já a tabela abaixo é resultado de análises multidimensionais – que dão origem aos pesos relativos – considerando apenas duas variantes, neste caso, apenas *tu* e *você*.

<b>Região</b>	<b>Apl./Total = %</b>	<b>PR</b>
<b>- urbana</b>	215/236 = 91%	0,76
<b>+ urbana</b>	225/303 = 74%	0,28
<b>TOTAL</b>	440/539 = 81%	

**Tabela 55:** Uso de *tu* em relação à *diazonalidade*

Conforme o esperado, a região *menos urbana* se mostrou favorecedora do uso de *tu* com 91% de frequência e 0,76 de peso relativo. Já a região *mais urbana* mostrou-se desfavorecedora da aplicação do *tu* com 74% de frequência e 0,28 de peso relativo.

Uma possível explicação para esses resultados pode ser o menor contato dos informantes das regiões *menos urbanas* com os falantes de outras cidades e, conseqüentemente, de outras variedades que têm o *você* como único pronome de segunda pessoa. Nesse sentido, os informantes das regiões *mais urbanas* têm um contato maior com essas outras variedades porque convivem mais intensamente com indivíduos advindos de outros lugares, no comércio, na universidade, na escola, no trabalho etc., sendo assim, esses informantes seriam mais facilmente influenciados pela fala de seus colegas, sejam eles de trabalho, de escola/faculdade ou de igreja.

Como vimos na seção 2.5, no Capítulo II, Florianópolis é uma grande receptora de turistas de todo o país e também do exterior – considerados como população flutuante. Além disso, desde 1960, a Ilha tem recebido um grande número de migrantes, principalmente gaúchos e paulistas, que buscam na cidade oportunidades de estudo e de trabalho. Tudo isso transformou a rotina desse lugar e o perfil dos seus moradores. Entretanto, podemos observar em nossos resultados que ainda há um movimento de conservação da identidade linguística local, pelo menos no que se refere à permanência do uso majoritário de *tu* como pronome de segunda pessoa, pois o *você* ainda não é usado pela maioria dos ilhéus das zonas menos urbanas.

Como mencionamos anteriormente, a *diatopia* não foi selecionada pelo programa estatístico, entretanto, acreditamos que é

importante comentar os resultados percentuais do seu controle. A tabela a seguir apresenta os resultados apenas em termos percentuais.

	<b>Tu</b>	<b>Você</b>	<b>O senhor</b>
<b>Santo Antonio de Lisboa</b>	98% 89/90	1% 1/90	Sem dados
<b>Ratones</b>	97% 68/70	2% 2/70	Sem dados
<b>Região Central (Monguilhot, 2006)</b>	74% 29/39	5% 2/39	20% 8/39
<b>Ingleses</b>	70% 44/62	14% 9/62	14% 9/62
<b>Região Central (Varsul, 1990)</b>	68% 152/221	30% 67/221	0,90% 2/221
<b>Ribeirão da Ilha</b>	64% 25/39	7% 3/39	28% 11/39
<b>Costa da Lagoa</b>	63% 33/52	28% 15/52	7% 4/52
<b>TOTAL</b>	76% 440/573	17% 99/573	5% 34/573

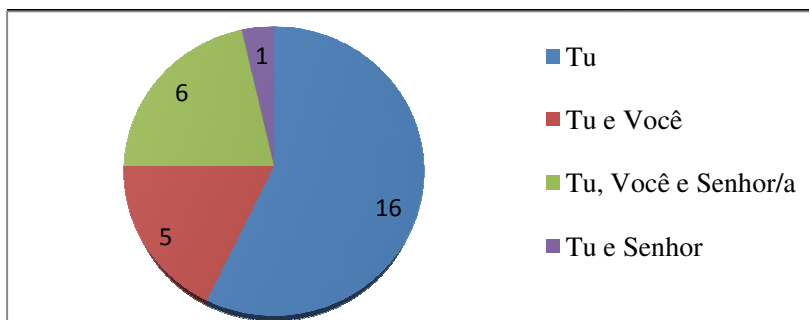
**Tabela 56:** Frequência dos pronomes de 2ª pessoa do singular segundo a variável *diatopia*

Os resultados estatísticos do grupo de fatores *diatopia* não atestaram as nossas expectativas, pois esperávamos que nas localidades mais distantes da região central e por isso mais isoladas – *Costa da Lagoa, Ratones, Santo Antonio de Lisboa e Ribeirão da Ilha* – o percentual de uso de *tu* fosse maior do que na região central – *Centro e Ingleses*. Entretanto, como podemos observar na tabela 56, essa expectativa se confirmou apenas em Ratones e Santo Antônio de Lisboa onde o percentual de uso de *tu* foi maior do que nas regiões mais centrais.

### 3.1.2 Variação no indivíduo

Ao analisarmos o comportamento do indivíduo em relação ao uso de *tu, você e o senhor*, podemos verificar o quanto o falante reflete o

comportamento da sua comunidade e vice-versa. No gráfico a seguir, podemos visualizar essas formas distribuídas na amostra geral.



**Gráfico 10:** Usos de tu, você e o senhor na amostra

Ao considerarmos somente os pronomes *tu* e *você* chegamos ao seguinte resultado.

Pronome usado	Nº de falantes
Só <i>tu</i>	17
<i>Tu e você</i>	11
Só <i>você</i>	0
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>

**Tabela 57:** Usos de *tu*, *você* por indivíduo<sup>111</sup>

A partir da tabela 57 podemos constatar que 17 informantes de nossa amostra foram categóricos e usaram só *tu*, 11 informantes fazem uso da alternância *tu/você* e nenhum informante usa somente a forma *você*. Para compararmos esses resultados aos de Loregian-Penkal (2004) vejamos a tabela a seguir.

<sup>111</sup> É importante considerar que esses resultados são relativos e não absolutos. O fato de um informante produzir pronomes exclusivos (só *tu* e não outros) pode indicar que não havia contexto linguístico que propiciasse usos distintos.

Pronomes usados	Florianópolis	Ribeirão da Ilha
Só <i>tu</i>	13	7
<i>Tu e você</i>	10	4
Só <i>você</i>	1	0
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>11</b>

**Tabela 58:** Distribuição dos informantes, segundo utilizem um ou dois pronomes de segunda pessoa – em número de falantes

**Fonte:** Loregian-Penkal (2004, p128 – com adaptações)<sup>112</sup>

Para facilitarmos a comparação entre os dados, unimos os resultados de Loregian-Penkal (2004) referentes a Florianópolis e Ribeirão da Ilha e os transformamos em percentuais. Vejamos os resultados na tabela a seguir.

Pronomes usados	Nossa amostra	Loregian-Penkal (2004) – Florianópolis + Ribeirão da Ilha
Só <i>tu</i>	60,7%	57,1%
<i>Tu e você</i>	39,2%	40%
Só <i>você</i>	-	2,85%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

**Tabela 59:** Usos de *tu* e *você* por indivíduo da nossa amostra

**Fonte:** Loregian-Penkal (2004)

Como vimos, embora o número de entrevistas das duas amostras seja diferente, os resultados são muito parecidos, pois 60,7% dos indivíduos da nossa amostra usam *somente tu* e 57,1% dos indivíduos da amostra de Loregian-Penkal (2004) também usam *somente tu*. Os dados de indivíduos que usam *tu e você* também são muito semelhantes, 29,2% em nossa amostra e 40% em Loregian-Penkal (2004). O diferencial está no indivíduo que usa *só você* que aparece somente na amostra de Loregian-Penkal (2004).

Diante desses resultados, poderíamos afirmar que Florianópolis é uma cidade conservadora quanto o uso de *tu*, pois a maioria dos seus

<sup>112</sup> A partir da tabela 08 de Loregian-Penkal (2004, p.128) recortamos apenas os dados referentes à Florianópolis e Ribeirão da Ilha para que pudéssemos comparar os seus resultados encontrados aos nossos.

indivíduos utiliza somente esse pronome de segunda pessoa do singular em sua fala.

A seguir, podemos observar a distribuição de *tu*, *ocê* e *o senhor* na fala de cada um dos 28 informantes da nossa amostra.

<b>Indivíduo</b>	<b>TU</b> Número = %	<b>VOCÊ</b> Número = %	<b>O SENHOR</b> Número = %
<b>1</b>	15 = 100%	-	-
<b>2</b>	1 = 50%	1 = 50%	-
<b>3</b>	7 = 100%	-	-
<b>4</b>	10 = 35%	14 = 50%	4 = 14%
<b>5</b>	2 = 33%	3 = 50%	1 = 16%
<b>6</b>	3 = 100%	-	-
<b>7</b>	26 = 100%	-	-
<b>8</b>	13 = 48%	6 = 22%	8 = 29%
<b>9</b>	19 = 100%	-	-
<b>10</b>	3 = 17%	3 = 17%	11 = 64%
<b>11</b>	1 = 100%	-	-
<b>12</b>	2 = 100%	-	-
<b>13</b>	19 = 67%	2 = 7%	7 = 25%
<b>14</b>	6 = 100%	-	-
<b>15</b>	3 = 75%	-	1 = 25%
<b>16</b>	1 = 100%	-	-
<b>17</b>	6 = 75%	2 = 25%	-
<b>18</b>	41 = 100%	-	-
<b>19</b>	14 = 100%	-	-
<b>20</b>	7 = 100%	-	-
<b>21</b>	6 = 100%	-	-
<b>22</b>	20 = 100%	-	-
<b>23</b>	21 = 100%	-	-
<b>24</b>	42 = 97%	1 = 2%	-
<b>25</b>	71 = 98%	1 = 1%	-
<b>26</b>	46 = 100%	-	-
<b>27</b>	18 = 100%	-	-
<b>28</b>	17 = 20%	66 = 77%	2 = 2%
<b>TOTAL</b>	440 = 76%	99 = 17%	34 = 5%

**Tabela 60:** Distribuição das formas *tu*, *ocê* e *o senhor* por indivíduo

Como vimos, os informantes 1, 3, 6, 7, 9, 11, 12, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26 e 27 utilizaram somente o pronome *tu* para se dirigir ao interlocutor. Entretanto, devemos ponderar que na maioria dos casos – nove indivíduos – as ocorrências de *tu* não chegaram a 10 por entrevista, ou seja, é um número muito baixo de ocorrências se considerarmos que as gravações duram, em média, mais de meia hora. Muitas vezes, essa pouca produção de pronomes de segunda pessoa deve-se ao fato de o informante passar toda a entrevista apenas relatando (narrando) acontecimentos da sua vida sem utilizar discursos diretos (reportados ou não) nos quais, geralmente, se produz esses pronomes. Outras vezes, o informante se dedica a responder objetivamente as perguntas do inquiridor sem manter um diálogo com ele ou então, em algumas entrevistas, o informante se restringe a dissertar sobre um ou mais assuntos não criando contextos de produção de pronomes de segunda pessoa.

Além disso, sabemos que a forma *o senhor* é conhecidamente utilizada em relações assimétricas, sendo assim, se não houver um contexto propício para esse tipo de relação, fatalmente não haverá a produção de tal pronome. Diante desse pressuposto, não podemos afirmar taxativamente que os 17 sujeitos que utilizaram somente *tu* em nossa amostra não utilizem *o senhor* em contextos de assimetria.

Ao tratarmos dos resultados dos testes, mais adiante, voltaremos a discutir a questão do contexto.

### 3.1.3 Variáveis não selecionadas

Embora tenhamos apenas sete variáveis selecionadas pelo programa Goldvarb (2001), das 13 controladas, acreditamos que seja importante tratarmos, pelo menos rapidamente, de duas variáveis linguísticas não selecionadas, principalmente pelo estatuto delas (mais de correlação do que de condicionamento): *o preenchimento do sujeito* e *a concordância do verbo*.

*O preenchimento do sujeito* é uma variável que costuma ser controlada nesse tipo de estudo, pois acredita-se que a ausência do pronome sujeito favorece o uso de *tu* em relação ao uso de *você*, o que é confirmado em localidades onde a presença de flexão canônica de segunda pessoa se faz presente. Já nas localidades onde a flexão canônica de segunda pessoa ocorre pouco, para evitar ambiguidade, o falante tende a explicitar o pronome *tu* ou *você*, uma vez que não há



distinção morfológica entre os verbos que acompanham esses pronomes (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 151).

Em Loregian-Penkhal (2004) isso se confirma, pois ela encontrou 84% de *preenchimento* com 0,39 de peso relativo nas rodadas de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha e 97% de *não preenchimento* (nulo) com 0,80 de peso relativo. Para a autora, a flexão verbal canônica de segunda pessoa é, muito provavelmente, a responsável pelo elevado peso relativo atribuído ao *tu*.

Como essa variável não foi selecionada pelo programa estatístico em nossa pesquisa, apresentamos a seguir os resultados apenas em termos de percentuais referentes ao *tu*.

Considerando o total de 455 dados de sujeito preenchido em nossa amostra, vemos que 349 são de *tu* (76%) e considerando os 118 dados de nulos, vemos que 91 são de *tu* (77%). Dessa forma, nossos resultados são um pouco diferentes daqueles encontrados por Loregian-Penkhal (2004), pois enquanto ela chega a 84% de pronomes preenchidos e 97% de nulos, nós temos 76% e 77%, respectivamente.

Na tabela a seguir apresentamos somente os dados relacionados ao *tu*:

<b>Preenchimento do sujeito</b>	<b>Total de <i>tu</i></b>	<b>Percentual de <i>tu</i></b>
Preenchido	349	79,3%
Nulo	91	20,6%
<b>TOTAL</b>	<b>440</b>	<b>100%</b>

**Tabela 61:** Frequência do *tu* segundo a variável *preenchimento do sujeito*

Como vimos na tabela 61, ao olharmos somente para as ocorrências de *tu*, constatamos 440 dados, sendo 79% deles preenchidos e 20,6% nulos. Em suma, esses dados evidenciam que a grande parte dos casos de *tu* são preenchidos.

A *concordância do verbo* é outra variável que costuma ser controlada ao se estudar os pronomes de segunda pessoa do singular em Florianópolis, pois, de acordo com alguns autores, uma das marcas de identidade do ilhéu é a presença de flexão verbal canônica de segunda pessoa (LOREGIAN, 1996). Sendo assim, esperávamos encontrar em Florianópolis um número maior de concordância verbal canônica com o *tu* do que não-concordância. Já com as formas *você* e *o senhor*, era esperado 100% de concordância, o que se confirmou nos resultados obtidos. Vale ressaltar que consideramos concordância qualquer indício

de flexão de segunda pessoa no verbo, por exemplo: *visse, fosse, falasse, vash*, etc.

Diante desse controle, obtivemos um total de 217 ocorrências de *concordância do verbo*, sendo 85 (39%) delas de concordância com o *tu*. Os casos de *não-concordância* somaram 352 casos, todos eles (100%) com a forma *tu*. Sendo assim, vale observarmos os seguintes resultados percentuais relacionados apenas à forma *tu*.

<b>Concordância do verbo</b>	<b>Total de <i>tu</i></b>	<b>Percentual de <i>tu</i></b>
<b>Concorda</b>	85	19,4%
<b>Não concorda</b>	352	80,5%
<b>TOTAL</b>	<b>437</b>	<b>100%</b>

**Tabela 62:** Frequência do *tu* segundo a variável *concordância do verbo*

Como vimos na tabela 62, apenas 19,4% dos casos de *tu*, em Florianópolis, vêm acompanhado de concordância verbal canônica de segunda pessoa e a grande maioria, 80,5% dos casos, não há concordância do verbo. Esses dados se distanciam bastante daqueles 43% (de concordância) encontrados por Loregian-Penkal (2004), mas, por outro lado, se aproximam dos resultados encontrados por Rocha (2010) ao estudar a alternância *tu/você* em Ratones e Santo Antonio de Lisboa – bairros de Florianópolis. Nesse estudo a autora encontrou 11% de *tu* com concordância e 88,8% de *tu* sem concordância, ou seja, resultados semelhantes aos desta pesquisa.

Devemos observar que o banco de dados utilizado por Loregian-Penkal (2004) é da década de 1990 e o banco utilizado em Rocha (2010) é de 2009, ou seja, são quase 20 anos de diferença entre a coleta de um banco e de outro.

Diante desses resultados, e considerando que os nossos dados são muito semelhantes aos de Rocha (2010), podemos sugerir que exista uma tendência ao preenchimento cada vez maior do pronome *tu* e de não concordância canônica do verbo de segunda pessoa em Florianópolis.

No anexo A, é possível verificar a distribuição das formas *tu, você e o senhor* em todas as variáveis controladas nesta pesquisa.

### 3.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS TESTES DE PERCEPÇÃO E PRODUÇÃO

Nesta seção descreveremos e discutiremos os resultados dos testes de percepção e produção – aplicados a moradores de Florianópolis e do seu entorno. Inicialmente trataremos dos dados referentes à primeira parte do teste – *percepção* – no qual interrogamos o informante sobre qual forma ele costuma usar para se dirigir *a um amigo, ao pai ou à mãe e a alguém superior*. Essa primeira parte do teste solicita também que o informante faça uma avaliação linguística das formas *tu, você e o senhor* a fim de saber qual, ou quais, dessas formas ele acha *boa* ou *mais bonita* e qual, ou quais, dessas formas ele acha feia ou ruim.

Posteriormente trataremos dos dados referentes à segunda parte do teste – *produção* – que solicita ao informante que preencha as lacunas com pronomes de segunda pessoa, sejam eles pessoais, clíticos, possessivos etc. Os dois testes foram aplicados aos mesmos informantes.

#### 3.2.1 Os testes de percepção – resultados gerais

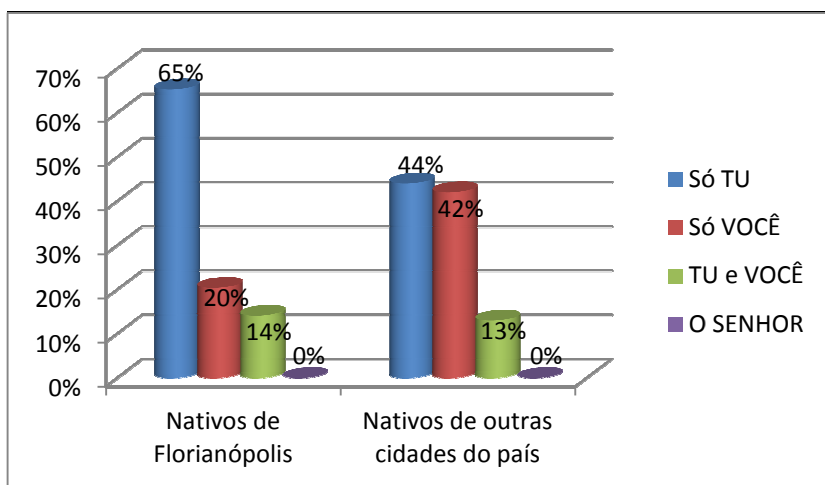
Os testes foram aplicados a alunos de uma escola de Educação Básica do entorno da UFSC, a acadêmicos de alguns cursos de graduação da UFSC, a alunos do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina/Florianópolis/Campus Continente), a trabalhadores do comércio do centro de Florianópolis, dentre outros. Obtivemos, no total, 212 questionários respondidos, sendo 127 deles de informantes nascidos em Florianópolis ou região metropolitana e moradores desses mesmos lugares e 85 de informantes nascidos em outras cidades e moradores de Florianópolis ou região.

Vale ressaltar que, dentre os informantes nascidos em outras cidades, a maioria (63) é da Região Sul, sendo 26 do Rio Grande do Sul, 25 de Santa Catarina (mas não da região metropolitana) e 12 do Paraná. Os demais informantes são da região sudeste (7 de Minas Gerais, 6 de São Paulo, 4 do Rio de Janeiro) da região norte (2 do Maranhão), do centro-oeste (1 Mato Grosso do Sul) e do nordeste (1 da Bahia). Além desses, tivemos um informante do Uruguai.

É importante observar que esse número de informantes de outras cidades (estados) reflete o fluxo de migração em Florianópolis que descrevemos na seção 2.5 do Capítulo II.

Nas tabelas a seguir, mostramos os resultados da primeira parte do teste comparando as respostas de todos os ilhéus com as respostas de todos os demais informantes. É importante ressaltar que ainda não há, nessas tabelas, a separação por células sociais como faremos mais adiante. Sendo assim, a maior parte dos testes é de informantes jovens mais escolarizados (ensino superior) e menos escolarizados (ensino fundamental e médio).

A primeira pergunta do teste foi: *qual forma você costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga?* Para esta questão obtivemos o seguinte percentual de respostas:



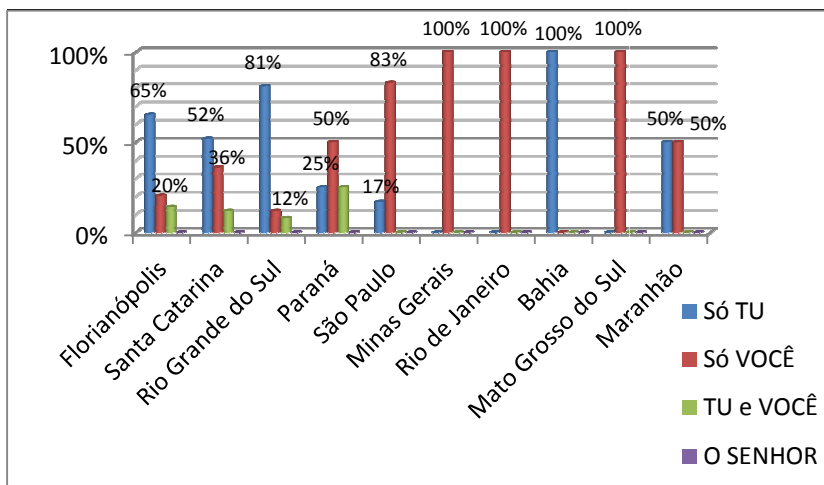
**Gráfico 11:** Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um amigo segundo origem do informante

Como vimos, o uso de *tu*, em Florianópolis, é considerado o preferido pelos indivíduos para a relação de simetria e de maior intimidade, entre amigos, atingindo 65% das opiniões. 14% dos informantes afirmam que usam tanto o *tu* quanto o *você* e 20% deles afirmam que usam somente a forma *você* para esse tipo de relação. Ao compararmos esses resultados aos dos nascidos em outras cidades, vemos que há uma diferença considerável entre as escolhas, pois a frequência de *tu* cai para 44% e a frequência de *você* sobe para 42%. Já o uso alternado de *tu* e *você* se mantém semelhante, atingindo 13% de frequência.

É importante observar que nenhum dos informantes, tanto de Florianópolis quanto de outras cidades, afirma usar a forma *o senhor*

para se dirigir a um amigo. Esse resultado confirma que *o senhor e a senhora* são, nas variantes europeia e americana do português, formas de respeito ou de cortesia (CUNHA e CINTRA, 1985) e, como tais, se opõem a *tu* e *você*.

Ao percebermos que dentro desse grupo de “nascidos em outras cidades” estavam misturados nativos de cidades muito distintas entre si, agrupamos essas cidades por estados e comparamos novamente os resultados com os de Florianópolis; dessa forma, chegamos ao seguinte gráfico:



**Gráfico 12:** Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um amigo em Florianópolis e em alguns estados brasileiros

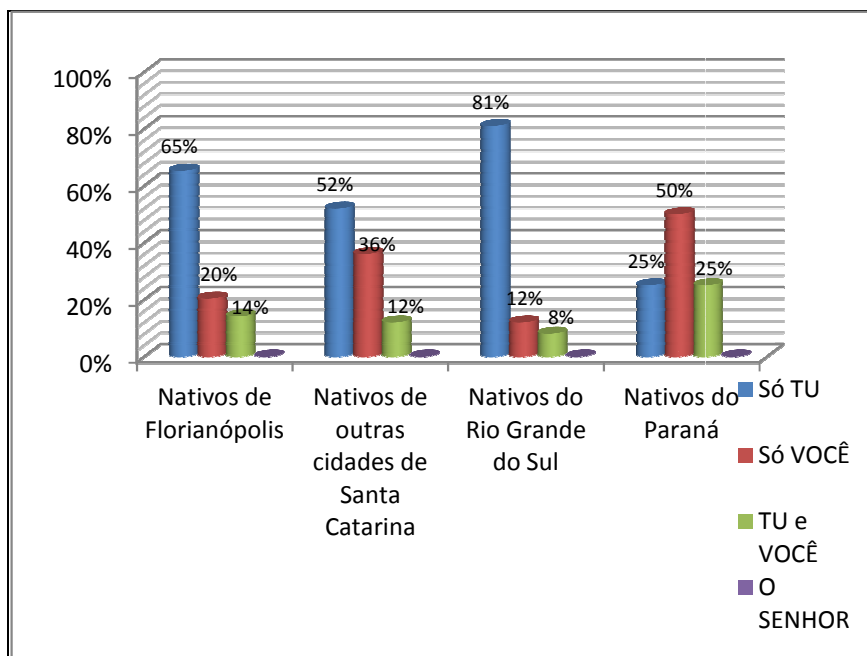
Ao olharmos somente para a frequência de uso exclusivo de *tu*, vemos 65% na preferência dos nascidos em Florianópolis e 55% na preferência dos nascidos no restante do estado de Santa Catarina. Na Região Sul, podemos verificar que a ocorrência é maior nos nascidos no Rio Grande do Sul, 81%, e menor nos nascidos no Paraná, 25%. Nos nativos da Região Sudeste vemos apenas 17% de *tu* em São Paulo e 100% de *você* no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, bem como no Mato Grosso do Sul, na Região Centro Oeste. Na Bahia vemos 100% de *tu* e, no Maranhão, 50%.

É claro que devemos relativizar esses resultados, pois, como vimos, temos poucos representantes dessas “outras cidades/estados”, principalmente quando tratamos de Minas Gerais (7), São Paulo (6), Rio

de Janeiro (4), Maranhão (2), Mato Grosso do Sul (1) e Bahia (1). Além disso, não é nosso objetivo fazer uma descrição completa do uso de *tu* e *você* em todo o país. Fizemos essa distribuição porque surgiu um grande número de testes respondidos por indivíduos nascidos em outros estados, o que não esperávamos.

É importante ressaltar que esses informantes nascidos em outras cidades e estados são, atualmente, moradores de Florianópolis e, conseqüentemente, influenciam e são influenciados linguisticamente pelo contato com a cultura local.

Diante disso, optamos por considerar, para as análises seguintes, apenas os testes respondidos por informantes nativos de Florianópolis comparando com as respostas de informantes nativos dos Estados da Região Sul, pois desses lugares temos um número maior de informantes. Com isso, obtivemos o seguinte resultado:



**Gráfico 13:** Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um amigo em Florianópolis e nos estados da Região Sul

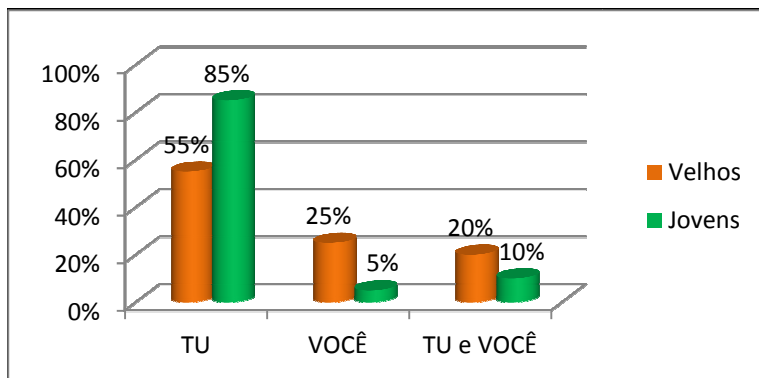
Como vimos no gráfico 11, o *tu* é a forma mais utilizada para se dirigir a um amigo em Florianópolis, atingindo 65% da opinião dos

informantes, na opinião dos nascidos nas demais cidades de Santa Catarina, 52% e nos nascidos no Rio Grande do Sul, 81%. Já entre os nascidos no Paraná essa forma alcança apenas 25% de preferência.

O uso alternado de *tu* e *você* alcança 14% da preferência dos Florianopolitanos, 12% da preferência dos nascidos nas demais cidades de Santa Catarina, 8% da opinião dos gaúchos e 25% dos paranaenses.

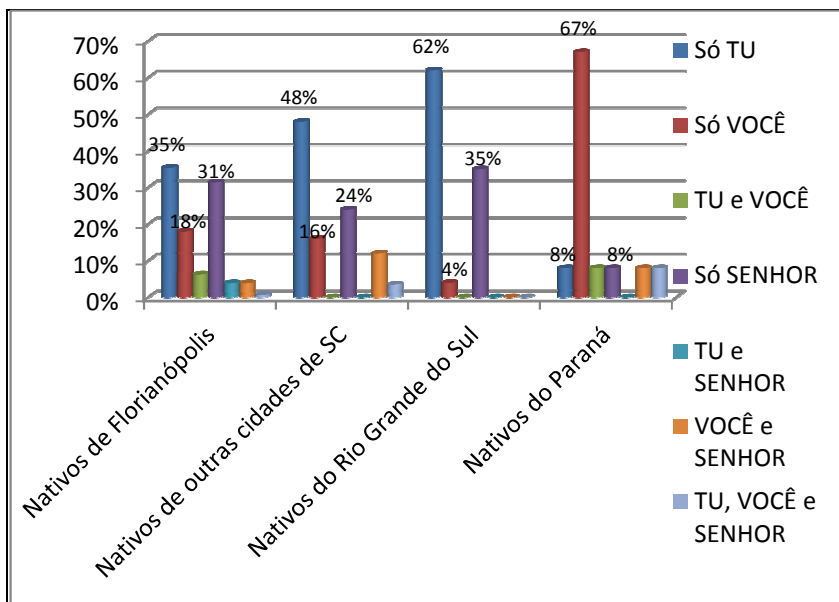
O uso exclusivo de *você* é a forma mais utilizada para se dirigir a um amigo somente na opinião dos paraenses, 50%, seguido de 36% dos catarinenses, 20,4% dos florianopolitanos e 12% dos gaúchos.

Ao observarmos o comportamento dos indivíduos separados em suas células sociais (sexo, idade e escolaridade), vemos que a idade é um fator relevante, pois os mais jovens tendem a afirmar que usam mais *tu* para se dirigir a um amigo ou amiga atingindo 85% de frequência para essa forma seguido de 5% de *você* e 10% de *tu e você*. Já os mais velhos apresentam 55% de opções pelo *tu*, 25% de *você* e 20% de *tu e você* conforme podemos visualizar no gráfico a seguir:



**Gráfico 14:** Distribuição das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um *a um amigo*, considerando a *idade do informante*

A segunda pergunta do teste indagava o informante sobre *qual forma você costuma usar para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe?* Para esta questão, obtivemos as seguintes respostas:



**Gráfico 15:** Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir ao pai ou à mãe

Como vimos no gráfico 15, as formas preferidas para se dirigir ao pai ou à mãe, na opinião dos florianopolitanos, são o *tu* (35%) e o *senhor* (31%), seguidas em menor frequência por *ocê* (18%), *tu e você* (6%), *tu e o senhor* (3,9%), *você e o senhor* (3,9%) e *tu, você e o senhor* (0,7%). Sendo assim, podemos afirmar que a relação entre pais e filhos se tornou mais simétrica em relação às gerações anteriores e, dessa forma, mais solidária (BROWN e GILMAN, 1960)? Acreditamos que sim, embora a forma *o senhor*, conhecidamente mais formal e mais respeitosa, continue bastante frequente (31%) na opinião dos nossos informantes.

Ao aplicar os testes em uma escola de Educação Básica de Florianópolis, perguntamos a alguns alunos se os pais pediam a eles que os chamassem se *senhor* ou de *senhora*. Diante de tal pergunta, obtivemos alguns depoimentos como o seguinte:



(39) “*sim, meu pai, minha mãe, meu vô e minha vó me pedem pra chamar de senhor e de senhora, aí eu chamo*”. (M1CCt)<sup>113</sup>.

Podemos observar, a partir do depoimento anterior, que alguns pais ainda exigem essa postura mais respeitosa por parte dos filhos. Entretanto, não há garantias de que receberão tal tratamento. Vejamos o depoimento seguinte:

(40) “*A minha mãe pede que eu chame ela de senhora, mas eu não chamo não, ela não tem cabelo branco*”. (M1CCt)<sup>114</sup>.

Como vemos, esse informante não considera a mãe “velha” o suficiente para ser chamada de senhora e, por isso, acha que ela não merece receber esse tipo de tratamento. Entretanto, podemos inferir que, nesse caso, o menino usa a forma *o senhor* para as outras pessoas mais velhas, desde que elas tenham cabelos brancos.

Vejamos outro depoimento:

(41) “*Não tia, meu pai só pede que eu chame ele de você*”. (M1CCt)<sup>115</sup>.

Nesse caso, podemos inferir que o pai em questão considere o *você* mais respeitoso que o *tu* e por isso prefere que o filho o chame dessa forma.

Muitos foram os informantes que disseram o seguinte:

(42) “*Eu chamo de pai e mãe*”. (indefinido)

Não conformadas com tal resposta, dávamos exemplos de interação direta e perguntávamos como eles fariam. Diante disso, recebíamos exemplos como:

(43) “*a mãe quer ir no mercado*”. (indefinido)

---

<sup>113</sup> M = masculino, 1 = menos escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro), t = informante do teste.

<sup>114</sup> M = masculino, 1 = menos escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro), t = informante do teste.

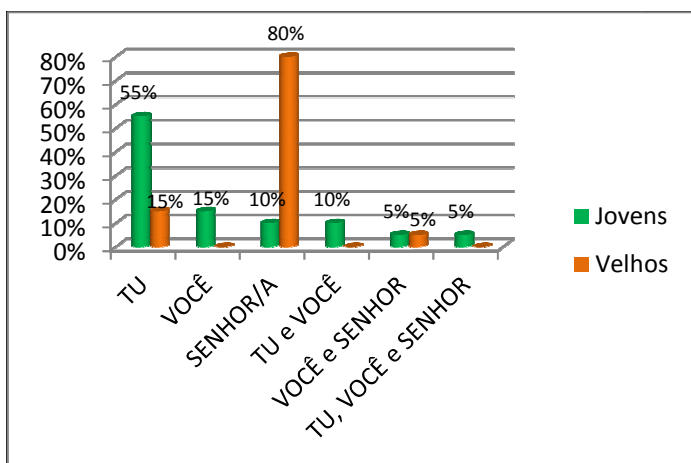
<sup>115</sup> M = masculino, 1 = menos escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro), t = informante do teste.

(44) “*o pai ta bem hoje*”. (indefinido)

(45) “*a mãe vai viajar?*”.(indefinido)

Refletindo sobre esses depoimentos e interrogando outras pessoas, verificamos que essa forma nominal “o pai” e “a mãe” é um uso comum, inclusive fora de Florianópolis, e que merece ser investigado com mais afinco em estudos posteriores.

Ao observarmos somente os resultados de Florianópolis, separadamente por célula social, vemos que a idade é um fator relevante na escolha da forma a ser utilizada para se referir ao pai ou à mãe, vejamos o gráfico a seguir:



**Gráfico 16:** Distribuição das respostas dos testes de Florianópolis referente à forma utilizada para se dirigir a um *ao pai ou à mãe*, considerando a *idade do informante*

Como vemos, a maioria dos informantes mais velhos (80%) dizem preferir a forma mais respeitosa *o senhor* para se dirigir aos seus pais, enquanto apenas 10% dos mais jovens afirma optar por essa forma para usar nesse tipo de relação. Esses resultados vão ao encontro de alguns depoimentos de indivíduos mais velhos expressos no início deste capítulo, que retomamos aqui:

(46) “*Agora não, agora é um abuso. Não se respeita mais velho, uma pessoa mais velha. [Os pais]- os filhos não respeitam mais os pais, né [Isso]- esse negócio de*

*chamar o pai de "tu" pra lá, "tu" pra cá. [Na minha]- na minha época, não. [As minhas]- as minhas tias davam a bênção. Às minhas primas mais velhas, eu dava a bênção. Dava a bênção pras primas mais velhas. Respeitava as primas mais velhas como se fossem uma tia. Era assim. [...] Eu chamava ela de senhora. Ela é a prima mais velha. "Não quero ir com a senhora, não."* (F1Ac)<sup>116</sup>.

(47) Entrevistado: *[Sempre têm razão.] Então não se pode comparar a educação com hoje não. Hoje a educação é uma coisa assim, (hes) como é que se diz? É coisa assim muito salutar, uma coisa assim muito superficial (est) a educação. Uma coisa muito superficial.*

Entrevistador: *Tu dizes educação [entre pai e filho?*

Entrevistado: *Educação Pai e filho, é. Hoje não existe mais o respeito ("pelo")... Tu vês que hoje, pra filho se chama pai de "tu": "Aonde é (est) que tu vais, tu-"*

Entrevistador: *Ah, tu chamavas de senhor, [só de senhor?*

Entrevistado: *[Naquela época] era senhor, senhora. Se eu chamasse de tu eu levava uma borrachada na cara e outra surra e surra. Deus me livre, naquela época era senhor, senhora, bom dia. Tinha que beijar os padrinhos na mão. Dar a bênção* (M1Ac)<sup>117</sup>.

(48) Filha: *"tu usa senhora pra falar com a tua mãe?"*  
 Informante: *"Sim, eu fui ensinada assim, a chamar os mais velhos de senhor e senhora".* Filha: *"mas eu não te chamo de senhora".* Informante: *"é, é, é, mas tu é tu né Ariela, é outra geração"* (F1ACT)<sup>118</sup>.

Como vemos nesses depoimentos, os informantes mais velhos ainda guardam esse valor de mais respeito para com os pais e consequentemente para com mais velhos tratando-os por *o senhor* e os

---

<sup>116</sup> F = feminino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, c = localidade (centro, Varsul).

<sup>117</sup> M = masculino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, c = localidade (centro, Varsul).

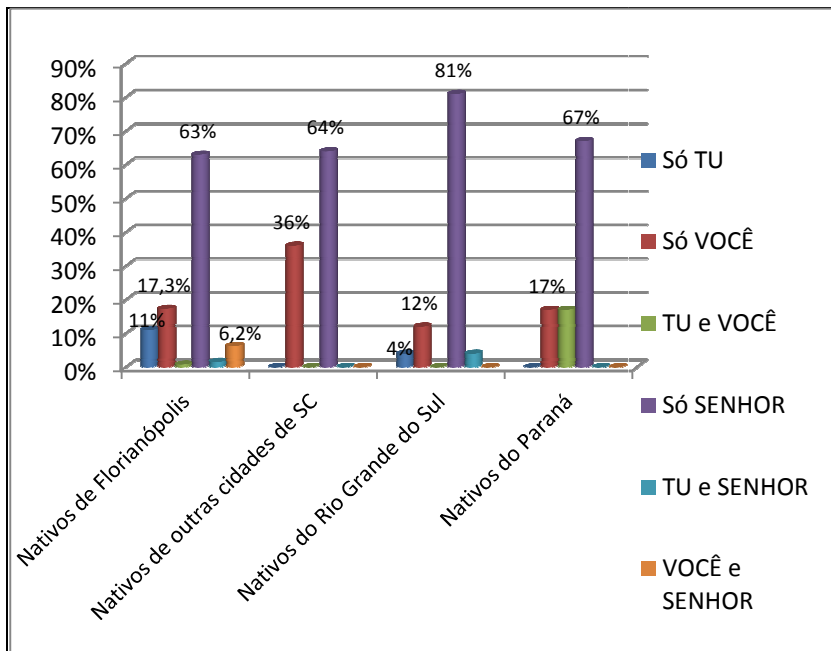
<sup>118</sup> F = feminino, 1 = menos escolaridade, A = mais velho, C = localidade (centro), t = informante do teste.

resultados dos testes corroboram com essa interpretação, pois temos apenas 15% deles optando pela forma *tu* para se dirigir aos pais, enquanto a maioria dos mais jovens (55%) prefere essa forma para esse tipo de relação.

Voltando à comparação entre os resultados dos informantes de Florianópolis e dos estados da Região Sul, vemos que os nascidos em outros municípios de Santa Catarina também afirmam preferir o uso o *tu* no trato com os pais (48%), seguido de *o senhor* (24%), *você* (16%), *você e o senhor* (12%) e *tu, você e o senhor* (4%). Entre os informantes do Rio Grande do Sul também vemos uma preferência acentuada pelo uso de *tu* com os pais (62%) seguido de *o senhor* (35%) e *você* (4%). Já entre os paranaenses vemos a prevalência do uso de *você* (67%) nesse tipo de relação, seguido pelas demais formas *só tu, tu e você, você e o senhor, tu, você e o senhor*, cada uma com 8% de frequência.

Diante desses resultados e embora sendo poucos os dados de informantes nascidos no Paraná, poderíamos supor que o *você* funcionaria como um “coringa de tratamento” ou seja, ele é preferido tanto para relação com o amigo (simetria) quanto para a relação com os pais (assimetria)? Nesse sentido ele atuaria tanto na dimensão de solidariedade quanto na dimensão de poder? Infelizmente não temos dados suficientes para fazermos afirmativas mais contundentes a respeito dessa hipótese.

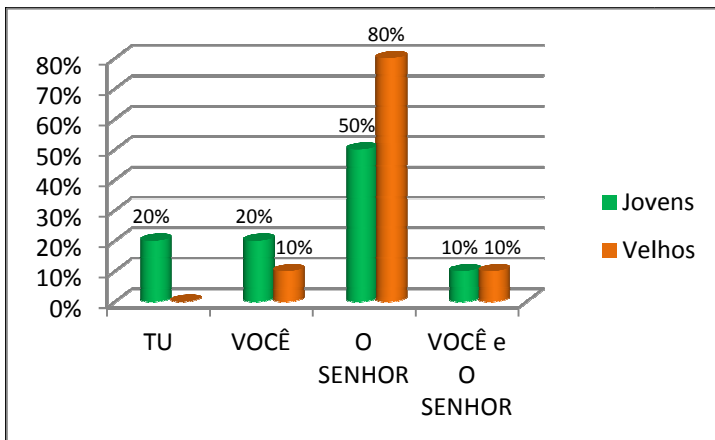
A terceira pergunta do teste indagava sobre *qual forma você costuma usar para se dirigir a alguém superior (chefe, por ex.)?* Para esta questão obtivemos as seguintes respostas:



**Gráfico 17:** Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a alguém superior

Conforme os resultados expressos no gráfico anterior, a forma preferida pelos florianopolitanos para se dirigir a alguém superior é *o senhor* (63%) seguida por *ocê* (17,3%), *tu* (11%) e *ocê e o senhor* (6,2%). Sendo assim, percebemos que essa relação assimétrica ascendente, entre empregado e patrão, está bem demarcada e exige um tratamento mais formal, mais respeitoso e mais cortês. Além disso, trata-se de uma relação tipicamente de poder (BROWN e GILMAN, 1960), pois o chefe, ou o superior, exerce um poder real sobre o seu subalterno. Nesse sentido, podemos inferir que o *ocê*, utilizado nesse tipo de relação, também tem esse caráter de formalidade, respeito e cortesia.

Observando o comportamento dos informantes nativos de Florianópolis, separados por células sociais, vemos uma notável diferença entre o comportamento dos mais jovens e dos mais velhos. Vejamos os resultados na tabela a seguir.



**Gráfico 18:** Distribuição das respostas dos testes de Florianópolis referente à forma utilizada para se dirigir a alguém superior, considerando a idade do informante

Notamos que a grande maioria dos indivíduos mais velhos (80%) afirma preferir o uso de *o senhor* para o trato com alguém superior enquanto 50% dos mais jovens fizeram essa mesma escolha. Entretanto, vemos que somente os mais jovens (20%) optaram pelo uso do *tu* para esse tipo de relação enquanto nenhum informante mais velho fez essa escolha. Outros 20% dos mais jovens afirmam preferir a forma *você* e 10% dos mais velhos têm a mesma preferência. Quanto à opção por *você* e *o senhor*, os mais velhos e os mais jovens apresentam 10% de frequência.

Diante desses resultados podemos inferir que os mais velhos preservam mais essa relação de mais respeito, mais formalidade e mais cortesia na relação com o seu superior, enquanto os mais jovens já arriscam um tratamento mais simétrico nesse tipo de relação.

Ao compararmos os resultados gerais com os resultados dos nativos dos demais estados estudados, vemos que todos vão na mesma direção, apresentando um uso majoritário de *o senhor*. Os informantes nascidos em Santa Catarina diferem um pouco dos informantes nascidos nos outros estados por apresentar 64% de preferência pelo uso de *o senhor* e 36% de preferência pelo uso de *você*, ou seja, não apresenta nenhum dado de *tu* para esse tipo de relação. Já os informantes nascidos no Paraná apresentam 67% de preferência por *o senhor*, 17% de preferência pelo *você* e 17% pelo *tu e você*. Os informantes nascidos no Rio Grande do Sul apresentaram a maior frequência de preferências pela

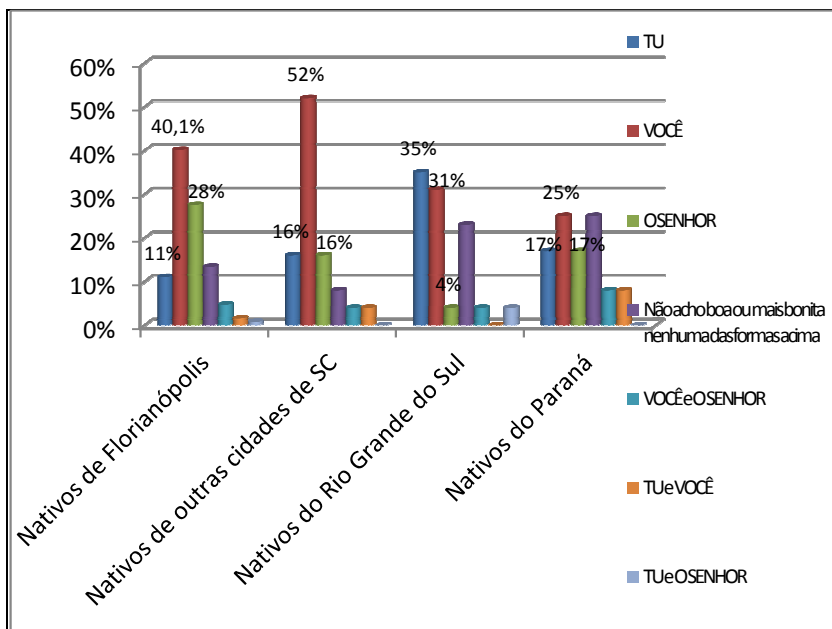
forma *o senhor* (81%), seguido de *você* (12%), *tu* (4%) e *tu e o senhor* (4%).

Os resultados trazidos até aqui, referentes às preferências dos informantes para as relações de simetria e assimetria (ascendente e descendente), vão ao encontro daqueles encontrados por Ramos (1989), Menon e Loregian-Penkal (2002) que já afirmavam que o *tu* é frequentemente usado quando o interlocutor é íntimo ou familiar e o *você* é utilizado como pronome de segunda pessoa quando o interlocutor é um desconhecido ou uma pessoa mais velha. Sendo assim, concordamos com Ramos (1989) quando ela afirma que os informantes florianopolitanos atribuem ao *tu* um caráter mais íntimo, familiar, informal, coloquial e desrespeitoso (no sentido de menos formalidade) e, ao *você*, um caráter mais distante, bonito, educado, formal, correto, respeitoso e, por isso, esta é a forma mais utilizada com estranhos ou com pessoas menos íntimas.

A quarta pergunta do teste de percepção era uma questão de avaliação linguística e indagava o informante sobre *qual dessas formas você acha boa ou mais bonita?* As opções de resposta eram: *i) tu, ii) você, iii) senhor/a e iv) não acho boa ou mais bonita nenhuma das formas acima*<sup>119</sup>. Para esta questão obtivemos as seguintes respostas.

---

<sup>119</sup> Os informantes também poderiam assinalar mais de uma alternativa.



**Gráfico 19:** Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma considerada boa ou mais bonita

Ao olharmos somente para os dados dos nativos de Florianópolis, vemos que a forma considerada boa ou mais bonita pela maioria dos informantes é *você* (40,1%), seguida de *o senhor* (28%), *Não acho boa ou mais bonita nenhuma das formas acima* (13%), *tu* (11%), *você e o senhor* (4,72%), *tu e você* (1,57%) e *tu e o senhor* (0,78%). Diante de tais resultados, como explicar o fato de uma comunidade usar majoritariamente o *tu* e achar melhor (boa ou mais bonita) o *você*? Estaríamos tratando de uma questão de prestígio linguístico? Se levarmos em consideração o fato de que a forma *você* está bastante disseminada na grande mídia, tanto na escrita quanto na televisiva (novelas, jornais, filmes, livros, músicas, etc.), poderíamos supor que ela é aceita e prestigiada pelos seus “ouvintes”, inclusive por aqueles que não são usuários desse pronome.

Para tentar responder a essas perguntas refinamos a nossa análise separando os indivíduos por células sociais (sexo, idade e escolaridade) para que pudéssemos identificar onde estava localizado o foco dessa avaliação (ver anexo B). Dessa forma, considerando somente o *sexo* do informante, constatamos que 30% das mulheres afirmaram que o *tu* era



bom ou mais bonito enquanto nenhum homem escolheu essa forma como a melhor. Quanto à forma *você*, vemos que 40% das mulheres a consideraram boa ou mais bonita, enquanto 25% dos homens tiveram a mesma opinião. Somente 5% dos homens afirmaram que tanto o *tu* quanto o *você* são formas boas ou bonitas, entretanto, nenhuma mulher teve a mesma opinião. Os homens também lideram a escolha da forma *o senhor* como a melhor, pois ela foi escolhida por 40% dos homens e por apenas 15% das mulheres. Por fim, os homens também lideram a escolha de *não acho boa ou mais bonita nenhuma das formas acima* com 30% de frequência enquanto as mulheres apresentaram 15% para a mesma opinião.

Em suma, podemos perceber que a maioria das mulheres (70%) está dividida entre o *tu* e o *você* como forma boa ou mais bonita, enquanto a maioria dos homens (70%) está dividida entre o *o senhor* e entre a posição mais neutra de *não achar boa ou mais bonita nenhuma das formas*. Sendo assim, poderíamos deduzir que as mulheres estão divididas entre a marca de identidade regional (*tu*) e entre a forma inovadora, de maior abrangência e de maior prestígio nacional (*você*) enquanto os homens estão divididos entre a marca mais formal, mais respeitosa, mais cortês (*o senhor*) e entre uma posição mais neutra de não julgamento das formas de segunda pessoa (*não acho boa ou mais bonita nenhuma das formas acima*).

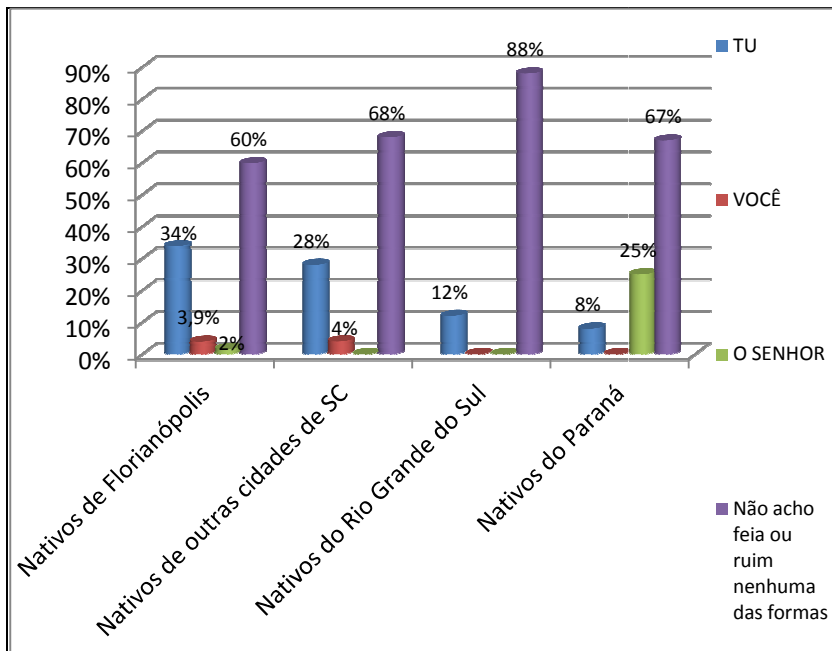
Aos compararmos os resultados gerais com os resultados dos nativos dos demais estados investigados, vemos que os informantes nativos de outras cidades de Santa Catarina vão na mesma direção dos informantes de Florianópolis quanto a forma considerada *boa* ou *mais bonita*, porém, com uma frequência ainda maior de opções pela forma *você* (52%), seguida de *tu* (16%), *o senhor* (16%), *não acho boa ou mais bonita nenhuma das formas acima* (8%), *você e o senhor* (4%) e *tu e você* (4%). Já entre os informantes nascidos no Rio Grande do Sul, as frequências se invertem e o *tu* passa a ser a forma considerada *boa* ou *mais bonita* pela maioria dos informantes (35%), mas é seguida de perto pelo *você* que é a opção de 31% dos gaúchos. Outros 23% preferiram se manter na posição de não julgamento das formas, optando por *não achar boa ou mais bonita nenhuma delas*. 4% optaram pela forma *o senhor*, 4% optaram pelas formas *você e o senhor* e outros 4% optaram pelas formas *tu e o senhor*. Diante desses resultados, podemos inferir que a maioria dos gaúchos que mora em Florianópolis prestigia essa marca linguística regional que é o uso do *tu* e confia que ele seja o melhor dos pronomes de segunda pessoa e ainda o mais bonito de todos. Entretanto, esse prestígio já parece ameaçado pelo *você*, pois ele já o

segundo na preferência dos informantes. Todavia, precisamos mais uma vez relativizar essas considerações, pois estamos tratando de um número pequeno de informantes (26) e, além disso, são gaúchos que estão morando fora do seu estado há algum tempo, ou seja, pode ser que esse deslocamento e o inevitável contato com outros indivíduos não gaúchos estejam influenciando as suas escolhas.

Entre os informantes nascidos no Paraná, vemos os indivíduos divididos entre a preferência pelo *você* (25%) e pela postura de *não achar boa ou mais bonita nenhuma das formas* (25%), em seguida, vemos novamente a divisão de opiniões entre o *tu* (17%) e o *senhor* (17%) e entre *você e o senhor* (8%) e *tu e você* (8%).

De acordo com Calvet (2002), as atitudes de rejeição ou de aceitação não têm, necessariamente, influência sobre o modo de falar dos indivíduos, mas certamente têm influência sobre o modo como eles percebem o discurso dos outros. Essas atitudes variam segundo a origem geográfica dos sujeitos interrogados. Como vimos no gráfico 19, os resultados dos informantes originários de diferentes estados corroboram essa análise.

A quinta pergunta do teste de percepção também era uma questão de avaliação linguística e indagava o informante sobre *qual dessas formas você acha feia ou ruim?* As opções de resposta eram: i) *tu*, ii) *você*, iii) *o senhor* e iv) *não acho boa ou mais bonita nenhuma das formas acima*. Para esta questão obtivemos as seguintes respostas:



**Gráfico 20:** Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma considerada feia ou ruim

Como vemos no gráfico 18, a maioria dos informantes nativos de Florianópolis *não acha feia ou ruim nenhuma das formas* (60%) o que significa que não há um julgamento predominantemente negativo sobre as formas *tu*,  *você*  e *o senhor*. Entretanto, vemos um número significativo de informantes (34%) que acha o *tu* ruim ou feio, o que nos surpreendeu, pois a maioria desses mesmos informantes (65%) afirmou, no início teste, preferir essa forma para o uso entre amigos. Sendo assim, como explicar o fato de os indivíduos acharem feio ou ruim o pronome que usam diariamente no trato com os seus pares? Conforme já mencionamos anteriormente, a motivação pode estar no espaço que o *você* tem na grande mídia e, em contrapartida, o pouco espaço que o *tu* tem nos veículos de comunicação. Além disso, como vimos no Capítulo II, Florianópolis tem recebido cada vez mais migrantes de outras regiões do país que vêm a Florianópolis em busca de qualidade de vida, das praias e dos investimentos proporcionados, principalmente, pelo grande fluxo de turistas que a ilha recebe anualmente. Vale lembrar que esses investidores têm um status social elevado e por isso são admirados e até

invejados, podemos supor que eles podem ser também imitados pelos ilhéus.

Diante dessas questões, trazemos à baila novamente as discussões de Calvet (2002) sobre comportamentos e atitudes linguísticas,

Existe todo um conjunto de *atitudes*, de sentimentos dos falantes para com as línguas, para com as variedades das línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento. Pode-se amar ou não um martelo, sem que isso mude em nada o modo de pregar um prego, enquanto as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico (CALVET, 2002. P.65).

A partir dessa citação, podemos supor que esse sentimento negativo do ilhéu, diante de algumas características linguísticas da sua comunidade, esteja exercendo influências sobre o seu comportamento linguístico, levando-o a achar o *você* bom, ou mais bonito, e o *tu* ruim, ou mais feio.

Reforçando essa suposição, voltamos a uma parte do depoimento do início deste capítulo, quando o informante declarava que

(49) *Eu percebia isso, que as pessoas assim que começavam a estudar um pouquinho já queriam deixar de falar com sotaque, não usar esse chiado que nós temos, eu tenho amigos da minha idade que são assim, eles tem um jeito de falar entre nós e um jeito de falar quando estão num ambiente com pessoas diferentes... procura não, a gente diz assim aqui que é falar no S. [...] Porque considera vergonhoso o sotaque, diz que é coisa de manezinho, de gente pouco culta [...] sempre teve isso aqui...[...]* *E um amigo meu me dizia: ‘ah, eu não eu tenho vergonha, é muito feio’.* *Coisa interessante isso, essa coisa, essa percepção de que é feio o sotaque (M3AS)<sup>120</sup>.*

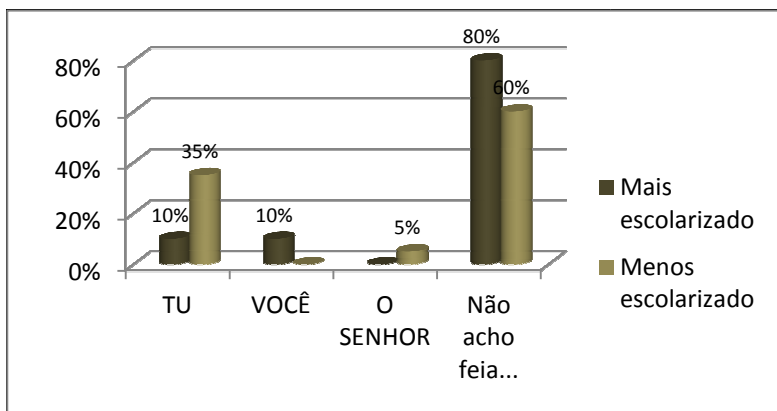
Nesse depoimento, podemos observar que o indivíduo, cujo discurso relatamos, tem um sentimento negativo diante do sotaque do manezinho, identificando-o como uma característica de “*de gente*

---

<sup>120</sup> M = masculino, 3 = mais escolaridade, A = mais velho, S = localidade (Santo Antônio de Lisboa).

*pouco culta*” e como um sotaque “*feio*” e esse sentimento/julgamento leva esse informante a mudar o comportamento linguístico diante dos desconhecidos, ou seja, diante dos indivíduos falantes de outras variedades.

No início do depoimento anterior, o informante afirma que essa mudança na forma de falar acontece quando as pessoas “*começam a estudar um pouco mais*”. Para testar essa hipótese, observamos o comportamento dos indivíduos mais escolarizados de Florianópolis e, diante da nossa quinta pergunta, obtivemos o seguinte resultado:



**Gráfico 21:** Distribuição das respostas dos testes de Florianópolis referente à forma considerada *feia* ou *ruim* conforme a escolaridade do informante

Como vemos, a hipótese mencionada pelo informante não se confirmou em nossos dados, pois os mais escolarizados lideram a posição de que *nenhuma das formas é feia ou ruim* (80%) que é seguida por 60% dos menos escolarizados. Entretanto, são os menos escolarizados que lideram a escolha do *tu* como forma feia ou ruim (35%) seguidos pelos mais escolarizados com apenas 10% de frequência. Outros 10% dos mais escolarizados acham o *você* feio ou ruim enquanto nenhum dos informantes menos escolarizados tem a mesma opinião.

Perante esses resultados, podemos sugerir que os mais escolarizados têm uma visão mais positiva diante do uso de *tu* e se sentem mais seguros ao usar essa forma, talvez pelo fato de terem uma maior consciência linguística e reconhecerem o pronome como uma marca de identidade regional.

Fala-se de segurança linguística quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar, quando consideram *sua* norma *a* norma. Ao contrário, há *insegurança linguística* quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizado e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam (CALVET, 2002, p. 72).

Isso explicaria o fato de 34% dos ilhéus entrevistados considerarem o *tu* feio ou ruim embora usem essa forma corriqueiramente.

Ainda de acordo com Calvet (2002, p.76), a “pronúncia feia” é uma explicação unicamente afetiva, mas se trata de uma atitude muito difundida tanto acerca de formas locais de falar como em face de línguas estrangeiras.

Voltando aos demais resultados encontrados para a pergunta cinco, “*qual dessas formas você acha feia ou ruim*”, vemos um pequeno número de opções pela forma *você* (3,9%) e pela forma *o senhor* (2%).

Comparando os resultados dos informantes nativos de Florianópolis com os resultados dos informantes nativos de outras cidades de Santa Catarina vemos que eles vão na mesma direção; apenas com percentuais diferentes, pois entre os informantes dessas outras cidades temos 68% de frequência para a opção *não acho feia ou ruim nenhuma das formas* seguida de 28% para o *tu* e 4% para o *você*.

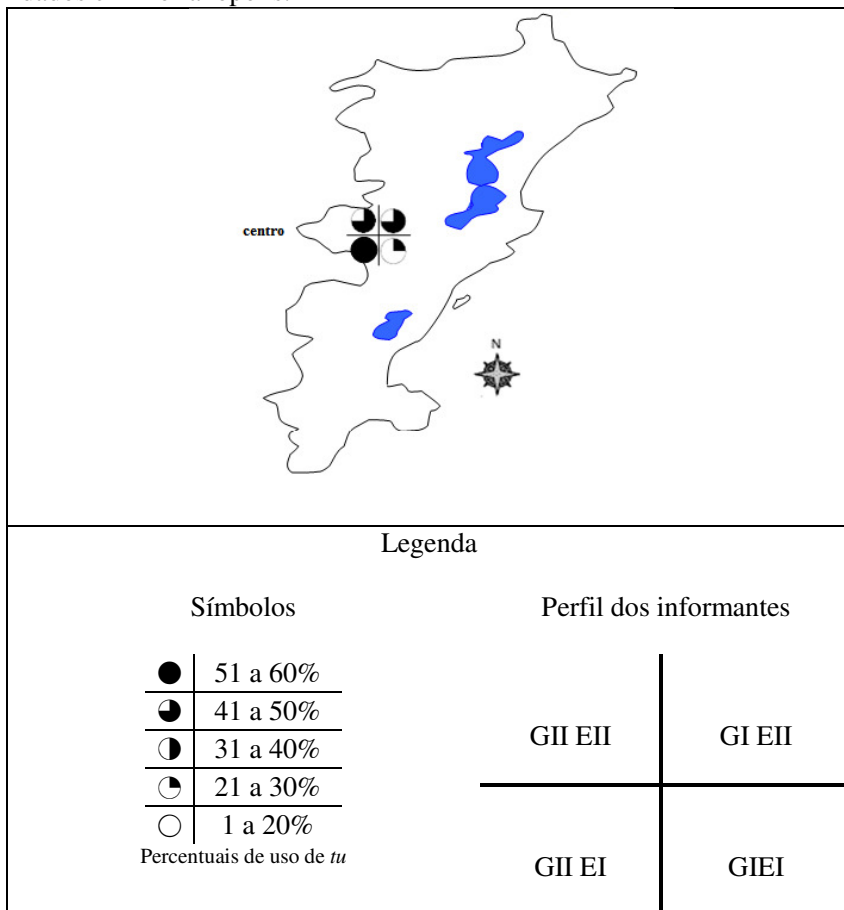
Entre os informantes nascidos no Rio Grande vemos o maior índice de opções pelo *não acho feia ou ruim nenhuma das formas* (88%), seguido por 12% de opções pelo *tu* e entre os informantes nascidos no Paraná vemos uma situação diferenciada, pois temos a maioria das opções pelo *não acho feia ou ruim nenhuma das formas* (67%), seguidas por 25% de *o senhor* e 8% de *tu*.

Por fim, vemos que nossos resultados novamente vão ao encontro daqueles encontrados por Ramos (1989) e corroboram para a afirmação da autora de que o *você* é considerado pelos ilhéus como *correto, respeitoso, bonito e educado e é uma influência de fora, mais usado com estranhos, em situações mais formais e distantes*, enquanto o *tu* é considerado *informal, coloquial, desrespeitoso e rude e é usado pelos ilhéus, preferencialmente, em situações mais íntimas e mais familiares* e poderíamos acrescentar que devido a essas características atribuídas ao *tu* ele seja considerado *feio* ou *não bonito* pelos seus falantes.

### 3.2.2 Os testes de produção – resultados gerais

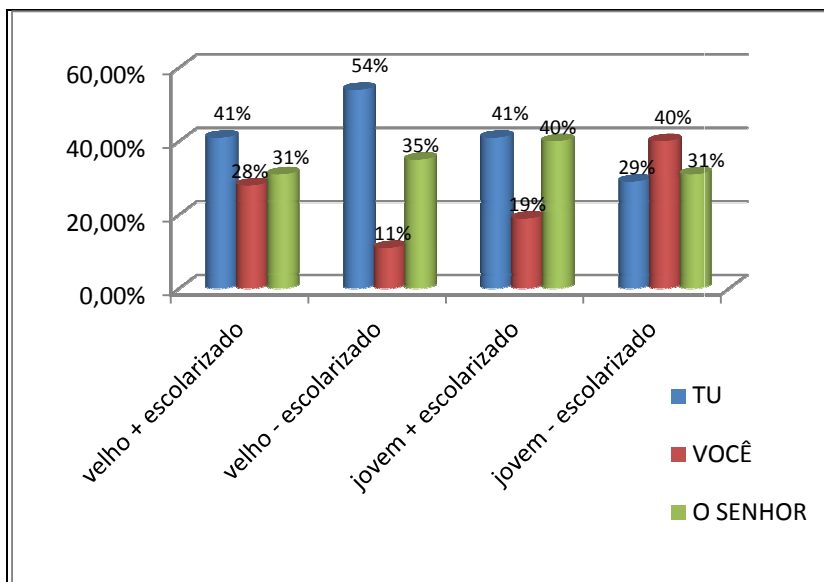
Nesta seção trataremos dos resultados dos testes de produção respondidos apenas pelos 40 informantes nascidos em Florianópolis e distribuídos conforme as células sociais controladas nesta pesquisa.

A seguir, podemos visualizar no mapa a distribuição geral dos dados em Florianópolis.



**Mapa 20:** Uso da formas *tu* em Florianópolis a partir dos testes de produção linguística

Como vemos no mapa anterior, a partir das produções dos testes, a maior frequência de uso de *tu* (51 a 60%) ocorre entre a geração mais velha e menos escolarizada. Em seguida, temos a segunda maior frequência de uso de *tu* (41 a 50%) entre mais escolarizados, tanto na geração mais jovem quanto na geração mais velha. A menor frequência de *tu* (21 a 30%) é encontrada entre os mais jovens e menos escolarizados.



**Gráfico 22:** Distribuição geral das formas *tu*, *você* e *o senhor* em Florianópolis a partir dos testes de produção linguística.

No gráfico anterior vemos que a maior ocorrência da forma *você* é entre os mais jovens e menos escolarizados (40%), seguida pelos mais velhos e mais escolarizados (28%), pelos mais jovens e mais escolarizados (19%) e pelos mais velhos e menos escolarizados (11%).

A maior frequência de *o senhor* é encontrada entre os mais jovens e mais escolarizados (40%), seguida pelos mais velhos e menos escolarizados (35%) e pelos mais jovens e menos escolarizados que apresentam exatamente a mesma frequência dos mais velhos e mais escolarizados (31%).

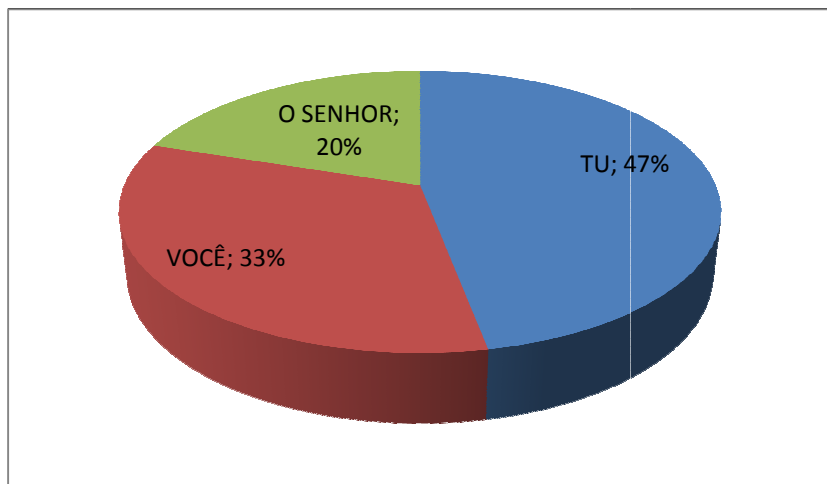
Devemos observar que esses resultados diferem um pouco daqueles encontrados na amostra de entrevistas sociolinguísticas apresentados no início deste capítulo. Entretanto, é importante



esclarecer que, para os testes, foram previstos todos os tipos de relação – simétrica, assimétrica descendente e assimétrica ascendente – exatamente para proporcionar o aparecimento de todas as formas (*tu*, *você* e *o senhor*) e, como veremos a seguir, essas relações configuraram o fator mais relevante estatisticamente para a escolha do pronome de segunda pessoa do discurso.

### 3.2.2.1 Os testes de produção – rodadas estatísticas

Conforme já mencionamos, dos 127 testes aplicados a informantes de Florianópolis, separamos<sup>121</sup> 40 (5 de cada célula social) para categorizarmos e submetemos às rodadas estatísticas do programa Goldvarb (2001). A partir disso, obtivemos 306 dados de *tu*, *você* e *o senhor* que podemos ver distribuídos no gráfico a seguir.



**Gráfico 23:** Distribuição geral das formas *tu*, *você* e *o senhor* nos testes de produção.

Como vemos nesses resultados, o pronome *tu* é, de forma geral, o mais usado pelos ilhéus para se dirigir ao interlocutor com o maior

<sup>121</sup> Os critérios de separação foram: (i) o preenchimento de todo o teste e (ii) a legibilidade da escrita.

número de ocorrências (47%). A forma *você* é a segunda mais usada (33%) e, por fim, a forma *o senhor* é a menos utilizada (20%).

Embora as frequências sejam diferentes, podemos verificar que esses resultados vão na mesma direção daqueles encontrados a partir da amostra de entrevistas (seção 3.1).

Conforme mencionamos na seção 2.4, a partir das respostas dadas aos testes de produção, categorizamos e analisamos todos os dados de construções que apresentavam os pronomes de segunda pessoa do singular, bem como verbos com pronome nulo, ou seja, aquelas construções em que os informantes não preenchiam um dos pronomes.

Os grupos de fatores controlados foram 8: *i) preenchimento ou não do sujeito; ii) paralelismo sujeito e possessivo; iii) paralelismo sujeito e clítico; iv) paralelismo sujeito e oblíquo tônico; v) tipo de relação entre os interlocutores; vi) sexo; vii) escolaridade; viii) faixa etária.*

Como vemos, os grupos de fatores controlados nos testes não são exatamente os mesmos grupos controlados no *corpus* de entrevistas, ou seja, deixamos de controlar aqui cinco grupos: *i) a concordância com o verbo; ii) o tipo de interlocução; iii) a localidade, iv) o indivíduo e v) a diazonalidade.*

A concordância com o verbo não foi possível controlarmos porque o verbo já vinha preenchido no teste, ou seja, o informante não tinha a opção de escrever a frase inteira porque ele deveria apenas preencher as lacunas com os pronomes.

O tipo de interlocução também não foi possível controlar porque todas as construções previam um discurso reportado de si mesmo, isto é, o próprio comando do teste informava o seguinte: *imagine que você esteja convidando uma amiga ou um amigo para uma festa e quer saber se ela(ele) levará o(a) namorado(a). Então, como você diria?*

A localidade e a diazonalidade não puderam ser controladas porque os testes foram aplicados somente na região central de Florianópolis sem o controle do bairro onde os informantes moram, pois no cabeçalho do teste perguntamos somente pela *cidade onde mora*, o que posteriormente impossibilitou que fizéssemos a separação dos testes por bairro.

O indivíduo não pôde ser controlado porque isso impossibilitaria as rodadas estatísticas do programa Goldvarb (2001), pois ele não aceitaria 40 caracteres diferentes para uma única variável.

A partir da categorização dos dados, realizamos análises unidimensionais considerando a alternância entre os pronomes *tu*, *você* e *o senhor* e multidimensionais considerando somente a alternância entre

os pronomes *tu* e *ocê*. A partir dessas rodadas, o programa Goldvarb (2001) selecionou cinco grupos de fatores como relevantes para a aplicação do *tu* em Florianópolis na seguinte ordem de relevância:

- 1° tipo de relação entre os interlocutores;
- 2° paralelismo sujeito e clítico;
- 3° sexo;
- 4° faixa etária e
- 5° paralelismo sujeito e possessivo.

Os grupos descartados foram: i) *preenchimento do sujeito*; ii) *escolaridade* e iii) *paralelismo sujeito e oblíquo tônico*.

Como vimos, os grupos de fatores selecionados pelo programa Goldvarb (2001) foram praticamente os mesmos selecionados a partir dos dados da amostra de entrevistas, alterando apenas a ordem de relevância (ver seção 3.1.1) e sendo descartado o fator *escolaridade*.

A seguir discutiremos cada um dos fatores selecionados pelo programa Goldvarb (2001) seguindo a mesma ordem de discussão realizada na análise das entrevistas.

### 3.2.2.1.1 Variáveis linguísticas

Como vimos, dentre as variáveis linguísticas controladas, duas foram selecionadas pelo Programa Goldvarb (2001): (i) *paralelismo sujeito e clítico* e (ii) *paralelismo sujeito e possessivo*. Vamos agora aos resultados e à discussão dessas variáveis.

#### 3.2.2.1.1.1 Paralelismo sujeito e clítico

A variável *paralelismo sujeito e clítico* foi a segunda a ser selecionada pelo programa estatístico Goldvarb (2001). A seguir, apresentamos um exemplo de comando para a produção de pronomes de segunda pessoa do discurso e de clíticos de segunda pessoa. Apresentamos, também, um exemplo de resposta dada a esses comandos, retirado da nossa amostra de testes.

(50) *Imagine que você esteja convidando esse(a) seu(sua) amigo(a) para ir até a sua casa para contar alguma coisa importante a ele(a). Como você diria?*

( x ) *Tu pode(s) vir aqui que eu tenho que te contar uma coisa*  
 ( ) *Você pode vir aqui que eu tenho que \_\_\_\_ contar uma coisa \_*  
 ( ) *o(a) senhor(a) pode vir aqui que eu tenho que \_\_\_\_ contar uma coisa \_\_\_\_* (M3CCt)<sup>122</sup>.

Vejamos os resultados das rodadas da tabela a seguir.

<b>Paralelismo</b>	<b>Apl./Total = %</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Formas paralelas</b>	41/63 = 65%	0,61
<b>Formas não paralelas</b>	1/14 = 7%	0,02
<b>TOTAL</b>	42/77 = 54%	

**Tabela 63:** Uso de *tu* em relação ao paralelismo sujeito e clítico.

Nossa hipótese, como já vimos anteriormente, era que os informantes que utilizam a forma *tu* utilizam também o clítico *te*. Como podemos visualizar na tabela anterior, nossa hipótese foi atestada, pois as formas paralelas favorecem a ocorrência de *tu* apresentando peso relativo de 0,61. Por outro lado, as formas não paralelas desfavorecem o uso de *tu* com peso relativo de 0,02. Esses resultados vão ao encontro daqueles encontrados a partir da amostra de entrevistas, demonstrando que tanto a fala real (dados empíricos) quando a percepção dos informantes (testes de produção) vão na mesma direção, o que corrobora as afirmações que fizemos na seção 3.1.1.1.1 e com a tendência de “marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros” (POPLACK, 1980; NARO, 1981 apud SCHERRE e NARO, 1993,p.3).

Ao olharmos para a frequência dos clíticos em cada uma das formas estudadas, *tu*, *você* e *o senhor*, temos o seguinte resultado.

<b>Paralelismo</b>	<b><i>Tu</i></b>	<b><i>Você</i></b>	<b><i>O senhor</i></b>
<b>Formas paralelas</b>	41/63 = 65%	10/63 = 15%	12/63 = 19%
<b>Formas não paralelas</b>	1/14 = 7%	6/14 = 42%	7/14 = 50%
<b>TOTAL</b>	42/77 = 54%	16/77 = 20%	19/77 = 24%

**Tabela 64:** Distribuição dos clíticos nas formas *tu*, *você* e *o senhor*

Como vimos, temos 42 ocorrências de *tu* combinados com clíticos e desse total, 41 se combinam com formas paralelas – 65% do

<sup>122</sup> M = masculino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro), t = informante dos testes.

total de ocorrências, o que equivale a 97% do total das ocorrências com *tu* – e apenas uma ocorrência com forma não paralela – 7% do total de ocorrências, o que equivale a 2,38% do total de ocorrências com *tu*. Vejamos a seguir exemplos de *tu* com formas clíticas paralelas e não paralelas:

(51) ( x ) *Tu pode(s) vir aqui que eu tenho que te contar uma coisa* (M3Cct)<sup>123</sup>.

(52) ( x ) *Tu pode(s) vir aqui que eu tenho que lhe contar uma coisa* (M1Cct)<sup>124</sup>.

Vejamos a seguir exemplos de *você* com formas clíticas paralelas e não paralelas:

(53) ( x ) *Você pode vir aqui que eu tenho que lhe contar uma coisa* \_\_\_\_\_(M1Cct)<sup>125</sup>.

(54) ( x ) *Você pode vir aqui que eu tenho que te contar uma coisa* \_\_\_\_\_(M1Act)<sup>126</sup>.

Como vimos, a forma *você* segue praticamente na mesma direção, mas não com a mesma proporção, pois temos 10 ocorrências com formas paralelas, ou seja, combinações de *você* + *lhe*, o que significa 15% do total de ocorrências paralelas. Porém, é importante observarmos que temos seis ocorrências de *você* com formas clíticas não paralelas, ou seja, combinações de *você* + *te*. Dito de outra forma, do total de 16 ocorrências de *você* + *clítico*, temos seis delas (37,5% das ocorrências) não paralelas, o que é um número significativo visto que isso contraria a tendência de que marcas levam a marcas. Nesse sentido, podemos retomar o quadro de Perini (2010) que coloca a forma oblíqua *te* como paralela à forma reta *você* no PB e diante dos nossos resultados

---

<sup>123</sup> M = masculino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro), t = informante dos testes.

<sup>124</sup> M = masculino, 1 = menos escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro), t = informante dos testes.

<sup>125</sup> M = masculino, 1 = menos escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro), t = informante dos testes.

<sup>126</sup> M = masculino, 1 = menos escolaridade, A = mais velhos, C = localidade (centro), t = informante dos testes.

poderíamos concordar com o autor sugerindo que esse tipo de combinação existe no PB de Florianópolis. Vejamos novamente o quadro:

<i>Eu</i>	<i>Me, mim, -migo</i>
<b><i>Você, (tu)</i></b>	<b><i>Te, (-tigo), (ti), (lhe)</i></b>
<i>Ele, ela</i>	-
<i>Nós</i>	<i>Nos, -nosco</i>
<i>Vocês</i>	-
<i>Eles, elas</i>	-
[reflexivo]	<i>Se</i>

**Quadro 6:** Pronomes pessoais: retos e oblíquos

**Fonte:** Perini (2010, p. 116 – com adaptações)

Todavia, devemos admitir que nossa quantidade de dados é muito pequena para fazer afirmações mais contundentes a esse respeito, porém, essas observações abrem discussões relevantes para investigações futuras.

Vemos também que a forma *o senhor* segue na mesma direção, porém com proporções diferentes, pois temos 12 ocorrências desse pronome com formas clíticas paralelas, 19% do total de ocorrências paralelas (*o senhor + seu*) e 7 ocorrências com formas clíticas não paralelas (*o senhor + teu*) 50% das ocorrências de formas não paralelas. Ao observarmos separadamente os dados de clíticos com a forma *o senhor*, vemos apenas 19 dados e, desse total, 63% são formas paralelas e 37% são formas não paralelas. Esses resultados indicam uma maior preferência pelas formas paralelas, mas também mostram um grande percentual de ocorrências de formas não paralelas.

Vejamos os exemplos a seguir:

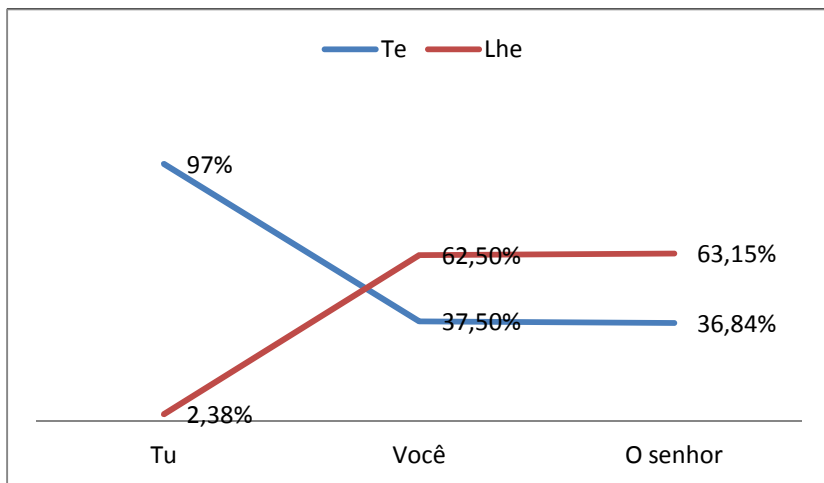
(55) ( x ) *o(a) senhor(a) pode vir aqui que eu tenho que lhe contar uma coisa \_\_\_\_\_ (M3CCT)<sup>127</sup>.*

(56) ( x ) *o(a) senhor(a) pode vir aqui que eu tenho que te contar uma coisa \_\_\_\_\_ (F3CCT)<sup>128</sup>.*

<sup>127</sup> M = masculino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro), t = informante dos testes.

<sup>128</sup> F = feminino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro), t = informante dos testes.

Em suma, o uso das formas *tu*, *você* e *o senhor* com os clíticos, em Florianópolis, podem ser visualizados no gráfico a seguir.



**Gráfico 24:** Distribuição da correlação entre as formas *tu*, *você* e *o senhor* e os clíticos *te* e *lhe*

Como vemos no gráfico anterior, o paralelismo entre *tu* e *te* está bastante definido, alcançando 97% das ocorrências, enquanto o paralelismo entre *você* e *lhe* e *o senhor* e *lhe* sofre uma certa “ameaça” de não paralelismo atingindo 37,5% e 36,84% de combinação com *te*, respectivamente.

A partir desses resultados, não podemos afirmar, como fez Perini (2010), que o oblíquo *te* seja o correspondente absoluto da forma reta *você* deixando a forma oblíqua *lhe* em segundo plano, para uso restrito, ou seja, nossos informantes, em sua maioria, afirmam que fazem essa correspondência entre *você* e *lhe* e também entre *o senhor* e *lhe*.

Entretanto, devemos observar que esses resultados diferem um pouco daqueles encontrados a partir da amostra de entrevistas, principalmente no que se refere às ocorrências de clíticos com a forma *você*, pois naqueles dados encontramos menos ocorrências de formas paralelas (30%) e mais ocorrências de formas não paralelas (70%). Sendo assim, devemos ponderar que as entrevistas reproduzem a fala real dos indivíduos enquanto os testes reproduzem apenas a forma como os indivíduos acham que falam.

### 3.2.2.1.1.2 Paralelismo sujeito e possessivo

O *paralelismo sujeito e possessivo* foi a quinta variável selecionada pelo programa estatístico Goldvarb (2001) como relevante. Assim como a variável anterior (*paralelismo sujeito e clítico*) nossa hipótese era a de que os informantes que utilizaram a forma *tu* utilizassem também o possessivo *teu/tua*.

A seguir, apresentamos um exemplo de comando para a produção de um pronome sujeito de segunda pessoa do discurso e de um possessivo. Apresentamos também um exemplo de resposta dada a esse comando retirada da nossa amostra de testes:

(57) *Imagine que você esteja convidando uma amiga ou um amigo para uma festa e quer saber se ela(ele) levará o(a) namorado(a). Então, como você diria?*

( x ) *tu vai(s) à(na) festa de hoje com o(a) \_teu\_ namorado(a)?*

( ) *você vai à(na) festa de hoje com o(a) \_\_\_\_\_ namorado(a)?*

( ) *o(a) senhor(a) vai à(na) festa de hoje com o(a) \_\_\_\_\_ namorado(a)? (M3Cct)<sup>129</sup>*

Vejamos os resultados das rodadas da tabela a seguir.

<b>Paralelismo</b>	<b>Apl./Total = %</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Formas paralelas</b>	51/103 = 49%	0,54
<b>Formas não paralelas</b>	6/17 = 35%	0,26
<b>TOTAL</b>	57/120 = 47%	

**Tabela 65:** Uso de *tu* em relação ao paralelismo sujeito e possessivo

Como podemos visualizar na tabela 65, a hipótese de marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros mais uma vez se confirmou, pois as formas paralelas favorecem a ocorrência de *tu* apresentando peso relativo de 0,54. Por outro lado, as formas não paralelas desfavorecem o uso de *tu* com peso relativo de 0,26.

Observando o número de ocorrências de *tu* com *teu/tua* e com *seu/sua*, verificamos um total de 57 dados, ou seja, 47% do total de dados encontrados. Entretanto, se olharmos somente para os resultados

<sup>129</sup> M = masculino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro), t = informante dos testes.



da correlação de *tu* com *teu/tua* vemos um grande número de dados (51), o que equivale a 89% das ocorrências com *tu*. Ao olharmos somente para os dados de *tu* com *seu/sua*, vemos um número bastante reduzido de ocorrências (6), o que equivale a 10,5% dos dados com *tu*.

Verificando somente os percentuais de ocorrências com as formas *tu*, *você* e *o senhor* chegamos à seguinte tabela.

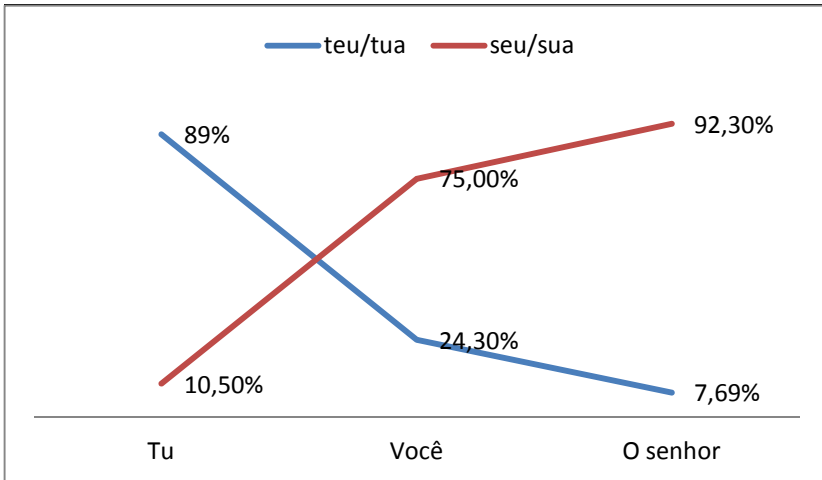
<b>Paralelismo</b>	<b><i>Tu</i></b>	<b><i>Você</i></b>	<b><i>O senhor</i></b>
<b>Formas paralelas</b>	51/103 =49%	28/103 = 27%	24/103=23%
<b>Formas não paralelas</b>	6/17 = 35%	9/17 = 52%	2/17=11%
<b>TOTAL</b>	57/120 =47%	37/120 = 30%	26/120=21%

**Tabela 66:** Distribuição dos possessivos nas formas *tu*, *você* e *o senhor*

Como vemos, do total de ocorrências de pronomes sujeitos com pronomes possessivos, temos 47% dos dados com *tu*, 30% com *você* e 21% com *o senhor*.

Observando o número de ocorrências de *você* com *teu/tua* e com *seu/sua*, verificamos um total de 37 dados, ou seja, 30% do total de dados encontrados. Entretanto, se olharmos somente para o *você* com suas formas paralelas *seu/sua* vemos um grande número de dados (28), o que equivale a 75% das ocorrências com *você*. Ao observarmos somente os dados de *você* com suas formas não paralelas *teu/tua*, vemos um número bastante reduzido de ocorrências (9), o que equivale a 24,3% dos dados com *você*.

Ao verificarmos as ocorrências de possessivos com *o senhor*, vemos que os resultados vão na mesma direção dos demais pronomes, pois temos 24 dados de *o senhor* com suas formas paralelas *seu/sua*, o que equivale a 92,3% das ocorrências e temos apenas 2 dados de *o senhor* com formas não paralelas *teu/tua*, o que equivale a 7,69% dos dados. Esses resultados podem ser visualizados no gráfico a seguir:



**Gráfico 25:** Distribuição da correlação entre as formas *tu*, *você* e *o senhor* e os possessivos *teutua/seusua*

Como vemos no gráfico anterior, o paralelismo entre *tu* e *teu/tua* está bastante definido, alcançando 89% das ocorrências, assim como o paralelismo entre *o senhor* e *seu/sua* que alcançou 92,3%. Enquanto isso, o paralelismo entre *você* e *seu/sua* é um pouco menor, 75%. Entretanto, todos os resultados estão na mesma direção, ou seja, quando o falante escolhe um pronome, ele tende a usar um pronome possessivo paralelo.

É importante ressaltar que esses resultados vão ao encontro daqueles encontrados a partir da amostra de entrevistas, embora tivéssemos um número bastante reduzido de dados com possessivos. Mesmo assim, vemos que esses resultados também vão ao encontro daqueles encontrados por Arduin (2005), confirmando, novamente o efeito do *paralelismo* quando o pronome escolhido é *tu*.

### 3.2.2.1.2 Variáveis sociais

Das variáveis sociais controladas em nossa pesquisa – *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade* – duas foram selecionadas como estatisticamente relevantes pelo programa Goldvarb (2001): *sexo* e *faixa etária*. Vamos agora aos resultados e à discussão dessas variáveis.

### 3.2.2.1.2.1 Sexo

A variável *sexo* foi a terceira a ser selecionada pelo programa Goldvarb 2001. Na tabela 67 a seguir, podemos visualizar a distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular segundo essa variável social:

<b>Sexo do informante</b>	<b>Apl./Total = %</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Feminino</b>	84/156 = 53%	0,61
<b>Masculino</b>	61/151 = 40%	0,38
<b>TOTAL</b>	145/307 = 47%	

**Tabela 67:** Uso de *tu* em relação ao *sexo do informante*

Assim como nos resultados da amostra de entrevistas, os resultados dos testes também mostram que o sexo feminino favorece o uso de *tu* com 0,61 de peso relativo e com o maior número de ocorrências (84), o que equivale a 53% dos dados de *tu*. Já o sexo masculino desfavorece o uso de *tu* com 0,38 de peso relativo e com um número menor de ocorrências (61), o que equivale a 40% dos dados de *tu*.

Esses resultados atestam nossa hipótese de que as mulheres dizem que usam mais *tu* que os homens e mais uma vez os resultados corroboram as afirmativas que fizemos na seção 3.1.1.2.1 deste trabalho.

Ao observarmos o comportamento dos sexos na distribuição das formas *tu*, *ocê* e *o senhor*, temos o seguinte resultado.

<b>Sexo do informante</b>	<b>Tu</b>	<b>Você</b>	<b>O senhor</b>
<b>Feminino</b>	84/156 = 53%	41/156 = 26%	31/156 = 19%
<b>Masculino</b>	61/151 = 40%	59/151 = 39%	31/151 = 20%
<b>TOTAL</b>	145/307 = 47%	100/307 = 32%	62/307 = 20%

**Tabela 68:** Uso de *tu*, *ocê* e *o senhor* em relação ao *sexo do informante*.

Conforme já mencionamos anteriormente e como podemos verificar na tabela anterior, as mulheres usam mais *tu* do que os homens. Por outro lado, os homens usam mais *ocê*, pois produziram 59 dados, o que equivale a 59% das ocorrências desse pronome, enquanto as mulheres produziram 41 dados, o que equivale a 41% das ocorrências de *ocê*. Já a forma *o senhor* está igualmente distribuída nos dois sexos, pois ambos produziram 31 vezes esse pronome.

### 3.2.2.1.2.2 Faixa etária

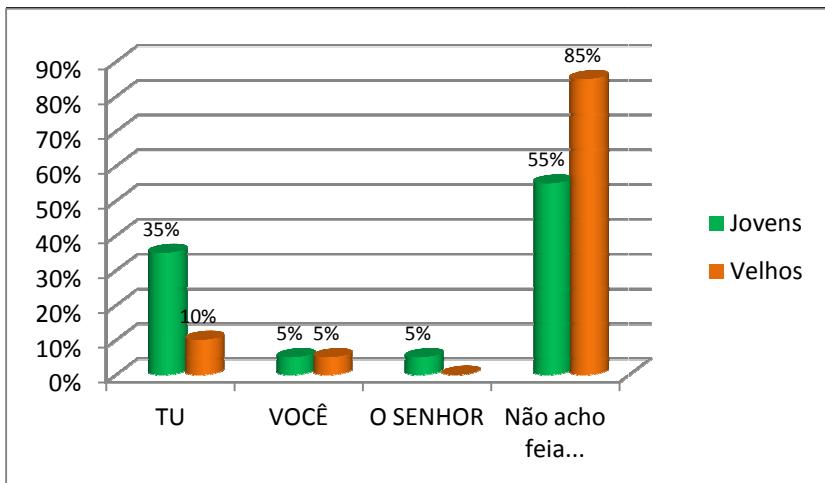
A quarta variável a ser selecionada pelo programa estatístico foi a *faixa etária* do informante. Conforme já mencionamos anteriormente, nossa hipótese era que a frequência de *tu* fosse mais recorrente na fala dos *mais jovens*. Os resultados atribuídos a cada fator podem ser visualizados na tabela a seguir.

<b>Faixa etária</b>	<b>Apl./Total = %</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>+ jovens</b>	64/143 = 44%	0,41
<b>+ velhos</b>	81/164 = 49%	0,58
<b>TOTAL</b>	145/307 = 47%	

**Tabela 69:** Uso de *tu* em relação à *faixa etária* do informante

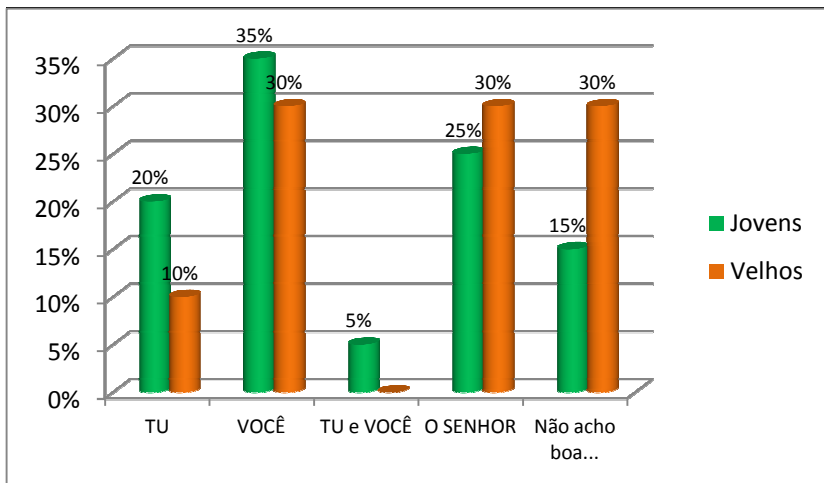
Como vemos, os *mais velhos* lideram o uso do pronome *tu* com 49% de frequência de uso e 0,58 de peso relativo. Já os *mais jovens* apresentam uma frequência de uso menor (44%) desfavorecendo o uso de *tu*, com peso relativo de 0,41. Esses resultados vão contra aqueles encontrados a partir da amostra de entrevistas, nas quais tínhamos os *mais jovens* liderando o uso do pronome *tu* com 96% de frequência de uso e 0,88 de peso relativo e os *mais velhos* apresentando uma frequência de uso menor (72%) desfavorecendo o uso de *tu*, com peso relativo de 0,22.

Como estamos tratando de testes de produção, talvez esse resultado esteja sendo influenciado pelo julgamento que os *mais jovens* fazem da forma *tu*, pois no início desta seção discutimos sobre a forma que os indivíduos acham feia ou ruim e, diante dessa pergunta, vemos que os *jovens* apresentaram as seguintes respostas:



**Gráfico 26:** Distribuição das respostas dos testes de Florianópolis referente à forma avaliada como feia ou ruim, considerando a idade do informante.

De acordo com os resultados expressos no gráfico anterior, 35% dos mais jovens consideram a forma *tu* feia ou ruim enquanto apenas 10% dos mais velhos tiveram a mesma opinião. Sendo assim, o fato de os mais jovens avaliarem negativamente o uso do *tu* pode ter influenciado na escolha feita por eles nos testes de produção. Para testar essa hipótese, vejamos a seguir o julgamento dos informantes referente à forma que eles acham boa ou mais bonita.



**Gráfico 27:** Distribuição das respostas dos testes de Florianópolis referente à forma avaliada como boa ou mais bonita, considerando a idade do informante.

Como vemos no gráfico 27, a maioria dos mais jovens 35% acha a forma *ocê* boa ou mais bonita enquanto apenas 20% têm a mesma opinião sobre a forma *tu*. Sendo assim, podemos sugerir que essa avaliação positiva do *ocê* tenha contribuído para que os mais jovens reproduzissem mais essa forma nos testes de produção.

A seguir podemos observar o comportamento do sexo da faixa etária do informante na distribuição das formas *tu*, *ocê* e *o senhor*.

Faixa etária do informante	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>O senhor</i>
+ jovens	64/143 = 44%	57/143 = 39%	22/143 = 15%
+ velhos	81/164 = 49%	43/164 = 26%	40/164 = 24%
<b>TOTAL</b>	<b>145/307=47%</b>	<b>100/307=32%</b>	<b>62/307=20%</b>

**Tabela 70:** Uso de *tu*, *ocê* e *o senhor* em relação à faixa etária do informante.

Como vemos na tabela anterior, os mais jovens apresentam maior frequência no uso de *ocê* (57 dados = 57%), enquanto os mais velhos lideram a produção de *tu* e de *o senhor* com 81 dados = 55,86% de *tu* e 40 dados = 64,51% de *o senhor*.

### 3.2.2.1.3 Variáveis sociodiscursivas

Conforme já mencionamos anteriormente, *o tipo de relação entre os interlocutores* foi o único fator sociodiscursivo possível de ser controlado nos nossos testes. A seguir discutiremos os resultados referentes a essa variável.

#### 3.2.2.1.3.1 Tipo de Relação entre os Interlocutores

*O tipo de relação entre os interlocutores* foi considerado pelo programa estatístico Goldvarb (2001) como a variável mais relevante para a aplicação do *tu*.

Controlamos aqui 3 tipos de relação entre os interlocutores: *i) relação simétrica; ii) relação assimétrica descendente e ii) relação assimétrica ascendente*, diferentemente do que fizemos com a amostra das entrevistas quando tivemos que amalgamar os tipos de relação. Nossa hipótese era que, ao se dirigir ao inferior e aos iguais, a forma mais utilizada fosse o *tu* e ao se dirigir ao superior a forma mais utilizada fosse o *ocê* ou o *senhor*.

A seguir, apresentamos um exemplo de comando dado para cada tipo de relação entre interlocutores controlado em nossa amostra de testes e também um exemplo de resposta dada a esses comandos.

Relação simétrica:

(58) *Imagine que você esteja convidando uma amiga ou um amigo para uma festa e quer saber se ela(ele) levará o(a) namorado(a). Então, como você diria?*

( x ) *tu vai(s) à(na) festa de hoje com o(a) \_teu\_namorado(a)?*

( ) *você vai à(na) festa de hoje com o(a)\_\_\_\_\_ namorado(a)?*

( ) *o(a) senhor(a) vai à(na) festa de hoje com o(a)\_\_\_\_\_ namorado(a)? (M3CCt)<sup>130</sup>.*

Relação assimétrica ascendente:

---

<sup>130</sup> M = masculino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro), t = informante dos testes).

(59) *Imagine que você tenha entregado um convite para o(a) seu(sua) chefe ou professor(a) para uma festa. Você diz que ele(a) pode levar acompanhante e então pede confirmação. Então, como você diria?*

( ) *tu vai(s) à/na festa de hoje com \_\_\_\_\_ esposo(a)?*

( ) *você vai à/na festa de hoje com \_\_\_\_\_ esposo(a)?*

( x ) *o/a senhor(a) vai à/na festa de hoje com \_\_seu/sua\_ esposo(a)?* (F3CCt)<sup>131</sup>.

Relação assimétrica descendente:

(60) *Imagine que você tenha um(a) empregado(a) e que o(a) tenha convidado para uma festa. Você diz que ele(a) pode levar acompanhante e então pede confirmação. Como você diria?*

( x ) *tu vai(s) à/na festa de hoje lá em minha casa com o(a) \_teu/tua\_ namorado(a)/esposo(a)?*

( ) *você vai à/na festa de hoje lá em minha casa com o(a) \_\_\_\_\_ namorado(a)/esposo(a)?*

( ) *o(a) senhor(a) vai à/na festa de hoje lá em minha casa com o(a) \_\_\_\_\_ namorado(a)/esposo(a)?* (F3CCt)<sup>132</sup>.

Vejam os resultados das rodadas estatísticas na tabela a seguir.

<b>Tipo de relação entre os interlocutores</b>	<b>Apl./Total = %</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Relação simétrica</b>	86/122 = 70%	0,63
<b>Relação assimétricas ascendentes</b>	32/139 = 23%	0,25
<b>Relação assimétrica descendente</b>	27/46 = 58%	0,63
<b>TOTAL</b>	145/307 = 47%	

**Tabela 71:** Uso de tu em relação ao tipo de relação entre os interlocutores

Como podemos verificar na tabela anterior, a relação simétrica e a relação assimétrica descendente são as que mais favorecem o uso de *tu* apresentando 0,63 de peso relativo nas duas relações, embora as

<sup>131</sup> F = feminino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro), t = informante dos testes).

<sup>132</sup> F = feminino, 3 = mais escolaridade, C = mais jovem, C = localidade (centro), t = informante dos testes).



frequências tenham sido um pouco diferentes, pois temos 70% de frequência nas relações simétricas e 58% nas relações assimétricas descententes.

As relações assimétricas ascendentes apresentam-se como sendo as mais desfavorecedoras do uso de *tu* com 0,25 de peso relativo. Esses resultados corroboram os encontrados a partir das entrevistas sociolinguísticas e discutidos na seção 3.1.1.3.1 deste trabalho.

Ao observarmos a distribuição das formas *tu*, *você* e *o senhor* nos três tipos de relação, vemos o seguinte resultado.

<b>Tipo de relação</b>	<b><i>Tu</i></b>	<b><i>Você</i></b>	<b><i>O senhor</i></b>
<b>Simétrica</b>	86/122=70%	36/122=29%	0
<b>Ass. ascendente</b>	32/139=23%	51/139=36%	56/139=40%
<b>Ass. descentente</b>	27/46 =58%	13/46=28%	6/46=13%
<b>TOTAL</b>	<b>145/307=47%</b>	<b>100/307=32%</b>	<b>62/307=20%</b>

**Tabela 72:** Uso de *tu*, *você* e *o senhor* em relação ao tipo de relação entre os interlocutores

Como vemos na tabela anterior, o pronome *tu* é o preferido pelos informantes para estabelecer diálogo em relações de simetria entre os interlocutores alcançando 70% de frequência. O pronome *você* é o segundo mais utilizado para esse tipo de relação alcançando 29% de frequência. Entretanto, o pronome *o senhor* não é usado para a relação entre iguais, porém, ele é o preferido para as relações assimétricas ascendentes (se inferior para superior) alcançando 40% de frequência seguido pelo *você*, com 36% de frequência e pelo *tu*, com apenas 23%.

Para a relação assimétrica descendente (de superior para inferior) o *tu* também é o preferido pela maioria dos informantes, alcançando 58% de frequência, seguido pelo *você*, com 28% e pelo *o senhor* com apenas 13%.

Esses resultados vão ao encontro da semântica do poder e da solidariedade de Brown e Gilman (1960), a partir da qual o poder é *não recíproco*, pois em um relacionamento entre pelo menos duas pessoas, estas não podem ter poder na mesma área de comportamento, dessa forma, o superior diz *T* e recebe *V*. Em nossos dados, o *V* equivale tanto à forma *você* quanto à forma *o senhor*. Já a solidariedade é simétrica e recíproca, ou seja, o indivíduo diz *T* ao amigo e recebe *T*. Em nossos dados, o *T* equivale tanto à forma *tu* quanto à forma *você*.

Diante dessas questões, podemos sugerir que o *você*, em nossa amostra, funciona como um “coringa” no tratamento, pois pode servir

tanto para relações simétricas quanto para relações assimétricas descendentes e ascendentes.

Vimos até aqui os resultados gerais da alternância entre *tu, você e o senhor* encontrados em nossa pesquisa baseada em uma amostra de entrevistas e em uma amostra de testes de percepção e produção. Além disso, vimos os resultados das rodadas estatísticas realizadas nas duas amostras e constatamos que as variáveis selecionadas como relevantes são praticamente as mesmas e que os resultados vão na mesma direção, exceto quando tratamos da variável *faixa etária*.

A seguir, apresentamos as considerações finais do nosso trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, nesta tese, investigar e mapear o fenômeno da variação pronominal de segunda pessoa do singular, *tu/você/o senhor*, na função de sujeito e sua correlação com as formas pronominais que aparecem na função de complementos verbais e de adjuntos (oblíquos e possessivos) a partir de dados sincrônicos do português brasileiro, especialmente da variedade usada na cidade de Florianópolis – Santa Catarina, a fim de compreender a natureza e a extensão do encaixamento desses pronomes no sistema linguístico dessa comunidade.

Os resultados confirmam uma de nossas hipóteses, mostrando que os ilhéus preferem, de uma forma geral, o uso de *tu* para o tratamento com o seu interlocutor.

Considerando nossas perguntas e hipóteses de pesquisa, podemos concluir que:

(i) Os grupos de fatores linguísticos, sociais, sociodiscursivos e geográficos que condicionam a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do discurso no português falado em Florianópolis são, para as duas amostras utilizadas: *a) sexo, b) faixa etária, c) tipo de relação entre os interlocutores, d) paralelismo sujeito e clítico e e) paralelismo sujeito e possessivo.*

Para a amostra de entrevistas, os fatores *diazonalidade e escolaridade* também se mostraram relevantes.

Diante desses resultados, podemos afirmar que, em Florianópolis, as mulheres usam mais *tu* que os homens, os homens usam mais *você* que as mulheres e a forma *o senhor* está distribuída equilibradamente entre os dois sexos.

Podemos afirmar também que em Florianópolis os mais jovens usam mais a forma *tu* do que os mais velhos, que os mais velhos usam mais a forma *você* que os mais jovens e que a forma *o senhor* é distribuída equilibradamente entre as duas faixas etárias com um percentual de ocorrências levemente maior entre os mais velhos.

Afirmamos também que o tipo de relação entre os interlocutores é relevante para a escolha dos pronomes de segunda pessoa, pois para dirigir-se ao inferior, a forma mais utilizada pelo superior é *tu*, o que indica *poder*, enquanto na relação entre iguais, a forma mais utilizada é a *solidária tu* e no caso de inferiores se dirigindo aos superiores, a forma mais utilizada é *o senhor* seguida de *você* indicando *respeito e formalidade*.

Sobre os paralelismos entre *sujeito e possessivo* e entre *sujeito e clítico*, podemos afirmar que os falantes de Florianópolis usaram mais o paralelismo entre as formas, independentemente do pronome usado.

Com respeito à escolaridade, podemos concluir que os mais escolarizados usam mais a forma *tu* do que os menos escolarizados e os menos escolarizados usam mais as formas *você e o senhor* do que os mais escolarizados.

Sobre a diazonalidade, podemos afirmar que os indivíduos das zonas menos urbanas usam mais a forma *tu* do que os indivíduos das zonas mais urbanas, que estes usam com mais frequência a forma *você* do que os indivíduos das zonas menos urbanas e que a forma *o senhor* é usada igualmente nas duas zonas.

Além disso, podemos afirmar que praticamente todos os resultados dos testes de percepção e produção corroboram os resultados da amostra de entrevistas, exceto quando tratamos da *faixa etária* que demonstrou resultados inversos e da *escolaridade* que não foi selecionada nas rodadas dos testes.

(ii) O pronome de segunda pessoa que os florianopolitanos garantem usar em situações de simetria (amigos, por ex.) é majoritariamente o *tu*, seguido por um baixo percentual de *você* e por um baixo percentual de uso alternado das duas formas (*tu e você*). Nas relações de assimetria com os pais, os ilhéus se dividem entre os que preferem o uso exclusivo de *tu* (35%) e os que usam somente *o senhor* (31%), além daqueles que afirmam usar a forma *você* (18%). Nas relações de assimetria com alguém superior (chefe ou professor, por ex.) a grande maioria dos ilhéus prefere o uso da forma *o senhor* e uma pequena parte deles divide a opinião entre o uso de *você* e o uso de *tu*, confirmando o caráter mais respeitoso e mais distante do *você* e de maior proximidade e intimidade do *tu* (ARDUIN, 2005), além do caráter mais polido, mais cortês e mais respeitoso de *o senhor* (CUNHA e CINTRA, 1985).

(iii) A maioria dos ilhéus avalia positivamente a forma *você* e a considera *boa* ou *mais bonita* que as demais formas de segunda pessoa (*tu e o senhor*) e, por outro lado, não consideram *feia ou ruim* nenhuma dessas formas, embora uma boa parte deles considere o *tu feio ou ruim* (34%).

(iv) Os florianopolitanos tendem a usar o *tu* com as formas *te, teu/tua e contigo* e as formas *você e o senhor* combinadas com as formas *lhe, seu/sua, com você e com o(a) senhor(a)* atestando o princípio do paralelismo formal em marcas levam a marcas e zeros levam a zeros (POPLACK, 1980).

No decorrer desta pesquisa, nos deparamos com dados inesperados que não puderam ser analisados com mais afinco. Um deles foi o grande número de testes respondidos por indivíduos moradores de Florianópolis, mas advindos de outras cidades do estado e também de outros estados. Acreditamos que é interessante realizar testes de percepção linguística nos diferentes estados da Região Sul e também das outras regiões a fim de captar as percepções dos informantes diante dos fenômenos variáveis da sua variedade e também captar as percepções desses informantes diante das outras variedades da sua língua.

Outro fenômeno interessante a ser estudado posteriormente é o uso do *você* como pronome de contato, pois muitos informantes, ao responder os testes, afirmavam que usam essa forma quando não conhecem a pessoa com quem estão se comunicando, ou seja, esse pronome, em Florianópolis, teria um determinado “prazo de validade” na interlocução.

Por fim, esperamos que esta tese sirva de informação e auxílio a todos aqueles que se interessam por conhecer um pouco mais do português falado em Florianópolis – SC. Acreditamos que é preciso conhecer as variedades do PB para que possamos desconstruir aqueles (pré)conceitos existentes em nossa sociedade e aqueles ensinados nas escolas do nosso país, pois o português falado no Brasil é um português brasileiro que é parte de nossa identidade como nação e como povo constituído por variedades.



## REFERÊNCIAS

ABREU, M. T. dos S. *Formas de tratamento no dialeto oral urbano de Curitiba*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1987.

ALMEIDA, G. de S.; DEUS, V. G. de. *A atuação da variável escolaridade na expressão da segunda pessoa em cartas dos séculos XIX e XX*. 2001. Disponível em: <[http://www.inventario.ufba.br/08/A atuação da variável corrigido.pdf](http://www.inventario.ufba.br/08/A%20atua%C3%A7%C3%A3o%20da%20vari%C3%A1vel%20corrigido.pdf)>. Acesso em: 3 mar. 2010.

\_\_\_\_\_. *A atuação da variável escolaridade na expressão da segunda pessoa em cartas dos séculos XIX e XX*. In: *inventario.ufba.br*, 2011.

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1985.

ALTENHOFEN, C. V.; PRUX, G. R. *Metodologia > Dimensões*. 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/projalma/metodologia/dimensoes.html>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S.; KOCH, W. et al. (Org.). *ALERS*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

ALTENHOFEN, C. V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do Alers. In: VANDRESEN, P. (Org). *Variação e mudança no português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 115-145.

ALVES, C. C. B.. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

ANDRADE, C. Q. *Tu e mais quantos? – a segunda pessoa na fala brasiliense*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2010.

ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

ARDUIN, J.; COELHO, I. L. A variação dos possessivos teu e seu e suas implicações estilísticas. *Variação, mudança e contato linguístico no português da Região Sul*. Pelotas, RS: EDUCAT, 2006.

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Volume 1: *Introdução*, Volume 2: *Cartas fonéticas e cartas morfossintáticas*. ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S.; KOCH, V. et al (Org.). Porto Alegre: ed. da UFRGS; Curitiba: ed. da UFPR, 2002. Disponível em: <[http://www.alers.ufsc.br/projeto\\_alers.htm](http://www.alers.ufsc.br/projeto_alers.htm)>. Acesso em: 13 jun. 2012.

AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

AZEVEDO, M. M. Sobre o emprego de você no português brasileiro actual. *Hispania*, [S.l.], v. 64, n. 2, p.273-278, 1981.

BARCIA, L. R. *As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BELLMANN, G. Variação e devariação. *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, n. 4, p. 7-20, 1999.

BIDERMAN, M. T. A. Formas de tratamento e estruturas sociais. *ALFA*, Marília, n. 18-19, p. 339-381, 1972-73.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEOK, T. (Ed.). *Style in Language*. Cambridge: MIT Press, p. 247-250, 1960.



BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). *Sociolinguistics: The essential readings*. United Kingdom: Blackwell, p. 156-176, 2003 [1960].

BUNSE, H.; KLASSMANN M. S. *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul (problemas, métodos e resultados)*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia, UFRGS, 1960.

CALVET, L-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, S. A. M. da S. A Geolinguística no Terceiro Milênio: Monodimensional ou Pluridimensional? *Revista do GELNE*, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 215-223, 2006.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. Dialetologia e ensino da língua materna. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. (Org). *Sociolinguística e ensino: contribuições para formação do professor de língua*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory – linguistic variation and its social significance*. Oxford UK/Cambridge USA: Blackwell, 1995.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M. A variação no uso dos pronomes *tu* e *você* em Santa Catarina. In: LOPES, C.; REBOLLO, L. (Org.) *Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Rio de Janeiro: 2011.

COMITÊ NACIONAL. *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. 2012. Disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/MetodologiaGeral>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

COSERIU, E. *Sentido y Tareas de la Dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas Centro de Linguística Hispánica, 1982.

CUNHA, C. de S. (Org.). *Estudos geo-sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-graduação em Letras Vernáculas, 2006.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CYRANKA, L. F. M.; RONCARATI, C. Crenças de professores e alunos de português de escolas públicas de Juiz de Fora-MG. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro II – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/EdUFF, p. 172, 2008.

DIAS, E. P. *O uso do tu no português brasileiro falado*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite o Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas/SP, 1995.

DUARTE, M. E. L.; LOPES, C. R. dos S. Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX. In: RAMOS, J. M. e ALKMIM, M. A. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: Ed. FALE/UFMG, 2007. v. 5.

FARACO, C. A. O tratamento *você* em Português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.

FURLAN, O. *A Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1986.

GONÇALVES, C. R. *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português*. Tese de Doutorado. USP. São Paulo, 2008.

HERÊNIO, K. K. P. *“Tu” e “você” em uma perspectiva intra-linguística*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.

ILARI, R. FRANCHI, C.; NEVES, M. H. de M. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: CASTILHO, A. T.;

BASÍLIO, M. (Org.). *Gramática do português falado: estudos descritivos*. v.4, 2.ed. rev. Campinas: Unicamp, 1996. p. 73-159.

KOCH, W. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. Contribuição do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul ao estudo da fronteira linguística entre o Brasil e o Uruguai. In:\_\_\_\_\_. *Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Inst. Goethe/ICBA, 1995. p.192-206

\_\_\_\_\_. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Ed.). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, 2000. p. 55-69.

KROCH, A. Morphosyntactic variation. In: BEALS et al (Ed.). *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society* (v. 2): The Parasession on Variation in Linguistic Theory, 1994.

KROCH, A. Syntactic change. In: BALTIN; COLLINS (Ed.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts. USA: Blackwell, 2001.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. Field Methods of the Project on Linguistic Change and Variation. *Sociolinguistic Working Paper Number 81*, Pennsylvania (Philadelphia): [s.n.], 1981.

\_\_\_\_\_. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Perspectives on Historical Linguistics*, Amsterdam-Philadelphia:John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 17-92.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwel, 1994.

\_\_\_\_\_. *Padrões Sociolinguísticos*. [1972]. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. YAEGER, M.; STEINER, R. A quantitative study of sound change in progress. Report on National Science Foundation Contract GS-3287. Philadelphia: U.S. Regional Survey, 1972.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language Society*, n.7, p. 171-182, 1978.

LEÃO, P. B. *Variação de “tu” e “você” no português falado no Sul do Brasil*. Disponível em: <file:///O:/Homepage/livro2/artigo\_paula.htm (1 of 8)>. Acesso em: 18 nov. 2003.

LIRA, A. F., SOUZA, L. F. M.; MELO, N. F. de. A variação no uso das formas de tratamento tu e Vmce /você em Manaus na segunda metade do século XIX. *Working Papers*, Florianópolis, p. 108-120, 2010.

LOPES, C. R. dos S. Correlações histórico-sociais e linguístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil – séculos XVIII e XIX. *Letras*, Rio de Janeiro: UFRJ, p. 187-214, 2006.

LOPES, C. R. dos S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. R. dos S. (Org.) *A Norma Brasileira em Construção*. Fatos lingüísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: UFRJ/ Pós-graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005.

LOPES, C. R. dos S. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA, A.; NASSER, S. M. G. da C. (Org.). *Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, v.17, 2009. p. 47-74.

LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, M. E. L. De “Vossa Mercê” a “Você”: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Org.) *Análise contrastiva de Variedades do Português: Primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-fólio, 2003. p. 61-76.

LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L.; SANTOS, V. M.; SILVA, A. S. Quem está do outro lado do túnel? *Tu* ou *você* na cena urbana carioca. Berlin: Neue Romania, 2009. p. 39.

LOPES, C. R. Pronomes Pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Org.). *Ensino de Gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2009.

LOPES, C. R. S.; DUARTE, M. E. L. De Vossa Mercê a Você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio. v. 1, 2003. p. 61-76.

LOPES, C. R. S. Correlações histórico-sociais e linguístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil - séculos XVIII e XIX. In: CIAPUSCIO, G. et al (Org.). *Sincronia y diacronia: de tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Frankfurt: Vervuert/Bibliotheca Ibero-Americana. v. 107, 2004. p. 187-214.

LOPES, C. R. S.; DUARTE, M. E. L. Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX. In: RAMOS, J.; ALKMIM, M. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. v. 5. Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: Ed. FALE/UFMG, 2007.

LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome 'tu' na fala do Sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, L. *Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região sul*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

LUCCA, N. N. G. *A variação tu/você na fala brasiliense*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2005.

MARGOTTI, F. W. Abordagem empiricista em trabalhos de variação sociolinguística. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, [S.l.], v. 4, n. 1, jul./dez. 2003.

MARTINS, G. F. *A alternância tu/você/senhora no município de Tefé – Estado do Amazonas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2010.

MATTOSO, J. C. Jr. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

MAY, G. H. *Labov e o fato social*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

MENON, O. da S. P. O sistema pronominal do português. *Revista Letras*, Curitiba, v. 44, p. 91-106, 1995.

\_\_\_\_\_. Clíticos e possessivos em Curitiba: implicações para o ensino. In: SIMPÓSIO NACIONAL DO GT DE SOCIOLINGUÍSTICA DA ANPOLL, II., 1996, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p.101-116.

\_\_\_\_\_. Pronome de Segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/ você/ o senhor em Vinhas da Ira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 121-163, mar. 2000.

MENON, O. P. S; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: *tu/você* no sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Ed.) *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-188.

MODESTO, A. T. T. *Formas de Tratamento no Português Brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos – SP*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

MOLLICA, M. C. Como o brasileiro fala, percebe e avalia alguns padrões linguísticos. In: HEYE, J. (Org.). *Flores verbais*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995. p. 121-129.

MONGUILHOT, I. de O. e S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

MOREIRA, G. S. *Formas de Tratamento nas Peças de Martins Pena*. Disponível em: <uspdigital.usp.br,2007>. Acesso em: 10 out. 2011.

MOTA, M. A. *A Variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NUNES de SOUZA, C. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

OLIVEIRA, L. A. F. de. Tu e você no português afro-brasileiro. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UFBA, VI., 2005, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2005.

\_\_\_\_\_. *Tu e Você no português popular do estado da Bahia*. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UFBA, VIII., 2007, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2007.

PAGOTTO, E. G. *Variação e Identidade*. Campinas. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2001.

PAIVA, M. S. de. *Há muito tempo atrás - Um estudo sobre haver + nome com valor temporal*. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, xvi, 165f., 2010.

PAREDES SILVA, V. L. Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no português carioca. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 121-138, jul./dez. 1998.

\_\_\_\_\_. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 160-169.

PERES, P. E. *O uso do você, ocê, cê em Belo Horizonte – um estudo em tempo aparente e em tempo real*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PLANO MUNICIPAL DE HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL  
Produto 02 Inserção Regional e Caracterização do Município. Prefeitura Municipal de Florianópolis Secretaria de Habitação e Saneamento Ambiental, 2009.

POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto Rico spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (Ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980. p. 55-67.

PROJETO PARA UMA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS DO BRASIL – RJ. *Cartas escritas a Rui Barbosa (séc.XIX)- cartas 1 a 18*. BARBOSA, A. G.; LOPES, C. R. dos S.; CALLOU, D. M. I. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, [s.d.]. Disponível em: < <http://www.lettras.ufrj.br/socio-historia/>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

QUEIROZ ANDRADE, C. *Tu e mais quantos? – a segunda pessoa na fala brasiliense*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2010.

RADTKE, E.; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. (Org.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Akten des Symposiums Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 21-24.10.1991), Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis, Curso de Pós-graduação em Linguística*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1989.

RASKI, A. (Org.). *Estudos geo-sociolinguísticos no estado do Pará*. Belém, 2003. Gráfica e Editora Grafia, Procedencia del original Universidad de Texas. Digitalizado 17 oct. 2008.

REICH, U. Contatos e Naturalidade. In: DIETRICH; NOLL (Org.), *O Português do Brasil – perspectivas da pesquisa atual*. Madrid: Iberoamericana, 2004.



ROCHA, P. G. da. A variação dos pronomes de segunda pessoa na língua falada nas comunidades de Ratoles e de Santo Antônio de Lisboa: uma abordagem sociolinguística variacionista. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v.11. Edição especial, p. 69-81, 2010.

RONCARATI, C. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cardernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário*, [S.l.:s.n.], n. 36, p. 45-56, 1. sem. 2008.

RUMEU, M. C. de B. *Para uma História do Português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. *A implementação do 'você' no português brasileiro oitocentista e novecentista: Um estudo de painel*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

SCHERRE, M. M. P. e YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146, 1ª parte 2011.

SCHERRE, M. M. P., LUCCA, N. N. G., DIAS, E. P., ANDRADE, C. Q.; MARTINS, G. F. Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro. In: SILMEP, II., 2009, Portugal. *Anais...* Portugal: Ed. da Universidade de Évora, 2009.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 1-14, 1993.

SILVA, A.; BARCIA, L. R. Vossa mercê, você, vós ou tu? A flutuação de formas em cartas cariocas dos séculos XVIII e XIX. *Ao Pé da Letra*, Recife, v. 4, n.1, p. 21-30, 2002.

SILVA, A. S. da. *Entre correspondências e interferências: o tratamento na região fronteira Uruguai-Brasil no século XIX*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, G. M. de O. Perspective sociolinguistique de la forme você a Rio de Janeiro. In: SANKOFF D.; CEDERGREN, H. (Org.). *Variation Omnibus*. Carbondale, USA: [s.n.], 1974.

SOARES DE ANDRADE, A. L. V. *A variação de você, cê e ocê no português brasileiro falado*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2004.

SOARES, A. S. F. *Segunda e terceira pessoa – o pronome possessivo em questão: uma análise variacionista*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1999.

SOARES, I. C. R.; LEAL, M. da G. F. Do *senhor* ao *tu*: uma conjugação em mudança. *Moara* (Revista do curso de mestrado da UFPA), Belém, n. 1, p. 27-64, mar./set. 1993.

TARALLO, F. *Tempos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1990.

TEIXEIRA, E. P. Por onde andava o Tu no final do século XIX? *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 1, p. 161-175, jan./jun. 2008.

THUN, H. *La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNACIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY, 21., 1995, Palermo. Tübingen: Niemeyer. p. 701-729, 1998.

VITRAL, L.; RAMOS, J. Gramaticalização de “você”: um processo de perda de informação semântica? *Filologia e Linguística Portuguesa* 3. p. 55-88, 1999.

WEINER, J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics*, n. 19, p. 29-58, 1983.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; YAKOV, M. (ed.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas, 1968. p.95-188.

## **ANEXOS**

**ANEXO A – Distribuição das formas *tu, você e o senhor* nos grupos de fatores controlados nesta pesquisa.**

Grupo de fatores		<i>Tu</i> N°/%	<i>Você</i> N°/%	<i>O senhor</i> N°/%	Total /%
<b>Preenchi- mento do sujeito</b>	Preenchido	349 76%	77 16%	29 6%	455 79%
	Nulo	91 77%	22 18%	5 4%	118 20%
<b>Concordân- cia com o verbo</b>	Não concorda	352 100%	-	-	352 61%
	Concorda	85 39%	99 45%	33 15%	217 38%
<b>Paralelismo sujeito e possessivo</b>	Formas paralelas	35 83%	6 14%	1 2%	42 87%
	Formas não paralelas	3 50%	2 33%	1 16%	6 12%
<b>Paralelismo sujeito e clítico</b>	Formas não paralelas	2 20%	7 70%	1 10%	10 21%
	Formas paralelas	33 89%	3 8%	1 2%	37 78%
<b>Paralelismo sujeito e oblíquo tônico</b>	Formas paralelas	17 70%	6 25%	1 4%	24 96%
	Formas não paralelas	1 100%	-	-	1 4%
<b>Tipo de interlocução</b>	Discurso genérico	256 79%	64 19%	1 0,31%	321 56%
	Disc. p/ entrevistador	95 71%	29 21%	8 6%	132 23%
	Disc. report. de superior	6 100%	-	-	6 1%
	Disc. report. de si mesmo	27 55%	4 8%	18 36%	49 8%
	Disc. p/ interveniente	6 85%	-	1 14%	7 1%
	Disc. report. de próximo	22 100%	-	-	22 3%
	Disc. report. de inferior	1 14%	-	6 85%	7 1%
	Disc. report.	27	2	-	29

	de + velho	93%	6%		5%
<b>Tipo de relação entre interlocutores</b>	Entrevistador x entrevistado	95 71%	29 21%	8 6%	132 52%
	Rel. assim. descendente	45 93%	3 6%	-	48 19%
	Rel. assim. ascendente	13 32%	3 7%	24 60%	40 15%
	Para si mesmo	3 75%	-	1 25%	4 1%
	Rel. simétricas	28 100%	-	-	28 11%
<b>Sexo</b>	Feminino	293 90%	13 4%	16 4%	322 56%
	Masculino	147 58%	86 34%	18 7%	251 43%
<b>Escolaridade</b>	Ens. Superior	232 93%	8 3%	8 3%	248 43%
	Ens. Fundamental	208 64%	91 28%	26 8%	325 56%
<b>Faixa etária</b>	Mais velhos	240 67%	92 25%	26 7%	358 62%
	Mais jovens	200 93%	7 3%	8 3%	215 37%
<b>Diatopia</b>	Costa da Lagoa	33 63%	15 28%	4 7%	52 9%
	Ingleses	44 70%	9 14%	9 14%	62 10%
	Ribeirão da Ilha	25 64%	3 7%	11 28%	39 6%
	Centro (2004)	29 74%	2 5%	8 20%	39 6%
	Ratones	68 97%	2 2%	-	70 12%
	Sto. Antônio de Lisboa	89 98%	1 1%	-	90 15%
	Centro (1990)	152 68%	67 30%	2 0,90%	221 38%
<b>Diazonalida</b>	Mais urbana	225 69%	78 24%	19 5%	322 56%

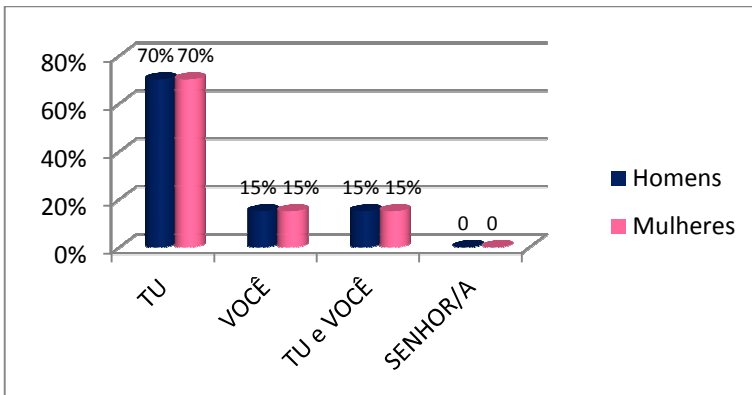
<b>de</b>	Menos urbana	215 85%	21 8%	15 5%	251 43%
<b>Indivíduo</b>	<b>1</b>	15 100%	-	-	15 2%
	<b>2</b>	1 50%	1 50%	-	2 0%
	<b>3</b>	7 100%	-	-	7 1%
	<b>4</b>	10 35%	14 50%	4 14%	28 4%
	<b>5</b>	2 33%	3 50%	1 16%	6 1%
	<b>6</b>	3 100%	-	-	3 0%
	<b>7</b>	26 100%	-	-	26 4%
	<b>8</b>	13 48%	6 22%	8 29%	27 4%
	<b>9</b>	19 100%	-	-	19 3%
	<b>10</b>	3 17%	3 17%	11 64%	17 2%
	<b>11</b>	1 100%	-	-	1 0%
	<b>12</b>	2 100%	-	-	2 0%
	<b>13</b>	19 67%	2 7%	7 25%	28 4%
	<b>14</b>	6 100%	-	-	6 1%
	<b>15</b>	3 75%	-	1 25%	4 0%
	<b>16</b>	1 100%	-	-	1 0%
	<b>17</b>	6 75%	2 25%	-	8 1%
	<b>18</b>	41 100%	-	-	41 7%

<b>19</b>	14 100%	-	-	14 2%
<b>20</b>	7 100%	-	-	7 1%
<b>21</b>	6 100%	-	-	6 1%
<b>22</b>	20 100%	-	-	20 3%
<b>23</b>	21 100%	-	-	21 3%
<b>24</b>	42 97%	1 2%	-	43 7%
<b>25</b>	71 98%	1 1%	-	72 12%
<b>26</b>	46 100%	-	-	46 8%
<b>27</b>	18 100%	-	-	18 3%
<b>28</b>	17 20%	66 77%	2 2%	85 14%
<b>TOTAL</b>	<b>440</b> <b>76%</b>	<b>99</b> <b>17%</b>	<b>34</b> <b>5%</b>	<b>573</b>

## ANEXO B – Distribuição dos resultados do teste de percepção considerando as variáveis sociais – somente com informantes de Florianópolis

### A variável sexo

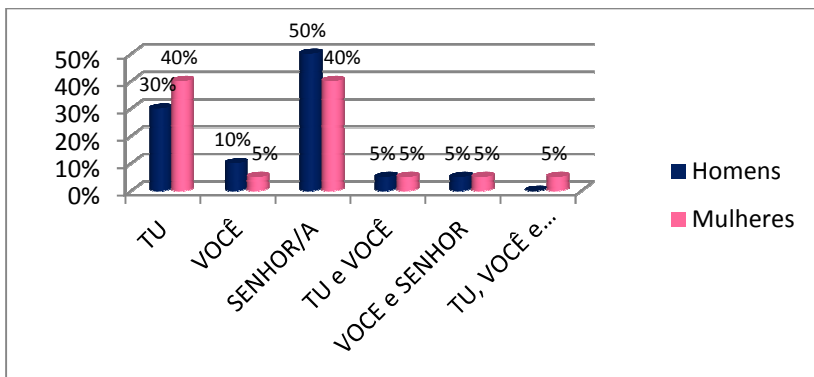
Em relação à primeira parte do teste, se consideramos separadamente as respostas de homens e mulheres, temos, para a primeira pergunta – *Qual forma você costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga* – o seguinte resultado.



**Gráfico 1: Distribuição das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um *amigo* considerando o *sexo do informante***

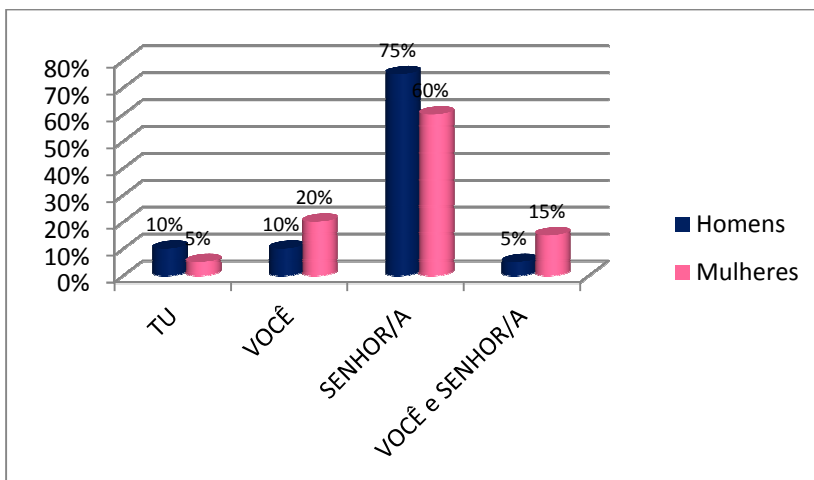


Consideramos separadamente as respostas de homens e mulheres, temos, para a segunda pergunta – *Qual forma você costuma usar para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe?* – o seguinte resultado.



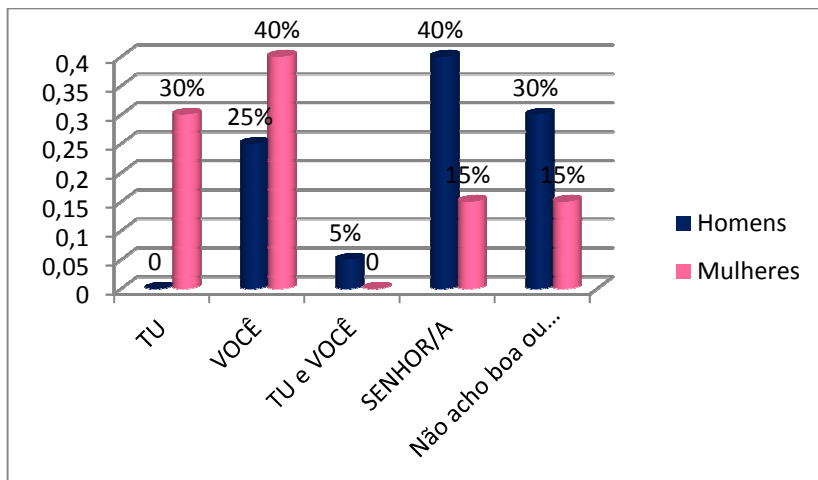
**Gráfico 2:** Distribuição das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um ao pai ou à mãe considerando o sexo do informante

Considerando as respostas de homens e mulheres, temos, para terceira pergunta – *Qual forma você costuma usar para se dirigir a alguém superior (chefe, por ex.)?* – o seguinte resultado.



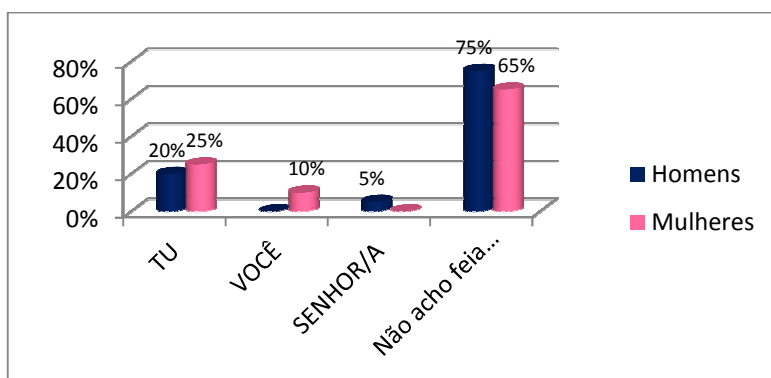
**Gráfico 3:** Distribuição das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um a alguém superior considerando o sexo do informante

Considerando as respostas de homens e mulheres, temos, para a quarta pergunta – *Qual dessas formas você acha boa ou mais bonita?* – o seguinte resultado.



**Gráfico 4:** Distribuição das respostas dos testes referente à avaliação da forma como *boa ou mais bonita* considerando o *sexo do informante*

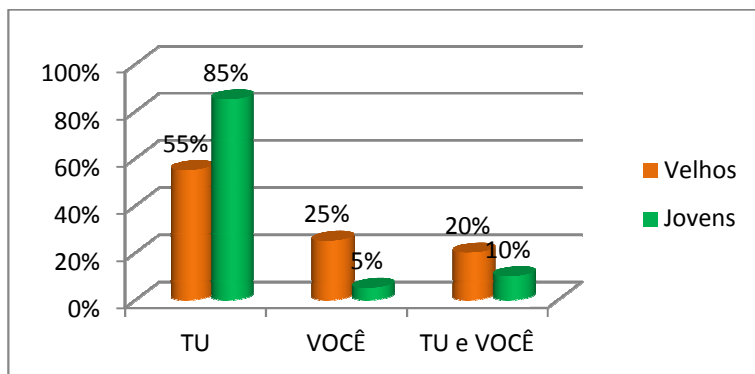
Considerando as respostas de homens e mulheres, temos, para a quinta pergunta – *Qual dessas formas você acha feia ou ruim?* – o seguinte resultado.



**Gráfico 5:** Distribuição das respostas dos testes referente à avaliação da forma como *feia ou ruim* considerando o *sexo do informante*

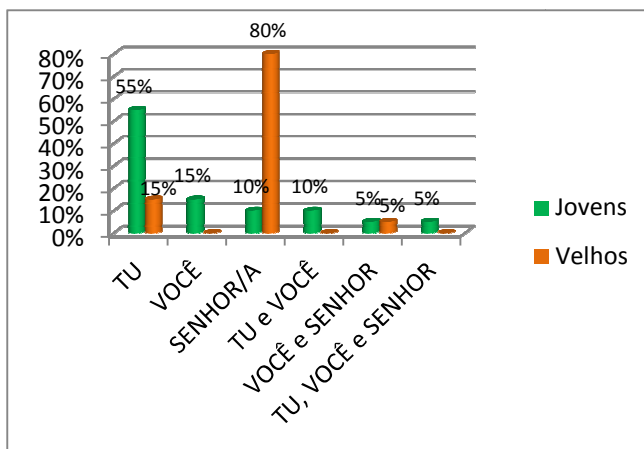
## A variável idade

Em relação à primeira parte do teste, se considerarmos separadamente as respostas dos mais velhos e dos mais jovens, temos, para a primeira pergunta – *Qual forma você costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga* – o seguinte resultado.



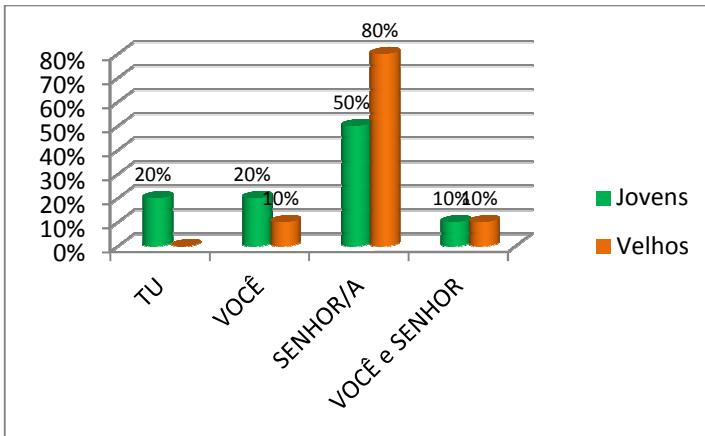
**Gráfico 6:** Distribuição das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um a um amigo considerando a idade do informante

Considerando separadamente as respostas dos mais velhos e dos mais jovens, temos, para a segunda pergunta – *Qual forma você costuma usar para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe* – o seguinte resultado.



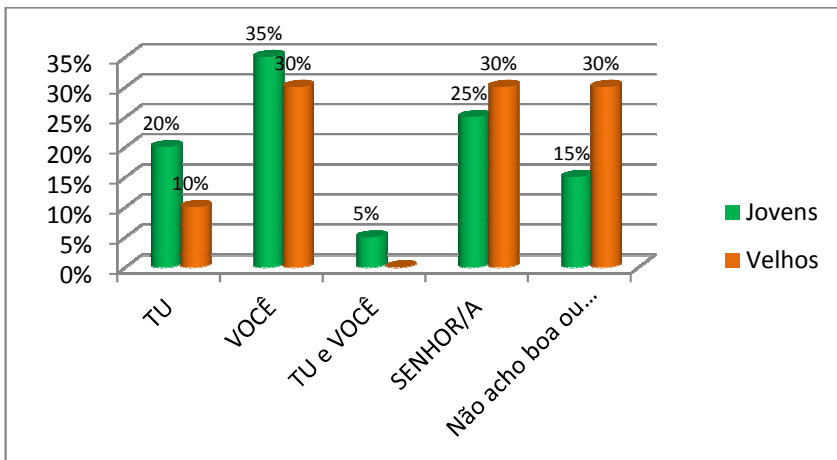
**Gráfico 7:** Distribuição das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um ao pai ou à mãe considerando a idade do informante

Considerando as respostas dos mais velhos e dos mais jovens para a terceira pergunta – *Qual forma você costuma usar para se dirigir a alguém superior (chefe, por ex.)?* – temos o seguinte resultado.



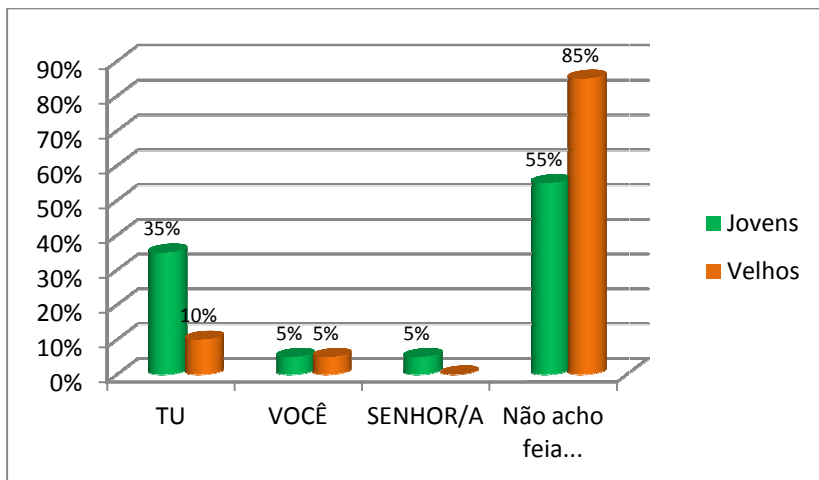
**Gráfico 8:** Distribuição das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um a alguém superior considerando a idade do informante

Considerando as respostas dos mais jovens e dos mais velhos para a quarta pergunta – *Qual dessas formas você acha boa ou mais bonita?* – temos o seguinte resultado.



**Gráfico 9:** Distribuição das respostas dos testes referente à forma avaliada como boa ou mais bonita considerando a idade do informante

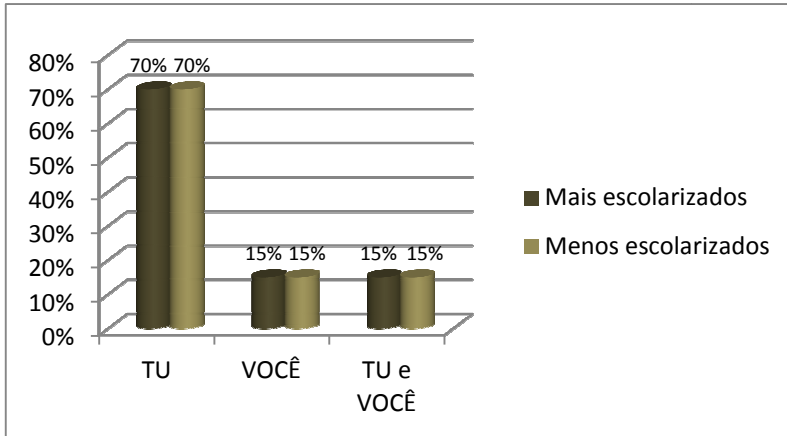
Considerando as respostas dos mais jovens e dos mais velhos para a quinta pergunta – *Qual dessas formas você acha feia ou ruim?* – temos o seguinte resultado.



**Gráfico 10:** Distribuição das respostas dos testes referente à forma avaliada como feia ou ruim considerando a idade do informante

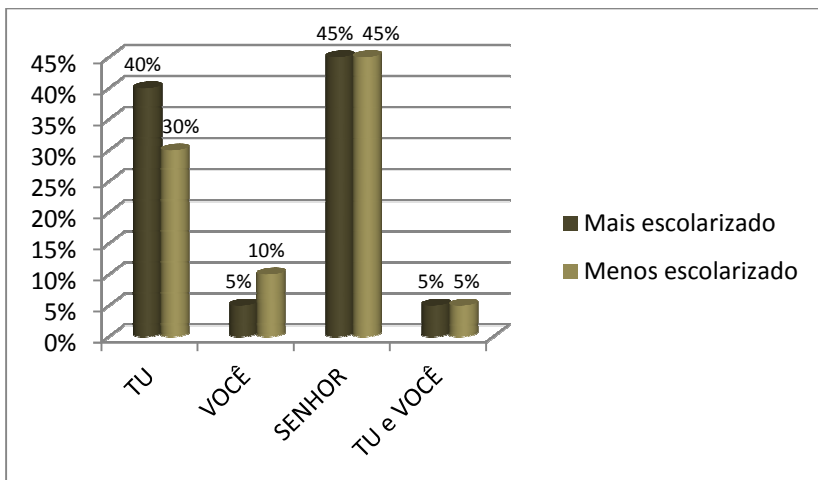
### A variável escolaridade

Ainda em relação à primeira parte do teste, ao considerarmos separadamente as respostas dos mais escolarizados e dos menos escolarizados, temos, para a primeira pergunta – *Qual forma você costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga* – o seguinte resultado.



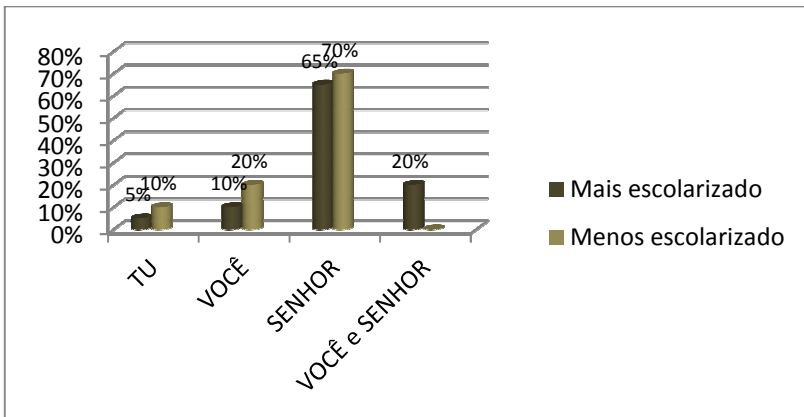
**Gráfico 11: Distribuição das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um a um amigo considerando a escolaridade do informante**

Considerando separadamente as respostas dos mais escolarizados e dos menos escolarizados, temos, para a segunda pergunta – *Qual forma você costuma usar para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe* – o seguinte resultado.



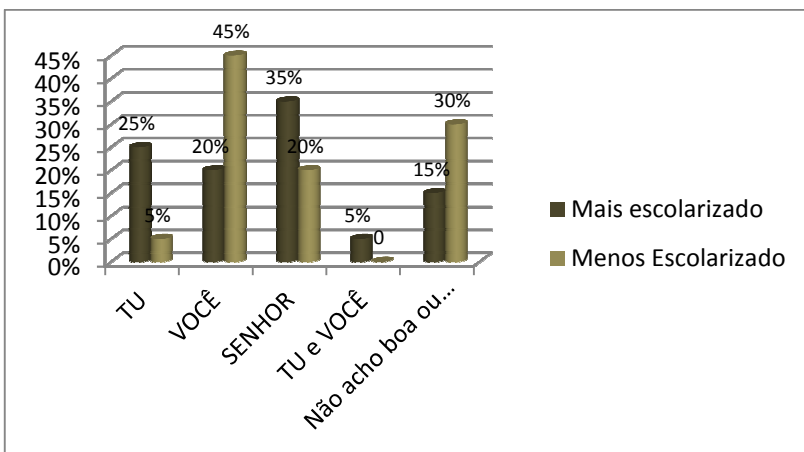
**Gráfico 12:** Distribuição das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um ao pai ou à mãe considerando a escolaridade do informante

Considerando separadamente a variável escolaridade para a terceira pergunta – *Qual forma você costuma usar para se dirigir a alguém superior (chefe, por ex.)?* – temos o seguinte resultado.



**Gráfico 13:** Distribuição das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um a alguém superior considerando a escolaridade do informante

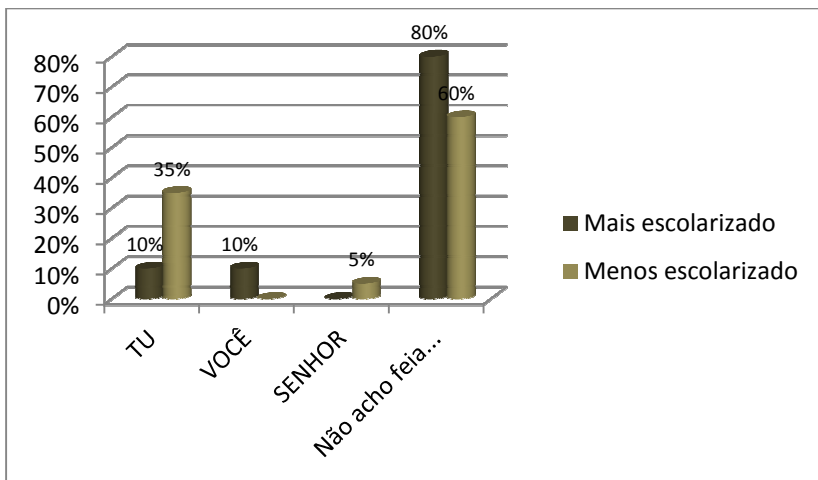
Considerando a variável escolaridade para a quarta pergunta – *Qual dessas formas você acha boa ou mais bonita?* – temos o seguinte resultado.



**Gráfico 14:** Distribuição das respostas dos testes referente à forma avaliada como boa ou mais bonita considerando a escolaridade do informante



Considerando a variável escolaridade para a quinta pergunta – *Qual dessas formas você acha feia ou ruim?* – temos o seguinte resultado.



**Gráfico 15:** Distribuição das respostas dos testes referente à forma avaliada como feia ou ruim considerando a escolaridade do informante

## ANEXO C – TESTES de PERCEÇÃO e PRODUÇÃO

**Idade:** 23 **Sexo:** ( ) feminino, ( **X** ) masculino  
**Escolaridade:** ( ) Ens. Fundamental, ( ) Ensino Médio, ( **x** ) Ensino Superior  
**Etnia:** ( **x** ) portuguesa, ( ) italiana, ( ) alemã,  
 ( ) outra \_\_\_\_\_

**ATENÇÃO!** Este teste objetiva saber quais são as formas da língua que você mais USA (ou usaria) na fala do dia-a-dia e que mais GOSTA. Não objetivamos saber o que é considerado CERTO ou ERRADO gramaticalmente. Sendo assim, pense na forma como você REALMENTE FALA. Assinale uma alternativa, ou mais de uma, caso você achar que usa mais de uma forma:

**1. Qual forma você costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga?**

- ( **x** ) *Tu*  
 ( ) *Você*  
 ( ) *Senhor(a)*

**2. Qual forma você costuma usar para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe?**

- ( **x** ) *Tu*  
 ( ) *Você*  
 ( ) *Senhor(a)*

**3. Qual forma você costuma usar para se dirigir a alguém superior (chefe, por ex.)?**

- ( ) *Tu*  
 ( ) *Você*  
 ( **x** ) *Senhor*

**4. Qual dessas formas você acha boa ou mais bonita?**

- ( **x** ) *Tu*  
 ( ) *Você*  
 ( ) *Senhor(a)*  
 ( ) *Não acho boa ou mais bonita nenhuma das formas acima*

**5. Qual dessas formas você acha feia ou ruim?**

- ( ) *Tu*  
 ( ) *Você*  
 ( ) *Senhor(a)*  
 ( **x** ) *Não acho feia ou ruim nenhuma das formas acima*

Em cada uma das questões abaixo, assinale com X uma (ou mais) alternativa(s) e preencha as lacunas da(s) alternativa(s) escolhida(s) com elementos que estão dentro deste quadro. Você também pode deixar a lacuna em branco caso ache que usa mais de uma forma.

<i>Tu</i>	<i>you</i>	<i>o senhor</i>	<i>a senhora</i>
	<i>te</i>	<i>ti</i>	
<i>Contigo</i>	<i>se</i>	<i>si</i>	<i>consigo</i>
<i>lhe</i>	<i>teu</i>	<i>tua</i>	<i>seu sua</i>
	<i>com você</i>	<i>com o senhor</i>	<i>com a senhora</i>

1. **Imagine que você esteja convidando uma amiga ou um amigo para uma festa e quer saber se ela(ele) levará o(a) namorado(a). Então, como você diria?**

- (  ) tu vai(s) à(na) festa de hoje com o(a) teu namorado(a)?  
 (  ) você vai à(na) festa de hoje com o(a) \_\_\_\_\_ namorado(a)?  
 (  ) o(a) senhor(a) vai à(na) festa de hoje com o(a) \_\_\_\_\_ namorado(a)?

2. **Agora, imagine que você perguntaria a sua(seu) amiga(o) se ela(e) quer que você vá junto com ela(e) à(na) festa. Como você diria?**

0 quer(es) eu vá contigo à(na) festa?

3. **Imagine que você esteja convidando esse(a) seu(sua) amigo(a) para ir até a sua casa para contar alguma coisa importante a ele(a). Como você diria?**

- (  ) Tu pode(s) vir aqui que eu tenho que te contar uma coisa \_\_\_\_\_  
 (  ) Você pode vir aqui que eu tenho que \_\_\_\_\_ contar uma coisa \_\_\_\_\_  
 (  ) o(a) senhor(a) pode vir aqui que eu tenho que \_\_\_\_\_ contar uma coisa \_\_\_\_\_

4. **Imagine que você tenha entregado um convite para o(a) seu(sua) chefe ou professor(a) para uma festa. Você diz que ele(a) pode levar acompanhante e então pede confirmação. Então, como você diria?**

- (  ) tu vai(s) à(na) festa de hoje com \_\_\_\_\_ esposo(a)?  
 (  ) você vai à(na) festa de hoje com \_\_\_\_\_ esposo(a)?

(  ) o/a senhor(a) vai à/na festa de hoje com seu/sua esposo(a)?

**5. Agora, imagine que você perguntaria ao(a) seu(sua) chefe ou ao professor(a) se ele(ela) quer que você vá junto com ele(a) à festa. Como você diria?**

o/a senhor/a quer(es) que eu vá 0 à(na) festa?

**6. Imagine que você esteja convidando esse(a) seu(sua) chefe, ou o(a) professor(a) da escola para ir até a sua sala para contar alguma coisa importante. Como você diria?**

( ) tu pode(s) vir aqui que eu tenho que \_\_\_\_\_ contar uma coisa.

( ) você pode vir aqui que eu tenho que \_\_\_\_\_ contar uma coisa.

(  ) o(a) senhor(a) pode vir aqui que eu tenho que 0 contar uma coisa para o/a senhor/a.

**7. Imagine que você tenha um(a) empregado(a) e que o(a) tenha convidado para uma festa. Você diz que ele(a) pode levar acompanhante e então pede confirmação. Como você diria?**

(  ) tu vai(s) à/na festa de hoje lá em minha casa com o(a) teu/tua namorado(a)/esposo(a)?

( ) você vai à/na festa de hoje lá em minha casa com o(a) \_\_\_\_\_ namorado(a)/esposo(a)?

( ) o(a) senhor(a) vai à/na festa de hoje lá em minha casa com o(a) \_\_\_\_\_ namorado(a)/esposo(a)?

**8. Imagine que você levou um presente para o seu amigo, ou amiga, que estava de aniversário. Como você diria?**

Eu trouxe um presente pra ti

**9. Imagine que você levou um presente para o seu chefe ou professor, que estava de aniversário. Como você diria?**

Eu trouxe um presente pro senhor